

A ESCOLHA DE Samantha



UM ROMANCE DE
LUNA MOURA



A ESCOLHA DE
Samantha

Copyright © 2018 by Luna Moura

Capa

Jéssica Macedo

Revisão

Tainá Araújo

Diagramação

April Kroes

A Escolha de Samantha - 1º edição.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos armazenamentos e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

Para minha mãe, que mesmo não estando mais aqui, continua sendo
minha inspiração e maior heroína.

Prólogo

Aeroportos. Um lugar onde você pode ver o mais variado grupo de pessoas e as mais diversas reações causadas pelas chegadas e partidas. Um lugar onde as emoções parecem estar sempre à flor da pele. A euforia em se tirar férias, o nervosismo que antecede uma reunião de negócios, a felicidade em reencontrar aquela pessoa tão querida que não vê há tempos, ou a despedida de alguém especial.

Basta parar por 15 minutos para observar o ir e vir das pessoas. Tantas vidas diferentes, mas que ao mesmo tempo tem algo em comum: a intensidade e a confusão de emoções vividas dentro de um aeroporto. Como a do jovem casal sentado de mãos dadas.

Percebe-se que os jovens estão em um silêncio carregado de angústia. Parecem querer evitar falar sobre o inevitável, a separação iminente. Alguém que já viveu o suficiente poderia facilmente lhes dizer que ignorar os fatos não muda o rumo dos acontecimentos.

A moça, com seus longos cabelos loiros, usa a mão que não está

entrelaçada à de seu amor para segurar o cartão de embarque. Ela aperta e solta o cartão com uma frequência reveladora, parecendo carregar em suas costas o peso do mundo. Seu olhar, um misto de dúvida e determinação, deixa claro que não tem certeza de suas escolhas, mas seguirá mesmo assim. Cansado do silêncio, o rapaz ao seu lado decide falar:

— Eu te amo, Sam — diz, segurando o rosto da jovem, enquanto acaricia suas bochechas com os polegares. Há tanta dor e tristeza no rosto dele que ela não consegue sustentar seu olhar, e foca sua atenção em outro lugar, suspirando pesadamente.

— Entendo que este ano não foi fácil com a morte de seus pais — o rapaz prossegue —, mas eu tô aqui, e sempre estarei.

— Dizer que não está sendo fácil é puro eufemismo, Ian. — Ela engole com dificuldade antes de voltar a falar. — Você não pode me dizer que sempre estará aqui, não pode prever o futuro.

Seu tom é cortante e sofrido, fazendo o rapaz se encolher diante de suas palavras. Aparentemente, a perda mencionada pelo rapaz a afetou muito mais do que se possa imaginar, mas ela tenta se mostrar firme e determinada.

— Eu também te amo, Ian. — A voz dela é baixa, mas a força e a veracidade de suas palavras são inconfundíveis. — Só entenda que preciso ir. Preciso fazer isso por mim. Preciso aprender a ser...forte.

— E não pode fazer isso aqui mesmo? — Suas palavras refletem sua contrariedade. — Quer dizer, aqui estaremos juntos, vou te apoiar e ajudar. Poderemos seguir com tudo que planejamos.

— Ian, nada saiu como planejamos. — Ela se levanta repentinamente e se afasta dele, e isso magoa o rapaz. Percebendo o que fez, a jovem volta a se aproximar, abraçando seu amado com força e intensidade.

Qualquer pessoa que veja tal cena é capaz de perceber a profundidade dos sentimentos dos dois. Dá para ver pela forma como se olham e se tocam que trata-se de um amor que vai além de explicações mundanas e lógicas. São corações que batem unidos, mesmo em corpos separados.

Desfazendo o abraço, o rapaz olha bem dentro dos olhos da moça e, em seguida segura firmemente sua nuca antes de unir seus lábios em um beijo apaixonado. Nada ao redor parece ser mais importante do que mostrar a ela toda a força de seu sentimento.

Uma lágrima rola pelo rosto da moça, que interrompe o beijo. Ambos respiram com dificuldade, exalando a angústia da despedida.

— Por favor — ela murmura —, estou tentando, Ian. Me ajuda.

Ele assente e seca o rosto dela com o dorso de sua mão. Os olhos dele estão vermelhos e um leve tremor de seus ombros revela que está fazendo um esforço muito grande para não chorar. Então, pegando as mãos de sua amada, ele as beija e coloca contra seu peito. Em seguida olha para a jovem com determinação.

— Sam, casa comigo? — pergunta, deixando-a sem ação. Na verdade, parece roubar o ar de seus pulmões. — Eu te amo. Casa comigo? — ele repete, apertando suavemente os dedos dela como se fizesse uma prece.

Passa-se alguns segundos enquanto a moça se recupera da surpresa, puxando bruscamente suas mãos das dele.

— Você enlouqueceu? Temos apenas 18 anos. — Ela respira fundo ainda sem acreditar no pedido. — Ian, não vou desistir, vou para Londres.

Sua resposta firme parece fazê-lo pensar no que vai dizer a seguir.

— Não estou dizendo para não ir...

— Está fazendo pior! — ela o corta, decidida a impedi-lo de seguir com suas ideias, sejam elas quais forem.

Outro voo é chamado pelos alto-falantes. As pessoas seguem seus caminhos, e poucos são capazes de observar o entorno, ou apenas não se interessam em se ater às interações humanas dentro de um aeroporto.



Ouç o som das sirenes de uma ambulância e percebo que estou prestes a perder a consciência. É impressionante como quando sua vida chega ao fim, cada momento vem à sua mente. É como se estar à beira da morte nos tornasse mais sensíveis, apesar de eu não sentir nada fisicamente neste momento.

Nos minutos entre o acidente e a chegada do socorro, minhas memórias trabalham sem parar. Lembro-me de coisas que há muito eu não pensava, ou não me permitia pensar. Como o tombo que levei na primeira vez que andei de bicicleta. Minha mãe cuidou do meu joelho machucado, enquanto meu pai cuidou da minha confiança abalada. Lembro-me também de quando eu chegava da escola e, ao entrar em casa, sentia aquele cheirinho de torta ou cookies. Nossas viagens de verão, e muitas outras lembranças. Sinto realmente como se minha vida estivesse passando diante dos meus olhos. E de todas essas recordações, as mais intensas são as vividas com Ian, meu melhor amigo e meu primeiro amor.

Em meio à cacofonia de vozes ao meu redor, as imagens vêm e vão na minha mente. E nesse emaranhado de memórias, Ian preenche praticamente cada parte delas, pois desde que nos conhecemos, ainda na infância, ele esteve em todos os momentos da minha vida.

Noto que um dos paramédicos fala comigo, mas não consigo compreender. É como se meus sentidos estivessem desconectados do meu cérebro. De repente, sinto o calor e a umidade de uma lágrima rolar pelo meu rosto e percebo que meus sentidos parecem estar se reconectando, mas estou cansada...muito cansada...quero dormir...quero desesperadamente fechar meus olhos e dormir...

Parece que minha consciência está me deixando e é neste momento que entendo o que os paramédicos tanto gritam.

— Fique conosco, moça! — Escuto a voz de um homem. Eu não o vejo, pois fechei os olhos e não sou mais capaz de abri-los. — Vamos! Precisamos removê-la, estamos perdendo ela. Moça! Reaja! — ele continua falando comigo e com muito esforço abro os olhos.

— Tudo pronto, Mec. Podemos ir. — Uma mulher jovem se aproxima e olha pra mim. — Já informei ao hospital. Vamos com ela direto para o centro cirúrgico.

Essa é a última coisa que escuto antes de ser tomada pelo silêncio e pela escuridão.



A areia desliza de cima para baixo dentro da ampulheta que decora minha mesa. Observo esse processo fascinada — não pela primeira vez — e sempre que se conclui, viro novamente o objeto e fico observando. Essa distração

momentânea me ajuda a afastar um pouco minha mente da sensação estranha que venho sentindo. Um sonho recorrente que vem me incomodando. Não quero mais pensar nisso.

Como se tivesse ouvido meu pedido, Victoria liga para minha sala. Pedi que resolvesse uma pendência para mim e agora aguardo uma resposta.

— Pronto — digo, quando atendo. Do outro lado, ela segue com a mesma ladainha que venho escutando nos últimos três dias. Estou farta!

— Victoria, pouco me importa o que aquele imbecil falou! — Esfrego a testa, impaciente, e respiro fundo para manter o controle enquanto minha assistente tenta justificar o injustificável. — Me coloque em contato com ele imediatamente.

Desligo o telefone e em menos de cinco minutos ela me retorna com o fornecedor. Antes mesmo que ele pense em dar qualquer explicação, falo:

— Não admito mais justificativas nem desculpas. Você me garantiu que esse equipamento de som estaria aqui há três dias. Não está falando com uma amadora, Sr. Fleuber. Está falando com Samantha Devenport, e não ficarei com meu nome manchado por causa da sua incompetência. Ou esse equipamento chega aqui hoje, ou seus serviços estão dispensados.

Ele pede desculpas e eu transfiro a ligação novamente para que Victoria acerte os detalhes da entrega e da instalação. Tudo está como deveria ser, assim como eu sabia que seria se eu apertasse um pouco mais as engrenagens.

Sou sócia e administro cinco hotéis na América do Norte de uma rede que está espalhada pelo mundo. Lidar com crises faz parte do meu desjejum, assim, exijo de minha equipe o mesmo preparo e a fibra que tenho. Não duvido da capacidade deles, afinal faço questão de selecionar pessoalmente os que estão nos cargos principais, mas às vezes preciso interferir, pois sei que se eu não tiver uma mão firme, as coisas tendem a desandar.

Vou para a janela do meu escritório e observo a vista. O vidro, que vai do teto ao chão, me permite uma visão panorâmica da cidade. Estou no 34º andar e a sensação é incrível. Boston é linda nesta época do ano e adoro ficar aqui observando essa paisagem magnífica.

Meu celular vibra sobre a mesa e vejo pelo identificador que é Damon.

— Olá, chefe — falo, em tom zombeteiro —, como posso ser útil?

Ele ri e como sempre elogia minha eficiência em resolver problemas. Sei

que ele está se referindo ao ocorrido na semana anterior em um dos hotéis sob meu domínio.

— Você é genial — Damon fala com seu sotaque britânico —, como consegue?

— Trabalho com os melhores — dou minha resposta padrão.

— É, eu sei. — Ele inspira profundamente. — O fato de você ser uma louca controladora ajuda. Você precisa se divertir, Samantha — ele alfineta, mas não ligo.

— Posso dizer o mesmo de você, Damon. — Sorrio ao completar. — Somos casos perdidos.

— Touché. — Escuto sua risada baixa e rouca. — Nos vemos em Nova Iorque semana que vem?

— Claro, querido. Preciso encontrar logo alguém para substituir o Bill.

— Devenport, você sabe que existem empresas que fazem esse tipo de serviço, não é? — Sinto a crítica em sua voz, mas não me importo.

— Sim, mas como eu disse, só trabalho com os melhores, e sou eu quem os seleciona.

— Sua *yankee* arrogante!

— Seu inglês pomposo!

Caímos na gargalhada e depois nos despedimos.



Doze anos atrás, quando cheguei a Londres, fugindo dos meus medos,

precisei encontrar uma forma de não pensar no que deixei para trás. Os estudos foram minha melhor válvula de escape. Foi através deles que conheci Damon Harris ainda no primeiro ano na Universidade de Londres e nossa obsessão em sermos os melhores nos fez grandes amigos. Muitos o julgavam um filhinho de papai privilegiado que tinha tudo a seus pés, uma vez que ele era filho do poderoso Christian Harris, dono de uma famosa rede de hotéis inglesa, com filiais na França e na Espanha. Ele, de fato, poderia ser apenas mais um na Universidade, porém, Damon sempre fez questão de mostrar seu valor. Éramos ambiciosos, cada um com seu motivo particular, mas com o mesmo objetivo. Quando estávamos terminando o segundo ano, desenvolvemos um projeto de negócios que expandiria a rede de hotéis de seu pai por toda a Europa, mas fomos sumariamente rejeitados pelos sócios de Harris. Primeiro por ser um negócio de risco. Segundo por sermos, como dizia o odioso Barkley Hugh, dois pirralhos ainda nas fraldas. Fizemos pequenas alterações em nossa projeção financeira, mas ainda assim, fomos rejeitados.

Damon ficou furioso por seu pai não intervir, mas não se deixou abalar. Ele tem uma tia-avó muito rica, visionária e que não teve medo de apostar sua fortuna em nosso projeto. Não foi fácil, no primeiro ano tivemos de fazer várias alterações em nossos planos, e no segundo ano começamos a colher os frutos. Quando nos formamos, já tínhamos hotéis nas capitais de Paris, Roma e Londres, sendo um dos principais concorrentes do pai de Damon. Hoje, nossos hotéis estão espalhados pelo mundo e cada sócio é responsável por administrar as filiais em sua área.

Alguns anos depois de me formar, decidi voltar para os Estados Unidos. Foi quando abrimos nossa primeira filial fora da Europa. A partir de então, fiquei com a América do Norte. O primeiro hotel nos EUA se transformou em três, mais tarde abrimos um no Canadá e um resort no México. Temos um alto padrão que deve ser seguido à risca por todas as filiais, mas os hotéis no topo do ranking são os administrados por Damon e eu, dois workaholics sem solução.

No fim da tarde, depois da reunião com os acionistas, vou para casa. Meu apartamento em Wellington é esplêndido, espaçoso, luxuoso e, o mais importante, silencioso. Depois de um longo dia regendo meus negócios com mãos de ferro, tudo o que quero é a paz que tenho aqui. Tiro meus Manolos, sigo para a cozinha e me sirvo uma taça de vinho. Mais relaxada, vou para a sala e me acomodo no sofá, não passa nem um minuto e ele aparece...

Miauuuuu.

— Ei, King. — Dou tapinhas no sofá em um convite para ele se juntar a mim.

Miauuuuu.

O miado de King é mais um resmungo desdenhoso. Desde filhote ele é assim, abusado, e por isso, coloquei esse nome. Ele se sente como o soberano desta casa. Pego-o no colo e acaricio seu pelo volumoso. É tão reconfortante. Ele ronrona baixinho, mas mantém o ar altivo, como se minha obrigação fosse exatamente essa, lhe dar conforto. Bem, creio que de fato seja. Depois de um tempo, ele se levanta e desaparece no apartamento, me deixando sozinha com meu silêncio.

As pessoas vivem me perguntando quando vou me casar e ter uma família. Dizem que não posso ser verdadeiramente feliz sendo tão solitária. A verdade é que ninguém quer um relacionamento com alguém que valoriza mais seu trabalho do que sua vida pessoal, e bem, eu ainda não encontrei ninguém que me fizesse querer o contrário. Quer dizer, ao menos não depois dele.

Respiro fundo, tentando afastar de mim os sentimentos de perda dos quais abri mão, tanto no passado quanto no futuro.



Como sempre, mesmo sendo domingo, acordo cedo e faço minha corrida matinal. Depois de uma ducha, vou até a cafeteria perto de casa para tomar um café. Enquanto aguardo meu pedido, abro meu Blackberry e começo a responder alguns e-mails. Estou no meio de uma resposta quando vejo um casal se sentar à mesa na minha frente. Eles estão tão absorvidos um no outro que sequer reparam quando o garçom para ao lado deles. A mulher ri, um pouco constrangida, quando o atendente dá uma tossidinha para ter a atenção deles. Depois de

fazerem seu pedido, voltam para sua bolha de amor.

Não é que eu sinta inveja desses casais, afinal, eu não ando em busca de um relacionamento, mas sempre que presencio esse tipo de cena um sentimento nostálgico toma conta de mim. Felizmente meu café chega e logo coloco esses sentimentos dentro da caixa “não mexer”.

Sigo para o hotel para ver se tudo está funcionando como deve e fazer o planejamento da semana como de costume, e preciso checar também se existe alguma pendência. Irei amanhã cedo para Nova Iorque e quero tudo em ordem. Meus funcionários já não se espantam em me ver ali nos finais de semana, eles sabem que trabalho de domingo a domingo. Na verdade, há dias que nem me dou mais conta de que é final de semana.

Depois do almoço, decido que preciso relaxar um pouco, pego meu carro e vou até o Public Garden. Me sento na grama macia e fico olhando o lago, vendo os pedalinhos, sentindo a paz invadir meus sentidos, até que algo bate no meu quadril. Me viro para olhar e vejo uma garotinha vindo atrás de uma bola vermelha que rolou até mim.

— Obrigada — ela diz timidamente —, e me desculpe.

— Está tudo bem — respondo sorrindo, e fico observando a garotinha correndo de volta para sua família: seus pais e um cachorro. De onde estou, vejo-os brincando e se divertindo na companhia uns dos outros, despreocupados e felizes. Um sorriso involuntário se forma em meu rosto e exatamente neste momento a garotinha se vira na minha direção com seus olhinhos brilhando e me dá tchau. Ergo minha mão e aceno de volta para ela quando meu telefone toca. É o gerente do hotel de Boston. Atendo e imediatamente me levanto, sabendo que meu momento para relaxar acabou.

No dia seguinte chego bem cedo em Nova Iorque. Victoria segue revisando minha agenda.

— Separei sete currículos para a parte da manhã e doze para a parte da tarde.

— Apenas dezenove currículos? — pergunto, estranhando um número tão reduzido. Sempre que abrimos processos seletivos chove candidatos.

— Fiz como a senhorita me pediu. — Ela parece um pouco nervosa e acho isso estranho. Victoria é sempre muito segura de suas decisões. — Não

tinham muitos candidatos a altura do cargo.

— Entendo.

Dou algumas instruções e ela vai preparar minha sala para as entrevistas enquanto tomo café com nosso atual gerente.

— Espero que tenha certeza do que está fazendo, Bill. — Dou um gole no melhor café que já bebi.

— Srta. Devenport, — ele se dirige a mim com formalidade enquanto uma camareira passa por nós —, foi um prazer trabalhar com você nos últimos sete anos, mas realmente preciso priorizar minha família, ou o que restou dela, neste momento.

— Eu entendo. — Seguro sua mão quando vejo que estamos sozinhos. — Saiba que pode contar comigo. — Inspiro profundamente, compadecendo-me de sua situação. — Como a Ellen está?

— Tentando ser forte. — Ele me lança um olhar que deixa claro o quão difícil as coisas estão.

— Sinto muito, Bill. — Aperto sua mão oferecendo conforto. — Qualquer coisa que precisar, basta me ligar. Você sabe disso, né?

— Eu sei, Samantha. — Ele aperta minha mão de volta. — Serei eternamente grato por tudo que fez por nós.

— Para isso servem os amigos.

Surpreendo-o com um dos meus raros abraços e voltamos nossa conversa para o lado profissional, para ele me atualizar sobre a filial.

Um ano atrás, o filho de Bill, um menino de dez anos, foi diagnosticado com uma doença rara. Depois de passar por uma cirurgia e um tratamento extremamente agressivo, não resistiu. Dois meses se passaram desde então e, Bill vem fazendo o possível para ajudar a esposa que entrou em depressão. Mas eles não vem conseguindo conviver com a lembrança constante do menino em cada parte da casa e, por isso, ele decidiu pedir demissão e deixar a cidade. Recomeçar. Por mais que eu queira mantê-lo aqui e ser poupada de quinze dias infernais selecionando candidatos que jamais serão capazes de atender às mesmas demandas que ele, entendo sua dor e a necessidade de partir.

A manhã passa num piscar de olhos. Já entrevistei seis pessoas para o cargo, mas nenhuma delas me agradou completamente. Sei que a eficiência e a

capacitação de Bill são incomparáveis — ele é sem dúvida o meu melhor gerente de filial — mas esses candidatos não chegam nem perto do que quero. Isso me frustra e irrita na mesma medida.

Os currículos foram selecionados por Victoria e me pergunto que merda ela tinha na cabeça quando fez essas escolhas. Massageio as têmporas impaciente. Há alguns dias que estou reparando que ela anda dispersa. Inferno! Ela é boa no que faz, mas esse tipo de erro me tira do sério, especialmente com alguém que está comigo há um bom tempo. Preciso conversar com ela e alinhar os parâmetros do que espero, pelo menos nas qualificações curriculares.

Pego o currículo seguinte na pilha que tenho. É o último antes do almoço e espero que seja algo que valha a pena. Vou direto para a parte onde consta a experiência, vejo que apesar de ter trabalhado apenas em hotéis de pequeno e médio porte, essa pessoa desenvolveu projetos incríveis por onde passou. Graduação pela Ivy League com méritos. Uau! Seus cursos complementares na universidade também são excelentes. Realmente impressionante.

Aperto o botão do viva-voz para chamar Victoria.

— Pode mandar entrar o próximo candidato — aviso, ainda lendo suas qualificações.

Pego meu copo d'água e tomo um gole sedenta, quando vejo o nome dele: Ian Railey. Engasgo e cuspo a água em cima do meu notebook.

— Mas que merda! Inferno! — praguejo, pego um lenço de papel e tento secar o máximo possível, tossindo descontroladamente. Assim que me sinto capaz, pego o copo e bebo o que restou da água. Respiro fundo. Deve ser coincidência, ele não pode ser o único Ian Railey que se formou pela Cornell. Passo os olhos em outras informações pessoais e sinto que começo a tremer quando vejo sua data de nascimento. Deus! É ele, só pode ser ele.

— Ian Railey — sussurro seu nome, ainda sem acreditar.

— Esse sou eu — ele responde, parado junto à porta —, bom dia!

Congelo. Sua voz, seu rosto, seus olhos, apesar dos anos, tudo ainda é tão familiar. Fico muda, encarando-o sem saber ao certo o que dizer, concentrada demais em respirar, muito chocada para esboçar qualquer reação.

Senhor Destino, que porra de sacanagem é essa?



Vejo que ele me olha parecendo tão surpreso quanto eu. O verde de seus olhos está em um tom mais escuro do que me lembrava, até mesmo o brilho neles é diferente, e não sei se é pelo seu humor ou apenas pelo ambiente em si. Essa constatação leva minha mente para um tempo em que tudo em minha vida era perfeito.

— Seus olhos estão mais claros hoje — digo a ele sorrindo. Estamos deitados no gramado da minha casa observando as nuvens e eu passo a mão por seu cabelo volumoso, cheio de cachos. Ele sorri e segura meu pulso, levando minha mão ao seus lábios, e então, beija o centro da palma, me deixando completamente arrepiada com o gesto.

— Estar com você me deixa feliz — ele sussurra —, e sempre que estou feliz eles ficam mais claros.

Suas palavras me fazem suspirar e eu beijo seus lábios.



Ainda parado à minha porta, ele limpa a garganta me trazendo de volta para o presente. Respiro fundo tentando controlar minhas emoções.

— Nossa! — Não escondo minha surpresa. — É mesmo você.

— Pois é. — Ele sorri um pouco sem jeito.

— Por favor, entre e sente. — Fico feliz por minha voz soar normal, porém, não me arrisco a levantar ou pegar qualquer coisa, pois todo meu corpo treme.

Caramba! É mesmo Ian Railey, o único cara que amei, sentado bem à minha frente. Eu nem sei por onde começar. Tem tantas coisas que eu gostaria de perguntar, tantas coisas que eu gostaria de dizer...

Ficamos nos olhando sem falar nada por um tempo, até que minha ficha cai. Ele está aqui para uma entrevista de emprego, Samantha.

— Me desculpe. — Faço um esforço para me recompor. — Eu só estou realmente surpresa.

— Eu também — ele admite, se mexendo na cadeira parecendo um pouco tenso —, quer dizer, eu sei que você é sócia da rede, mas nunca imaginei que seria entrevistado por você.

— Algumas coisas prefiro verificar pessoalmente — justifico, mas logo assumo uma postura profissional e volto a me sentir no controle. É isso, basta focar no trabalho e tudo ficará bem Samantha. — Este é um cargo muito elevado e demanda muita responsabilidade. Se você for selecionado, muitas vezes terá de se reportar diretamente a mim, por isso, sempre faço questão de entrevistar pessoalmente os candidatos à gerência geral.

— Entendo — ele responde tranquilamente, me olhando bem nos olhos.

Essa atitude normalmente é o que busco em meus candidatos, mostra confiança. É a primeira coisa que observo em uma entrevista. Se a pessoa se deixa intimidar por mim, descarto imediatamente, e se ela mostrar um grau elevado de arrogância, também está fora. O olhar confiante dele mostra o perfeito equilíbrio entre o respeito hierárquico e a certeza de que sabe exatamente o que está fazendo.

— Muito bem, me fale sobre seus empregos anteriores.

— Comecei no The Gardens como estagiário de hotelaria, minha função era basicamente garantir que os hóspedes fossem bem recebidos. No entanto o gerente de lá via potencial em mim e começou a me designar para tarefas de outros setores, me testando. Quando me formei, fui contratado como seu assistente...

Sua postura é tranquila. Ele prossegue com seu relato e durante vinte minutos fala sobre seu trabalho em outros dois hotéis bem conhecidos em Manhattan. Fico feliz por descobrir que foram suas propostas que elevaram a posição desses hotéis no ranking dos principais canais de busca dos hóspedes. Tento manter meu foco na parte profissional, mas um pedaço de mim — o da adolescente apaixonada — fica admirando suas conquistas.

— Seus feitos são realmente admiráveis, Sr. Railey. — Uso meu tom profissional, me forçando a ter foco. Noto que ele parece um pouco desconcertado, mas decido ignorar. — O que me impressiona é que com as qualificações que tem desde que estive na Universidade nunca trabalhou em grandes hotéis como os nossos ou de nossos concorrentes.

— A resposta é bem simples, *senhorita Devenport*. — A forma como ele frisa meu sobrenome deixa transparecer uma irritação incompreensível. — Sempre valorizei ter tempo para viver.

Ele está me alfinetando? Não. Ele não sabe nada da minha vida. No entanto, suas palavras atingem um ponto sensível e eu fico na defensiva.

— E o que mudou? — Meu tom é impertinente e o encaro de forma desafiadora. Sei que estou sendo infantil, mas não consigo evitar.

— Minha esposa está grávida. — Sua revelação me atinge como um golpe. — De gêmeos.

Faço meu melhor para esconder a dor que suas palavras me causa. Não faz sentido me sentir dessa forma, nossa história está onde deve estar: no

passado.

— Meus parabéns — digo, reunindo o pouco de força e orgulho que sinto em mim. — Então está buscando uma melhor posição profissional a fim de prover bem sua família. Isso é admirável, porém, devo adverti-lo que este cargo requer muito de quem o assumir.

— Estou ciente — ele me responde com firme convicção.

— Ótimo. — Dou o mais imparcial dos sorrisos. — Vou analisar suas qualificações e, caso seja selecionado para a próxima fase, gostaria que pensasse muito bem. O cargo oferece de fato um salário obscuro, mas exige cada gota de sangue e suor de seu corpo.

— Essa parte está bem clara para mim, mas obrigado pelo lembrete — ele responde, sem desviar os olhos dos meus.

Levanto e ele me acompanha.

— Boa sorte, Sr. Railey — digo, estendendo a mão para ele.

— Obrigado, Srta. Devenport. — Nos cumprimentamos e torço para que ele associe a baixa temperatura da minha mão ao ar condicionado da minha sala.

Assim que Ian sai desabo na cadeira e digo a Victoria que preciso ficar sozinha por um momento antes de ela entrar. Tento, sem sucesso algum, acalmar os batimentos do meu coração. Vou até o banheiro dentro da sala e, lavo o rosto e molho um pouco a nuca na tentativa de que isso esfrie também as minhas emoções. Mas parece impossível, minhas mãos tremem, a respiração está ruidosa e sinto um forte enjoo.

Ainda não acredito no que acabou de acontecer. Ian Railey, o cara que deixei para trás há doze anos, fugindo do amor e da dor que a perda de quem amamos pode causar, esteve aqui, na minha frente, me abalando, me fazendo sentir em 30 minutos um caos emocional que não experimento desde que parti para a Inglaterra.

Respiro fundo.

Ele está casado e vai ser pai. Seguiu em frente com seus sonhos, mesmo que eu não fizesse mais parte deles.

— Ora essa, Samantha — me recrimino —, você esperava o quê? Foi você quem o deixou, quem o rejeitou. Inferno!

Num raro ataque de fúria, acabo derrubando e quebrando o porta

sabonete de porcelana. Em seguida, escuto uma batida na porta do banheiro, acompanhada pela voz abafada de minha assistente.

— Está tudo bem, Srta. Devenport?

— Está sim, Victoria. — Consigo fazer minha voz sair mais controlada, embora tudo dentro de mim esteja fora de controle.

Permaneço dentro do banheiro e tento catar o máximo possível de cacos — os emocionais e os de porcelana — sem me cortar. A última coisa que preciso é da minha equipe me vendo neste estado.

Fecho os olhos com força e tento usar umas das técnicas de meditação que aprendi em uma viagem que fiz para a Índia dois anos atrás, mas parece impossível. Todo tipo de xingamento e blasfêmia passam por minha mente nesse momento. Começo a ranger os dentes em agonia.

Ian é um dos motivos para eu sempre evitar esta cidade e agora o destino me prega essa peça.

Eu o afastei. *Eu* decidi acabar com tudo. Parti o coração dele, e no processo, o meu também. Por mais que eu sempre evite qualquer contato com meu passado por temer justamente isso, não esperava ficar tão abalada. Se fosse apenas nossa história, mas não. Rever Ian me traz um enorme sentimento de vazio, não só pelo amor que vivemos, mas da vida que tive e da família que perdi.

Me pergunto se ele fez isso de propósito, afinal de contas, não vivo exatamente no anonimato. Se bem que, refletindo sobre nossa conversa, ele admitiu saber que eu era uma das sócias, mas seu olhar surpreso ao me ver deixa claro que não tinha ideia de que eu supervisionava diretamente o processo seletivo. Provavelmente me julga como uma dessas empresárias que deixa tudo a cabo de seus subordinados. Me sinto um pouco ultrajada com esse pensamento, mas reviro os olhos para mim mesma. De certa forma ele tem motivos para pensar assim, afinal, não é o padrão de quem está onde estou. Nem mesmo Damon, que é tão obcecado pelo trabalho, faz isso.

— Minha nossa! — resmungo exasperada.

Ele continua impressionantemente lindo, seus olhos verdes lembram um felino, seu cabelo negro — mesmo estando bem mais curto que da última vez que o vi — ainda faz cachos rebeldes nas pontas, sua pele morena...

— Samantha Devenport! — A auto recriminação vem automaticamente.

Então a realidade me dá uma bela bofetada. — E se ele for minha melhor aposta para o cargo? E se ele for minha *única* aposta?

Eu vou matar a Victoria! Farei picadinho dela!

Me ajeito e saio intempestivamente do banheiro e, chamo-a pelo telefone. Ela entra em minha sala com o olhar preocupado.

— Preciso que alguém venha limpar os cacos do banheiro. O porta sabonete caiu — digo secamente, e fico observando-a anotar isso em seu caderno. — Agora vamos falar sobre os currículos que você selecionou.

A vantagem de ela trabalhar comigo por tanto tempo, é que ela sabe que fez merda só pela forma como eu falo. Noto um leve tremor em suas mãos e fico me perguntando o que está acontecendo, Victoria não é assim.

— Sente-se, Victoria — falo, sem romper o contato visual —, agora me diga, quais os parâmetros que usou para selecionar esses currículos?

Minha voz é baixa, mas nem por isso menos ameaçadora.

— E-eu... — ela gagueja.

Droga! Quando foi que vi minha assistente gaguejar? Nunca. E eu sou do tipo que já fez homens crescidos chorar e me orgulho disso, mas no caso de Victoria, me sinto uma vaca.

— Escute. — Respiro fundo para controlar meu temperamento. — Vou sair para almoçar, e gostaria que você desse mais uma olhada nos currículos que tenho aqui. Eu realmente não gostaria de desperdiçar a minha tarde conversando com pessoas que não atendem aos meus padrões. Peça a ajuda de Bill.

— Sim, Srta. Devenport. — Vejo pelo movimento de sua garganta que ela engoliu em seco. — Sinto muito.

— Você trabalha comigo há bastante tempo e pela primeira vez estou realmente frustrada com seu trabalho. Estes dias têm sido difíceis com tantos erros, desde Boston. Imagino que esteja com problemas pessoais, seja o que for, *resolva!* — Me levanto e percebo que ela está à beira das lágrimas. — Repasse minha agenda para a assistente de Bill e tire dois dias de folga. Te espero aqui na quinta pela manhã.

— Obrigada, Srta. — ela murmura, saindo da sala.

Meu celular vibra e pelo identificador vejo que é Damon. Droga! Tinha esquecido que meu almoço com ele era hoje. Atendo.

— Querido, me desculpe o atraso, mas tive uma manhã de merda! — Como todo britânico, Damon preza pela pontualidade, e mesmo que esteja rindo bem-humorado, sei o quanto isso o irrita. — Você estaria disposto a esperar uns minutos a mais?

— Você vale a espera.

Pego minha bolsa e saio para almoçar e, tentar superar os acontecimentos da manhã.



Damon como sempre, me faz superar qualquer drama que role no meu dia.

— Eu realmente não sei como pode gostar dessa terra de bárbaros. — Seu comentário é acompanhado de um revirar de olhos nada educado. — Eu quase fui atropelado por um ciclista no Central Park e o louco ainda teve a audácia de me mandar para o inferno.

— Não seja esnobe, Damon. — Tomo mais um gole do meu vinho. — Se está tão irritado, volte para o seu Hyde Park.

— Que mau humor hein! — ele diz, me observando atentamente. — Vamos, me conte de uma vez como foi sua “manhã de merda!”

— Pra começar, Victoria selecionou péssimos currículos. Foi uma total perda de tempo. — Mexo a cabeça em negação.

— Estranho, ela sempre foi muito competente. — Damon e eu temos

uma relação bem achegada, diferente dos outros sócios. Acredito que seja por termos iniciado um negócio sozinhos, e por isso, ele conhece Victoria tão bem quanto eu. — Perguntou a ela o que houve?

— Fiz melhor. Dei-lhe dois dias de folga e disse para resolver o que quer que esteja atrapalhando seu trabalho.

— Santo Deus! Você não tem coração. — Ele me olha em um misto de choque e zombaria, e eu ergo minhas sobrelanceiras sem entender sua reação. — A mulher é seu braço direito. Custava perguntar o que se passa com ela?

— Os assuntos particulares dela não me dizem respeito. Não quero que ela confunda as coisas — digo em meu tom cortante que normalmente intimida as pessoas, mas não Damon. Desgraçado!

— Eu realmente não consigo entender você. — Sua incredulidade me surpreende. — Sei que não é essa criatura fria que tenta mostrar ser. Vi de perto tudo o que fez por Bill.

— É diferente. — Fico na defensiva. Damon sabe que odeio essa conversa psicológica dele. — A situação de Bill era extrema e foi *ele* quem pediu minha ajuda.

— No entanto, sei que ainda o ajuda, mesmo que não seja mais tão necessário.

Reviro os olhos e inspiro com força antes de dar um longo gole em meu vinho. Me recuso a dar corda para esse tipo de assunto. Damon percebe e parece chateado, mas como sempre, põe o assunto de lado em prol da nossa boa relação.

— Então até agora nenhum candidato qualificado — ele volta para o tópico trabalho e fico aliviada.

— Pra falar a verdade, o último entrevistado dessa manhã tem um excelente histórico.

Falo para ele sobre a experiência de Ian no ramo e assim como eu, Damon se surpreende com o fato dele nunca ter trabalhado em hotéis como o nosso. Obviamente deixo de fora da conversa o fato de que Ian é o mesmo cara que foi meu grande amor. Ele sabe que existiu alguém importante na minha vida, alguém para quem entreguei meu coração e nunca mais peguei de volta, mas nunca soube o nome desse alguém. Como nunca me mostrei disposta a fornecer qualquer informação sobre isso, ele simplesmente deixou o assunto de lado.

Normalmente, falar de trabalho leva embora qualquer preocupação que

eu tenha, mas neste momento, a menção ao trabalho me faz reviver o reencontro com Ian. Vê-lo parado na porta de minha sala abalou meu mundo. Ele está tão diferente, e não apenas fisicamente, sinto que mudou como pessoa. Creio que seja, na verdade, apenas o fato de que se tornou um homem.

— Samantha. — A voz de Damon me traz de volta à realidade. — Samantha, você está bem? Está distraída e não ouviu nada do que eu disse.

— Sinto muito, querido. — Toco afetuosamente sua mão por cima da mesa. — Estou com a cabeça cheia hoje. Espero que possa me perdoar. — Ele pega a minha mão e beija o dorso.

— É claro que entendo, mas sabe o que penso sobre isso — diz, suspirando com dramaticidade, e me fazendo rir —, você precisa de férias! — Não é uma sugestão, é um decreto e como sempre, me faz rir.

Damon é um *gentleman*, seu charme britânico é irresistível e embora nossa relação se limite à trabalho e amizade, devo admitir o quanto ele é lindo. Seu cabelo é loiro escuro, os olhos são de um tom de azul que pode se comparar ao céu de verão, um queixo firme e lábios nem muito carnudos nem muito finos. Seu porte físico fabuloso, apesar de não viver dentro de uma academia, é de causar inveja a esses caras que passam o dia todo pegando peso para aumentar os braços.

Como um todo, Damon assemelha-se àqueles guerreiros vikings da idade média. Lembro que na faculdade as garotas me odiavam porque eu vivia com ele, mas não ficava com ele. E Damon, por sua vez, nunca foi do tipo pegador, quer dizer, sei que ele sempre teve seus casos por aí, mas é muito discreto. Entretanto, devo admitir que desde os tempos da faculdade ele tenta ser mais que meu amigo.

Quando nos conhecemos eu estava arrasada demais com o fim do meu relacionamento e não era capaz de ver nada além dos livros diante dos meus olhos. Depois fiquei tão focada nos negócios que sequer cogitei algo além da nossa sociedade. Mas houve uma noite, uma noite de comemoração regada a uísque na qual, por algumas horas, colocamos de lado a amizade e o profissionalismo, uma noite em que pela primeira vez, alguém que não era Ian acariciou meu corpo. Não vou bancar a sonsa e dizer que não gostei, mas na manhã seguinte eu me senti péssima. Concordamos que foi um erro, no entanto, isso nunca o impediu de querer tentar novamente, de tempos em tempos, e sutilmente, mas nunca deu em nada.

Nossa comida finalmente chega e ponho de lado meus pensamentos e lembranças.

— Quer dizer que está indo para a Austrália visitar Charlie — falo rindo, enquanto ele torce a boca com desgosto.

— Ele é um idiota e está me causando problema. — Damon parece prestes a socar a mesa. — Mesmo sendo meu primo, lhe darei um ultimato.

Decido não fomentar ainda mais o assunto, Damon não é dado a reações extremas, mas percebo que está à beira da ira.

— Já que estamos falando de família. Como está Genevieve?

Genevieve Harris é a tia-avó de Damon e nossa madrinha, afinal, foi ela quem acreditou e arriscou uma boa soma de dinheiro em dois jovens universitários ousados.

— Aquele dragão está melhor que todos nós. — Mesmo que seu tom seja brincalhão, seu sorriso é carinhoso ao falar da tia. — Ela quer saber quando você vai visitá-la. Pra ser mais exato, suas palavras foram: “Aquele ingrata só virá aqui novamente quando eu estiver dentro de um caixão.”

Rimos em uníssono. Genevieve seria ainda mais rica se entrasse para o teatro.

— Quero visitá-la depois de resolver essa questão do substituto de Bill. — Ele concorda e voltamos nossa atenção para o prato fabuloso que temos à nossa frente.

Terminamos de almoçar e Damon me acompanha até o hotel. Assim que chegamos, ele e Bill se retiram para conversar e eu volto para meu escritório para dar continuidade à seleção.

Antes que eu reinicie as entrevistas, Victoria vem me atualizar quanto aos remanejamentos.

— Como ainda tinha todos os currículos que recebemos, incluí três que anteriormente haviam sido descartados. — Ela parece mais tranquila, mais profissional. — São os três últimos, e consegui agendar com eles ainda hoje. Dois que estavam na lista anterior foram retirados. Tomei a liberdade de conversar com eles em seu nome e dispensá-los de forma cortês.

— Ótimo. Obrigada. — Olho para ela por um tempo e me pergunto o que diabos tá acontecendo. As palavras de Damon ficam me espetando como um

alfinete. — Sabe, desde que comecei este negócio, você foi a melhor assistente que tive. Imagino que seja algo bem sério para que você tenha perdido o foco nos últimos dias. Se eu puder ajudar de alguma maneira...

— Obrigada, Srta. Devenport. — Noto que ela parece se esforçar em manter a compostura. — Resolverei isso e estarei aqui para assessorá-la na próxima quinta-feira. Vai ficar tudo bem.

Eu a observo por um tempo e decido não me intrometer mais. Dispensso Victoria e chamo Kelly, a assistente de Bill.

A tarde foi ainda mais longa que a manhã. Como meu desejo era terminar de uma vez essa primeira fase da seleção, não parei nem para comer. Ao fim do dia, exausta, me encontro com Bill e conversamos um pouco sobre os selecionados para a próxima fase. Dos três entrevistados chamados de última hora, dois passaram para a segunda fase, juntamente com Ian e mais um.

— Então temos duas mulheres e dois homens. — Estamos em minha sala e Bill analisa os quatro currículos.

— Isso mesmo — concordo, dando uma mordida no sanduíche que ele mandou trazerem pra mim quando soube que eu ainda não tinha me alimentado desde o almoço.

— Este Railey me parece promissor — comenta —, mesmo não tendo trabalhado em hotéis de grande porte como o nosso.

Eu apenas concordo com a cabeça, mantendo uma postura neutra. Os quatro selecionados são todos bons, mas será na próxima fase que saberemos quem realmente se destaca.

— A propósito — Bill fala, antes de se levantar —, Damon já foi. Pediu desculpas por não vir falar com você pessoalmente, mas não queria te atrapalhar e não podia estender suas horas aqui.

— Sim, ele me mandou uma mensagem. — Tomo um gole do meu suco e percebo que Bill parece prestes a me dizer algo, só que muda de ideia na última hora. Sou capaz de imaginar do que se trata, é sempre a mesma coisa quando ele me vê com Damon, por isso ignoro seu olhar e continuo comendo.

Antes de me retirar para minha suíte, onde pretendo passar horas dentro de uma banheira, deixo o nome dos selecionados para Kelly entrar em contato notificando que eles passaram para a próxima fase.

Quando afundo na água morna com cheiro de essência de rosas, começo

a meditar sobre meu dia. Preciso incorporar meu lado profissional e prático antes de qualquer coisa, especialmente porque dos quatro, Ian tem tudo para ser a escolha mais assertiva, e se isso acontecer, terei de lidar com ele constantemente.

Recosto minha cabeça na borda da banheira, fecho meus olhos e me permito visitar lembranças há muito enterradas no fundo de minha mente.

— Eu sempre gostei de você, Sam. — Seus olhos verdes brilham sorridentes debaixo das luzes do poste em frente à minha casa. — Primeiro como minha amiga, e agora...

Assim como eu, ele parece nervoso, engole em seco e olha para o chão antes de secar as mãos em seu casaco.

— Estou apaixonado por você, e quero que seja minha namorada.

Eu sorrio timidamente antes de dizer que também estou apaixonada por ele.

Ian dá um passo à frente, segura meu rosto com as duas mãos antes de tocar meus lábios com os seus de forma suave e inocente. Ele é tão doce e carinhoso que me faz suspirar. Então, para completar esse momento perfeito, flocos de neve começam a cair sobre nós. Suas mãos estão na minha cintura, meus braços em volta do pescoço dele e juntos olhamos para o céu sorrindo.

— Nunca mais verei a neve sem me lembrar desse momento — ele diz, e eu me inclino dando outro beijo nele. Guardarei para sempre esse dia em meu coração.

Abro meus olhos e sinto uma dor profunda em meu peito. Desde que o deixei, raramente me permito pensar no que vivemos. Especialmente em lembranças como esta, de quando tínhamos 14 anos e nos beijamos pela primeira vez. Foi um dos momentos mais lindos da minha vida, um beijo puro e sem malícia, apenas dois amigos que perceberam ser mais que isso um para o outro. Tento afastar minha mente dessas recordações como sempre faço, mas é como se eu tivesse acionado o botão de um míssil nuclear. Ele não vai mais parar, não importa o que eu faça.

Ian me chamou para ir ao cinema naquele dia, algo normal desde que tinha um filme que estávamos loucos para ver, mas diferente das outras vezes, ele quis pagar pelas entradas e pela pipoca. Eu tinha notado como nossa relação

havia mudado, não sei bem quando as mudanças começaram realmente a acontecer, mas eu reparei, especialmente depois que Tyler Jackson me convidou para o baile de primavera. Mesmo eu tendo recusado, Ian pareceu chateado e começou a agir de forma estranha. Brigamos e ficamos três dias sem nos falar, o que era um recorde, pois nem no verão em que passei minhas férias na Inglaterra com meus pais, fiquei mais de um dia sem falar com ele.

Para se desculpar, quando voltamos a nos falar ele me chamou para sair. Já tinha um tempo que meus sentimentos por ele iam além da amizade, mas eu temia tanto esses sentimentos que os guardei para mim.

Quando o filme começou, Ian parecia inquieto — se espreguiçava e não parava de se mexer. Cheguei a perguntar se ele estava bem, e mesmo ele dizendo que sim, fiquei preocupada, pois não entendia o que estava acontecendo. Hoje, com minha percepção de adulta, vejo que as ações dele eram bem óbvias, mas na época eu era apenas uma menina vivendo seu primeiro amor.

Já tinha rolado mais da metade do filme quando reparei que ele não tirava os olhos de mim. Na hora pensei que tivesse algo em meu rosto e perguntei a ele, sua resposta foi: “Você está perfeita”, acompanhada de um sorriso que fez meu coração disparar e minhas bochechas pegarem fogo. Eu voltei a olhar para a tela, mas não conseguia prestar atenção em nada, um sorriso enorme ficou colado na minha cara e minha mente ia e voltava nas palavras dele. Creio que ele percebeu que eu não era indiferente, pois foi nesse momento que ele pegou em minha mão.

Lembro como se fosse ontem, a sensação vertiginosa de nossos dedos se entrelaçando e de tudo ao nosso redor desaparecendo. Não conseguíamos parar de sorrir.

Éramos inseparáveis desde os sete anos, mas naquele dia, as razões para isso mudaram. Algumas pessoas se apaixonam e descobrem em seu parceiro um amigo leal, conosco foi o inverso e, acho que isso só tornou tudo mais profundo. Todas as minhas primeiras vezes foram de Ian, assim como as de Ian foram minhas. Porém com a perda dos meus pais, minha vida mudou, e eu escolhi dar as costas para tudo que tinha vivido até ali.

Respiro fundo e pisco algumas vezes, tentando afastar esses sentimentos tão dolorosos. Quando toco meu rosto, percebo uma umidade incomum brotando de meus olhos. Alarmada, me levanto da banheira e depois de me secar rapidamente, pego meu notebook e começo a trabalhar, ocupando minha mente até a exaustão e o esquecimento.



Como de costume, levanto cedo e saio para correr. Mesmo que o hotel conte com uma moderna e bem equipada academia, prefiro me exercitar ao ar livre. Em Londres, eu corria no Hyde Park, em Boston, no Public Garden e aqui, em Nova Iorque, no Central Park.

Depois de uma vigorosa corrida com ACDC estourando em meus ouvidos, paro para beber um pouco de água e reduzo meu ritmo para uma leve caminhada. Passo por um grupo de mulheres grávidas acompanhadas de seus pares fazendo exercícios e me lembro de Ian contando que sua esposa está grávida. Ele sempre foi do tipo carinhoso e atencioso.

Lembro-me perfeitamente de quando eu fazia parte do grupo de matemática avançada e ele me ajudava com exercícios de fixação, mesmo não sendo a praia dele, por isso, sou capaz de imaginá-lo sendo todo amoroso e acompanhando a esposa para essa ginástica de gestante, ou seja lá como se chama isso. Nunca me permito pensar na maternidade como uma possibilidade na minha vida. “Deus me livre!” É o que sempre digo quando as pessoas vêm com a famosa conversa sobre marido e filhos. Mas vendo esses casais, eu me pergunto: “E se...”

Sacudo a cabeça, jogando para longe esse pensamento e volto correndo para o hotel onde tenho muito a fazer.

Depois de uma rápida reunião com Bill, encontramos os quatro selecionados para a próxima fase, onde ele explica quais são as principais responsabilidades do gerente geral de uma forma bem resumida. Observo cada um dos selecionados e vejo suas reações irem de empolgação a incerteza. O único que permanece impassível é Ian Railey. Posso estar imaginando coisas, mas têm momentos que sinto o olhar dele sobre mim. Talvez me analisando ou julgando, eu não sei, mas ele desvia o olhar tão rapidamente quando me volto em

sua direção que chego a pensar que estou imaginando coisas. Porém jamais esqueci a intensidade que ele carrega no olhar. É algo que sou capaz de sentir a quilômetros de distância. Decido voltar minha atenção para o que Bill está falando.

— Sei que todos vocês têm excelentes qualificações — ele começa elogiando —, mas também sei que na prática as coisas são bem diferentes e, para mim o que realmente conta é como vocês serão capazes de lidar com as crises no dia a dia.

Nossa! Bill não mudou seu discurso depois de todos esses anos. Sei exatamente o que ele vai falar a seguir, por isso, mais uma vez minha mente se dispersa e volto a sentir que sou observada. Impaciente e incomodada com a situação, decido encará-lo, desafiando-o a me olhar nos olhos, ou simplesmente desistir desse jogo idiota. Ele percebe, e erguendo uma sobrancelha, dá um sorriso discreto ao sustentar meu olhar, aceitando o desafio. Não sei bem quanto tempo perdemos com essa infantilidade, há momentos em que sinto vontade de rir, pois é ridículo demais, porém, quando Bill começa a entregar uma folha para cada um deles, o encanto se quebra.

— Não se trata de uma competição para sabermos quem é o melhor — Bill diz muito seriamente —, trata-se de uma avaliação para sabermos qual de vocês se sairá melhor no cargo.

Admiro demais o Bill, mas essa ladainha sobre não ser uma competição me faz querer revirar os olhos.

— Hoje é você quem ficará conosco, Srta. Lawrence. — Olho para a mulher que é um pouco mais velha que eu e se formou na mesma Universidade de Ian, a Cornell, que tem um dos melhores cursos na área de hotelaria. — Por favor, vá até a recepção e fale com a Kelly. Logo irei encontrá-la.

A mulher apenas assente com um movimento de cabeça enquanto pega sua bolsa e sai.

— Sr. Railey. Amanhã, me encontre aqui neste mesmo horário. — Bill usa seu tom profissional enquanto eu apenas observo. — Depois de amanhã será você, Sr. Bowen, e na sexta, a Sra. Brunell. Obrigado a todos.

Com isso, os candidatos se retiram e Bill volta sua atenção pra mim.

— Vai me contar o que se passa entre você e o Sr. Railey? — Ele é direto como sempre.

— Não há absolutamente nada — respondo secamente. Isso bastaria para fazer qualquer um deixar o assunto de lado, mas Bill não é qualquer um. Nunca se deixou intimidar por mim e meu temperamento.

— Creio que se tem algum problema com o Sr. Railey, por mais qualificado que ele seja, talvez devamos dispensá-lo de uma vez.

— Não — respondo sem titubear —, ele fica. A menos que se mostre um completo incompetente, não temos razão para dispensá-lo, ele é nossa melhor aposta.

— Samantha. — Ele encosta-se à beirada da mesa e com os braços cruzados me observa com atenção. — Você pode não querer falar o que há entre vocês, mas sempre foi uma mulher prática e profissional. Sabe que se de alguma forma ele a abala, é melhor cortá-lo.

— Já disse a você, Bill. — Trinco os dentes frustrada. — Não há nada entre o Sr. Railey e mim.

— Mas já houve.

— Isso não importa.

— Samantha... — Seu tom é brando, quase complacente e eu odeio quando ele fala assim, pois eu acabo dizendo o que não quero.

— Por favor, Bill. — Suavizo um pouco minha voz. — Isso não é importante, não significa nada.

— Mas já significou — ele insiste, sem desviar os olhos dos meus.

— Isso foi há uma vida. — Dou-lhe algo para ele parar de me atormentar. — É melhor você ir, pois a Srta. Lawrence aguarda suas instruções.

— Tudo bem — ele concorda, mas ainda me olha desconfiado.

Por mais que eu não queira admitir, Bill está certo. Sempre fui prática e profissional, não posso deixar que o passado afete meus negócios, especialmente algo que não posso mudar. Assim, decido que antes de qualquer coisa preciso conversar com Ian, colocar tudo em pratos limpos, para que possamos estabelecer uma relação estritamente profissional. Tiro o telefone do gancho e pego seu número na ficha. No segundo toque ele atende. Sua voz grave e profunda me faz estremecer. Sinto a palma das minhas mãos ficarem úmidas e me recrimino por esta reação tão juvenil.

— Ian. — Passo a língua por meus lábios secos. — Aqui é a Samantha.

— Escuto sua respiração enquanto ele leva alguns segundos para responder.

— Oi, Samantha. — Pode ser impressão, mas ele parece desconfortável.
— Em que posso ajudar?

— Gostaria de falar com você. — Respiro fundo. — Fora do ambiente profissional.

Ele leva um tempo para responder, como se avaliasse meu pedido. Escuto ele expirar o ar de seus pulmões e sou capaz de imaginá-lo esfregando a testa com os dedos e fechando os olhos enquanto toma uma decisão. É impressionante como, mesmo depois de todo esse tempo, ainda me lembro dessas coisas tão corriqueiras. Por um momento, acredito que ele vai recusar.

— Onde seria melhor para você?

Engulo em seco e tento ignorar as batidas frenéticas do meu coração.

— Me encontre na Starbucks a duas quadras do hotel. — Fico feliz por minha voz não sair trêmula.

— Em trinta minutos? — ele pergunta.

— Ótimo! — respondo.

— Estarei lá.

Desligamos. Apesar de ter colocado o telefone no lugar, continuo segurando o fone. Aperto-o com tanta força que não sei como ele não quebra. Volto a tirá-lo do gancho e ligo para a substituta de Victoria.

— Kelly, desmarque qualquer compromisso meu para esta tarde. Estou saindo e não sei quando volto.

Escuto ela murmurar um “Sim, Srta.” frustrado e tenho certeza de que estou cancelando algo importante, mas não ligo. Neste momento a prioridade é minha paz de espírito e a retomada do controle de minhas emoções. Depois de uma breve olhada no espelho, pego minha bolsa Gucci e saio.



Escolhi uma mesa mais ao fundo da cafeteria para termos privacidade. Ian chega cinco minutos depois de mim e eu aceno para ele de onde estou.

— Desculpe a demora — ele diz, puxando a cadeira.

— Não vai pegar algo para você? — pergunto, quando o vejo com as mãos vazias.

— Não quero nada.

Ele se senta de frente para mim, cruza as mãos apoiando o pulso na mesa e me olha nos olhos em silêncio.

— Sei que fui eu quem te chamou aqui. — Começo a mexer em meu colar por puro nervosismo. — Mas a verdade é que não sei por onde começar.

— Eu entendo. — Ele parece relaxar depois que eu admito minha falta de jeito e nós rimos.

— É tão estranho te ver depois de tanto tempo — confesso simplesmente.

— Acho que estranho não chega nem perto do que está sendo pra mim. — Ele me observa. — Não vou mentir, é muito confuso.

Concordo com um movimento de cabeça e por um instante ficamos sem dizer nada.

— Fico feliz que você tenha se saído tão bem. — Seu comentário é de genuína admiração e fico feliz.

— Você também, não é?! — Mordo o lábio inferior um pouco insegura sobre que rumo dar a essa conversa. — Como estão Maggie, Patrick e Doty?

Sinto uma ansiedade absurda em saber como estão as pessoas que mais amei depois de meus pais, mas ao mesmo tempo temendo ter qualquer notícia ruim. Depois que parti, pouco a pouco fui cortando os laços com os Railey. Foi preciso. De outra forma eu teria recuado e sabe-se lá o que teria acontecido.

— Eles estão bem. Quer dizer, meu pai está com a saúde mais frágil, mas estão bem. Ainda morando na mesma casa. — Essa última frase me soou um pouco acusatória. — Doty está morando na Europa e só aparece no natal. No mais...

— Fico feliz em saber que estão todos bem. — Meu sorriso não é tão firme como eu gostaria e tenho medo que Ian interprete mal. — Sabe, eu senti muito a falta deles. De todos vocês. — Admitir isso dói demais, mas é a reação dele que de fato machuca, a expressão de incredulidade em seu rosto é como um tapa, e o pior, não posso culpá-lo por isso.

— Ian, eu... — Fecho e abro as mãos tentando me acalmar. — Eu realmente lamento ter agido como agi, nunca quis magoar ninguém.

— Mas magoou. — Ele respira pesadamente, parecendo cansado demais para discutir. — Isso não importa, já faz muito tempo.

A forma como sua testa enruga me faz questionar se de fato não importa mais.

— Se eu pudesse consertar as coisas...

O clima fica tenso entre nós e eu entendo, mas infelizmente não posso mudar o que fiz e mesmo que pudesse, não sei se faria. Ian parece travar uma luta interna e não sei mais o que dizer.

— Você devia ir visitá-los. — Sua declaração não é acusatória, porém, não é simples como ele faz parecer. Eu fugi, cortei-os da minha vida por doze anos. Não posso simplesmente aparecer como se nada tivesse acontecido. Ian parece ler meus pensamentos e se compadecer de minha situação. — Sam, eles te receberão exatamente como sempre te receberam, com carinho e amor.

Duas coisas me espantam com sua última frase. Primeiro, suas palavras são desprovidas de qualquer animosidade, é como se ele me dissesse que vai ficar tudo bem, eu só preciso parar de fugir. Segundo, ele me chamou de Sam, e agora parece constrangido ao se dar conta disso.

— É. — Ele coça a nuca. — Me desculpe, não quero ser intrometido, é só que se você quiser aparecer, tenho certeza que será muito bem recebida — ele fala rápido, e sei que está envergonhado com a situação.

Há anos ninguém me chama de Sam, e não vou negar, ouvi-lo me chamar assim depois de todo esse tempo me faz sentir coisas que há muito não sentia.

— Ian, você me odeia? — Eu preciso saber, não sou mais capaz de suportar a incerteza.

A princípio, ele fica surpreso com uma pergunta tão direta, mas depois parece refletir um pouco e entender.

— Durante muito tempo, eu a odiei. — Fico chocada com a crueza de suas palavras, mas não me surpreendo. Ian sempre foi muito direto e sincero, estou feliz em ver que isso não mudou. — Eu te pedi em casamento e você fugiu. Óbvio que odiei você. Mas isso ficou pra trás, éramos crianças.

Sorrio fracamente e concordo com um leve movimento de cabeça.

— Eu entendo. — Respiro fundo, me munindo de coragem. — Como você pode ver, foi o melhor para nós dois afinal. Você agora está casado e feliz, e eu não sou capaz de imaginar a felicidade vinda da dependência emocional que um casamento cria.

— Você está equivocada nesse ponto. O casamento é uma parceria, duas pessoas que se amam, se ajudam, e se esforçam em fazer o melhor para o outro. É troca, não dependência.

Preciso de toda a minha força para não deixar transparecer o quanto suas palavras me afetam. Assim, abro um largo sorriso.

— Você sempre foi um romântico — digo em tom de brincadeira.

— Você sempre foi racional. — Seu tom é um tanto mordaz, mas em seguida ele abre um sorriso, suavizando as palavras lançadas.

— É ótimo te rever e, fico feliz que o passado esteja onde deve estar. — Volto a me concentrar no propósito principal da minha conversa com ele. — Mas estou realmente preocupada que nossa história possa ser um problema caso você venha a trabalhar comigo.

— Posso te garantir que não será um problema. — Ele me encara exalando certeza. — Sei exatamente qual meu lugar dentro deste hotel e estou disposto a dar meu melhor.

— Fico aliviada em ouvir isso. — Sou absolutamente sincera. — Você tem um currículo incrível e eu realmente o quero em minha equipe. — Vejo um sorriso modesto se formar nos lábios dele.

— Bom, já que estamos entendidos quanto ao relacionamento profissional, será que fora do trabalho ainda podemos ser amigos?

Ian parece analisar minhas palavras e vejo uma ponta de tristeza em seu olhar. Meu coração afunda.

— Acho que amigos, neste momento, seria um pouco demais. — Suas palavras são dolorosas, mas seu olhar amistoso apazigua minha mágoa. — Não me entenda mal, é só que temos doze anos entre nós. Não sei mais quem você é, assim como você não sabe quem eu sou. Vamos só dar tempo ao tempo.

— Claro! — Sinto um calor subir por meu rosto. — Eu não quis dizer imediatamente. — Sinto uma risadinha nervosa querendo escapar, mas me contenho. Eu realmente entendo o que ele quer dizer, mas isso não faz doer menos.

— Não quis te ofender. — Ele parece um pouco nervoso. — É só que...

— Eu sei — o corto —, e você está certo. Não sou mais a menina que você conheceu e talvez você sequer goste da pessoa em que me transformei.

— Samantha...

— Ian, está tudo bem. — Quero acabar de uma vez com isso, então, estendo a mão para ele. — Colegas, então?

Ele assente e aperta minha mão. Gostaria de dizer que fiquei bem depois desse encontro, mas não, só serviu para eu perceber que no meu interior, nada foi resolvido. E mais uma vez escolho colocar esses sentimentos dentro da minha

caixa “Não mexer”, visto minha armadura e como sempre, sigo em frente.



Meus instintos profissionais não falham. A Srta. Lawrence se mostrou muito intransigente no trato com seus subordinados, enquanto o Sr. Bowen não aguentou a pressão. Ao final da semana, ficam apenas Ian e a Sra. Brunell, e mesmo que ela seja muito competente, Ian parece lidar melhor com situações de crise.

Como quando fizemos uma simulação com eles. Um problema na tubulação alagou o quarto de um importante e temperamental hóspede. Ambos souberam lidar com a situação da melhor maneira, mas Ian agiu com tranquilidade, enquanto que a Sra. Brunell pareceu prestes a perder o controle em alguns momentos.

Isso não quer dizer que ele sempre vá agir assim, mas era apenas uma simulação e ela já mostrou certo nervosismo, como seria se fosse uma situação real?

Não posso contratar alguém tendo esse tipo de dúvida. Por isso, ao final do dia, dispenso a Sra. Brunell, o que não é nenhuma surpresa para Bill.

— Parabéns, Sr. Railey — Bill e eu o cumprimentamos e ele parece muito feliz.

— Muito obrigado — ele diz com um largo sorriso.

Durante o resto da semana vejo-o trabalhando com Bill e reafirmando o que acredito ser a melhor contratação que já fiz. Ele é hábil em solucionar problemas, lidera a equipe com naturalidade, motivando, orientando e, quando necessário, sendo firme.

— Eu praticamente já posso me retirar — Bill comenta em minha sala na sexta-feira, ao fim do expediente. — Realmente ele estava sendo desperdiçado em hotéis pequenos.

— Sim, você tem razão. — Uma batida na porta interrompe nossa conversa e Victoria entra. Desde que retornou, ela parece bem melhor.

— Vim saber se a Srta. ainda vai precisar de mim. — Noto certo constrangimento em seus modos, mas não me prendo a isso. Olho para o relógio.

— Pode ir, Victoria. — Ela sai animada e me pergunto o que está aprontando.

— E você? Não vai sair e se divertir? — Não sei para que Bill me pergunta.

— Estou me divertindo bastante aqui. — Minha resposta sarcástica o faz bufar com desgosto.

— Se você diz. — Ele pega sua pasta e levanta. — Vou indo também, chamei o Railey pra uma cerveja antes de ir pra casa.

— Divirtam-se! — Dou um tchauzinho quando ele sai da minha sala.

Olho para minha mesa e ao meu redor na sala. É só mais uma sexta-feira em que desfrutarei da minha companhia.



Mais uma semana começa e estou respondendo um e-mail do meu gerente da filial no México, quando batem na minha porta. Mando entrar.

— Boa tarde, Srta. Devenport. — Ian entra na minha sala com um ar meio tenso, meio empolgado.

— O que houve? — pergunto com um meio sorriso achando engraçado o jeito dele.

— Ele está aqui. — Olho para ele com expectativa por mais informações. — O Duque! — Fico encarando Ian um pouco confusa, até que minha ficha cai.

— Ah, meu Deus! — Levanto em um salto derrubando minha cadeira.

— Fica calma, Samantha. — Não acredito nas palavras dele. Isso é simplesmente impossível.

O Duque não é ninguém menos que o mais conceituado e temido crítico de hotéis. Na verdade, eles são uma equipe formada por não sei quantos críticos, me arrisco a dizer que são fantasmas, ninguém sabe realmente quem eles são, pois circulam há anos por aí no anonimato, enaltecendo e detonando desde grandes hotéis até pequenos hostels. Eu costumo brincar dizendo que não deveria ser O Duque e sim O Carrasco. Minha nossa! Eu tô tremendo.

— Como você sabe quem é ele? — Não faz sentido ele saber algo que todos querem descobrir.

— Então, é o mesmo homem que se hospedou no The Gardens e no Guardian quando eu trabalhei lá. Logo depois de sua “estadia” nesses hotéis, veio a crítica. — Ian percebe meu estado de espírito e pega um copo de água pra mim. — Ele não pode me ver, Samantha, por isso já pedi a Bill para ficar na linha de frente ou ele pode recuar em fazer uma avaliação e mandar outra pessoa, o que nos tiraria essa vantagem.

— Você fez bem. — Faço meu melhor para não roer a unha. — Ele ainda não avaliou a filial de Nova Iorque e perdemos um ponto no Canadá por conta do gerente idiota que eu tinha na época. Nossos padrões são impecáveis, eu sei, mas uma avaliação ruim desses críticos é o mesmo que jogar todo nosso trabalho no lixo.

— Eu sei. — Ele pega a minha mão e abre aquele sorriso confiante, fazendo minha respiração ficar presa na garganta. — Vamos conseguir.

Ele se levanta e sai a todo vapor, me deixando completamente perdida. Esse toque, que pra ele não foi nada, me abalou de uma forma que não sou capaz de compreender. Não posso fazer isso! Não posso!

Desço até a recepção, encontro Bill e vamos para sua sala, onde encontramos Ian.

— Então? — Ian pergunta assim que entramos, mostrando sua ansiedade.

— Ele pediu um quarto padrão mediano — é a resposta de Bill —, oferecemos o roteiro de atividades montado e nos colocamos à disposição para fazer um personalizado.

— Qual o nome dele, Bill? — Tento não parecer uma garotinha ansiosa, mas não consigo.

— Henry Ledger — assim que ele fala, faço uma busca no Google, mas encontro poucas informações.

Conversamos sobre nossa estratégia, que deve ser sutil, e logo nos separamos. Sinto a adrenalina percorrer minhas veias e simplesmente adoro isso. É um nervosismo bom. Estou nessa há bem menos tempo que alguns de nossos concorrentes, no entanto, venho escalando o sucesso com muito mais rapidez que eles e mesmo com o ponto que perdemos na avaliação do hotel no Canadá, foram feitos muitos elogios, isso é muito mais do que outros conseguem.

Bill e Ian colocam a equipe a postos para ficarem atentos às necessidades do “Duque”. Volto para minha sala e passo o resto do dia uma pilha de nervos. É quase fim de tarde quando Victoria entra em meu escritório.

— Srta., agendei uma sessão de massoterapia para você — ela informa, e eu estreito os olhos sabendo que não solicitei isso, mas pelo visto não a intimido —, a Srta. está muito agitada com tudo que está acontecendo, não quero que tenha um problema de saúde.

Quero recusar, quero brigar com ela por sua ousadia em se intrometer na minha vida, mas a verdade é que ela tem razão. Com muito esforço não reviro os olhos, apenas me levanto.

— Obrigada, Victoria. — Passo por ela com minha carranca habitual. — Algo mais que tenha providenciado? — pergunto com ironia, mas ela ignora.

— Não. Mas se desejar se retirar para a sua suíte após a massagem, posso pedir que levem seu jantar pra lá.

— Não é preciso.

Retiro-me e vou para a ala do SPA.

À noite desço para jantar e “coincidentemente” me deparo com o temível Duque. Ele está prestes a entrar no restaurante, assim como eu. O maître abre a porta, e ele gentilmente me deixa passar à sua frente. Sou cumprimentada assim que entro.

— Srta. Devenport — John fala com um discreto e profissional sorriso nos lábios. Ótimo! — Hilary vai levá-la até sua mesa.

— Obrigada, John. — Sorrio e sigo Hilary. Estou me afastando quando o escuto cumprimentando nosso hóspede e chamando outra pessoa para conduzi-lo a uma mesa de onde tenho uma boa visão dele, mas não tão perto a ponto da minha presença ali ser óbvia demais.

Durante o jantar observo que ele parece apreciar cada um dos pratos e tenho vontade de pular como uma adolescente, porém, mantenho minha postura e finjo ignorar a existência dele. Ao final do jantar, após a sobremesa espetacular que é uma especialidade de nosso chef, recebo uma taça de champanhe que não pedi. Olho inquisidoramente para o garçom e ele vira o rosto na direção do Duque. Merda. Vejo que o homem também tem uma taça e a ergue para mim em um brinde silencioso à distância. Dou um sorriso discreto, ergo minha taça e inclino a cabeça em cumprimento.

Assim que termino, vou até a sacada do restaurante para respirar um pouco, ainda não acredito que fui pega. Estou olhando o horizonte quando percebo a aproximação de alguém.

— Não é à toa que você tem deixado muitos veteranos do ramo em completo desespero. — A voz masculina profunda atrai minha atenção. — Como soube quem eu sou?

— Um dos motivos de chegar onde cheguei é não revelar abertamente minhas fontes — digo, me virando com um sorriso simpático.

— Touché! — Rindo junto comigo pega minha mão e de forma galante beija o dorso. — Henry Ledger, a seu dispor.

— Samantha Devenport. — Com uma pontada de audácia, completo. — Creio que seja eu que esteja a seu dispor.

— Jamais, Srta. Devenport. Especialmente quando se trata de damas como a senhorita. — O olhar dele é sagaz, pequenas rugas no canto de seus olhos me dizem que ele tem em torno de 40 anos e, seus modos são impecáveis.

Um pouco menos tensa, indico um banco onde nos sentamos para conversar. O Duque é incrivelmente charmoso e educado. Conversando com ele, não consigo imaginar como um homem assim pode escrever críticas tão cruéis. Ele tece elogios às filiais sob meu comando, mas deixa claro o que ele considera como pontos negativos, e por mais que esse tipo de coisa atinja meu ego como

empresária, sou forçada a concordar com seus pontos. No fim, nos despedimos e ele me convida para um jantar informal na próxima semana, quando ele não estiver mais em meu hotel. De forma muito diplomática, recuso o convite.

No dia seguinte, me sinto mais tranquila. Antes de ir para meu escritório, decido passar na sala que Ian está dividindo com Bill. Ergo a mão para bater, mas percebo que a porta está entreaberta. Ouço a voz de Ian falando baixo e de forma carinhosa; ele está ao telefone.

— E o que sentiu quando eles se mexeram? — ele pergunta e, em seguida ri com a resposta que dão do outro lado. Certamente está falando com a esposa.

Sinto um aperto estranho no peito, uma inveja, e o pior, de algo que eu sequer cogito em minha vida. Um absurdo total. Então antes que eu possa analisar esses sentimentos, bato levemente na porta e entro. Ian pede um minuto à pessoa do outro lado da linha quando me vê.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele se levanta prontamente.

— Gostaria de falar com você, mas posso esperar. Passa na minha sala depois, por favor. — Estou prestes a sair, mas ele faz um sinal para que eu fique.

— Querida, preciso cuidar de uns assuntos. — O que quer que sua esposa diz o faz sorrir de uma forma iluminada, e isso é como um soco no meu estômago. — Também te amo. Nos vemos mais tarde — ele completa, e desliga. Preciso de todo meu autodomínio para não deixar transparecer qualquer emoção.

— Fui pega — digo, sentando na cadeira de frente pra ele.

— Como assim? — A consternação e a preocupação estão estampadas em seu rosto.

— No jantar, ontem. — Meu ar despreocupado o confunde. — O Duque é uma raposa astuta, mas ficou tudo bem. Conversamos um pouco e ele ainda me paquerou — comento, dando uma risadinha despreziosa.

— Como assim, paquerou você? — Ian se levanta me olhando muito sério. — Isso é assédio.

— Ora essa, Ian, não foi nada demais. — Que reação exagerada, quero revirar os olhos. — Admito que foi bem lisonjeiro na verdade.

— Ele está a trabalho, pelo que me consta, e você é dona deste negócio. Parece-me uma situação um tanto irregular, não? — Ele não pode estar falando

sério.

— Na verdade, não há nada de irregular uma vez que eu não vi sua ação como algo abusivo. Além do que, creio que seria assédio se fosse o contrário, não? — Sinto uma raiva subindo dentro de mim. Quem ele pensa que é para falar desse jeito comigo? Logo ele, que estava cheio de amorzinho com a esposa no telefone.

— Se você enxerga dessa forma. — O jeito desdenhoso com que ele fala me faz querer esbofeteá-lo.

Me levanto ultrajada.

— Vim apenas lhe informar que está tudo bem com nosso hóspede especial. — Olho para ele com uma superioridade que não costumo usar. — Agradeço sua preocupação, mas ela é desnecessária. O outro motivo para ter vindo foi para avisar que Bill não virá hoje e nem amanhã. E uma vez que a situação foi contornada, você pode voltar a circular normalmente pelo hotel. — Percebo pela tensão no seu maxilar que está se esforçando para conter a raiva e não me responder. — Se precisar de alguma coisa estarei na minha sala — falo, já saindo. Estou no corredor quando escuto um “Merda!” abafado pelas paredes do escritório.

Mal o vejo por dois dias, tudo que precisa ser resolvido é intermediado por Kelly e Victoria, mas no terceiro dia, estou em minha sala quando ele aparece para falar comigo. Noto o jornal em sua mão e imagino o assunto, mas já li a crítica maravilhosa que o Duque publicou. Ainda estou chateada e penso em dispensá-lo, mas sentando-se de frente para mim, ele mexe no bolso de seu paletó e logo coloca sobre minha mesa uma barra de Snickers.

— Me desculpe — ele diz, enquanto o observo, sentindo todo o ar fugindo dos meus pulmões —, fui um idiota e lamento por isso, é só que por um momento esqueci que você é uma mulher adulta e minha empregadora, não a amiga que um dia eu tive e defendia com unhas e dentes.

Engulo em seco tentando sufocar a avalanche de emoções que me assolam neste momento. Será que ele não é capaz de entender as implicações por trás desse pequeno gesto? Como não esboço uma reação imediata, Ian volta a falar:

— Você ainda gosta, não é? — Ele aponta para a barra de chocolate e seu sorriso esperançoso me faz querer coisas que não devo sequer pensar.

— Eu não deveria — digo, pegando o chocolate, aceitando sua oferta de paz —, mas ainda como isso com uma frequência alarmante. — Percebo que ele relaxa visivelmente.

— Não há razões para isso, você está ótima como sempre — ele me diz isso como se estivesse falando do tempo —, você já leu a crítica?

— Sim. — Respiro aliviada pela mudança de assunto.

Conversamos um pouco e ele me fala sobre algumas ideias que teve para a parte de entretenimento dos hóspedes. Contratá-lo foi a decisão mais assertiva que tomei. Bill está sempre elogiando-o e creio que esteja aliviado em passar seu cargo para alguém a altura. Quando ele finalmente deixa a minha sala, não consigo mais calar meus pensamentos, olho para a lixeira onde joguei o papel do chocolate e deixo minha mente vagar por minhas lembranças.

— Você está atrasado — digo, deixando claro que não estou nada feliz. Ian sabe que odeio esperar, especialmente quando estou com fome e principalmente depois do que aconteceu hoje cedo. — Por que demorou tanto? — Não disfarço meu azedume.

— Fui comprar isso pra você. — Ele me estende uma barra de Snickers. — Achei que fosse gostar.

Cretino! Quer me subornar. Estreito meus olhos para que ele saiba que entendi muito bem suas intenções.

— Me perdoa por não ter falado sobre o trabalho com a Jess. — Ele continua com a mão estendida, meu chocolate preferido balançando e me hipnotizando. — Eu só não queria te deixar brava, sei que está muito estressada com a olimpíada de matemática.

— O que me deixou brava não foi você ter de fazer um trabalho com aquela vadia da Middle. — Cruzo os braços. — Eu realmente tenho vontade de torcer o pescoço dela sempre que chega perto de você, mas isso tem a ver com ela e não com você. Detesto essa garota desde o primário, mas confio em você. O que me deixou louca da vida foi você não ter me contado, e com isso ter dado munição pra ela achar que isso me incomodaria. Droga, Ian!

— Sei que pisei na bola, Sam. Só me perdoa. — Ele une as mãos com o chocolate bem no meio. — Por favor.

— Sabe que isso é jogo sujo, né? — Puxo o chocolate de suas mãos e ele

me abraça.

— Você fica linda quando está bravinha. — Antes que eu seja capaz de dar a primeira mordida no chocolate, ele captura minha boca em um beijo longo e profundo.

— Meu Deus! — murmuro comigo mesma, massageando meu pescoço. — Preciso ir embora daqui, e logo. Os quinze dias que pretendia ficar se transformaram em vinte e, essa proximidade com Ian está acabando com meu emocional.

No fim da tarde, me reúno com Bill e Ian para informar que ficarei apenas mais uma semana e que a partir daí está por conta dos dois definir a transferência total da função. Decidimos fazer um brinde ao sucesso que foi a semana e Bill pega a garrafa do seu melhor uísque escocês.

— Um brinde! — Sou a primeira a puxar, erguendo meu copo. — À nossa melhor contratação desde que você veio trabalhar comigo, Bill. — Rimos encostando nossos copos. — Parabéns, Sr. Railey — falo de forma zombeteira, uma vez que no ambiente mais restrito, Ian, Bill e eu nos tratamos pelo primeiro nome, algumas vezes Ian até mesmo me chama de Sam.

— Um brinde! — Agora é Bill quem toma a iniciativa. — Ao Duque e sua crítica.

Lá pela quarta dose, Bill se levanta e diz que precisa ir. Ian não faz menção de se retirar e eu não me importo com isso. Continuamos bebendo e conversando sobre diversos assuntos, evitando qualquer coisa mais profunda ou pessoal. Não sei muito bem quando nos sentamos no chão, ou quando fiquei descalça e Ian tirou o paletó e afrouxou a gravata, mas aqui estamos nós, completamente à vontade na presença um do outro.

— Então Damon disse que ele poderia pegar os hotéis dele e enfiar... — Dou uma gargalhada bêbada — Você sabe onde. — Ian ri muito enquanto conto como eu e Damon iniciamos nosso negócio.

— Eu não consigo acreditar — ele diz —, quer dizer, quando vejo as fotos dele nos jornais imagino que seja a pessoa mais calmamente irritante do planeta.

— E ele é. — Dou mais um gole pensando que deveria parar. — Enquanto eu sou uma bomba ambulante, Damon é um cubo de gelo. É bem

difícil tirá-lo do sério, só que uma vez que ele perca esse seu verniz, é melhor correr e se esconder.

Nossa risada vai morrendo gradativamente até que caímos em um silêncio contemplativo, olhando para nossos copos até Ian falar:

— Eu achei que vocês tivessem algo — ele confessa, antes de erguer os olhos e me encarar de uma forma que faz meu coração errar algumas batidas.

— Não, somos apenas amigos. Os melhores amigos.

— Assim como eu e você fomos um dia?

Nos encaramos em silêncio e realmente não sei o que pensar sobre esse comentário. Noto que Ian engole em seco e parece esperar algum tipo de resposta. Então não sei se é a bebida ou apenas eu mesma desistindo de ser sensata, que responde:

— Nada nunca foi ou será como eu e você.

A postura de Ian enrijece e percebo o arrependimento cruzar seu rosto. Quero retirar minhas palavras, mas o telefone dele toca e nos poupa de aumentar o constrangimento.

— Sally? — A forma como ele atende me deixa preocupada. — O que? Já estou indo. — Quando desliga o telefone, Ian já está de pé, assim como eu.

— Está tudo bem? — pergunto, quando ele pega a gravata e o paletó que estão na cadeira.

— Minha esposa passou mal, era a irmã dela ao telefone. — Ele passa as mãos pelo cabelo nervoso. — Droga! Era pra eu estar lá com ela.

— Você não tem culpa. — Toco seu ombro me sentindo péssima por ele. — Você não tinha como adivinhar.

— Sam... — Sei o que ele está prestes a dizer, mas não quero ouvir isso, não agora, talvez nunca, e por isso o corto:

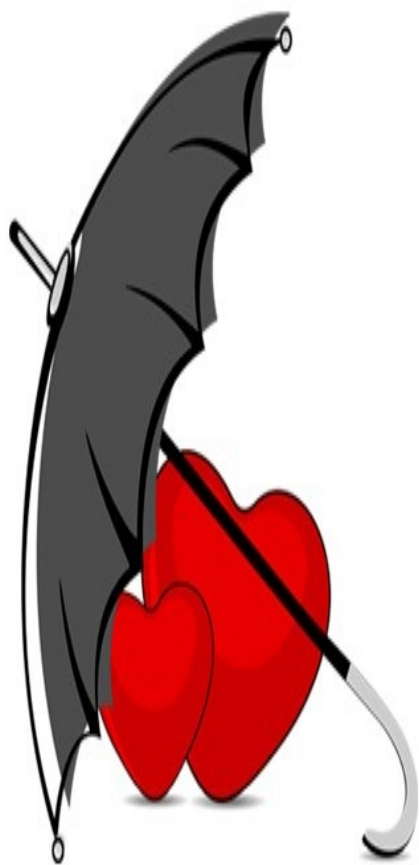
— Vá logo! — Com esforço, dou um sorriso confiante. — Tenho certeza que ficará tudo bem, mas não precisa se preocupar em voltar até que esteja certo disso também.

Ian hesita e imagino a luta interna que ele trava, sentindo-se culpado por esses momentos roubados comigo, enquanto sua esposa precisava dele em casa. Compartilho desse sentimento também, mas nesse momento ele precisa de

apoio, então é exatamente isso que ofereço.

— Obrigado — é o que ele murmura, antes de finalmente sair.

Encosto na porta que ele acabou de fechar e deslizo até o chão me sentindo miserável.



Capítulo 5

No dia seguinte, Bill vai até minha sala avisar que Ian não virá e me explica a situação de Nancy, a esposa dele. Parece que ela teve dilatações, o que é normal, segundo ele disse, neste período da gravidez, especialmente por serem gêmeos, mas como ainda é muito cedo para o nascimento, o médico vai mantê-la internada até que esteja fora do perigo de um parto prematuro.

— Por favor, Bill, providencie para que todas as despesas do hospital sejam pagas pela empresa. — Me sinto horrível com toda a situação e minha voz soa estranha até para meus ouvidos.

— Claro, Samantha. — Bill se levanta para sair, mas para por um instante me observando. — Será que algum dia você vai me contar essa história? — Em qualquer outro dia, essa pergunta me deixaria profundamente irritada, mas hoje me sinto tão anestesiada que sequer me dou ao trabalho de olhar pra ele quando respondo.

— Um amor de infância, nada de novo debaixo do sol. — Começo a digitar em meu notebook, ignorando a presença de Bill propositalmente. Ele

finalmente me deixa sozinha e eu baixo a cabeça sobre a mesa repetindo para mim mesma várias vezes, “Isso é passado! Isso é passado!”

Alguns dias se passam e em todos eles, Ian aparece para trabalhar, mesmo que não passe todo o expediente aqui. Bill é quem me mantém informada sobre o estado da esposa dele. Temos nos evitado desde aquela noite confusa, mas assim que descobre que as despesas serão pagas pelo hotel, ele vem me agradecer pessoalmente. Depois disso, não nos vemos mais. Ambos estamos fugindo, do passado que temos e de sentimentos que nem o tempo foi capaz de apagar.

Preciso ir embora dessa cidade, nunca passo mais de dez dias aqui e já tem praticamente um mês que cheguei buscando um substituto para Bill. Uma vez que esse objetivo foi atingido a contento, quero ir o quanto antes. Nova Iorque me traz muitas lembranças, especialmente esta época do ano.

Tento fervorosamente não pensar no passado, mas tudo nesta cidade me remete a ele. Pego o carro que aluguei e saio para espairer, dirigindo sem rumo até que, quando dou por mim, estou atravessando a ponte e indo para Nova Jersey pela primeira vez em doze anos.

Paro a alguns metros da casa onde cresci depois que meus pais e eu saímos de Manhattan, e fico observando o lugar. Vejo uma garotinha de mãos dadas com a mãe e é como se um filme passasse em minha mente. As duas riem e a mãe parece adorar a tagarelice da menina. Isso faz com que eu me lembre da infância que tive aqui, de como à tarde minha mãe sempre saía comigo para andar de bicicleta em um parquinho perto daqui, ou quando íamos até a sorveteria que fica na quadra de trás. Pisco tentando em vão lutar contra as lágrimas. Estar aqui é mais do que sou capaz de suportar. Estou tão absorta em lembranças que me sobressalto quando batem na janela do carro. Respiro fundo, limpando as lágrimas o mais rápido que sou capaz antes de baixar o vidro e ver o que se passa.

— Finalmente veio matar a saudade. — Sou acolhida pela voz melodiosa da mãe de Ian.

— Olá, Sra. Railey — digo, sorrindo um pouco constrangida e surpresa ao mesmo tempo.

— Ora essa Sam, saia desse carro para eu dar uma boa olhada em você.

Fungo um pouco e seco os resquícios de choro antes de abrir a porta. Assim que saio do carro sou surpreendida por um caloroso abraço, marca

registrada de Margareth Railey.

— É tão bom vê-la novamente, querida. — Ela se afasta, mas suas mãos estão em meus ombros. — Você continua linda!

— Obrigada. — Me sinto tão tímida quanto me sentia aos 15 anos, quando ela me apresentava para todo mundo como sua nora favorita.

— Fiquei tão feliz por Ian estar trabalhando com você. — Ela enrosca o braço no meu e começamos a caminhar. Percebo o quanto senti falta disso, dela. Meu peito se expande e se comprime ao mesmo tempo. Maggie sempre foi uma pessoa doce e de conversa fácil. Eu sequer me dou conta do que estamos fazendo até que viramos a esquina e vejo a casa dela.

— Querida, eu fiquei tão preocupada quando você foi embora — ela fala, dando tapinhas na minha mão —, mas sempre que vejo notícias sobre seu sucesso, fico muito feliz. Andie e Samuel estariam tão orgulhosos!

Não consigo evitar a dor que me atravessa como um punhal. Eu nunca, nunca falo dos meus pais. Olho para o chão e penso em ir embora logo, inventar qualquer desculpa e escapar para a segurança da minha solidão, porém, Maggie percebe e logo muda de assunto.

Sou facilmente persuadida a entrar e comer uma deliciosa fatia de bolo acompanhada de uma xícara de café. Como eu sentia falta disso, do carinho e da proximidade. Ela começa a falar do quanto o Sr. Railey a tira do sério agora que se aposentou e passa muito tempo em casa. Coincidentemente hoje, ele aproveitou para fazer companhia a Ian no hospital.

— Você precisa voltar aqui em outro momento. — Sorrio sem querer desapontá-la. — Patrick vai adorar revê-la. Sempre fala de você com carinho e fica muito orgulhoso quando vê suas conquistas. Mas fora todo esse sucesso profissional, como você, Sam, está?

Cada vez que ela me chama de Sam é como se eu voltasse a ser a garotinha que corria pelo quintal e subia em árvores, ou que estava sempre metida em travessuras com o filho dela, mas principalmente, a garota que era muito amada. Me sinto envergonhada por não ser mais aquela pessoa e por isso acabo tentando passar uma ideia diferente do que é minha vida.

— Bem. — Acredito que depois de anos sou capaz de enganá-la, mas vejo em seu olhar que não colou. — Eu amo meu trabalho e estou muito feliz.

— Que bom querida. — Noto que ela quer dizer algo, mas parece mudar

de ideia. — E onde está morando? — Sua escolha por assuntos neutros me agrada, prefiro me manter em terreno sólido.

— Tenho um apartamento incrível em Boston. — Sim, eu realmente adoro meu apartamento, embora não passe muito tempo nele. — Vocês poderiam ir me visitar lá um dia desses.

— Claro. — Ela sorri sem jeito e sei exatamente o que passa pela cabeça dela. Odeio isso, odeio como as pessoas se compadecem de minha solidão. Não preciso que sintam pena de mim, eu escolhi isso. *Eu*.

— Sabe, Boston é linda no natal, talvez vocês pudessem ir lá este ano.

Faço um esforço para manter meu orgulho intacto. Eu sequer sei como estava a decoração da cidade no ano passado, ou no ano antes dele. Eu nem me lembro quando foi a última vez que passei um Natal em casa. E para quê? Apenas eu e meu gato? King é tudo que tenho e eu realmente o adoro, mas não me sentirei destruída se ele fugir ou morrer. Ficarei triste, mas bem. Diferente do que eu sentiria se permitisse que pessoas como os Railey fizessem parte da minha vida.

— Então você costuma passar o natal em casa. Isso é bom. — Droga! Ela me pegou.

— Na verdade, costumo ficar com meus amigos — minto. Não acredito que estou mentindo descaradamente para Maggie Railey. Ou não, se eu parar para pensar que em duas ocasiões estive com a família de Damon.

— Bem, eu gostaria muito de tê-la conosco no natal. — O olhar dela parece triste e agora eu realmente me sinto uma merda. Ao dizer que passo o natal com meus amigos inexistentes, feri os sentimentos de Maggie que sempre teve por mim o carinho de mãe. — De verdade, Sam. Seja aqui ou em Boston.

Ela segura minha mão por cima do balcão da cozinha e eu apenas assinto com a cabeça e me levanto querendo encerrar essa conversa. Vamos até a sala onde vejo algumas fotos da família. Ian com a esposa. Não posso negar que ela parece ser uma mulher adorável, e eles formam um belo e apaixonado casal. Doty, a irmã mais velha de Ian, com o marido e um casal de filhos na casa deles em Luxemburgo.

— Veja como meus netos são lindos. — Maggie aponta toda orgulhosa. — Andrew já sabe ler e Mary está começando a andar. — Ela segue folheando o álbum até que chega numa foto bem antiga, onde estamos todos juntos, os Railey

e os Devenports, em um dos muitos almoços que fizemos juntos ao longo dos anos. Pela primeira vez sou capaz de olhar uma fotografia como essa sem me sentir doente de tristeza. É claro que ainda dói como se estivessem colocando um ferro em brasa na minha pele, mas de uma forma diferente. Acho que é o fato de todas as minhas lembranças serem sempre focadas apenas na dor e na perda e pela primeira vez eu vejo apenas como uma boa lembrança, algo precioso que precisa ser guardado com carinho. Ela toca meu rosto carinhosamente.

— Sei que é difícil não tê-los mais por aqui, mas os bons momentos permanecerão para sempre, e é nisso que devemos pensar.

Ela me disse exatamente isso meses depois da morte de meus pais, quando num acesso de raiva eu quebrei alguns porta-retratos em casa. Sem dizer nada, apenas concordo com um movimento de cabeça e ela me abraça. Me sinto leve, é como se tivessem tirado uma tonelada das minhas costas.

— Todos sofremos muito a perda de seus pais. — Ela toca docemente meus cabelos me fazendo sentir o acolhimento que há muito não sentia. — Entendo que naquele momento se afastar de tudo foi o melhor para você, mas não tem que ser assim pra sempre. Você é da família também.

— Obrigada, Maggie.

Fico mais um pouco conversando com ela e prometo que essa não será minha última visita. O mais surpreendente é que, de fato, pela primeira vez em muito tempo, não quero que seja minha última visita. Ela me acompanha de volta até meu carro, abro a porta e antes de entrar nos despedimos com um caloroso abraço.

Na volta para Manhattan, vou processando minha visita a Maggie. Há um motivo para eu evitar Nova Iorque e nunca ter voltado a Nova Jersey, e é esse abalo emocional. Lutei por anos para me transformar no que sou, para não sentir, para que nada me abale, bastou uma visita à casa dos Railey e tudo começa a desmoronar. Este lugar me enfraquece, essas pessoas me desestabilizam.

Isso tem que acabar. Começando por essa besteira de paixonite adolescente. Não sou mais uma menina, sou uma mulher e está na hora de encarar isso como tal.

Assim que chego ao hotel, ligo para Steve, um cara que conheci há alguns anos em uma das minhas visitas à cidade por conta dos negócios. Ele sempre está disponível para um encontro casual quando estou por aqui, e hoje, mais do que nunca preciso esvaziar a minha mente.

Como de costume, saímos para jantar e depois vamos para o apartamento dele. As coisas fluem como sempre, mas eu não consigo desligar minha mente de tudo que tem acontecido desde que cheguei a essa cidade. Que inferno! Ver a vida que eu poderia ter e a que eu tenho me faz pensar sobre minhas escolhas, mas não quero fazer isso. Eu sabia exatamente do que estava abrindo mão, e do motivo para fazer isso. Nada mudou. Continuo não querendo me sentir vulnerável diante das situações da vida. Eu controlo o meu destino.

Ou controlava, até Ian Railey aparecer em minha sala. Sinto um nó na garganta quando penso em como minha vida parece vazia em comparação a dele.

Steve está beijando meu pescoço e descendo por minha clavícula quando peço a ele para parar.

— O que houve, linda? — ele pergunta, me lançando um olhar que, acredito eu, seja para me seduzir. Acho que em outro dia, até teria funcionado, mas não hoje.

— Vou embora — digo, levantando e fechando os botões já abertos da minha camisa —, preciso dormir cedo, pois tenho uma reunião amanhã no primeiro horário.

Eu devia parar de mentir, sou péssima nisso.

— Samantha, você é dona daquilo tudo. É mais rica do que qualquer pessoa deste ramo. — Nossa! Ele dá uma piscadela ridícula que só me faz querer sumir o mais rápido possível. — Adie a reunião, passe a noite comigo.

— Steve, eu não *passo* a noite com você. — Faço questão de lembrá-lo.

— Só porque você não quer.

— Exatamente! — Pego minha bolsa e procuro meus sapatos. — Quando vai entender isso?

— Sei que nos vemos pouco, mas realmente gosto de você. — Ele fica de pé e me segura pelos ombros. — Estou pronto pra darmos mais um passo nessa relação.

Sufoco uma risada. Não acredito que ouvi isso.

— Então, Steve, não existe uma relação. — Uso meu pior tom de escárnio. — Acho que fui bem clara quando começamos a sair.

— Ah, querida! Mas já se passaram três anos. — Ele ri de forma confiante. — Acho que está na hora de sossegaros, não é?

É impossível segurar a risada diante da sua autoconfiança. A palavra "hilário" não chega nem perto de definir essa situação.

— Steve, acho que não devemos mais nos ver — consigo falar, quando finalmente paro de rir, e vejo que ele está bravo.

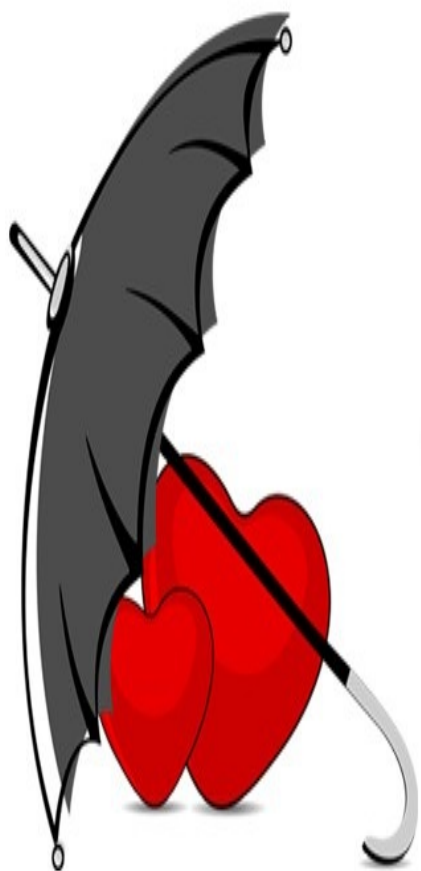
— Olha, Sam, você tem grana e beleza, mas isso não dura para sempre. Além do mais, logo estará velha para ser mãe. Acredito que minha proposta é uma das melhores que vai receber. Afinal, sou tão rico quanto você e posso lhe oferecer muito mais do que algumas noites quentes de vez em quando.

Eu vou da hilaridade à fúria. Quem ele pensa que é? Prego no rosto o mais debochado dos sorrisos e não o deixo perceber a raiva que borbulha em mim.

— Meu querido, por acaso, eu não tenho a menor intenção de sossegar, como você disse. Estou feliz e satisfeita com a vida que tenho. Como você mesmo enfatizou, sou indecentemente rica e não precisarei de um homem para ser mãe quando eu achar que quero ser, o que faz de você um acessório dispensável. — Despejo todo meu desdém e desprezo sobre ele, em seguida calço meus sapatos e pego minha bolsa.

— Você não tem coração. É uma mulher fria e calculista — ele cospe, cheio de rancor.

— E você, um pobre homem rejeitado, que precisa descer o nível por não ser capaz de entender que não estou desesperada a ponto de aceitar sua proposta ridícula. — Viro-me e não olho para trás ao sair batendo a porta.



Capítulo 6

Saio do prédio de Steve tão furiosa que vejo tudo vermelho na minha frente. Estou pouco me lixando para o que ele pensa, ou para sua proposta absurda. Prefiro passar o resto dos meus dias sozinha a viver ao lado de um idiota como ele.

Chego ao hotel e ao invés de ir para meu quarto, vou para o escritório. Preciso canalizar minhas emoções em algo útil e meu trabalho sempre foi o melhor lugar para esfriar a cabeça.

Uma hora na frente do computador resolvendo problemas e me sentirei senhora de mim novamente. Estou passando pelo corredor pouco movimentado devido ao horário quando esbarro com Ian. Ele tem trabalhado à noite, pois pela manhã está indo para o hospital ficar com a esposa.

— Oi, Sam. — Ele parece um pouco agitado, mas decido ignorar. — Que bom te encontrar agora, preciso passar rapidamente no hospital para buscar Nancy e...

— Outra vez isso? — explodo toda a frustração do meu dia em cima dele. — Quando o contratei, deixei bem claro as responsabilidades do cargo, no entanto, a cada dia você precisa pajear sua esposa.

O choque o deixa sem palavras por um instante.

— Sei que tem sido gentil em me liberar e não quero abusar, mas...

— Mas outra vez você precisa sair — eu o corto bruscamente, e vejo-o apertar a mandíbula —, acho melhor você pensar bem se está mesmo pronto para as responsabilidades desse cargo, pois não costumo ser tão tolerante.

Ian nunca foi o tipo de pessoa que explode e espalha estilhaços quando está furioso. Ele sempre foi do tipo que engole a fúria e a transforma em algo pior para atingir quem o atacou. E vejo que isso não mudou. Ele respira fundo, retira o crachá da camisa e pega no bolso o cartão codificado que apenas eu e o gerente geral temos, pois dá acesso a todas as dependências do hotel, coloca-os nas minhas mãos e sai pelo corredor sem dizer uma única palavra.

Quando me viro, vejo que Bill está bem atrás de mim. Ouço Ian murmurar um pedido de desculpas a ele, que apenas assente e aperta seu ombro em sinal de camaradagem. Ignorando o olhar de Bill, sigo em direção à minha sala e passo por Victoria, que parece ter algo a dizer. Ergo minha mão antes mesmo que ela abra a boca. Qual o problema dos meus funcionários? Ninguém encerrou o expediente hoje?

— Agora não — praticamente rosno, e quando estou entrando na minha sala, vejo-a de boca aberta e petrificada. Bato a porta com força e jogo longe as coisas que Ian deixou em minhas mãos.

— Inferno! — grito atirando ao chão um vaso que tenho na mesa. Respiro com dificuldade e sinto meus olhos arderem.

— Por que? — pergunto para o universo, para o destino ou simplesmente para o nada. — Por que? Doze anos se passaram, mas nada mudou. Que merda tenho na cabeça? Tô colocando tudo a perder pelo quê?

Desabo em minha cadeira e fecho os olhos por alguns segundos. Isso é loucura, Samantha. Fico repetindo para mim mesma. Não é real, não tem futuro. Por um tempo, tudo que faço é ouvir o som da minha respiração. No começo está carregada, mas aos pouco vai se normalizando.

Não posso permitir que as palavras do idiota do Steve me afetem dessa forma. Meu Deus! Nunca descontei em meus funcionários minhas frustrações,

eles devem achar que enlouqueci. Fico tão perdida em pensamentos que não escuto a porta da minha sala se abrir, por isso, quando abro os olhos levo um susto ao ver que não estou sozinha.

— Damon? — Sinto meu coração a mil e minha mente está confusa. — O que você faz aqui?

— Acho que eu posso fazer a mesma pergunta, não? — Odeio quando ele é sarcástico.

— Você sabe muito bem o que faço aqui. — Cruzo os braços emburrada.

— Sei? — Ele baixa a cabeça e nega antes de respirar fundo. — Liguei para o Bill e descobri que você *ainda* estava aqui. Algo incomum. Você nunca fica mais de dez dias nesta cidade. — Indo até o armário que tenho na sala, ele pega uma garrafa de uísque e dois copos. — O que sei é que você sumiu o dia todo, sem dar a menor satisfação à sua assistente sobre o que fazer com sua programação do dia. Situação alarmante. Te conheço há doze anos, Samantha, e você jamais cancelou um compromisso, quanto mais sumir sem revisar sua agenda do dia. Passou de forma tão intempestiva que sequer reparou que eu estava no sofá do lado de fora de sua sala. Nem se perguntou o que Victoria fazia aqui até essa hora.

Cada palavra dele me atinge como um golpe, Damon tem razão, estou completamente fora de mim. Sem dizer mais nada, ele senta à minha frente do outro lado da mesa e estende um copo de uísque.

Respiro fundo, pego o copo e, depois de olhar por um tempo para o líquido âmbar dentro dele, sorvo um grande gole.

— O que está acontecendo? — Damon pergunta recostando-se na cadeira.

— Não está acontecendo nada — digo, e ele fica me encarando em silêncio, alisando o queixo como se estivesse me analisando, algo que me deixa irritada —, não tenho culpa se Victoria achou que precisava fazer companhia para você, aliás, nem sei por que veio sem me avisar. Não sou criança, Damon. — Me ponho na defensiva.

Ele estreita os olhos para mim e inclina levemente a cabeça, sua expressão é pétrea.

— Você acha realmente que vim de Londres até aqui, preocupado com você, depois de passar uma semana infernal na Austrália aturando meu primo,

para simplesmente recuar diante da sua cara feia? Por favor, Samantha. — Ele revira os olhos desdenhando da minha atitude. Ser irritante! Depois toma um gole de seu uísque, degustando tanto a minha raiva quanto o belo puro malte.

— E quem te chamou aqui, afinal? — Despejo meu amargor sobre ele, mas Damon permanece calmo.

— Sabe, quanto mais agressividade você mostra, mais claro fica pra mim que tenho razão em me preocupar.

Quero gritar, usar minha autoridade e mandá-lo embora, mas estou cansada de lutar, cansada de brigar, me sinto fraca e abatida com tudo o que aconteceu hoje. Tomo mais um gole do meu uísque e vou para o sofá que tenho na sala. Sento, não da costureira forma elegante, mas apoiando os cotovelos nos joelhos. Respiro fundo e começo a falar:

— Quando eu tinha seis anos, escrevi uma carta pra Papai Noel dizendo que, naquele ano, ele poderia dar todas as bonecas e brinquedos que tinha separado para mim, para as crianças do orfanato, pois tudo que eu queria era que meus pais tivessem tempo pra brincar comigo. Nesta época vivíamos — meu pai, minha mãe e eu — em uma cobertura no East Upper Side. Eles eram executivos do alto escalão da bolsa. Eu tinha tudo do bom e do melhor, mas meus pais nunca tinham tempo pra mim, estavam sempre correndo e estressados. Eu passava mais tempo com os empregados, do que com eles, porém, quando viram minha carta, tudo mudou.

“Alguns meses depois, no meu aniversário de sete anos, eles me presentearam com uma mudança radical em nossas vidas. Deixaram seus cargos executivos em Manhattan e nos mudamos para Nova Jersey, onde eles abriram um pequeno negócio, que eles podiam administrar, sem negligenciar minha criação. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Para uma garotinha cheia de energia como eu, sair de um apartamento e ir para uma casa com um bonito jardim e um quintal espaçoso era o paraíso. Todas as tardes brincávamos juntos, e a vida era finalmente perfeita. O bairro residencial era tranquilo, e a escola bem perto de casa.

“No primeiro dia de aula, eu era a garota nova que não conhecia ninguém, e mesmo sendo o primário, as crianças podem ser difíceis. Então eu estava sentada sozinha, encostada em uma árvore, comendo o delicioso sanduíche feito pela minha mãe, quando um menino de cabelos escuros cheio de cachos e olhos de gato se aproximou perguntando se poderia sentar comigo. Ian foi meu primeiro amigo naquele lugar novo. É óbvio que depois de me verem

com ele, as outras crianças pararam de me evitar, e fiz algumas amizades.

“Mas Ian era aquele que sempre estava comigo o tempo todo, nas brincadeiras, nas travessuras e principalmente na hora da bronca. Quando nossas mães se conheceram, esse laço se estreitou ainda mais. Logo, os Devenport e os Railey eram como uma família só. Nossa amizade acompanhou nosso crescimento: dividíamos nossos sonhos e medos, vivíamos muitas aventuras e quando a adolescência chegou, percebemos que nossa amizade era algo mais.

“Foi algo tão natural e gradativo que não saberia dizer quando exatamente nos demos conta que estávamos perdidamente apaixonados um pelo outro. Começamos a namorar aos 14 anos, e não foi nenhuma surpresa pra quem nos conhecia. A verdade é que nossa família meio que torcia por isso. Brigávamos muitas vezes por ciúmes, mas isso tinha muito a ver com nossa imaturidade, principalmente quando aos 17 anos o sexo entrou na relação.

“Tínhamos tudo planejado, íamos para a mesma Universidade fazer um curso voltado para gestão e empreendimentos com foco em hotelaria. Nosso sonho sempre foi abrimos um hotel à beira mar ou de frente para um lago, onde passaríamos cada dia de nossa vida juntos. A primeira opção era a Universidade de Londres, pois me apaixonei pelo lugar desde que fui lá com meus pais aos doze anos de idade e, descobri que minha mãe se formou lá.

“Quando Ian não foi aceito, partimos para o plano B, por mais que eu sonhasse em ir para a Inglaterra, eu não queria ficar longe do amor da minha vida. Fomos aceitos em três das universidades da Ivy League. Porém faltando alguns meses para a formatura, meus pais morreram em um acidente de carro.”

Faço uma pausa e respiro fundo. Vim falando sem parar até aqui, mas um nó se forma em minha garganta ao falar desse acontecimento que mudou toda a minha vida. Percebendo a minha dificuldade, Damon segura minha mão e aperta suavemente. Pelo olhar dele, sei que não me forçaria a continuar falando sobre isso, ele sabe o quanto me dói falar do passado, lembrar dos meus pais e do amor que deixei pra trás, mas a verdade é que estou cansada de trancar tudo isso dentro de mim.

— Eu fiquei sem chão. — Reprimo o soluço angustiado que reverbera em meu peito. — Perdi as pessoas que mais amava na vida de uma só vez. Durante um mês inteiro eu me tranquei dentro de casa. Ian e seus pais não me deixaram sozinha um momento sequer e depois de muita insistência de Maggie, a mãe de Ian, fui morar com eles por um tempo, mas cada vez que precisava voltar na minha casa para pegar algo, não conseguia entrar lá sem chorar. Me

sentia fraca e perdida. Os únicos momentos em que não me sentia tão mal eram quando estava com Ian. Isso me apavorou, comecei a pensar que um dia eu poderia perdê-lo também, e que isso acabaria comigo. Eu não sabia o que fazer. Cada batida do meu coração era dedicada a ele, sua família era tudo que eu tinha na vida e, se eu perdi meus pais, que garantia eu tinha de que não perderia também os Railey?

“Foi quando me ocorreu que eu precisava mudar. Cortar laços e aprender a viver por conta própria, ser forte por mim mesma e não amar ninguém a ponto de sofrer daquela forma outra vez. Naquele momento, decidi colocar um oceano entre nós. Eu achava que a distância me faria forte emocionalmente e tiraria de mim essa dependência sentimental. Como eu ainda estava dentro do prazo para me inscrever na Universidade de Londres, liguei para o advogado que estava cuidando dos trâmites legais com relação à herança e seguro que eu receberia, e perguntei se eu teria o suficiente para ir embora. Quando ele disse que sim, não pensei duas vezes.

“No momento em que comuniquei a Ian minha decisão, já estava tudo encaminhado. Não podia correr o risco de voltar atrás. Obviamente ele ficou bravo e magoado, discutimos várias vezes, mas na véspera da minha partida, ele esperou que todos dormissem e se esgueirou até o quarto que eu ocupava na casa dele, só para dizer o quanto me amava e aquilo me quebrou por dentro, pois eu o amava com a mesma intensidade, algo que ao invés de ser motivo de alegria, como muitas vezes foi, transformou-se no meu maior medo, e a razão de todos os meus pesadelos.”

Paro de falar por um instante. Estou angustiada e não consigo mais ficar sentada quieta. Me levanto e vou até a janela. Vejo a movimentação tão comum das ruas de Nova Iorque a esta hora. Toco o vidro e sinto a friagem de fora através dele. Estremeço, mas não sei se é exatamente por causa do frio. Quando me viro, noto que Damon está me observando com ar de expectativa. Bem, já vim até aqui, então contarei todo o resto.

— Dormimos abraçados e na manhã seguinte quando ele me pediu em casamento no aeroporto, eu me apavorei e terminei tudo. Fui embora e jamais olhei para trás — concluo meu relato, e volto a me sentar no sofá de frente para ele. Percebo que Damon está espantado e ao mesmo tempo emocionado. Não consigo acreditar que me abri tanto, quer dizer, ele se tornou meu melhor amigo, o único na verdade, desde que deixei os EUA e minhas lembranças. Porém jamais explanei minha vida pessoal de forma tão aberta. Mas sinto um enorme alívio por finalmente colocar tudo isso para fora e dividir esse peso que venho

carregando sozinha por anos.

— Então, Ian Railey, gerente geral, é o mesmo Ian Railey do seu passado. — Mesmo sabendo que ele está afirmando e não perguntando, me sinto impelida a assentir movendo a cabeça. — Isso explica muita coisa. Imagino que não foi fácil pra você recusar o pedido dele.

— Nem um pouco. Eu o amava mais que tudo, Damon. Mas esse amor me enfraquecia. — Damon pega minha mão, oferecendo conforto e contrariando todos os meus instintos tão bem treinados para sempre me distanciar, eu aceito. — Não suportaria passar por tudo aquilo de novo e eu acreditava piamente que isso aconteceria.

— Então vocês nunca mais se viram ou se falaram depois dessa despedida?

— Não. Eu mantive contato com os pais e a irmã dele por um tempo, mas depois me distanciei deles também. Sempre usando como desculpa os estudos. — Deixo minha cabeça tombar pesadamente no encosto do sofá. — Eu sequer os convidei para a minha formatura. — Minha voz estremece pela emoção. — Foi quando percebi que tinha realmente conseguido o que desejava. Eu estava sozinha. Nada mais poderia me machucar. — Respiro fundo e seco uma lágrima teimosa.

— Você não poderia estar mais enganada, Samantha. Pois tenho certeza que nada doeu tanto quanto esse momento. — Balanço minha cabeça negando, mas ele continua a falar. — Você não tinha seus pais, seus amigos, muito menos seu grande amor. Não posso imaginar dor maior que essa.

— A essa altura, Damon, eu já não sentia mais nada.

— Não mesmo? — Sua incredulidade me faz questionar coisas que jamais questionei e isso automaticamente me põe na defensiva de novo.

— Obviamente que não. Eu estava tão empolgada com minhas conquistas, que sequer me importei. — A forma como falo não engana ninguém, mas jamais admitirei que naquele dia eu chorei por horas e que depois disso, nunca mais chorei, até reencontrar Ian.

— Minha querida, você era só uma menina assustada, está na hora de superar isso. — Damon dá tapinhas na minha mão como se fosse capaz de ler minha mente e saber o que eu não disse.

— Eu já superei. — Me levanto abruptamente. — Não tente me analisar,

Damon. As coisas são mais simples do que você imagina. Eu sofri? Sim. Mas hoje sou dona da minha vida e do meu destino.

Ele se levanta e olha pra mim.

— Não somos donos do nosso destino, por mais que você queira acreditar que sim. E esse reencontro com seu grande amor serve para provar.

Quero refutar suas palavras, quero seguir negando que isso me afeta, mas não consigo. Durante doze anos eu fugi, lutei, neguei, mas estou tão cansada.

— Vocês precisam resolver esse assunto inacabado. E você precisa parar de fugir.

— Não há nada para resolver. Além do mais, ele é casado e vai ser pai.

— E o que isso tem a ver? — Pela primeira vez, vejo Damon endurecer sua voz. — Não estou sugerindo que vocês tenham um caso, estou dizendo que precisam pôr um ponto final neste assunto como adultos.

— E você acha que não fiz isso? — Sei que estou sendo desnecessariamente sarcástica, mas não consigo evitar. — Quando me dei conta de que ele era minha melhor opção para o cargo, saímos para conversar. E veja, não adiantou.

— É mesmo? — Não me passa despercebida a ironia dele. — Samantha, não estou dizendo para vocês baterem um papo, fingirem que está tudo bem, e que o resto é passado. Não é passado! Não acabou e não vai acabar até que tenham uma conversa sincera sobre isso.

— E o que você me sugere? Que sentemos, eu, ele e a esposa e façamos a roda da amizade? Você enlouqueceu?

— Você ainda o ama e precisa encarar esse fato.

— Eu não...

— Ama sim — ele me corta, voltando a pegar minhas mãos com gentileza —, o fato de ter ficado na cidade por esse tempo todo, a forma tão perturbada como entrou nesta sala, mostram isso. Não estou dizendo para ir até ele e declarar seu amor, mas Ian tem que saber que o passado ainda te afeta para que possa saber como lidar com isso. Vocês dois precisam aprender, afinal, se ele vai assumir definitivamente o cargo de Bill, essas coisas precisam ficar de lado.

Mordo meu lábio processando as palavras dele. Por mais que eu queira gritar e esparnear negando, ele está certo.

— Se tem uma coisa que aprendi Samantha, é que quando aprisionamos alguém em nosso coração, somos nós que ficamos reféns. Você precisa deixá-lo ir.

Damon me abraça, e num primeiro momento quero resistir, não há nada que me enfureça mais que a piedade alheia, mas sei que não é este o caso, assim, acabo me rendendo e apoiando a cabeça em seu ombro enquanto ele me embala.



Depois que me despeço de Damon, vou para minha suíte. Ligo para Ian duas vezes, mas cai direto na caixa postal. Decido deixar uma mensagem.

— Ééé...oi, Ian. É a Samantha. Sinto muito por ter falado com você daquela maneira, eu tive um dia péssimo e não deveria ter descontado em você. Na verdade, gostaria de me desculpar pessoalmente. Hmmm...ainda odeio deixar mensagens de voz. — Dou uma risadinha. — Espero que Nancy e os bebês estejam bem. Mais uma vez, me desculpe. Por favor, me liga para conversarmos direito. Eu...

Piiii.

O som estridente encerra minha ligação. Foi melhor assim, eu acabaria dizendo alguma besteira. É melhor falar pessoalmente com ele.

Depois de um longo banho, fico deitada na cama repassando em minha

mente esse dia caótico. Quando peguei o carro e saí sem um destino em mente, nunca imaginei que acabaria na casa de Maggie Railey. Falar com ela, ver aquelas fotos, tudo isso me abalou de uma forma inesperada.

A conversa com Damon também me fez questionar muitas coisas, como minha fuga, por exemplo. Não posso voltar no tempo e mudar o que fiz, mas posso tentar agir de forma diferente. Sei quais são os riscos, mas a verdade é que essa vida solitária também tem me feito sofrer, por mais que eu tenha relutado em admitir isso.

Pego no sono sem perceber; quando acordo, me sinto estranha, com o coração pesado e os sentimentos confusos. Hoje completam treze anos que meus pais morreram e pela primeira vez me sinto compelida a ir visitar o túmulo deles.

Levanto e depois de um banho revigorante, tomo um rápido café da manhã e saio. Estou pegando o trânsito quando me lembro dos transtornos causados pelo meu sumiço ontem. Aperto o número de Victoria na discagem rápida e falo com ela pelo viva voz.

— Bom dia, Srta. Devenport — ela me cumprimenta.

Mesmo sendo muito cedo para o início de seu expediente, sua voz é de quem está sempre pronta.

— Bom dia, Victoria. Tenho assuntos pessoais para resolver e só estarei de volta na hora do almoço.

— Sem problemas, Srta. Reagendarei seus compromissos.

— Não precisa ser imediatamente, faça dentro do seu horário de trabalho, não quero você sacrificando seu descanso. Só liguei agora porque posso ficar sem sinal depois.

— Não se preocupe — ela responde com a voz menos tensa —, devo agendar os voos para o México e Londres?

Estou parada em um semáforo enquanto penso sobre isso. Damon tem razão já fiquei tempo demais aqui.

— Faça isso. Vamos para o México depois de amanhã e para Londres na próxima semana. Diga a Damon que quero adiantar a reunião este ano, pois vou tirar férias. — Por mais que tente disfarçar, percebo que Victoria fica surpresa.

— Direi a ele. — A satisfação dela é evidente.

— Aproveite e faça seus planos, você vai tirar férias também.

— Basta me dizer o destino que farei o roteiro.

— Victoria, você vai tirar férias de mim. Faça o que quiser. — Sorrio ao ouvi-la derrubar algo do outro lado. — Era só isso que eu queria, vou desligar.

— Tenha uma ótima manhã — ela me deseja.

— Igualmente.

Dito isso, encerro a ligação e sigo em direção à ponte.

Mais uma vez estou em Nova Jersey, fico circulando pelo meu antigo bairro. Passo em frente à casa na qual cresci, a escola primária e a secundária onde estudei, vejo o lugar que costumava ser a loja dos meus pais e agora se transformou em uma lanchonete. Sei que saí com o propósito de visitar o túmulo de meus pais, mas assim que chego à cidade, me vejo adiando esse momento ao passear por todos os lugares conhecidos, até que por fim paro na frente do cemitério.

Desligo o carro e permaneço dentro dele, segurando o volante, baixo minha cabeça e, por um bom tempo, não faço nada além de respirar. Encho-me de coragem e saio do carro. Paro em frente ao túmulo deles, e depois de colocar as flores ali, me ajoelho olhando a lápide.

Andie e Samuel Devenport, casal apaixonado e pais dedicados.

Abaixo estão suas datas de nascimento e morte.

Minha visão fica turva com as lágrimas e pela primeira vez, depois de treze anos, me permito chorar novamente a perda dos meus pais. Agora entendo o que Damon quis dizer quando falou sobre resolver pendências emocionais. Em minha luta por ser forte, não entendi que a verdadeira força está em admitir nossas fraquezas e chorar nossas dores. Eu cometi um erro terrível e não sou capaz de consertar. Afastei a única família que me restou e abandonei o amor da minha vida, e, por mais que esse sentimento não tenha mudado, nossa vida mudou.

— Ah! Mamãe, papai, eu fiz uma grande besteira. — Pego um lenço de papel em minha bolsa e seco minhas lágrimas. — Preciso tanto de vocês.

Estou tão absorta em minha dor, que não percebo a aproximação de outra pessoa até que sinto uma mão tocar meu ombro. Quando me viro e vejo Ian, não

penso em mais nada, me atiro em seus braços. Ele está agachado e acaba caindo sentado, mas não me afasta, pelo contrário, sou acolhida por ele enquanto choro todas as lágrimas que guardei por anos.

Depois de um tempo, finalmente paro de chorar. Pegando meu lenço, Ian seca meus olhos, nariz e bochechas. Seu toque é tão carinhoso e doce que sinto meu peito doer.

— Sinto muito — digo com a voz trêmula.

— Está tudo bem, ouvi sua mensagem e entendi que teve um dia difícil. — Ele inspira profundamente. — Eu também soube de sua visita à minha mãe. Imagino como foi pra você...

— Não! — eu o corto, me levantando e ele me acompanha, ficando de pé. — Não me refiro ao que aconteceu ontem, quer dizer, lamento por isso também, eu fui uma vaca. — Ele ri do termo chulo. — Mas Ian, digo sobre o que aconteceu no passado.

Vejo sua expressão se fechar e seu corpo enrijecer, deixando suas mãos, que antes repousavam sobre meus ombros, caírem.

— Já falamos sobre isso — ele diz, me dando as costas e pegando algo em cima de uma outra lápide —, o passado está onde deve estar.

— Não, Ian. — Engulo em seco, temendo mais que tudo esse momento. — Jogamos areia em cima do assunto. Enquanto não falarmos abertamente sobre isso, estaremos sempre com essa tensão pairando sobre nossas cabeças.

— Samantha, não tenho nada pra falar sobre isso. — Ele se vira e vejo a dor e a raiva em seus olhos. — Vim aqui apenas deixar essas flores no túmulo de seus pais. — Então reparo no buquê em suas mãos.

— Ian, se eu pudesse mudar o passado...

— Mas não pode. Não pode! — Sua explosão me choca. — Você seguiu em frente e eu também. Fim.

— Eu não segui, a verdade é que minha fuga me fez cativa desse passado, e agora, vendo sua reação, vejo que não sou a única.

— Você não vai desistir, não é? — Ele passa as mãos nos cabelos, desgrenhando-os. — Então vamos falar. Que tal começarmos pelo meu coração partido? Ou talvez sobre sua rejeição? Melhor ainda, Samantha, vamos falar sobre todas as vezes que tentei retomar contato com você e fui ignorado.

— Ian...

— Um ano. Durante um ano inteiro eu te liguei, mandei e-mails, e só não fui a Londres porque minha mãe me fez entender que isso pioraria as coisas. Ela me disse pra te dar um tempo, que deveria partir de você, que seu coração estava machucado e que logo você enxergaria... — Ele esfrega os olhos furiosamente e imagino que esteja tentando não chorar. — Eu fui um idiota em pensar que ela tinha razão, mas uma coisa é verdade, ir para a Inglaterra teria sido apenas um acréscimo à minha humilhação.

Respiro com dificuldade ao perceber que a dor que lhe causei foi ainda maior do que eu imaginava.

— Mas sabe o que é pior? — Eu nego com a cabeça, não consigo pronunciar uma palavra sequer. — Eu esperei. Esperei durante todo o período em que estive na faculdade e esperei mais um ano depois disso.

Meu Deus! Se antes eu achei que sentia dor, agora sinto que vou morrer. Eu sabia que o tinha magoado quando terminei nosso namoro. Obviamente eu sabia que ele sofreria com isso, mas não imaginei que o devastaria tanto quanto eu fui devastada. Tento engolir, mas não consigo e um soluço angustiado escapa por meus lábios quando tento falar.

— Sinto muito — eu murmuro —, nunca imaginei...

— Eu te amava, Sam. — Seu tom é cansado e ele já não esbraveja. — Tudo que eu queria era que você tivesse confiado nesse amor.

— Eu era uma garota assustada com a ideia de perder mais alguém que amava — tento justificar —, achei que se eu o afastasse, doeria menos.

— Funcionou? — Sua voz transmite apenas tristeza e não consigo responder com palavras. Por isso, apenas balanço a cabeça negando.

Ficamos em silêncio por um tempo, organizando nossas emoções. O que sentimos ainda está aí, nunca deixamos e nunca deixaremos de sentir esse amor avassalador.

— Samantha, nada disso importa mais.

Ele tenta mascarar outra vez seus sentimentos. Está fugindo. Não vou deixar.

— Importa sim — falo um pouco mais alto —, importa porque eu te amo, porque te amei cada dia desde a primeira vez que te vi, e esse sentimento

queima e arde dentro de mim como um ácido. Te deixei sim, porque te amava tanto, que a ideia de perder você como perdi meus pais me apavorava, e não voltei, por ser covarde demais para encarar as consequências da minha decisão estúpida.

— Sam... — Vejo em seu olhar que minhas palavras o ferem. — Droga! — ele grita. — Por que me diz isso agora? Para me torturar?

— Porque não suporto mais viver em negação. E você merece saber como me sinto.

A vulnerabilidade dele me toca, o que vivemos um dia ainda é tão forte que dói em nós dois. Minha escolha, minha decisão precipitada, acabou com tudo. Mas mesmo o magoando, mesmo que eu o tenha destruído, o sentimento ainda está ali, quebrado, estilhaçado, mas ainda latente. Sem pensar em absolutamente nada, eu me jogo em seus braços e o pego de surpresa ao tentar beijá-lo. Ian me segura pelos ombros e me afasta imediatamente.

— Por que fez isso? — Ele me olha transtornado.

— Eu te amo e vejo nos seus olhos que ainda sente o mesmo por mim — respondo, tomada pela ousadia e por uma necessidade insana de lutar.

— Não importa o que você vê, Samantha. Você fez sua escolha no passado e neste momento eu estou fazendo a minha. Me casei com Nancy, vamos ser pais. Minha vida e meu amor pertencem a ela, a nossa família.

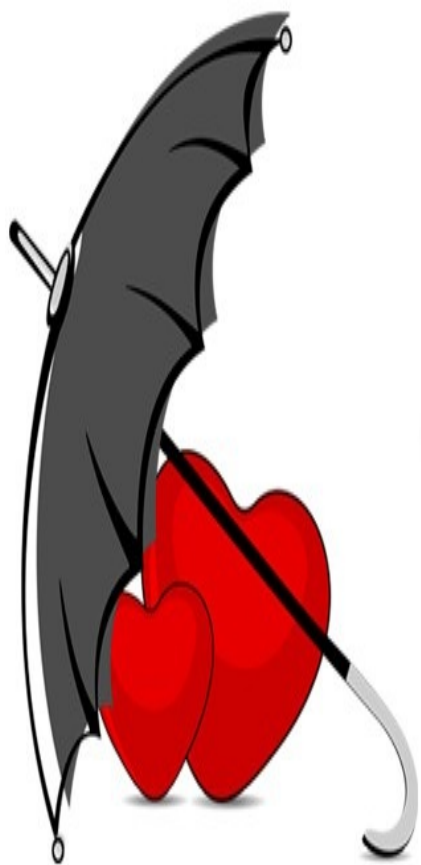
Eu o encaro chocada, não por suas palavras, mas por minhas ações. Onde eu estava com a cabeça? A culpa me corrói, a vergonha me açoita.

— Sinto muito! — é tudo o que digo antes de sair correndo para o meu carro.

Entro e bato a porta com força, respiro fundo e minhas mãos tremem quando vou colocar a chave na ignição. Estou tão transtornada que sequer ponho o cinto de segurança e com uma arrancada brusca saio em disparada pela rua, mas há uma curva bem à frente, e tudo acontece tão rápido que mal sou capaz de processar. Freio bruscamente o carro quando o vulto de um animal passa rapidamente diante de mim, mas a pista está um pouco molhada pela chuva, e por isso ele gira. Como não coloquei o cinto, sou arremessada para fora. Rolo pelo chão até sentir algo duro bater em minhas costas. Não consigo me mexer, então fecho os olhos. Parece que uma eternidade se passou quando ouço o som das sirenes de uma ambulância. Sinto que estou prestes a perder a consciência e

me lembro do sonho que vez por outra atormenta meu sono.

É impressionante como quando sua vida chega ao fim, cada momento vem à sua mente. É como se estar à beira da morte nos tornasse mais sensíveis, apesar de não sentir nada fisicamente neste momento. Nos minutos entre o acidente e a chegada do socorro, minhas memórias trabalham sem parar. Penso em Ian. Fiz uma grande burrada e é tarde demais para consertar. É tarde demais para muitas coisas. O entorpecimento começa a passar e sinto o calor de uma lágrima em meu rosto. Eu só queria uma nova chance. Se eu pudesse, faria uma escolha diferente. Sinto que estou sendo levada para uma terra longínqua, onde tudo é lindo e perfeito, onde não há dor, perda, ou sofrimento...



Capítulo 8

Bip.

Bip.

Bip.

O som repetitivo e irritante me desperta. Sinto minha garganta seca e quero implorar por água, mas parece que meus braços pesam uma tonelada.

Minha cabeça lateja horrores, a dor se multiplica quando tento abrir os olhos. Onde diabos estou? O que aconteceu?

O acidente, agora me lembro. Respiro fundo, preocupada com as possíveis sequelas, mexo os dedos dos pés e fico aliviada ao senti-los, apesar de estar dolorida. Quando vou mexer os dedos das mãos, percebo que alguém está segurando uma delas. Como estou com um daqueles troços de pescoço, não consigo me mover e ver quem é. Não sou capaz de imaginar um único ser

humano que poderia estar aqui fazendo isso. Não tenho parentes...seria Damon? Bill?

Aperto os dedos da minha companhia misteriosa e ela se move. Escuto um murmúrio sonolento pouco antes da pessoa se levantar espantada ao perceber que acordei.

— Sam!

Assim que escuto sua voz e nossos olhares se encontram, não sei quem está mais chocada.

— Ian? — Minha voz sai baixa e esganiçada.

— Não fale — ele diz, e corre para apertar um botão na parede —, meu Deus! Finalmente você despertou. Estava tão preocupado, meu amor — ele fala, beijando minha mão e fico me perguntando se realmente acordei ou se ainda estou dormindo. No mínimo estou em um universo paralelo ou enlouqueci de vez.

Ah, meu Deus! É isso. Não perdi os movimentos, mas fiquei louca. Meu cérebro não tá funcionando direito. Começo a hiperventilar e pontos de luz salpicam minha visão quando a equipe médica chega. Médico e enfermeiras me examinam e falam de forma tranquilizadora. Vou me acalmando e quando eles erguem a cama onde estou, não vejo mais Ian por ali. Respiro aliviada. A última coisa de que preciso além de um corpo dolorido, é uma cabeça que não funciona direito.

Finalmente me dão um pouco de água e o médico está me fazendo perguntas como: minha data de nascimento, ano em que me formei e nome dos meus pais. Ele segue com seu questionário quando Ian volta para o quarto. Minha respiração fica presa na garganta e paro de falar com o médico que me observa preocupado.

— Algo errado, Sra. Railey? — ele pergunta e eu o encaro chocada.

— Perdão? Do que o senhor me chamou? — Percebo que Ian lança um olhar significativo ao médico antes de vir se postar ao meu lado.

— Eu a chamei de Sra. Railey — ele repete com cautela —, este é seu nome. Não?

Olho pra Ian e depois para o médico, tendo certeza que enlouqueci. Eles percebem que estou à beira de um ataque e me encaram preocupados.

— Meu amor — Ian diz, pegando minha mão. Eu a puxo de volta e começo a bater no meu rosto.

— Samantha — digo a mim mesma, ignorando os olhares deles —, Samantha Devenport. Você precisa acordar! Você tem uma reunião de negócio em Londres daqui a uma semana. Não é hora de surtar.

— Sra. Railey — o médico me chama em tom condescendente.

— É Devenport! — eu grito. — Meu sobrenome é D-e-v-e-n-p-o-r-t — soletro, ficando histérica.

Percebo a aproximação de alguém com minha visão periférica e antes que eu possa fazer algo, sinto uma picada em meu braço. Começo a me sentir estranha e as coisas vão ficando em câmera lenta enquanto eu adormeço.

Quando volto a acordar, sinto minha mente entorpecida. Pisco algumas vezes, tentando me situar e vejo que Ian permanece ao meu lado.

— Oi, Sam. — A voz dele é baixa e receosa.

— Oi — digo um pouco sem jeito, lembrando vagamente do meu ataque. — Por que você está aqui?

— Vou chamar o médico para que fale com ele. — O medo estampa seu rosto e temo que chamando o médico eu seja sedada novamente.

— Não — digo baixinho —, por favor, fica aqui comigo.

Mesmo desconfiado, ele se senta outra vez do meu lado e toca minha mão, e, é quando percebo que estou usando uma aliança, assim como ele.

Meu Deus! Eu não tô sonhando, pelo visto eu realmente estou casada com ele. Mas como?

— Então... — Preciso ir com calma e medir minhas palavras. Não quero sair daqui direto para um manicômio. — O que aconteceu?

— Eu esperava que você me dissesse. — Noto seu olhar indo na direção da campainha que aciona o médico. Por isso, me apresso em prender sua atenção.

— Eu estou aqui por causa do acidente, não é? — Fico mais nervosa a cada segundo. O que tá acontecendo?!

— Sam, eu cheguei em casa e você estava desmaiada com um corte na cabeça. Não sei se foi um acidente.

Suas palavras me fazem tocar instintivamente em minha cabeça e sentir a gaze que a envolve.

— D-desmaiada? — gaguejo sem conseguir entender.

Ian continua me olhando como se eu fosse entrar em colapso outra vez e sua preocupação faz meu coração acelerar. Minha última lembrança é daquele momento horrível e constrangedor no qual pus meu coração aos pés dele, porém, a situação o levou a me rechaçar. Eu não faço a menor ideia do que aconteceu depois disso, e neste momento é tudo tão surreal que sinto vontade de gritar.

— Vou chamar o médico para conversarmos com ele.

Meu estarrecimento é tão grande que nem me dou o trabalho de tentar impedi-lo novamente. Quando Ian volta, vem com um médico diferente do que me atendeu antes.

— Bom dia. — Seu tom é neutro e reparo que ele não usa meu nome ou sobrenome para se dirigir a mim. — Sou o Dr. Vaughn e vou assumir seu caso.

— Meu caso? — Começo a me sentir acuada e não gosto disso. — Você é psiquiatra? Tá aqui por que acha que sou louca? — Me ponho na defensiva.

— Não é nada disso. — Ele se aproxima de mim com uma calma irritante. — Na verdade, sou neurologista, como você sofreu uma lesão na cabeça e acordou um pouco confusa, sou o especialista indicado para te atender.

Sem dizer nada, eu apenas concordo com um movimento de cabeça. Preciso pensar bem no que direi para não sair daqui direto para a ala psiquiátrica.

— Muito bem, o que acha de me contar o que estava fazendo no dia em que sofreu o acidente?

— Eu... — Acabo hesitando.

— Não tenha medo, estou aqui para ajudar, mas só posso fazer isso se me disser do que se lembra.

Neste momento, sinto outra vez a mão de Ian segurar a minha, entrelaçando nossos dedos, enquanto ele me olha com carinho. Isso realmente está acontecendo? Só pode ser um sonho e agora estou morrendo de medo de acordar.

—Vamos, Sam. — Seu tom confiante acelera meus batimentos e é constrangedor, pois ainda estou conectada ao monitor de frequência cardíaca. O médico levanta preocupado e sinto minhas bochechas arderem de vergonha.

— A senhora está tendo um pico de ansiedade, por favor, fique tranquila, prometo que estou aqui apenas para ajudar.

Engulo em seco e volto a concordar. Depois de respirar fundo eu falo:

— Não me lembro de nada, quer dizer, ao menos não de ser casada com ele.

O médico apenas balança a cabeça e faz anotações enquanto vejo o choque transformar o rosto de Ian.

— Mas você se lembra dele? — o médico prossegue, ignorando o quão perturbado meu “marido” parece estar.

— Sim. Nos conhecemos ainda na infância. Namoramos na adolescência, mas terminamos quando fomos para a faculdade.

Sem se dar conta, Ian aperta minha mão com força e eu acabo gemendo de dor. O médico desvia sua atenção das anotações.

— O que houve? — ele pergunta.

— Me desculpe — Ian diz pra mim, afrouxando o aperto e, em seguida esfregando para amenizar a dor —, eu só...quer dizer, nunca rompemos, Sam.

— O quê? — Me ergo na cama, sentindo minha cabeça girar pelo movimento brusco. Ian me segura pelos ombros e me estabiliza. — Como assim não terminamos? Eu ia para Londres e você me pediu em casamento...

— Exatamente, e quando aceitou, cancelou tudo e ficou comigo. Nos formamos na Cornell.

— Sra., eu vou... — Deduzo que o Dr. Vaughn pretende me sedar novamente, por isso o corto.

— Não. Eu estou bem, só confusa. Por favor, guarde seus sossega-leões — peço a sério, mas o médico acaba rindo.

— Não pretendia medicá-la — ele diz —, é normal se sentir confusa depois de uma pancada como essa na cabeça. Vou apenas pedir uns exames. Fique tranquila, preciso de você bem lúcida.

— Acalme-se, meu amor. — Ian se aproxima e beija minha testa. — Vai ficar tudo bem.

Definitivamente, acho que morri.

Sou levada para fazer vários exames durante os quais tento analisar minha situação. Já belisquei diversas vezes meu braço, em todas doeu. Quando saí de um dos exames, pedi para ir ao banheiro, enchi a pia com água e ao mergulhar meu rosto e prender a respiração fiquei com falta de ar. Não há nada que explique ou justifique o que está acontecendo. Será que eu sonhei com aquela vida solitária? Ou será que estou sonhando com a atual?

Meu braço dolorido e a respiração ofegante me dizem que estou vivendo a realidade. Mas então, o que aconteceu?

O corte em minha cabeça volta a latejar me lembrando que possivelmente a pancada apagou minhas memórias. Por quanto tempo será que estive apagada? Meu Deus! Se eu já não estiver louca, agora vou enlouquecer.

Quando saio do banheiro a enfermeira me olha de cara feia por eu ter molhado o curativo, mas depois parece se compadecer de minha situação.

Duas horas depois, fica pronto o resultado de alguns exames. Como estou aparentemente bem, isto é, sem danos que justifiquem minha permanência no hospital, o médico me dá alta.

— Talvez voltar para sua rotina seja o melhor remédio — o Dr. Vaughn comenta, olhando para Ian e para mim —, os outros exames vão levar uns quinze dias para ficarem prontos, mas peço que volte na semana que vem para uma consulta. Vamos acompanhar seu caso.

Eu apenas aceno em concordância e quando Ian pega minhas coisas, deixamos o hospital. Entramos no carro e fico tensa. Notando meu estado de espírito, ele acaricia minha mão e me olha daquele jeito que sempre me fez derreter.

—Vai ficar tudo bem, amor.

Suas palavras amorosas parecem penetrar em meus ossos. Esse homem incrível, carinhoso e que eu amo com loucura é meu marido. Ian Railey é meu marido. Sinto vontade de abrir a janela do carro e gritar. Se estou sonhando ou não, não importa, pois tudo que penso é no quanto ansiei por isso e, no quanto sofri amando-o em silêncio durante anos.

Esses sentimentos borbulham dentro de mim e desisto de tentar analisar os fatos. Puxo-o pela camisa e colo meus lábios nos dele. A surpresa inicial faz com que ele leve alguns segundos para corresponder, mas assim que o faz, me sinto nas nuvens. Ian segura meu rosto com as duas mãos, interrompendo o beijo

para me olhar. Há tanta emoção em seu rosto que me faz suspirar. Ele abre um terno sorriso de contentamento e volta a me beijar, me tocando como se quisesse ter certeza que realmente estou aqui. O beijo termina com ele fazendo algo que costumava fazer quando éramos adolescentes. A lembrança vem de imediato.

Estamos nos despedindo na varanda da minha casa há uns trinta minutos. Minha mãe já me chamou duas vezes e a mãe dele já ligou mandando-o voltar para casa. Depois de outro beijo beeeeeem longo, Ian fica me olhando com um brilho nos olhos que me faz suspirar.

— Eu tenho que ir — ele sussurra, esfregando o nariz no meu.

— Eu sei — digo, fazendo um muxoxo.

Achando graça, ele aproxima o rosto do meu e quando penso que vamos recomeçar a despedida, ele desvia da minha boca e beija meu queixo.

— Um beijo no queixo, porque te respeito. — Sorrio confusa com sua brincadeira. Então ele beija a ponta do meu nariz. — Um no nariz, porque quero que você seja feliz. — Seu próximo alvo é minha testa. — E um na testa... — Ele faz uma pausa pensativo, e sinto vontade de rir, pois sei que está tentando encontrar algo que rime com testa. — Um beijo na testa, para que sonhe comigo.

Não resisto e começo mesmo a rir.

— Mas isso não rima com testa — digo, tentando não gargalhar quando ele ergue uma sobrancelha de um jeito brincalhão.

— Não era pra rimar. — Suas mãos agarram minha cintura. — Eu realmente quero que sonhe comigo. Todos os dias.

— Ian Railey, você é o pior poeta que conheço.

Sorrimos e ele beija minha testa outra vez.

— Vou melhorar, prometo. — Sua convicção é fofa.

— Tudo bem, vou cobrar esse poema. Algo que compare minha beleza a Afrodite — brinco com sua paixão pelos mitos gregos.

— Você deixa Afrodite no chinelo. — Seu sorriso largo é substituído por um olhar intenso. — Você brilha como o sol.

Ele captura meus lábios outra vez e quando começo a corresponder, a

porta da minha casa se abre e nos afastamos imediatamente.

— Se você não entrar agora... — Noto que minha mãe tenta esconder o riso para ralar conosco. — Não permitirei mais que se vejam depois do Colégio.

— Mãe! — Eu levanto me sentindo indignada. Vou fazer 16 anos, não sou criança. Estou prestes a dizer isso quando Ian me corta.

— Desculpe, Andie. Prometo que isso não vai se repetir. — Ele me beija rapidamente nos lábios e corre para casa.

Depois daquela noite, sempre que nos despedíamos, ele repetia a brincadeira, mas hoje ele não recitou as frases.

Como posso me lembrar disso e não me lembrar do nosso casamento?

— Vamos? — Sua pergunta me tira do meu devaneio. Eu concordo, me ajeitando no banco e afivelando o cinto de segurança. Ele faz o mesmo e logo estamos pegando o trânsito de fim de tarde em Nova Jersey.

Ian não fala muito durante o percurso, e parece bastante apreensivo conforme nos aproximamos do bairro em que crescemos. Será que moramos em minha antiga casa e ele está preocupado com minha reação ao chegarmos lá? Sinceramente, não sei se me sentirei confortável, aquela casa me traz tantas lembranças...

Não importa! Tenho que afastar toda essa negatividade, pois finalmente estou com o homem que amo. Casada.

CASADA!

Minha mente grita cada vez que toco a aliança em minha mão esquerda. Não sei como isso aconteceu, mas não vou pensar nisso agora. Entrelaço nossos dedos, sorrindo como uma boba e para minha imensa satisfação, Ian sorri de volta para mim antes de beijar minha mão.

— Então, onde você trabalha? — Agora que não sou mais sócia de um império hoteleiro fico curiosa.

— No The Gardens — ele responde simplesmente.

— É mesmo? — Não posso acreditar, mas agora que paro para pensar, ele foi até meu hotel porque ia ser pai e precisava de um salário melhor.

— É mesmo. — A consternação em sua voz me surpreende e fico me perguntando o motivo.

— E eu? — Uma vez que ele trabalha em um hotel de médio porte, suponho que devo contribuir com a renda.

— Você cuida da casa. — Isso sim é uma surpresa e quero perguntar a ele a razão disso, mas ele completa. — Quando chegarmos em casa, posso explicar melhor, vamos devagar. Tudo bem?

O nervosismo em sua voz me deixa desconfiada. O que ele está escondendo de mim? Estou prestes a questioná-lo quando passamos em frente ao meu antigo endereço e fico aliviada ao perceber que não moramos ali.

— Seus pais ainda moram aqui, não é? — pergunto, pois acho estranho não pararmos para uma visita já que passamos bem em frente.

— Sim. Eu já os tranquilizei quanto ao seu estado de saúde, mas acho melhor visitarmos eles outra hora.

Se eu estava alarmada antes, agora estou prestes a dar um ataque. O que diabos Ian está escondendo de mim?

Minhas perguntas se esvaem quando ele para o carro em frente ao que julgo ser nosso lar.

— Chegamos! — ele anuncia, enquanto eu fico maravilhada observando a linda casa a minha frente.

A fachada é branca e tem um caminho de flores que leva a entrada onde há uma pequena varanda com duas cadeiras. Imagino que nos sentamos às vezes para admirarmos a paisagem de nossa bela e arborizada rua, enquanto fazemos planos para o futuro, ou apenas curtindo a presença um do outro. Com esses pensamentos inundando minha mente, simplesmente não consigo resistir ao impulso de beijá-lo.

Solto meu cinto de segurança e o dele e vejo a surpresa em seu rosto quando o puxo e colo meus lábios nos seus com intensidade e desespero. Enterro meus dedos em seus cabelos e ele suspira antes de agarrar minha nuca e corresponder com a mesma ânsia que sinto.

Deslizo meus dedos por seus ombros e chego aos botões de sua camisa. Assim que começo a desabotoá-la, Ian me segura pelo ombros e interrompe o beijo.

— Vamos entrar — ele fala com dificuldade, tentando recuperar o fôlego. Eu concordo movendo minha cabeça.

Ah, meu Deus! Sei que provavelmente fazemos amor todos os dias e que isso não é uma novidade para ele, mas para mim ainda é como se eu tivesse passado os últimos doze anos desejando sentir novamente seu toque.

Ian sai do carro e dá a volta para abrir a porta para mim. Quando saio, beijo-o no canto da boca e ele sorri antes de me encostar na lateral do carro e voltar a me beijar. Estamos perdidos um no outro quando começo a ouvir uma voz infantil gritando na rua fazendo Ian parar de me beijar imediatamente. Era só o que me faltava, temos vizinhos com filhos barulhentos. Argh!

Noto que todo o corpo de Ian tensiona e vejo-o olhar na direção de um garotinho loiro que vem correndo em nossa direção, gritando algo incoerente para meus ouvidos não acostumados com a linguagem infantil. Atrás dele, estão uma garotinha um pouco maior com longas tranças negras e uma mulher ruiva parecendo um pouco desesperada.

Espera aí, eu conheço essa mulher. Estou prestes a gritar por ela quando sou atingida pelo garotinho que gruda em minhas pernas como se eu fosse sua tábua de salvação.

— Mamãe! Mamãe! — ele grita sem parar, abraçando meus joelhos.

Olho para Ian horrorizada e percebo que ele me observa esperando que eu surte, e eu sinto que é exatamente o que vai acontecer, pois já começo a sentir um riso histérico estremecer meu interior.



— Sam, eu posso explicar! — Ian se apressa em dizer, enquanto puxa o garotinho. — Vem meu amor, você precisa voltar com a tia Vick.

— Mas eu quero ficar com a mamãe — o garotinho diz, indignado por ser afastado de mim.

— Ma-mamãe? — falo, enquanto olho de Ian para o garoto que tem os cabelos e os olhos da mesma cor que os meus. — Que merda é essa?! — Me apoio no carro, sentindo dificuldade para respirar e todos me olham espantados.

Ian se coloca imediatamente ao meu lado me segurando.

— Calma, Sam. Vamos entrar e conversar. — Ele se vira para a “tia Vick”, que sim, é Victoria, minha secretária, e diz. — Me desculpe, mas preciso que continue com eles só por mais algumas horas.

— Claro, Ian — ela responde, e me olha com um meio sorriso

constrangido —, me desculpe, mas quando ele viu o seu carro passando, saiu correndo.

— Tudo bem. — Ian volta sua atenção para o garotinho em seus braços. — Garotão, preciso que fique mais um pouquinho com tia Vick e que se comporte. Não pode sair correndo pela rua desse jeito.

— Desculpa, papai. — O menino baixa os olhos envergonhado. — É que estou com saudades da mamãe.

— Eu sei. — Ele beija o rosto do menino. — Mas a mamãe ainda está doente e precisa descansar. Promete que vai se comportar?

— Prometo. — Ele abraça Ian com força e vai para os braços de Victoria. Depois Ian olha para a garotinha de cabelos trançados que permanece calada me encarando. Ele se abaixa e a beija no rosto. — Você está bem minha princesa? — A garota move a cabeça fazendo um sim silencioso e ele sorri antes de abraçá-la. — Papai já vai lá te buscar, ok? — ela responde outra vez movendo a cabeça e então dá a mão para Victoria.

— Podem ficar tranquilos, vou trancar as portas — ela diz, fazendo uma careta de repreensão para as crianças —, vamos seus traquinas. — Depois volta a olhar pra mim e diz. — Melhoras, amiga!

Estou chocada com a familiaridade com que minha secretária, sempre tão formal, me chamou de “amiga”. Definitivamente, devo estar louca. Mas isso não é o pior. Me viro para Ian em um desespero silencioso. Como alguém esquece que tem filhos? O que aconteceu com os doze anos da minha vida?

Minha cabeça lateja e eu sinto o pânico varrendo meu raciocínio.

— Sam, vamos entrar — Ian sussurra, esfregando carinhosamente minhas costas.

Eu o acompanho, mas não presto atenção em mais nada pelo caminho, quando chegamos a uma sala, eu começo a andar de um lado para o outro murmurando:

— Mamãe... Eu sou mãe!

Ergo minha blusa e toco meu ventre, buscando evidências. Baixo ela imediatamente. Jesus! O que eu ando comendo? Minha barriga não tem as famosas estrias, que bom! Mas em compensação, tenho um pneuzinho ridículo. Dona de casa, mãe e sedentária. Caramba! Que droga eu tô fazendo?

Ian para na minha frente e faz com que eu pare de andar como uma louca, depois me obriga a sentar e tenta me fazer tomar um comprimido. Me recuso.

— Por favor — ele pede —, não é pra dormir, apenas pra você se acalmar ou sua cabeça pode doer.

Seu cuidado comigo, a mulher que esqueceu ser sua esposa e mãe de seus filhos, é tocante. Respiro fundo e engulo o comprimido que ele trouxe com um pouco de água.

— Por que não me contou? — Passo as mãos pelo cabelo em desalento.
— Por que me deixou descobrir dessa forma?

— Me perdoa, meu amor, eu só queria te preparar. — Ele se ajoelha à minha frente e segura meu rosto. — Achei que poderia te mostrar umas fotos que talvez ajudassem, ou não. Minha única intenção era ir com calma, mas as crianças estão há dias preocupadas com você, sentindo sua falta.

Ergo minha mão para que ele pare de falar, pois sinto que vou surtar. Como eu posso ter lembranças tão vívidas de algo tão diferente e não me lembrar disso? De uma vida com Ian? De ter uma família?

Meu Deus! O que aconteceu? Eu preciso entender. Respiro com dificuldade, mas a forma carinhosa como ele me trata vai me acalmando aos poucos.

— Ok! — Tento engolir o nó em minha garganta. — Preciso que me ajude, Ian.

Ele assente e depois de sentar ao meu lado segura minha mão.

— Qual exatamente é a sua última lembrança?

Se eu disser a ele que minha última lembrança sou eu fugindo do cemitério e batendo o carro, ele vai ter certeza de que estou louca. Preciso ir aos poucos, sondar sem me entregar.

— Bem, estou um pouco confusa agora — digo, tentando analisar suas reações, — na verdade, o que me lembro nitidamente é de nossa despedida no aeroporto quando estava indo estudar em Londres. Depois disso, tudo fica muito enevoado.

O espanto em seu olhar me deixa apreensiva.

— Tá me dizendo que sua mente deletou os últimos doze anos?

Encolho os ombros, sentindo meu coração latejar dentro do peito. Deus do céu! Tem que ter uma explicação lógica para o que está acontecendo. Eu não posso acreditar que tudo que vivi antes, simplesmente não aconteceu. Não acredito em fadas, muito menos em magia. Então, caramba! É frustrante demais. Vejo que Ian me observa com expectativa de que eu lhe forneça mais informações, mas não sei nem por onde começar.

— B-bem... — gaguejo — já disse, o restante fica meio enevoado, fico em dúvida se são lembranças ou se sonhei.

— Tipo o quê?

Tenho vontade de revirar os olhos para ele. Nossa! Não dá pra simplesmente engolir minha desculpa e seguir seu caminho?

— Ah, Ian, você está me deixando nervosa! — Decido seguir a linha “mulher fragilizada”, o que funciona.

Ian beija a ponta dos meus dedos e, em seguida a parte interna do meu pulso. É algo que ele costumava fazer quando éramos adolescentes, e todas as vezes me causava um arrepio pelo corpo. Não é diferente agora, sinto frio e calor ao mesmo tempo.

— Vamos lá — ele diz pacientemente —, farei um breve resumo.

Ian fica me olhando de uma forma que me faz querer suspirar.

— Quando te pedi em casamento no aeroporto, você desistiu de ir pra Londres.

Jura? Que falta de personalidade, penso, mas não deixo transparecer. Porém lembro exatamente de como minha vida era vazia por ter ido para Londres ao invés de ficar com ele. A dor que se alastra em meu peito com essa lembrança mostra que ficar foi a melhor decisão.

— Então nos casamos e fim? — pergunto, quando ele faz uma pausa.

— Não. — Ele ri. — Fizemos nossa faculdade com foco em Gestão Hoteleira. Nos formamos com 22 anos e casamos uma semana após a formatura.

— Como eu estava em nosso casamento? — Fico subitamente curiosa.

Ian sorri sonhadoramente e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você estava esplêndida. — Ele beija suavemente meus lábios. —

Achei que nunca mais seria capaz de respirar quando você atravessou o arco de flores de braços dados com meu pai.

— Entrei com seu pai? — Ele assente com a cabeça.

Sempre adorei Patrick Railey, mas pensar que não tinha meu pai comigo, em um momento tão especial e único, me deixa deprimida.

— Arco de flores é? — pergunto, na tentativa de desviar minha mente de coisas tristes. — Então não casamos na igreja?

— Você quis um casamento em nosso quintal.

Tão provinciano! E brega! Nossa! Como foi que desisti de todo o glamour assim?

— Eu estava grávida? — Me espanta pensar na simplicidade e, pelo visto, pressa com esse casamento.

— Não. — Ele ri outra vez. — Só queríamos algo simples e íntimo.

Como assim eu quis algo simples? Óbvio que eu nunca pensei muito nessa coisa de casamento, mas as raras vezes em que me permiti — normalmente quando estava na TPM assistindo ao Discovery Home and Health — eu pensava em algo glamouroso, grandioso e arrasador. Não um casamento de quintal, mas ok! Foco no Ian.

— Querida — ele diz, tocando meu joelho percebendo que estou amuada —, você vai se lembrar. — Ele me envolve em seus braços e rapidamente me acalmo. — Vamos buscar uma segunda opinião.

— Tudo bem — eu concordo —, continue com meu resumo. — Consigo sorrir apesar da situação e Ian me acompanha. — Casamos, tivemos nossa lua de mel...

— Na verdade, fomos efetivados no hotel onde fizemos estágio e adiamos a lua de mel. — Faço um muxoxo e ele acha engraçado. — Depois de um ano, finalmente conseguimos ótimos empregos em Manhattan, trabalhamos como loucos até comprarmos nosso primeiro apartamento e termos uma boa economia para o futuro.

Sinto que a voz dele muda um pouco, parece meio triste, então imagino que esteja pensando o mesmo que eu.

— E realmente ficamos sem uma lua de mel? — repito em um tom mais baixo, com a voz enrouquecida e um pouco manhosa.

Com a ponta dos dedos começo a fazer círculos no braço dele, trazendo toda sua atenção para mim. Ele acaricia minha perna e olhando-o nos olhos, sinto todo meu corpo formigar e se aquecer a partir desse toque. Ele percebe a mudança em minha respiração, pois a dele muda também. Ah, Ian! Você tá pensando no que aconteceu no carro, não é? Eu também estou. Sem dizer uma palavra, eu apenas toco seu rosto com minhas mãos, em seguida com meus lábios.

Ian passa a mão nas minhas costas e me aproxima dele. Ele é tão delicado e cuidadoso, enquanto eu estou absurdamente desesperada. Seguro a gola de sua camisa e o puxo para mim em um beijo intenso. Toco sua barriga e percebo que ele não se descuidou com o passar do tempo, ainda sinto uns gominhos aqui.

Ian desliza os lábios por meu pescoço e suas mãos tateiam meu corpo, deixando um rastro de fogo onde toca. Ele começa a ofegar e sei que logo ele vai me segurar daquele jeito que me enlouquece. Ah, meu Deus! Acho que realmente morri e estou no céu.

Estamos nos agarrando no sofá como dois adolescentes quando uma porta é escancarada com um estrondo nos fazendo pular.

— Papai! — A voz de uma menina vem da direção do que suspeito ser a cozinha.

Ian ajeita apressadamente sua roupa e cabelos, enquanto me sento, rindo da situação.

— Vejo que Victoria trancou a porta, mas deixou a chave nela — Ian murmura, achando graça também.

A pequena destruidora de climas entra e para no meio da sala com os braços cruzados, refletindo a mais pura indignação. Sinto vontade de gargalhar.

— Kev quebrou minha boneca — ela se queixa, no mais alto grau de revolta —, a minha preferida, papai. — Agora ela faz biquinho e pula no colo dele.

Reviro os olhos, percebendo que Ian mima ela demais. Porém fico com pena, sei que nessa idade (imagino que seja uns seis ou sete anos) uma boneca quebrada é o fim do mundo.

— Querida, ele não fez por mal — Ian diz, tocando a bochecha rosada da garotinha.

Fico comovida com a cena. Ela tem os olhos verdes e os cabelos negros como Ian. É uma criança linda.

— Que tal jogarmos essa fora e comprarmos uma nova? — eu sugiro, pensando pelo lado prático e acreditando que a garota fosse gostar de ter um brinquedo novo, mas assim que ela me olha refletindo a mesma indignação que antes estava voltada para o destruidor de bonecas, percebo que não foi uma boa ideia. Eu só não entendo porquê.

Ian parece chocado.

— Allie, vai buscar a boneca que o papai vai dar um jeito nela — ele sussurra, e beija o topo da cabeça dela.

— Obrigada! — Ela sorri angelicalmente e abraça o pai. — Você é o melhor pai do mundo — ela completa antes de me lançar um olhar cortante.

É inacreditável, mas eu, a mulher que já calou a boca do assessor do primeiro ministro britânico com apenas um olhar, acabo de ser repreendida com o mesmo olhar, por uma garotinha. Ela pode ser a cópia do Ian, mas esse gênio...

— O que foi que eu disse de errado? — pergunto irritada, e Ian esfrega a testa.

— É a boneca preferida dela querida. — Ele levanta e beija minha testa da mesma forma que beijou a menina. — Ela dorme agarrada a essa boneca desde que tinha seis meses.

— Ora essa! A boneca deve estar um trapo. — Me levanto, sentindo um misto de raiva e frustração pela reprimenda quando a minha solução era a mais lógica.

— Sam, a questão não é o estado em que a boneca está. — Ele respira fundo como se buscasse paciência para lidar com a situação. — É o valor sentimental que ela tem. Nossa! Será que é tão difícil enxergar que nem tudo é medido em valor monetário?

— O que quer dizer com isso? — Me irrita com o tom dele.

— Apenas que ultimamente você se preocupa demais com o que não é verdadeiramente importante. — Ele põe as mãos na cintura e olha para mim arrependido por suas palavras. Quando ele se aproxima para me tocar, eu me afasto chateada com suas palavras.

— Vou descansar — anuncio, indo em direção as escadas —, minha

cabeça dói.

— Você lembra onde fica o quarto? — ele pergunta, erguendo uma das sobancelhas, me provocando.

— Não deve ser tão difícil encontrar — respondo asperamente —, creio que seja o que tem uma cama de casal, sem um casal. Subo pisando firme, sem olhar para ele depois desse último comentário. Sigo pelo corredor e entro em vários cômodos antes de finalmente encontrar o quarto certo.

Assim que passo pela porta sou bombardeada com uma profusão de fotos que me deixam atordoada. Não me lembro de nada disso, mas cada momento dos últimos doze anos está aqui. Nós dois em uma festa de fraternidade com mais duas pessoas. Eu pareço estar meio bêbada pela forma como Ian está me segurando. A foto seguinte é do nosso casamento. Realmente não tem nada de glamour, mas nem por isso eu estava menos linda ou parecendo infeliz, pelo contrário, estou radiante e os olhos de Ian brilham úmidos de lágrimas. Ao lado dessa, estamos na entrada de um prédio segurando uma chave, vejo pela placa na rua que é em Nova Iorque. Estamos sorrindo tanto que é impossível não sentir a felicidade transbordando através da fotografia.

Me viro e dou de cara com um quadro na parede em frente a nossa cama. Nessa imagem estou visivelmente esgotada, mas com um sorriso enorme e um lindo bebê muito cabeludo nos braços. Ian parece estar chorando na fotografia, ele olha para mim e para o bebê com adoração estampada em suas feições. Me aproximo tocando o quadro com um misto de admiração e confusão. Meu coração bate com tanta força que chega a doer. Como eu posso não lembrar dessas coisas?

Uma forte pontada na cabeça me faz sentar na cama. Respiro fundo e tento suportar a dor, mas é bem difícil.

Deito por causa da dor de cabeça e nem noto o momento em que pego no sono. Quando acordo, vejo que já é madrugada, mas ainda estou sozinha no quarto. Levanto e vou checando porta por porta no corredor, até que encontro Ian completamente espremido em uma cama com o garotinho. Acho que ouvi a menina chama-lo de Kev.

Fico observando-os por um bom tempo, até que decido chamar Ian. Vai acordar todo quebrado se continuar aqui. Toco em seu ombro e assim que abre os olhos, ainda sonolento, sorri pra mim. É um sorriso tão doce e apaixonado que faz meu coração acelerar.

—Você vai sentir muita dor se dormir aqui — sussurro.

Ele desperta e, com muito cuidado, se levanta e acomoda o garotinho na cama, beija sua testa e ajeita as cobertas. Eu o observo embevecida. Quando saímos do quarto, decido perguntar:

— Qual a idade deles?

— Allie tem seis e Kev, quatro.

— Você é um ótimo pai, Ian — falo, um pouco constrangida —, exatamente como imaginei que seria.

— E você é uma ótima mãe. — Ele toca meu rosto carinhosamente. — Só esqueceu como fazer, mas vai lembrar. — Suas palavras parecem ter um significado dubio que não sou capaz de entender e, isso me faz sentir um peso no coração. Depois de ver aquelas fotos, tive certeza de que isso não é um sonho, que não estou louca. Mas por quê? Por que não me lembro de nada?

— Me desculpe, Sam. — Ele me encara quando paramos na porta do nosso quarto. — Eu só...os últimos dias foram infernais. Não é culpa sua — ele se apressa em dizer —, é só que...achei que tudo voltaria ao normal quando você acordasse.

Deslizo minha mão por seu braço até chegar em sua mão, entrelaço meus dedos aos dele e olho em seus olhos.

— Vai ficar tudo bem — digo, e dou o mais cândido dos beijos em seus lábios.

Assim que nos acomodamos na cama, Ian me envolve em seus braços, carinhosamente acaricio seu antebraço, sentindo os pelos fazerem cócegas na palma da minha mão. Decido me virar para que fiquemos nos olhando enquanto trocamos carinhos, mas tão logo a ideia surge, escuto um ronco baixo em meu ouvido, acompanhado de sua respiração cadenciada em meu pescoço.

— Droga! — resmungo, e penso em empurrá-lo, mas me lembro de toda paciência e amor que ele tem demonstrado comigo e com as crianças. Sei que ele tem vivido um inferno desde que me encontrou desacordada em casa. Respiro fundo e me aconchego em seus braços, sentindo-me não só aquecida, como acolhida. Seu ronco foi reduzido a um leve ressonar. Graças a Deus! Adormeço em seus braços pensando que, mesmo não me lembrando de nada, mesmo que nosso casamento não tenha sido glamouroso, nossa vida parece ser perfeita e maravilhosa.



Desperto com barulhos no corredor. Levanto assustada, pois parece que a casa está pegando fogo e todos estão deixando o local e se esquecendo de mim. Saio do quarto e vejo Allie descendo as escadas brigando e segurando a mão de Kev que está chorando. Pego o menino no colo e, segurando a mão dela, começo a descer também.

— O que está acontecendo? — pergunto apressada. — Onde está seu pai?

Logo Ian aparece no pé da escada.

— Bom dia, meu amor! — ele me cumprimenta sorridente, e pega o garotinho chorão dos meus braços. — Não quis te acordar tão cedo já que estou aqui para cuidar deles.

— Achei que a casa estava pegando fogo — comento, um pouco irritada com a barulheira com a qual acordei.

Ian ri e depois de me dar um rápido beijo, segue para a cozinha com Allie

no seu encalço, que fica me olhando de cara feia. Será que ainda está brava por causa do lance da boneca? Sinto vontade de revirar os olhos diante de tal possibilidade. Que garota mimada!

Me sento com eles à mesa e observo Ian servir as crianças.

— É sempre assim? — Olho para ele que sorri.

— Hoje está sendo bem tranquilo. — A resposta dele me faz ofegar. — Você vai se lembrar logo.

A questão é que não quero me lembrar disso. Mas que diabos está acontecendo? Como eu fui de executiva de sucesso para dona de casa cuidando de crianças barulhentas?

O moleque está fazendo algo nojento com o mingau que Ian serviu, e a garota... Nossa! Parece que percebeu meu pavor com os atos do irmão e decidiu imitar com seus cereais.

Ian pede para eles pararem, pois logo o carro vai chegar.

Ele me explica rapidamente sobre um rodízio de carona feito pelas mães do bairro, e diz que “Vick” vai assumir meus dias enquanto me recupero. Não gosto da forma tão íntima a que ele se refere a minha secretária.

Bem, ela não é mais minha secretária, é apenas a vizinha gentil.

— Então ela vai ser responsável por dois dias na semana? — Legal da parte dela, eu penso.

— Não exatamente. — Ele serve café e torradas para mim. — Vou ver no meu trabalho uma troca de folga ou uma mudança de horário no dia que seria o seu, para te substituir. Mas esta semana, sim, a Vick vai assumir por dois dias.

— Você é sem dúvida o melhor marido do mundo — digo isso e puxo-o para um beijo, que devido à presença das crianças, é bem rápido.

— Allie e Kev, vão lavar as mãos e o rosto. — As crianças obedecem imediatamente. — Consegui uma consulta pra você com o médico que atendeu a mãe de um companheiro de trabalho quando ela sofreu um acidente de carro e perdeu a memória.

— Ah! Obrigada. — Acho que Ian percebe minha falta de empolgação e me abraça.

— Não fique assim, Sam. Prometo que vamos sair dessa. — Depois de

beijar a lateral da minha cabeça, ele vai atrás das crianças.

Uma minivan para na entrada e buzina, enquanto Ian coloca o almoço em suas mochilas.

— Comportem-se! — ele diz, beijando cada uma.

O pequeno Kev vem até mim e abraça minhas pernas. Me abaixo para beijá-lo. Ele é tão fofo. Seus cabelos são cacheados como os do pai, porém, claros como os meus, dando-lhe um ar angelical.

— Não se machuque de novo mamãe — ele sussurra, antes de me dar um abraço bem apertado.

Allie me encara com desconfiança antes de se aproximar. Ela beija meu rosto rapidamente e sai sem dizer nada. Vou até a porta e vejo a motorista da vez.

— Ei, Samantha! — grita a mulher de cabelos escandalosamente vermelhos que está ao volante. — Como ficou esse galo?

Ela é tão grosseira, que coisa mais sem noção. Sorrio sem graça e aceno para ela. Percebo que Allie diz algo que a faz rir e fico me perguntando o que é.

— Melhoras, querida! — ela berra dando tchau. Tenho vontade de mandá-la calar a boca devido a tanta falta de educação, mas penso que essa atitude não seria nada educada também. Inspiro exasperada com minha nova realidade.

Ian se aproxima e me abraça por trás antes de beijar meu ombro.

— É melhor você se arrumar para não nos atrasarmos — ele diz.

— Uhum — murmuro de forma incoerente enquanto ele passa o nariz pelo meu pescoço.

— Eu estava com saudades. — Tento entender o significado de suas palavras, mas isso se torna impossível quando ele me vira e começa a me beijar.

Depois de alguns minutos, com muito sacrifício, nos afastamos.

— Vá se arrumar — ele sussurra, sorrindo de olhos fechados com a testa colada a minha.

— Okay! — Vou correndo para o quarto.

Abro as gavetas e sinto vontade de chorar. Quando me viro e abro o closet, sento no chão e choro de verdade. Ian aparece na porta, e se assusta ao

me ver aqui. Sentando no chão de frente pra mim, ele começa a me tocar cuidadosamente.

— O que houve, Sam? — Ele me examina preocupado. — É a cabeça? O que tá sentindo?

— Tristeza — eu choramingo —, decepção! — Subo um pouco o tom de voz.

— Mas por quê? — ele pergunta, e eu ignoro seu olhar confuso.

— Onde estão meus Manolos? Louboutins? — quase berro. — Channel? Que inferno de closet é esse cheio de roupas bregas?

— Do que está falando, Samantha? — Ele se levanta chateado. — Essas são suas roupas! Essa é a sua vida! Será que algum dia ficará satisfeita com o que tem? — Eu o encaro assustada, raramente vi Ian irritado desse jeito. — Vejo que das reclamações você não esqueceu, não é mesmo?

O quê?!

— Do que você está falando? — pergunto, me levantando.

— Olha, Sam — ele diz, bufando indignação —, sei que sente falta de certos luxos que tínhamos quando éramos só nós dois, e que as coisas não têm sido fáceis, mas, meu Deus! A vida não é apenas bens materiais.

Ele sai do quarto furioso, me deixando confusa e atordoada. O que ele quis dizer quando falou que as coisas não têm sido fáceis? Que droga de cabeça! Toda vez que me esforço em lembrar o que aconteceu, sinto uma dor tão forte.

— Nossa! Ai! — eu murmuro, e não vejo mais nada.



Eu te amo, Sam. Não me deixa.

Estou correndo em meio à névoa densa, procurando de onde vem essa voz. É Ian. Mas onde ele está?

— Ian! — grito, mas minha voz não sai. Está tudo escuro e estou perdida no silêncio, até que sinto uma forte pressão no peito algumas vezes. Agora escuto vozes indistintas, mas não vejo nada, não consigo abrir meus olhos. Estou tão cansada...

— Sam, fala comigo meu amor.

Aos poucos vejo uma luz, pisco lentamente, tentando me situar.

— Graças a Deus! — Ian diz me abraçando e, depois toca meu rosto, meus ombros, como se buscasse algum ferimento. — Sinto muito, querida. — A voz dele está embargada. — Eu perdi o controle, mas não quis lhe causar nenhum mal.

Ele beija minha testa respirando um pouco mais aliviado. Nossa discussão começa a aflorar em minha mente, eu sento e me afasto um pouco dele.

— Estou bem, obrigada — digo um pouco friamente, ainda chateada.

— Eu não quis lhe aborrecer. — Ele parece triste. — Por favor, me perdoe.

— Entendo. — Engulo seco. — Não precisa se preocupar, eu realmente estou bem agora. — Ele estende a mão para me ajudar a levantar, mas eu dispenso, agradecendo.

Acabo me desequilibrando ao ficar de pé e ele prontamente me segura, impedindo minha queda.

Nossos rostos estão a pouquíssimos centímetros um do outro e o magnetismo que sempre permeou nosso relacionamento está ali, presente, denso, enlouquecedor.

Estamos prestes a nos beijar quando o telefone toca. Congelamos. Permanecemos por alguns segundos assim, em silêncio, um encarando o outro, com a respiração um pouco ofegante, ignorando o som estridente do aparelho. O toque insistente nos tira do transe e, depois de se certificar que estou de pé com firmeza, Ian me solta e vai atender.

Pelas poucas palavras que capto, é do consultório médico para confirmar

a consulta. Quando termina a ligação, ele olha para mim.

— Você está realmente bem? Precisa de ajuda para se arrumar?

— Estou bem. — Minha resposta é seca. — Estarei pronta em quinze minutos.

Ele concorda e me deixa sozinha no quarto. Olho em volta, procurando o que tenho de menos pior para usar e assim que fico pronta, vou ao encontro dele na sala para sairmos.

Seguimos em direção a Manhattan em um silêncio desesperador. Durante todo o caminho, só faço me perguntar o que fizemos de nossas vidas. Como chegamos até aqui dessa forma?

Começo a ver rachaduras na vida perfeita. Eu sinto que ainda nos amamos muito, mas ao mesmo tempo, vejo um abismo gigantesco entre nós.

— Preciso passar no meu trabalho antes da consulta. — A voz profunda dele quebra o silêncio. — E depois de almoçarmos, gostaria de aproveitar que estamos aqui para resolver outros assuntos.

— Tudo bem — respondo de forma branda e fico observando-o dirigir.

Vejo a pele embaixo de seus olhos sombreada e algumas linhas de preocupação em seu belo rosto. Começo a me perguntar o quão pesada tem sido para ele a carga de uma família. Me lembro ainda de como ele parecia alegre e jovial quando me falava de sua esposa e dos filhos a caminho. Agora ele parece apenas um homem muito cansado da carga imposta pela vida.

Penso que eu poderia trabalhar e ajudá-lo, mas não me sinto confiante para levantar a questão no momento, por isso, baixo os olhos e fico calada até chegarmos ao nosso destino.

O The Garden é um hotel que existe há anos. Sempre foi bonito, mas de uma forma mais singela. Assim, quando Ian para em frente a um luxuoso hotel — na mesma rua em que o The Garden se localiza desde sempre, no coração de Manhattan — fico petrificada, e só acredito que de fato é o hotel certo quando vejo a placa dourada enorme na entrada.

— Esse é o mesmo hotel que conhecemos na adolescência? — pergunto chocada.

— Bom, ele passou por muitas mudanças, mas sim, é ele.

— Uau! — Arquejo sem desgrudar os olhos da fachada.

— Se quiser, pode me esperar aqui no carro.

— É claro que vou entrar com você. Preciso ver de perto toda essa transformação. — Ele dá de ombros e sai do carro.

Mesmo estremecidos pela discussão mais cedo, Ian dá a volta e abre a porta do carro pra mim e me conduz com um leve toque na base da minha coluna. Se tem uma coisa que sempre admirei nele, é que não importa o quão zangado ele esteja, sempre será um *gentleman*.

Assim que entramos, muitas pessoas me cumprimentam e perguntam pela minha saúde. Desde a recepcionista à mulher que descobri ser a assistente de Ian.

Estamos no escritório dele quando uma mulher entra e vem me cumprimentar.

— Fico feliz em ver que está melhor, Samantha. — Pisco duas vezes para ter certeza que isso não é uma alucinação. — Sou Nancy, a chefe dele.

— Olá, Nancy — é tudo que consigo dizer, enquanto minha mente trabalha a mil na tentativa de entender o que se passa.

Essa é a mesma mulher que vi nas fotos na casa de Maggie, a Nancy que era esposa dele. Nossa! Eu não esperava por isso, só de olhar para ela sinto um ciúme louco tomar conta de mim, e por isso, acabo fazendo as coisas mais absurdas com o intuito de marcar território.

Passo meus braços em volta da cintura de Ian, apoio minha cabeça em seu ombro, ele parece estranhar minhas ações, porém, não me repele. É patético, e depois me sintirei uma idiota, mas não de todo, pois vejo no jeito que ela olha e na forma como trata meu marido, que ela o quer.

Depois que Ian resolve seus assuntos de negócios, seguimos para a minha consulta. Devo admitir que fiquei babando ao vê-lo todo imponente e tomando decisões, mas ainda me incomoda o fato dele trabalhar com aquela mulher.

— Como é sua relação de trabalho com Nancy? — Eu realmente não consigo me conter.

— Boa. Normal. — A forma sucinta como ele responde me deixa irritada. Não é possível que ele não repare como aquela bruxa olha para ele.

— Que bom — digo, pregando o mais falso dos sorrisos na cara.

Ele me olha e parece querer dizer algo, mas muda de ideia, o que me

deixa bem decepcionada. Como o médico não é longe do trabalho dele, o silêncio incômodo não dura muito.



— Esses exames parecem normais — comenta o médico ao sentar-se em sua cadeira —, o que exatamente a senhora vem sentindo?

— Além do fato de não me lembrar dos últimos doze anos? — Minha pergunta é sarcástica, mas não ligo, não gostei desse médico. — Bem, tenho dores de cabeça, o que entendo como normal depois de um trauma que me apagou por dias.

Ian dá uma tossidinha e noto que está segurando o riso. Pelo visto, ele também não gostou do médico.

— Então não vejo nada de errado, Sra. Railey. Vamos apenas acompanhar seu quadro e pode me trazer os outros exames quando ficarem prontos.

Nem morta eu volto aqui, penso comigo mesma.

— Ah! Ela desmaiou hoje — Ian se intromete, preocupado, mas não sei se isso vai adiantar.

— Isso sim é preocupante — o doutor fala de modo pomposo —, os testes que fiz mostram que seus reflexos estão bons, e esses medicamentos que já está tomando cuidarão para que não tenha convulsões. Mas vou receitar outro para o caso de um novo desmaio. No mais, fique tranquila, precisamos ter paciência e aguardar, o trauma é muito recente.

— Obrigada.

Quando estamos voltando para casa, sinto um nó na garganta, uma

terrível sensação de impotência. Estou vivendo num limbo, onde a vida que achei ter vivido não existiu e a vida que tive se apagou. Percebendo minha preocupação, Ian segura minha mão com carinho.

— Vai ficar tudo bem, Sam. — Esfregando o polegar em meu pulso, ele me olha quando paramos em um sinal. — Sei que parecem palavras ao vento, ainda mais porque é você quem perdeu a memória, mas realmente acredito que vai ficar tudo bem, não importa o que aconteça, pois temos um ao outro.

Mordo o lábio para não chorar, pois suas palavras me tocam de uma maneira profunda. Quando o carro volta a se mover pelo trânsito, me inclino e beijo sua bochecha e tenho o prazer de voltar a ver seu doce sorriso.

Vamos direto para a casa de Victoria buscar as crianças, que mais uma vez ficaram com ela. Sou apresentada a Ben e Becca os filhos dela, que têm a mesma idade de Kev e Allie, fazendo deles amigos e cúmplices.

— Mamãe! — Kev corre até mim e abraça minhas pernas como sempre.

— Oi, querido. — Meio sem saber como agir, eu apenas bagunço seu cabelo. Já Ian o pega no colo e o abraça.

— Como foi seu dia, garotão?

— Uma grande aventura — o pequeno responde gargalhando.

Logo vem Allie com todos os sorrisos para o pai e um olhar desconfiado para mim. Ela me cumprimenta, mas diferente do irmão, de maneira muito formal. É tão estranho! As crianças saem para o quintal em sua algazarra enquanto vamos para a sala.

— Como foi com o médico? — Victoria pergunta quando nos sentamos.

— O mesmo de antes. Temos que esperar — Ian é quem responde, eu ainda me sinto um pouco desconfortável.

— Que chato! — Ela se vira e pega minha mão, uma atitude que me surpreende. — Fica tranquila, querida. E pode contar comigo. — Percebendo meu estarrecimento, ela solta minha mão parecendo um pouco constrangida. — Me desculpe, é difícil entender que não se lembra do quanto somos próximas.

— Tudo bem — digo, temendo ter sido grosseira. Afinal, ela tem sido um anjo cuidando desses pestinhas. Como ela consegue, eu não sei, pois se passaram apenas dez minutos que chegamos e me sinto à beira de um ataque de nervos.

— É melhor irmos, já abusamos demais de você nos últimos dias. — Ian se levanta e eu o acompanho.

— Pare com isso, amigos são pra essas coisas. — Sua resposta sincera me faz gostar ainda mais dela. — Além do mais, estava prestes a servir o jantar, macarrão com almôndegas. Fiquem e comam com a gente.

Ian aceitou o convite por nós e foi desastroso. Quer dizer, a comida estava maravilhosa, Victoria cozinha muito bem, mas molho de tomate e crianças... Por fim, voltamos para casa e Ian assumiu a tarefa de cuidar das crianças. Credo! Tinha molho até no cabelo do menino. Estremeço só de pensar.

Vou para o quarto e quando saio do banho ele está parado ao lado da cama me encarando. Seus olhos parecem queimar minha pele. Sento na beira da cama e começo meu ritual de beleza, só que propositalmente provocante, passando hidratante nas pernas, depois nos braços, enquanto ele me observa. Percebo que a respiração dele fica alterada.

— Estou com uma terrível dor nas costas — falo jogando charme, e tenho o vislumbre de seu sorriso felino enquanto me viro de costas para ele —, você poderia...

Antes que eu seja capaz de dizer qualquer coisa, ele já está com as mãos nos meus ombros.

— Hmmm — solto um gemido de apreciação.

Ian tem mãos firmes e competentes. Meu Deus! Ele mal me tocou e estou em chamas.

Ele desliza as mãos traçando um rastro de fogo por minha espinha dorsal e, em seguida sinto seus lábios em meus ombros.

— Você tem a pele tão macia, esposa — ele fala perto do meu ouvido com a voz rouca me deixando arrepiada.

— Você acha? — Viro levemente minha cabeça e nossos olhares se encontram.

Antes que eu possa dizer ou pensar em algo, a mão dele desliza por minha nuca e sua boca se apossa da minha.

O beijo é quente, molhado e lento. Eu me viro completamente e enterro minhas unhas em seus ombros, fazendo Ian gemer.

Ele agarra meu traseiro com uma das mãos, e me puxa de encontro ao

seu corpo tão excitado quanto o meu. Seus lábios descem até meu pescoço e logo suas mãos fazem as alças de minha camisola caírem por meus ombros. Sua boca incendiária passeia por minha clavícula enquanto suas mãos sobem por minha barriga e ele agarra meu seio me fazendo ofegar de prazer.

Nunca, em todos esses anos, alguém foi capaz de me fazer sentir o que sinto agora sob seu toque. Não sou do tipo melosa que acredita em almas gêmeas e essas coisas, mas é difícil não pensar nisso quando a sintonia perfeita somos eu e Ian.

— Sam, você me deixa louco — ele murmura, enquanto sobe a barra da minha camisola.

Estamos a ponto de finalmente consumir um ao outro quando uma batida na porta nos interrompe.

— Papai — é a voz chorosa do garotinho.

Ian para imediatamente suas mãos e seus lábios. Puta Merda! Eu não consigo acreditar nisso.

— Vamos ficar em silêncio e talvez ele volte pra cama — sussurro, sorrindo, mas Ian já está de pé se recompondo, o que me deixa furiosa. Ele me olha se desculpando, mas é tarde, estou sexualmente frustrada, o que me deixa tão letal quanto um assassino.

— Prometo voltar em um segundo — ele diz, saindo do quarto para atender ao moleque.

— Merda! — Abafo meu grito no travesseiro.

Mais ou menos 15 minutos depois, ele volta para o nosso quarto. A essa altura já apaguei a luz e finjo que estou dormindo. Nem morta ele me toca outra vez hoje. Que fique com o pentelho chorão.

Ele acende o abajur e percebo seu peso afundar o outro lado da cama. Escuto um resmungo frustrado, mas não me viro para olhar. Depois de um tempo, ele levanta e vai pro banheiro. Escuto o som da ducha e me viro na cama. Que espécie de vida é essa onde parece que o amor nos afasta? Será que era assim com a Nancy?

Sou incapaz de não pensar nisso. Lembro de como ele parecia apaixonado e devotado a ela, mas comigo...estou sempre depois desses pirralhos malcriados.

Eu o amo e o quero tanto que dói. Depois de todos esses anos erguendo muros ao meu redor, pela primeira vez, me sinto exposta e vulnerável. Odeio me sentir assim.

Quando o chuveiro é desligado, volto para minha posição anterior, de costas para o lado dele. Escuto quando ele sai do banheiro e sinto seu corpo ocupar o outro lado da cama, fecho os olhos e sigo com minha farsa.

Ele suspira parecendo chateado e depois de dar um beijo na parte de trás da minha cabeça, apaga a luz e dorme.



O som de alguém se movimentando no quarto me desperta.

— O que tá acontecendo? — murmuro sonolenta.

— Shhh. — Ian beija minha testa e me faz deitar outra vez. — Estou saindo para o trabalho, você ainda tem uma hora de sono até ter de acordar as crianças — ele fala bem baixinho —, a Dóris vai passar aqui às 8h pra pegá-las, mandei a foto dela para o seu celular, assim poderá reconhecê-la. Estarei de volta às 17h e caso algo aconteça, me ligue. Ficarei com meu celular o dia todo.

Estou com sono demais para processar toda essa informação, então apenas balanço a cabeça e volto a dormir.



Sinto o colchão se balançar e ouço uma conversa sussurrada.

— Você acha que ela morreu? — escuto uma voz infantil dizer, enquanto outra choramanga.

— Ela não morreu! — Agora sei que é o garotinho, Kev. Ele funga e eu fico me perguntando o que está acontecendo.

Abro os olhos e me deparo com duas crianças na minha cama me encarando. Uma com curiosidade e a outra chorando. Quando percebe que acordei, o menino sorri e me abraça com força.

— Mamãe, mamãe — ele grita feliz —, você tá viva.

— É claro que estou viva — digo um pouco azeda e lanço um olhar de reprimenda para aquela peste de menina. Ela dá de ombros desafiadoramente e desce da cama. Garotinha irritante!

Depois de finalmente acalmar o garotinho, e garantir a ele que não vou morrer, desço com eles para a cozinha. Começo a abrir e fechar os armários buscando as coisas que eles costumam comer, porém, tendo visto apenas uma vez Ian fazer isso, é impossível.

Reviro os olhos frustrada, me perguntando por que não temos uma empregada, mas logo olho à minha volta e lembro que desisti de ir para Londres, e consequentemente, não me tornei uma empresária de sucesso, não tenho funcionários para me atender. Sou uma mãe suburbana, com uma vida medíocre.

Viro para Allie que parece observar cada movimento meu e aponto meu dedo indicador para ela.

— Espero que seja esperta e não se apaixone antes de concluir a

faculdade! — assim que digo isso, percebo o quanto soei estúpida.

Ela continua me olhando sem entender e decido focar no que importa: fazer o café para despachar os moleques e ter umas horas de paz. Finalmente encontro as coisas e vou colocando tudo na bancada.

— Allie, você não deveria ao menos se vestir sozinha? — pergunto, pois ela continua de pijama e ontem me pareceu que já se arruma sozinha. Ou será que preciso escolher suas roupas?

Nossa! Vou pedir ao Ian uma lista de tarefas.

— Vamos para algum lugar ou ficar em casa? — ela pergunta, me olhando com seus perspicazes olhos verdes.

— Você e seu irmão vão para a escola, não banque a engraadinha.

— Eles não permitirão nossa entrada depois do horário — ela diz, com um risinho satisfeito. Puxa sua tigela de cereais e começa a comer tranquilamente enquanto me viro assustada para o relógio e percebo que são quase 10h. Droga! Como eu dormi tanto? Como pude perder a única chance de ter um dia de paz?

— Merda! — digo sem pensar, e vejo as crianças arregalarem os olhos. — Ignorem o que eu disse — resmungo frustrada, esfregando a testa —, apenas tomem seu café enquanto decido o que fazer.

Nesse momento, sem dizer nada, Allie levanta e vai até a sala. Penso em mandá-la voltar e fazer o que ordenei, mas estou mais preocupada em como farei para me livrar deles por algumas horas.

Victoria se mostrou tão solícita nos últimos dias, de repente ela fica com eles até Ian voltar do trabalho.

Estou tão absorta em meus pensamentos que levo um tempo para perceber que Allie está bem na minha frente segurando um pote de moedas.

— O que é isso? — eu pergunto, sem entender.

— Você falou um palavrão. — Ela me encara. — Sempre que falamos um palavrão, temos de colocar uma moeda aqui.

Ergo minhas sobrancelhas e penso em mil coisas para dizer a essa garota abusada, todas elas são um palavrão pior que o outro. Porém olho para o pequeno Kev que assente tristemente, concordando com a irmã. Onde diabos eu estava com a cabeça para ter filhos? Engulo em seco e penso que a retalharei

depois. Ela está na minha lista negra.

Vou até o quarto e pego uma moeda na minha bolsa e jogo dentro do pote. O pequeno demônio sorri satisfeito e coloca o objeto na estante da sala.

Uma hora se passou desde que descobri que teria de ficar com as crianças em casa. Liguei para a escola, uma mulher muito grosseira atendeu e me disse que não podia fazer nada a respeito. Aquela bruxa! Certamente está feliz em ter menos dois atormentadores. Enquanto isso eles brigam sem parar pelo controle da TV. Meu Deus! Eu vou enlouquecer.

Por duas vezes fui até a casa de Victoria, mas ela saiu e ainda não voltou.

Essas crianças são terroristas! Preciso de ajuda.

Penso em pedir a Ian para voltar pra casa, mas me recuso a demonstrar incapacidade a ele. Por isso, decido apenas enviar uma mensagem.

Eu: Perdi a hora. Crianças em casa.

Ian: :-o Está tudo bem? Vou falar com a Nancy e voltar pra casa.

Eu: Não se preocupe! Tudo sob controle.

Penso que nem morta direi o contrário.

Ian: Tem certeza?

Eu: Absoluta! Preciso ir. Kev está me chamando pra brincar ;)

Não espero uma resposta. Largo o telefone e vou atrás das crianças, tentar distraí-las com minhas habilidades zero como mãe. Eu sequer tive sobrinhos ou coisa do tipo.

Em algum lugar, talvez em um universo paralelo, eu administrei, e devo dizer, excepcionalmente, cinco unidades de uma das melhores redes hoteleiras do mundo. Não serei derrotada por duas crianças.

Pego uns bonecos de Kev e tento entretê-lo com uma brincadeira, mas ele fica entediado cinco minutos depois. Tento desenho, e dá no mesmo, assim deixo ele escolher o que quer fazer e apenas acompanho. Allie por sua vez, fica em um canto com sua boneca, ignorando nossa existência.

— Gooooo!!!! — Kev grita, quando deixo a bola que ele chutou passar por

baixo de minhas pernas. Estou ajoelhada na grama batendo palmas e ele corre para meus braços, me derrubando no processo.

— Ai! Vai com calma, garotão — digo, sentindo algum osso estalar. Tem dez minutos que estamos brincando de bola e já estou morta! Pelo jeito Samantha Railey é uma sedentária. Não é à toa que estou criando culotes.

Cansados dessa brincadeira, começamos a rolar na grama. Quando volto minha atenção para Allie, percebo que ela parece interessada em se juntar a nós, mas não quer dar o braço a torcer.

— Vem, Allie — eu chamo, porque não faz sentido ela ficar ali sozinha, mesmo sendo uma mini megera.

Ela se mostra um pouco relutante, mas logo cede, e, por mais que me sinta frustrada em não ter absoluto controle da situação, está sendo divertido. Depois de rolarmos na grama, pego copos, encho com água e sabão, alguns canudos e ficamos fazendo bolhas.

— Nossa, mamãe! — Kev me olha como se eu pudesse voar. — É a maior bolha de sabão que já vi.

— É mesmo! — Escuto Allie murmurar, admirada também.

Não vou ficar me gabando com crianças, mas sempre que brincávamos — Ian, Doty e eu — as maiores bolhas eram as minhas.

Como é quase hora do almoço, deixo-os brincando no quintal e vou preparar a comida. Estou entrando na cozinha quando escuto a risada de Allie, e é um som gostoso de se ouvir. À distância, fico observando-os e me questionando o que será que se passa para ela ser tão arredia comigo — muitas vezes parecendo ser até mesmo hostil — já que com o pai ela é cheia de amor e carinho. Essa atitude me incomoda e quero entender o que aconteceu para eu receber um tratamento tão diferente.

Estou abrindo e fechando os armários, pensando no que fazer, quando Kev entra na cozinha pulando.

— Mamãe, quero fazer cocô.

— Ahhh não! Isso não! — Eu balanço a cabeça em negação e o garoto começa a se contorcer. — Você deveria saber ir sozinho. — Ele arregala os olhos diante de minha resposta.

— Mamãe...

— Mas que inferno! — Seguro a mão dele e o acompanho até o banheiro.

Definitivamente, eu preferia estar diante de um batalhão de funcionários incompetentes, a estar aqui. Na verdade, creio que até uma reunião cheia de acionistas furiosos seria melhor.

Esse, sem dúvida, foi o pior momento da minha vida, posso dizer com certeza que fui ao inferno e voltei, pois nunca vi tanta coisa sair de uma criança tão pequena. Resisti bravamente e consegui não vomitar, apesar de ter chegado bem perto disso.

Em resumo, basta dizer que essa pequena atividade, rendeu mais vinte moedas naquele maldito pote. Com isso, estou sem ânimo para cozinhar. Penso em levá-los para comer fora, mas tenho medo de como se comportarão na rua, então, opto pelo bom e velho macarrão com queijo.

— Crianças, venham almoçar! — eu os chamo.

Eles devoram a comida e adoram. Bem, e quem não gosta de macarrão com queijo?!

Estou colocando a louça na máquina quando meu telefone vibra. Uma mensagem de Ian.

Ian: Tudo certo por aí?

Eu: Tudo perfeito. ;)

Tirando a parte de levar Kev ao banheiro, não é totalmente mentira.

Ian: Que bom! Estou louco pra ver vocês. Te amo <3

Eu: Sinto sua falta. Também amo você.

Não vou negar, essas mensagens me deixam com um sorriso muito, mas muito bobo.

Depois que eles escovam os dentes, deixo-os fazer o que quiserem, pois estou completamente acabada. Não tenho condições físicas ou psicológicas para mais brincadeiras.

Pego o notebook e sento no sofá. Decido pesquisar sobre pessoas que fizeram parte da vida que me lembro, preciso de respostas lógicas para isso.

— Mamããããe!!! — Allie me grita.

— O que foi? — pergunto, sem me levantar.

— Pega pra mim a casa de boneca em cima do armário, por favor.

Levanto e vou buscar o que ela pede. Assim que volto a sentar, ela me chama novamente, dessa vez pedindo o jogo de chá. Depois disso, ela me grita pelo menos mais umas três vezes, algo que começa a me irritar. Basta me ver sentada para “algo” acontecer.

Estou outra vez no sofá e acabei de colocar o nome Damon Harris na parte de busca, quando Allie resolve usar todo seu poder para me tirar do sério.

— Mamãe! — ela berra, pela enésima vez. — Mamããããe!!!

Apesar de sentir meu sangue ferver, levanto calmamente para ver o que se passa. Paro e olho para ela, cruzando os braços.

— O Kev sujou minha boneca! — ela reclama, e Kev vem logo atrás dela fazendo manha.

— Ela jogou meu urso na lama — ele retruca, esfregando os olhos.

1, 2, 3... Começo a contar mentalmente como certa vez uma terapeuta me ensinou. Tento pensar que são apenas crianças, mas Allie não para de gritar e reclamar, então Kev começa a chorar e é quando explodo. Me abaixo, pego os brinquedos e volto para dentro de casa em silêncio.

— O que vai fazer? — Allie pergunta assustada, e vem atrás de mim quando não respondo. — Mamãe? O que vai fazer? — Ela acelera o passo para me acompanhar. Chego à lavanderia.

— Não! — ela grita, e começa a segurar minha camisa. — Não! Por favor! Por favor.

Sem hesitar, jogo os brinquedos na máquina e ligo.

— Nããão! — ela grita, e começa a chorar. — Você é má. Você é má — Allie repete sem parar, esperneando. Me ajoelho diante dela, exatamente como minha mãe fazia quando ia me corrigir.

— Olha pra mim, Allie — digo, mas ela continua gritando e se debatendo. Minha vontade é deixá-la gritando até ficar sem voz e ignorar sua existência, mas algo em mim se parte quando, entre um soluço e outro, ela continua dizendo que sou má. — Allison Marie Railey, olhe pra mim.

Meu tom é um pouco mais firme e ao ouvir seu nome completo — informação que obtive hoje cedo ao ver, por acaso, sua certidão em uma gaveta — ela para e fica olhando pra mim com o rosto molhado pelas lágrimas.

— Em primeiro lugar, sua boneca estava suja.

— Ma-mas... — soluçando, ela tenta argumentar, mas eu a corto erguendo minha mão.

— Outra coisa, você passou de todos os limites. Está de castigo.

Meu decreto a faz chorar outra vez, mas sem os gritos. Quando ela segue para seu quarto, volto para a sala e me deparo com um Kev de olhos arregalados.

— O que houve? — pergunto a ele.

— Estou de castigo também, mamãe? — Ele fica cabisbaixo e tenho vontade de rir da carinha que faz.

— Está sim — digo, para não parecer injusta —, acabou a brincadeira por agora, vai ficar aqui quietinho no sofá comigo.

Ele fica tristonho, mas não chora. Desisto da minha pesquisa por ora e me sento no sofá acomodando Kev em meu colo. Ligo a TV e começo a ver um programa de culinária. Um sentimento de culpa me atinge pela forma como puni Allie, fui muito dura.

Alguns minutos se passam e vejo que Kev cochilou. Acomodo ele no sofá, coloco quase uma dúzia de almofadas em volta com medo dele cair e decido ir ver como Allie está.

Subo as escadas e abro a porta do quarto dela. É um típico quarto de menina. Tons pastéis, bonecas, papel de parede floral, mas o que chama minha atenção é uma fotografia. Na verdade, é um quadro onde estamos Ian, Allie e eu.

Pela paisagem, deduzo que foi tirada no Central Park. Estamos tão sorridentes que, mais uma vez, é impossível não sentir a felicidade transbordando através da imagem. Eu e Ian parecemos completamente enfeitiçados pela garotinha de cabelos negros e brilhantes olhos verdes. Suas bochechas estão rosadas e seu sorriso aberto com apenas quatro dentinhos. É a criança mais linda que já vi.

Olho para a cama e fico observando a menina deitada nela. Ela dorme com o rosto manchado de lágrimas virado de lado, mas o que mais me chama a atenção é a forma como sua mão está aconchegada embaixo da lateral de sua

cabeça. É quando as fichas caem de uma só vez. Lembro de uma fotografia que minha mãe tinha de mim dormindo, e, tirando o fato dela ser fisicamente idêntica ao Ian, todo o resto é meu. Não apenas seu jeito de dormir, mas sua personalidade difícil. Allie é uma miniatura de mim, com a diferença que eu tinha uma mãe maravilhosa que sabia lidar comigo, enquanto eu, pelo visto, sou péssima.

Quando sento na beira da cama, ela acorda e fica um pouco perdida ao me ver, até se dar conta de onde está e se lembrar do que aconteceu. Então seu olhar se torna acusador e magoado.

— Você já pode descer — digo brandamente. Ela levanta, funga orgulhosa e passa a mão nos olhos. Antes de sair do quarto, escuto-a dizer em voz baixa:

— Me desculpe.

Acabamos descendo juntas e quando chegamos na sala, Kev está vendo Discovery Kids. Me rendo, sento no sofá com eles e vejo o desenho de uma porca cor-de-rosa. O que aconteceu com Tom e Jerry?

Estou tão cansada que cochilo sem me dar conta. Quando abro os olhos, vejo Ian sorrindo com o rosto perto do meu.

— Dia cheio? — ele pergunta, me beijando nos lábios.

Preocupada com as crianças, ignoro-o momentaneamente, olhando ao redor. Respiro aliviada, pois estão sentados no chão, ainda vendo TV. Graças a Deus! Então volto minha atenção para Ian e respondo:

— O pior! — resmungo, desistindo de bancar a super mãe e ele tenta esconder o fato de que acha engraçado.

Minhas costas doem, minhas pernas ardem e minha garganta está em chamas de tanto gritar. Foi um dia infernal.

— Vou dar um banho nas crianças. Você faz o jantar? — ele propõe.

Meu primeiro impulso é ranger os dentes frustrada. Estou completamente acabada por cuidar dessas crianças o dia todo, sem condições de fazer qualquer coisa além de existir.

— Vamos fazer melhor — ele diz, percebendo meu humor —, o que acha de pedirmos uma pizza?

— Pizza? — Allie pergunta, voltando sua atenção para nós. — Mas não é

sábado.

— Foi um dia difícil pra mamãe — Ian diz, olhando pra mim e dando uma piscadela que me faz corar como uma adolescente.

— Mas eu prefiro hambúrguer — ela resmunga.

— Tem certeza? — Ian pergunta erguendo uma sobrancelha. — Da última vez você deixou seu hambúrguer e comeu nossa pizza.

Ela dá um sorriso travesso e pula no colo do pai.

— Pizza vai ser ótimo, papai.

Depois beija o rosto de Ian e deita a cabeça no ombro dele.

— Você se importa em pedir? — ele me pergunta tendo tanta consideração que me sinto uma megera por ter pensado em reclamar antes.

— Claro! — Sorrio e vou para a cozinha.

Estou com o telefone na mão quando Victoria entra na minha casa, e sem bater. Abro minha boca para lhe passar um sermão sobre esse gesto absurdo, mas ela começa a falar:

— Sam, me perdoe! — Ela me abraça como se tivesse ficado longe por uma vida inteira. — Eu vi seus recados agora. Sinto muito, mas minha irmã ficou doente e, eu precisei ir até Staten Island ajudá-la com minha mãe e as crianças.

Ela continua falando sem parar, me deixando atordoada com a velocidade com que as palavras saem de sua boca. Lembro-me de quando ela era minha eficiente secretária, e jamais a ouvi falar tanto, principalmente se não fosse solicitada. Como ela consegue respirar? Ergo minha mão pedindo silêncio e ela para.

— Qual o sabor de pizza que as crianças gostam? — pergunto, e por um breve momento ela parece não entender, mas logo sorri solidária.

— As minhas ou as suas? — Percebo que ela está brincando na tentativa de desconstrair e, entendo por que gosto dela. Victoria é uma mulher bondosa que sempre se preocupa com os outros.

— Os meus e os seus — digo —, acredito que não teve tempo de fazer o jantar, assim como eu, então, venham comer pizza com a gente.

— Obrigada. — Ela me abraça outra vez. — Você é a melhor amiga e

vizinha de todas.

Reviro os olhos para todo o drama.

— Para as crianças acho melhor pedir apenas mussarela. Da última vez, Kev comeu um pepperoni sem a gente ver e você passou a noite toda limpando vômito.

— Ok! — Enrugo o nariz e estremeço com nojo, fazendo-a gargalhar. — Mussarela para as crianças.

— A nossa pode ter pepperoni — Victoria completa

— Com certeza! — Pego o telefone e começo a discar. — Ian adora!

Enquanto faço o pedido, ela vai buscar os filhos dela. Ian termina de dar banho nas crianças e vai até a garagem consertar a bicicleta de Allie. Victoria volta e nossos filhos se divertem no quintal enquanto conversamos.

— Então, sua irmã está melhor? — pergunto, enquanto pego uma toalha para forrar a mesa.

— Está sim. Foi ao médico e está medicada. — Victoria circula em minha cozinha me ajudando como se estivesse na própria casa. — Quando meu cunhado chegou foi um alívio. Como foi seu dia?

— Infernal — falo de forma dramática —, essas crianças têm muita energia.

Nós rimos e Ian chega junto com o cara da pizza. Ficamos na cozinha e as crianças no quintal, comendo ao estilo piquenique.

— Como estão as coisas na loja, Vick? — Ian pergunta, parecendo preocupado com algo.

— Na mesma, mas vai ficar tudo bem — é tudo que ela diz. Assim como eu, Ian percebe que ela não quer falar sobre isso.

— Precisamos marcar outra ida a Nova York — ele comenta, mudando o assunto —, levar as crianças ao zoológico e ao Central Park.

— Nossa! Vai ser ótimo mesmo — Victoria concorda sorrindo.

— O que acha do próximo final de semana? — Ian sugere. — Estarei de folga.

— Vou falar com as crianças. Elas vão adorar.

A noite é bem agradável e seguimos falando sobre diversos assuntos enquanto comemos. Percebo que Ian e Victoria se esforçam para agir naturalmente, mas evitam assuntos relacionados a minha amnésia para não me perturbar.

— Bom, agora nos conte em detalhes como foi ficar o dia todo com as crianças? — Victoria pergunta, e Ian sufoca uma risada. Cutuco-o com meu cotovelo, fingindo indignação.

— Ora! Ouvi você dizendo que foi “infernai” — ele me provoca.

— Eu exagerei — falo, revirando os olhos —, na verdade, não foi tão ruim.

Ian começa a gargalhar, me deixando exasperada.

— Do que está rindo? — pergunto, sem entender o que há de tão engraçado.

— Deixe-me ver — ele diz, secando as lágrimas no canto dos olhos —, o que não foi tão ruim? Limpar Kev? Subir e descer as escadas atrás deles? Ou assistir Peppa Pig?

— Como você... — Não preciso completar a pergunta, sei exatamente como ele obteve essas informações. — Allie — falo entredentes. Aquela fofqueira.

Victoria e Ian gargalham ao me verem lançando um olhar fulminante em direção a porta.

— Oh céus! — Victoria diz. — Daria tudo pra ver isso.

— Vocês são ridículos — resmungo, abocanhando minha fatia de pizza.

— Amor. — Ian me puxa e beija a lateral da minha cabeça rindo. — Vi também que o pote de palavrões está cheio, por isso deduzi que não foi nada agradável.

Eles ficam zombando de mim por um tempo, até notarmos que já passou da hora das crianças dormirem. Quando Victoria vai embora com Ben e Becca, subimos com nossos filhos para seus quartos. Ian cuida de Allie e eu de Kev.

Depois, vou tomar um banho enquanto Ian lê uma história para eles. Ao terminar, ele entra no banheiro onde estou secando meus cabelos. Pelo reflexo no espelho, vejo-o dar aquele sorriso torto que sempre me fez estremecer. Dessa vez não é diferente, especialmente quando ele olha para meu corpo de forma tão

sugestiva.

Desligo o secador, sorrindo pra ele da mesma maneira. Ian me envolve em seus braços e beija meu pescoço.

— Você tem um cheiro incrível — ele sussurra em meu ouvido —, vou tomar banho e já cuido de você.

Essas palavras me deixam louca de empolgação. Volto correndo para o quarto e depois de revirar minha gaveta, troco a calcinha comum por uma que é praticamente inexistente. Passo um pouco de perfume e deito na cama para esperar por ele.



Acordo com o toque suave dos lábios de Ian nos meus. Sorrio, abrindo os olhos. Não percebi que tinha cochilado.

— Não perde a hora de novo. — Seu tom é brincalhão. — Ou vai ter que ficar com eles hoje também.

Paro de rir e pisco algumas vezes tentando me situar no tempo e espaço.

— Como assim, hoje? O que aconteceu? — pergunto ainda confusa.

— Quando saí do banheiro você tinha apagado. — Sua voz é doce e não parece chateado por ter perdido uma noite romântica. — Sei o quanto eles podem ser exaustivos, então não tive coragem de te acordar. Você dormiu como uma pedra.

Eu choramingo frustrada e ele acha graça. Quando volta a me beijar, laço seu pescoço e tento seduzi-lo, mesmo sabendo que seria um momento tão fugaz.

— Sam! — ele sussurra com voz enrouquecida, beijando meu ombro. — Não posso me atrasar.

— Hmmm — ronrono como um gato e passo as unhas por suas costas.

Sinto-o estremecer sob meu toque fazendo o meu desejo aumentar. Enrosco minhas pernas nas dele e o puxo de volta para a cama. Ele cai apoiando as mãos no colchão. Assim que nossos corpos se encostam, sinto a evidência de que ele quer isso tanto quanto eu. Beijando-me profundamente, desliza uma das mãos por minha pele febril.

— Ian. — Eu mal reconheço minha voz.

Estico minhas mãos ansiosas para abrir sua calça, mas ele se levanta, cortando o contato de forma abrupta. Chego a sentir um arrepio frio, tão repentina foi sua retirada.

— Eu prometo — ele diz ofegante —, prometo que amanhã vou te amar com tanta voracidade que vai implorar pra eu parar. Estou louco de saudades de você.

— Quero que me ame vorazmente agora — falo em protesto —, e por que só amanhã?

— Porque hoje chegarei tarde e amanhã estarei de folga.

— Você está brincando, né? — Com minha frustração sexual no limite e sem ter ingerido minha dose matinal de cafeína, deixo a raiva crescer em mim.

— Amor, estou atrasado e como amanhã estarei de folga, é normal chegar tarde hoje.

— Nossa! — Me levanto indignada. — Minha vida foi reduzida a isso? Data e hora para fazer amor?

— Sam. — Seu tom contido é de advertência.

Ficamos nos encarando por um tempo, eu com raiva e ele visivelmente magoado com minhas palavras. Penso em me desculpar, mas estou tão chateada que as palavras morrem antes mesmo de surgirem em minha boca. Poxa! Já perdi as contas de quantas vezes fomos interrompidos.

— Acho que você precisa do seu café. — A forma condescendente com que fala me faz explodir.

— Eu preciso de outra coisa! — Minha voz se altera. — Eu preciso de

um tempo com meu marido. Sem crianças, vizinhos ou trabalho atrapalhando.

Ele trinca a mandíbula contrariado.

— Vou trabalhar — ele diz entredentes —, cuidado para não perder a hora outra vez — repete, antes de sair.

Conheço-o o suficiente para saber o quão bravo Ian está, e ainda assim, ele sai tranquilamente como sempre. Nada de porta sendo batida, nenhum rompante de fúria. Essa atitude fria e equilibrada me magoa. Preferiria que ele tivesse gritado ou batido a maldita porta, mostrado de alguma forma que também se importa.

Sento na beira da cama, tentando processar o que aconteceu de forma racional, mas como sempre, quando se trata de mim e de Ian, é tudo passional. Então, cobrindo meu rosto com as duas mãos, eu choro.

É isso, fui reduzida a uma criatura sentimental e chorosa. Depois de um tempo, vou lavar meu rosto e sento sozinha na cozinha com minha xícara de café enquanto penso em quão errada eu estava em pensar que essa vida era perfeita.

Acredito que meu estado de espírito é visível às crianças, pois pela primeira vez desde que os conheci, Allie e Kev levantam-se e tomam café em perfeita paz e harmonia. Dessa vez quem leva as crianças é Victoria, o que é um alívio, pois com a discussão de hoje, Ian esqueceu de me avisar quem seria o responsável pelo rodízio.

Penso em mandar uma mensagem pra ele questionando isso, mas não quero piorar as coisas, e, parando para pensar, provavelmente ele não viu necessidade por saber que seria ela.

Depois de deixar as crianças no colégio, Victoria vem me visitar e conversamos um pouco.

— Então, voltar a rotina está ajudando sua memória? — Me impressiona a pergunta tão direta. Afinal, ela e Ian tem evitado o assunto como uma praga.

— Na verdade, não — respondo com franqueza —, e pra piorar, Ian e eu brigamos mais cedo.

— Entendo — diz, pegando minha mão de forma afetuosa —, mas não fique assim, ele te ama e faz tudo por você.

— Exceto me levar pra cama — resmungo, fazendo-a arregalar os olhos com meu comentário.

— Estamos falando de deitar e dormir ou deitar e não dormir? — Acabo rindo do tom malicioso de sua pergunta e ela me acompanha.

— Céus! Nunca pensei que discutiria minha vida sexual com você — digo, e tento controlar o riso.

— Querida. — Ela me encara de forma zombeteira. — Discutimos constantemente nossa vida sexual. Você só não se lembra.

— Neste caso, a falta dela — eu completo, transformando nosso riso em gargalhada.

Quando finalmente conseguimos ficar sérias novamente, Victoria me olha com expectativa, esperando que eu conte o que aconteceu. Decido que nessa situação, o melhor é desabafar com alguém antes que eu surte.

— Em resumo, Ian não se mostra muito preocupado com o fato de que, aparentemente, não existe sexo em nosso casamento.

— Mas o que aconteceu exatamente? Digo, ele tem te rejeitado ou simplesmente parece desinteressado?

— Existe diferença? — Uso de ironia sem me importar. — A verdade é que Ian coloca tudo antes de mim.

— Me desculpe, mas terei que discordar. — Victoria fica séria, o que me faz prestar atenção. — Sam, ele trabalha como um louco pra dar o melhor a vocês. Volta pra casa todas as noites e por mais cansado que esteja, te ajuda com as crianças. E sabe o que mais? Te olha exatamente do mesmo jeito que há seis anos atrás quando nos conhecemos. Isso é raro, minha amiga.

Fico constrangida com as palavras dela, porém, não completamente convencida.

— Você não sabe quanta sorte tem. — De repente, Victoria fica triste e distante. — Luke nunca aparece em casa, e quando o faz, sequer olha pra mim. Diz que seu trabalho exige muito dele e que as viagens são pra nos dar uma vida melhor. Só que deixa menos dinheiro cada vez que aparece.

Fico triste por ela e envergonhada por me queixar de Ian. Pelo visto Victoria praticamente cria os filhos sozinha e seu marido é o maior dos babacas.

Me rendo a essa amizade que me pareceu tão improvável e a abraço de forma solidária. Logo depois, ela sai pra trabalhar e me garante que Cindy, uma das mães do grupo, vai trazer as crianças à tarde.

Assim que fico sozinha, tento outra vez descobrir algo sobre minha antiga vida. Ligo para o número que era de nossa filial em Nova Iorque apenas para descobrir que ele nunca pertenceu a um hotel. Faço buscas no Google e parece que realmente tudo não passou de um sonho. Nunca existiu hotel, nem Damon, muito menos Bill.

Tento processar essas informações, mas não consigo. Por duas vezes liguei para o telefone da mulher que tomava conta de King quando eu viajava, ela diz não me conhecer, muito menos o meu gato e ameaça me denunciar por assédio se eu insistir.

— Tem que ter uma explicação — murmuro incrédula, apoiando a cabeça nas mãos.

Desisto e resolvo me ocupar das tarefas domésticas. Percebo que minhas mãos e unhas não são mais tão bem cuidadas como eram, quando eu era uma empresária de sucesso, mas não me deixo abalar. Fico me perguntando o que diabos aconteceu com nossas economias, ou as economias que deveríamos ter, especialmente porque, pelo que entendi, antes de termos filhos, éramos bem-sucedidos em nossas profissões.

Paro de pensar em tudo isso e me concentro no que preciso fazer: colocar a casa em ordem. Lavo, passo e compro comida pronta, porque não sou de ferro. Ao fim do dia estou exausta.

As crianças chegam bem agitadas e tento acompanhar tanta energia.

— Mamãe, mamãe — Kev fala ofegante de tanto pular —, já sei contar até vinte.

— Isso é maravilhoso, querido — digo, beijando sua testa suada. Subo as escadas em direção ao banheiro com ele contando. — E você, Allie? O que aprendeu de novo?

— Que árabes são fazedores de bomba.

Eu paro e fico chocada.

— O que disse? — pergunto, sem acreditar.

— Tem um menino novo na minha turma — ela explica —, ele é árabe e no recreio vi outras crianças dizendo que ele era um fazedor de bombas.

Engulo em seco. Eu realmente não esperava lidar com esse tipo de situação com uma criança de seis anos.

— Kev, vai para seu quarto e comece a tirar a roupa — digo ao pequeno —, já vou lá te pegar pra tomar banho.

Ele assente e segue saltitando, enquanto vou com Allie para o quarto dela. Me sento na cadeira e peço a ela para me olhar.

— Querida, isso que seus colegas fizeram foi errado. Se chama bullying e pode prejudicar seu novo colega de turma.

— E por quê? — Ela me olha desconfiada.

— Porque isso certamente o deixa muito triste. O fato dele ser árabe, não quer dizer que ele seja mau e faça bombas. — Olho para ela pensando em explicar de forma compreensível. — Pessoas más são assim independentemente de onde nascem. Existem muitos árabes bons e que sofrem por causa das atitudes de árabes maus. Em todos os países, nações e lugares existem pessoas boas e pessoas más. O que define seu caráter são suas ações.

— Quer dizer que ele não vai explodir a escola? — A simplicidade da sua pergunta me faz querer rir, mas me controlo para não dar a ideia errada.

— Não, querida, afinal ele tem a mesma idade que você e não pode nem pegar em fósforos.

Allie sorri um pouco relutante e concorda. Me levanto para ir atrás de Kev.

— Isso é bom — escuto-a dizer quando já estou perto da porta —, ele parece ser legal.

— Pensa em quantas coisas diferentes ele sabe e pode te ensinar — digo sorrindo, deixando-a satisfeita —, e se prepare, você será a próxima no banho — grito, já no corredor.

Depois do jantar, eles dormem rapidamente e eu vou para a sala com uma taça de vinho e começo a assistir um filme.

Deve ser mais de meia-noite quando escuto um barulho na porta e me dou conta de que tinha apagado no sofá. Ao me levantar, percebo que estou um pouco tonta.

— Boa noite — Ian fala baixo assim que me vê.

— Boa noite — respondo.

Ele parece cansado e me beija no rosto antes de subir em direção ao

nosso quarto. Desligo a TV e o sigo.

Preparo a cama para dormirmos enquanto todos os questionamentos de hoje voltam com força. Quando ele sai do banho, decido confrontá-lo.

— Ian, o que houve com nossas economias? — Vou direto ao assunto.

— Do que você está falando? — Ainda perto da porta do banheiro, ele para e me encara na defensiva.

— Estou perguntando o que aconteceu com nosso dinheiro. — Sua atitude me deixa arredia. — Se éramos tão bem sucedidos, com carreiras promissoras, acredito que tínhamos algum dinheiro guardado. Por mais que eu não me lembre, não acredito que eu simplesmente concordaria em largar tudo para ser uma simples dona de casa.

O olhar dele muda de consternado para hostil. Ian me observa em silêncio e parece refletir sobre algo, mas não me deixa no escuro por muito tempo.

— Já que você não se *lembra*, vou colocá-la a par dos fatos, assim, quando sua *memória* voltar, não será surpreendida. — Engulo em seco com a aspereza de sua voz — Quatro anos atrás, decidimos usar o dinheiro dessas economias para abrir nosso próprio hotel. Algo simples, mas de bom gosto nos arredores de Manhattan. Porém incentivado por minha irmã, investi parte do dinheiro em algo que se tornou um prejuízo. Você obviamente me culpou e, acredito que me culpa até hoje, mesmo que neste momento não se *lembre*.

Fico horrorizada com as revelações dele. Que tipo de investimento foi esse? Será que fui consultada? Provavelmente não, ou não teria o direito de ficar chateada. Pelo visto ele se ressentia desse fato e me odeia por tê-lo culpado na época, pois não acredito que possa seguir acusando-o até hoje, depois de quatro anos.

Sei que fui eu quem o colocou contra a parede, mas agora estou magoada por ele despejar as coisas em cima de mim dessa forma, por isso acabo falando sem pensar.

— Então é isso? — falo indignada. — Você perde nossas economias e eu sou obrigada a ser a boa e gentil esposa? A aceitar isso passivamente enquanto você me coloca em segundo ou terceiro plano?

— Segundo ou terceiro plano? — A voz dele se eleva, o que me deixa bem chocada. — Durante os últimos quatro malditos anos eu não sei quem é

você e que vida é essa que estamos vivendo. Na sua raiva e falta de compreensão, VOCÊ me afastou ao invés de conversar comigo. Estou cansado disso, Samantha. — Ele me encara com as mãos na cintura, sua respiração parece difícil, assim como a minha.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas absorvendo esse momento horrível, até que Ian volta a falar:

— Eu tentei, e foram tantas vezes que perdi as contas. — Sua voz é baixa e reflete seu esgotamento emocional. — Achei que esse acidente fosse um sinal, uma segunda chance, que as coisas mudariam entre nós, que aos poucos consertaríamos nosso relacionamento, mas vejo que mesmo não se lembrando de nada, você ainda é a mesma Samantha dos últimos quatro anos, preocupada com bens materiais, dinheiro. Na época eu relevei, afinal, era muito pra você lidar com Kev recém-nascido, mas agora...

Quero dizer a ele que não é bem assim, mas não consigo sequer respirar diante de seu desabafo.

— Não quero mais joguinhos — ele continua —, num dia você me quer e no outro me odeia, mas em nenhum deles você volta a me amar. — Sua voz sai estrangulada, ele sofre, assim como eu.

Essas palavras finais, mais do que qualquer outra, me devastam. Eu o amo. O amo mais que tudo, só que estou tão chocada que sou incapaz de me expressar.

— Sei que temos de pensar nas crianças, mas... — Não! Tremo só de pensar em como essa frase vai terminar, mas a pausa que ele dá antes de completar seu pensamento, deixa claro que não é fácil para ele também. — Acho melhor que nos afastemos definitivamente. Não suporto mais isso, essa montanha russa emocional que virou nosso casamento. Te amar tem me machucado demais.

Meu coração bate com força e dói tanto que não sei como ainda estou de pé.

Ian pega um cobertor, seu travesseiro e sai do quarto, me deixando sozinha. Penso em pedir para que ele fique, dizer que sinto muito, mas não acho que ele acreditaria neste momento.

— Ai! — Minha cabeça dói, sinto um peso terrível em meu peito.

Entendo o que ele quis dizer quando falou que me amar tem machucado

demais. Pelo visto, eu venho sendo uma verdadeira bruxa nos últimos anos. Obviamente, nem hoje nem nunca aceitaria passivamente o que aconteceu, mas deixar isso se arrastar por anos? Não mesmo!

Pelas coisas que ele me disse, não passo de uma mulher amargurada e rancorosa, e isso não me agrada nem um pouco. Dias atrás tudo que queria era uma chance de voltar no tempo, mudar minha escolha e ficar com Ian, mas neste momento vejo que essa também não foi a melhor decisão para nós.

Vou para a cama e depois de rolar de um lado a outro, caio em um sono profundo e sem sonhos.

Quando acordo, vejo um bilhete no criado mudo.

Levei as crianças para a escola e fui para a casa dos meus pais. Não precisa se preocupar com nada, pois retornaremos só a noite.

I.

Sei que ser deixada em casa, é consequência por ter me tornado o que sou hoje, contudo essa percepção não muda em nada a dor que sinto. Isso, somado ao fato de ter dormido sozinha, faz um nó se formar em minha garganta. Respiro fundo para não me entregar as lágrimas.

Levanto e depois de fazer um pouco de café, me sento no sofá perto da janela com minha xícara fumegante. Fico olhando para o jardim de nossa casa, deixando minha mente vagar enquanto observo a paisagem.

Será que tudo está perdido de forma irrevogável entre nós? Quanto disso tem a ver com a forma como Allie se comporta comigo? Droga! Odeio isso. Odeio não entender as coisas, mas principalmente, odeio brigar com Ian.

Depois de alguns minutos, decido ir até a casa dos Railey. Visto uma calça de yoga, uma camisa larga e tênis. Não fica tão ruim quanto eu esperava. Aplico uma camada de rímel e tranço o cabelo que está comprido demais. Não gosto dele assim, mas por ora, é o que temos.

Quatro quartos depois, estou na frente da casa dos meus sogros. Paro na entrada e toco a campainha. Em seguida, Maggie abre a porta.

— Minha querida! — Sorrindo, me abraça. — É tão bom ver que está bem. — Ela beija meu rosto e me puxa para dentro. — Mas por que tocou a

campanha? Sabe que é só entrar.

Sorrio um pouco sem graça. Sei que para ela eu nunca saí da vida da família, mas minha cabeça ainda guarda a lembrança vívida de algo bem diferente.

Maggie percebe isso, ou acredito, sabe de minha “amnésia”, o que a faz sorrir compassivamente antes de me conduzir para a cozinha, de onde vem o cheiro maravilhoso de seu cozido.

— Eu realmente lamento não ter ido visitar você desde que voltou pra casa, mas com a saúde frágil de Patrick...

— Patrick está doente? — Fico imediatamente preocupada.

— Calma minha querida, ele está bem agora. — Maggie tenta me tranquilizar, mas acho impossível. Tudo que menos quero é passar pela perda de outro familiar. — Sam, não tem nada com o que se preocupar. Só não gosto de deixá-lo sozinho depois do susto que levamos, mas o médico já disse que está tudo bem.

Eu assinto sem muita convicção.

— Me perdoe por não ter ido visitá-la em casa. — Maggie se desculpa novamente

Digo que está tudo bem e, em seguida a abraço novamente. A última coisa que quero é magoar Maggie.

— Você quer um chá gelado? — Ela me oferece um pouco mais animada.

— Quero sim, obrigada. — Me acomodo na banqueta da ilha e observo a fluidez de seus movimentos. Maggie sempre foi uma mulher linda e Ian herdou dela essa beleza exótica de sua ascendência libanesa. Os olhos verdes ainda tão vivazes e os fios acinzentados entremeados aos grossos cachos negros de seus cabelos lhe renderam o charme da maturidade. Ao vê-la, é impossível não pensar em como Ian ficará daqui a alguns anos.

— Veio atrás de seu marido? — ela me pergunta em um tom brincalhão.

Pelo visto Ian não revelou nada sobre nossa briga.

— Sim — digo, encolhendo os ombros —, desculpe, não queria atrapalhar.

— Você jamais atrapalha, minha querida.

Maggie sempre foi a criatura mais carinhosa que conheci depois de minha mãe. Lembro-me que quando meus pais morreram, ela não me deixou um segundo sequer durante semanas. A forma como ela me ajudou e cuidou de mim só fez aumentar o amor que já sentia por ela. Isso foi uma das coisas que mais me apavorou, pois eu sabia que se eu a perdesse também, não me restaria nada.

— Sam. — Ela toca meu braço me trazendo de volta a realidade. — Imagino que esteja sendo difícil não se lembrar da sua vida, mas saiba que pode sempre contar comigo.

— Sei disso, Maggie. — Sorrio para tranquilizá-la, e funciona, porém, todo meu corpo se retesa ao ouvir a voz de Ian vindo do quintal.

— Mamãe, estamos morrendo de sede aqui. — Ele entra falando alto, e sorrindo de orelha a orelha, mas para assim que me vê. A tensão entre nós é óbvia. — Aconteceu alguma coisa? — ele pergunta, me olhando com cautela e dou de ombros.

— Estava com saudades da Maggie. — Escolho ser parcialmente sincera, mas tento não demonstrar o quanto fiquei triste por ele ter me deixado em casa.

— Hmmm — ele diz, dando a volta na ilha de granito que tem bem no meio da cozinha.

Maggie fica nos observando com certa curiosidade. Ian pega a jarra de chá gelado, enche um copo e bebe tudo quase de uma vez. Enche mais um copo, passa ao meu lado e beija a lateral da minha cabeça. Sei que essa atitude é apenas para não levantar suspeitas na mãe dele, mas ainda assim, todo meu corpo estremece com seu toque.

— Estamos quase terminando, mãe — diz, já chegando à porta que leva para o quintal dos fundos.

— O almoço está quase pronto também, querido.

Ele assente e sai. Assim que a porta se fecha, Maggie olha pra mim por um longo tempo sem dizer nada. Fico nervosa, pois ela sempre foi muito perspicaz.

— Quando essa besteira entre vocês vai acabar? — ela fala de forma categórica, deixando claro que não adianta tentar negar nada. — Meu Deus! Vocês se amam, têm filhos lindos. Já chega! Prometi não me meter, mas estou realmente preocupada. Quatro anos se passaram e vocês seguem assim. Acha de

verdade, Samantha, que seu casamento vai durar se vocês continuarem assim?

— E-eu não sei — gaguejo, pois de fato, não sei mesmo —, sequer me lembro o motivo de nossa rixa anterior.

— Esquecer essa rixa é o melhor mesmo. — Ela abana as mãos com desdém. — Você precisa se lembrar é do quanto sempre se amaram. — Seu olhar reflete piedade. — Desde o primeiro momento. Eu entendo que tenha sido difícil passarem por tudo que passaram, mas acho que devem se lembrar do mais importante. Espere aqui — ela diz, saindo da cozinha e me deixando confusa. Quando volta, está carregando uma caixa grande e pelo visto, pesada. Corro até ela.

— Me deixa te ajudar. — Pegó o objeto de seus braços e coloco no balcão.

Maggie abre a caixa e vejo vários cadernos dentro dela. Ela escolhe um e o estende pra mim. Olho curiosa.

— O que é isso? — pergunto, abrindo-o e vendo a letra de Ian.

— Encontrei isso no porão ano passado. Não sabia que os tinha guardado — me diz. — Quando Ian começou a escrever, sua letra era pavorosa — Maggie explica —, então incentivei-o a treinar sua caligrafia escrevendo diários. Ele gostou tanto que não parou.

Fico olhando para o volume encadernado que trazia na capa o ano em que começamos a namorar. Sinto um leve tremor por ter em minhas mãos os pensamentos mais secretos do meu marido, ao mesmo tempo a euforia em descobrir o que ele sentia naquela época. Mordo meu lábio inferior me sentindo incerta quanto a invadir assim a privacidade dele.

— Não tema, querida. — Maggie interpreta muito bem minha reação. — Acho que às vezes precisamos voltar no tempo e ver as coisas pelos olhos da outra pessoa. Quem sabe isso não te ajuda a recuperar suas lembranças?

Com uma piscadela, ela se vira para o fogão e continua a preparar o almoço, como se nada tivesse acontecido.



Eu já tinha me esquecido como era maravilhoso estar com os Railey. Maggie e seu jeito expansivo, Patrick e seu fascínio por botânica... Mesmo Ian evitando se dirigir diretamente a mim, o almoço foi ótimo. Maggie sempre foi uma excelente cozinheira.

O dia estava tão agradável que sequer me dei conta das horas passando até Ian avisar que estava indo buscar as crianças no colégio.

Quando eles chegam, Maggie decide fazer sua famosa torta de maçã. Eu a ajudo enquanto as crianças brincam pela casa. Depois de pronta, colocamos a torta para esfriar e nos acomodamos na sala para conversar.

— Mamãe! Mamãe! — Kev entra gritando na sala — Vovô está me ensinando a fazer incheio.

— Incheio? — pergunto, sem entender.

— Colocar uma planta na outra. — Sua explicação simples e infantil me

faz rir.

— Acho que você quis dizer enxerto, Kev — Maggie deduz, rindo também.

— É isso, vovó! — Ele pula de pura empolgação.

— Ok! — Maggie levanta do sofá e passa a mão pelo rostinho sujo de terra do meu filho. — Isso é ótimo, mas temos uma torta de maçã aqui pedindo para ser devorada. Chame seu pai e seu avô.

— Obaaaaaa! — Kev grita, e sai correndo de volta para o quintal. Rimos vendo-o saltitando até Ian e Patrick.

— Onde está Allie? — Maggie pergunta pra mim.

— Acho que está com eles. — Me estico para tentar ver.

— Não — ela diz, e depois de pensar um pouco olha para as escadas —, acho que ela está lá em cima vendo as fotografias. Ela adora fazer isso.

— Vou buscá-la então. — Me levanto e vou para a escada enquanto Maggie vai para a cozinha preparar tudo.

Paro na porta do antigo quarto de Ian e vejo Allie sentada no chão com um olhar maravilhado, rodeada por várias fotografias. Ela se sobressalta e o singelo sorriso que iluminava seu rostinho se desfaz ao me ver, ainda assim, não me diz nada.

— Sua avó vai servir a torta — tomo a iniciativa. Assentindo, ela começa a recolher as fotos.

Me aproximo e começo a ajudá-la. Há muito ali de Ian, sua irmã e eu. Mas uma fotografia em especial chama minha atenção. Ela foi tirada semanas antes da morte dos meus pais.

Pego-a e antes mesmo que eu possa perceber, uma lágrima rola por meu rosto. Seco-a imediatamente.

Nesta foto estamos todos juntos em um dos muitos almoços de domingo em que ficávamos em família. Patrick e meu pai estão sorrindo com seus chapéus de chef, empunhando seus pegadores de hambúrgueres. Minha mãe segurando uma tigela com sua famosa salada de batatas e Maggie com os pãezinhos. Sentados na grama estamos eu, Ian e Dorothy. Ele está com o braço em volta do meu pescoço, me puxando para um beijo e eu fingindo empurrá-lo. Doty revira os olhos rindo. É clara a alegria ali.

Ver essa fotografia reaviva uma intensa dor na minha alma, muito maior que qualquer dor física que eu poderia sentir. Saber que esse momento jamais se repetirá, me faz sentir que um membro está sendo arrancado de mim.

— Mamãe? — Me viro e vejo que Allie me encara confusa.

— Pode ir, querida — digo com a voz embargada —, eu arrumo isso aqui.

Ainda estranhando minha reação ela fica imóvel por um tempo.

— Allie, pode ir — digo um pouco seca —, preciso ficar sozinha.

Ela sai calada, e me sinto péssima, por mais uma vez ser uma porcaria de mãe para ela. Nesse momento, porém, coloco isso em segundo plano.

Me sento no chão e vejo mais fotografias. Cada uma delas repleta de doces lembranças.

Estou tão absorta que não percebo que tenho companhia, até que a mão quente e acolhedora de Maggie está em meu ombro.

— Não tem um dia que não sinta falta deles — ela me diz com os olhos rasos d'água, observando a fotografia em minha mão.

Eu assinto tentando controlar minhas emoções, não querendo deixar Maggie ver meu lado frágil.

— Você não precisa ser sempre tão durona, Sam — ela diz, me observando com empatia. Em seguida, abre os braços e sou completamente incapaz de resistir. Estou cansada de lutar sozinha. Me jogo nos braços dela e deixo meu choro correr solto.

Ela me embala dizendo palavras de conforto. Durante muito tempo lutei contra a dor da perda de meus pais e às vezes me pergunto se talvez o maior problema não foi justamente esse. Reprimir esses sentimentos, não chorar desesperadamente pela morte deles. Tudo isso fez de mim uma pessoa tão dura, que é incapaz de mostrar abertamente o quanto ama sua família.

Sinto como se uma eternidade tivesse passado quando finalmente paro de chorar. Vejo que molhei a roupa de Maggie, mas ela não parece se importar.

— Me desculpe — digo, fungando ruidosamente.

— Não por isso. — Ela puxa a barra de sua blusa e limpa meu rosto, exatamente como fazia quando éramos crianças. — Há muito tempo espero vê-la

colocar tudo isso pra fora, Sam. — Tocando meu rosto afetuosamente, completa. — Agora sei que vai ficar tudo bem.

Não compreendo suas palavras, mas ela não me dá espaço para entender. Habilmente recolhe as fotos e se levanta.

— Vou trocar minha camisa — ela diz —, fique à vontade no banheiro do corredor. Vamos descer antes que não deixem nada pra nós. — Sorrio fracamente para ela enquanto sinto certa medida de alívio depois de chorar tanto.

Sigo pelo corredor como se estivesse em um túnel do tempo, a cada cômodo uma lembrança diferente, todas tão frescas em minha mente, que sinto como se tudo tivesse acabado de acontecer. Sou atingida em cheio por uma delas assim que abro a porta do banheiro.

Entro no banheiro e estou lavando as mãos quando escuto o clique da porta sendo fechada. Logo sinto Ian bem atrás de mim.

— Oi — ele sussurra, e mesmo sem olhar, posso perceber que está com aquele sorriso diabólico.

— Ian, se nossos pais nos pegarem trancados no banheiro, ficaremos de castigo outra vez — digo, lembrando a ele de como minha mãe surtou, no que só posso descrever como o momento mais constrangedor da minha vida. Depois disso, nossos pais começaram a vigiar cada passo que damos, temendo que “atroleemos” as coisas.

— Nós nunca cumprimos aquele castigo — ele diz, dando de ombros quando me viro, e me encurrala contra a pia. Seus braços estão cada vez maiores por causa dos treinos de atletismo, e não consigo parar de babar cada vez que sou envolvida por eles. Um suspiro escapa por meus lábios e é todo incentivo que ele precisa para seguir em frente.

Ian cola a boca na minha e me devora. Ele me ergue com facilidade, me colocando em cima da pia. Eu envolvo sua cintura com minhas pernas enquanto ele desliza os lábios por meu pescoço, ombro e clavícula. Meu Deus! Começo a sentir um calor forte tomar conta de mim e enterro meus dedos em seu cabelo volumoso, puxando-os um pouco a medida que minha respiração fica mais pesada. Ian geme algo incoerente em minha pele quando minhas unhas arranham seu couro cabeludo e eu sinto seu membro pulsar, apertado dentro da calça. Minha nossa! Acho que meu coração vai explodir. Desesperada, deslizo minhas mãos até o zíper de sua calça para libertá-lo.

— Sam, não — ele sussurra roucamente, louco pelo meu toque, mas ao mesmo tempo, temendo-o.

Encorajada por essa percepção, insisto. Ian afunda o rosto em meu pescoço e sinto-o estremecer quando finalmente o toco, lá.

— Oh, meu Deus! — ele geme atormentado.

Me sinto poderosa por causar essa reação nele. Continuo com a carícia, um pouco desajeitada pela posição em que estamos, enquanto Ian apoia a cabeça em meu ombro xingando em voz baixa, para em seguida dizer coisas picantes com a voz entrecortada. Saio de cima da pia e inverte nossas posições deixando-o um pouco perdido. Ajoelho-me diante dele e estou prestes a fazer algo que há bastante tempo conversamos.

— Sam, você não...

— Shhh — eu o corto, e me concentro no que vou fazer.

— Merda! — ele murmura, estremecendo e agarrando com tanta força a pia do banheiro que é um milagre ela não quebrar.

Diferentemente do que acreditei e afirmei muitas vezes, não sinto nojo, pelo contrário, sinto um prazer incrível por fazer Ian perder o controle assim.

Estamos nos recompondo do mais tórrido momento que vivemos até aqui, quando batem na porta do banheiro. Arregalo os olhos e Ian faz um gesto para que eu responda.

— Oi — digo tentando parecer calma enquanto ele tenta pensar em uma forma de sair sem que descubram nossa pequena travessura.

— Sam — Maggie fala —, venha logo, já servi a torta.

— Estou lavando as mãos, já desço. — Tento engolir, mas é impossível.

— Tudo bem — ela responde —, sabe onde o Ian está?

— Acho que no quarto. — Quando digo isso, esse louco está tentando sair pela janela do banheiro, que não é tão maior que um basculante.

— Acabei de passar lá. — O tom dela deixa bem claro que não engoliu essa. Quero dar uma desculpa melhor, mas entro em pânico assim que percebo que Ian está entalado na janela.

Algumas horas se passaram desde o incidente no banheiro, e depois de quase precisarmos chamar os bombeiros, meu pai e Patrick conseguiram tirar

Ian de lá. Agora estamos aqui, sentados no sofá da casa dos Railey, ouvindo o maior sermão de nossas vidas. Pior até que o surto da minha mãe ao nos ver aos beijos sem camisa no meu quarto. Nossos pais se uniram contra nós. Meu pai e minha mãe revezam com Maggie e Patrick na bronca épica sobre responsabilidade e esperar a hora certa.

— Não somos idiotas. — Ian levanta indignado. — Sabemos os riscos e o que temos de fazer para evitar um bebê. Vocês não podem esperar que sejamos virgens pra sempre né.

Ah, meu Deus! Ele não disse isso. Ele não disse isso.

Apoio meu rosto nas mãos e balanço a cabeça repetindo baixinho como um mantra.

— Vocês se acham muito espertos, não é? — Patrick diz, encarando o filho com uma fúria incontida. — Esses métodos podem falhar. E se vocês se virem com um bebê nos braços antes mesmo de entrarem na faculdade? Vão fazer o quê?

— Vamos chama-la de Allie — Ian diz, tão repentinamente que levo um tempo para entender.

— O quê? — o pai dele grita, e parece prestes a pular no pescoço dele. Me faço a mesma pergunta mentalmente enquanto puxo ele de volta para o sofá. Ian enlouqueceu, só pode.

— Ian — murmuro, tentando fazê-lo sossegar, mas é impossível.

— Não, Sam! — Ele fica de pé novamente. — Eles precisam entender — ele diz, olhando pra mim, mas logo se vira para nossos pais. — Se esses métodos falharem, colocaremos o nome de Allie em nossa filha. Trabalharemos duro para que nada falte a ela e vamos amá-la tanto quanto vocês nos amam.

Maggie segura o ombro de Patrick e sussurra algo em seu ouvido, fazendo-o recuar um pouco em sua fúria.

— Vocês acham que sabem tudo. — Meu pai se aproxima. — Não estamos aqui pra bancar os moralistas. Queremos apenas que pensem bem.

— E que esperem — minha mãe completa —, não há motivos pra pressa.

Pressa?! Minha mãe só pode estar de brincadeira. Nossos colegas de turma andam transando por aí depois de uma semana de namoro, Ian e eu estamos juntos há quase três anos. Se tem uma coisa que estamos tendo é

paciência. Pelo amor de Deus!

Frustrados, nossos pais saem e conversam em particular enquanto eu e Ian debatemos a situação absurda e exagerada.

— Eles acham que só vamos transar quando tivermos uma casa e bons empregos?

— Ian. — Dou-lhe uma cotovelada que serve apenas para fazê-lo rir.

— Bom, depois do que aconteceu hoje será quase impossível manter as mãos longe de você.

— Ahhhh! — Cruzo os braços indignada. — Então é só por isso que me quer?

— Claro que não. — Ele me puxa e me coloca em seu colo. — Sabe que eu amo você. — Envolvendo minha cintura, beija a ponta do meu nariz. — Só que você me deixou louco com a brincadeira de hoje.

Dou uma risadinha constrangida e escondo meu rosto em seu pescoço.

— Nããããoooo — choramingo, e ele me faz levantar o rosto. Segurando meu queixo com a ponta dos dedos, sorri pra mim.

— Não quero que se envergonhe do que há entre nós. — Fico hipnotizada pela forma como seus olhos brilham olhando pra mim.

— Ok! — respondo, sem quebrar o contato visual.

— Pretendo retribuir em breve. — Seu sorriso safado me faz ficar tão vermelha quanto um pimentão.

— Ian! — Dou um tapa no braço dele, sentindo minhas orelhas em chamas enquanto ele ri. Depois me beija e, está me enchendo de carinhos quando me lembro...

— Ei! Que história é essa de Allie? — pergunto, pois ainda estou confusa com o que ele falou.

— É o nome da nossa filha — ele fala com uma facilidade chocante.

— Ah sim! Porque eu vou simplesmente deixar você escolher depois que EU carregar por nove meses. — digo, revirando os olhos e rindo do absurdo que é esta conversa.

— Isso mesmo — o danado declara, passando o nariz por meu pescoço,

mas me esquivo mostrando indignação quando ele tenta me beijar —, quando for um menino, você escolhe. — diz, tentando me amaciar.

— Deus do céu! Quantos filhos acha que teremos? — Acabo rindo.

— No mínimo, dois. Mas eu gostaria de mais se você concordar.

— Dois é suficiente — digo carrancuda —, não vou ficar engordando e parindo seus filhos enquanto você viaja por aí exibindo esses braços lindos para a mulherada.

Ian gargalha das minhas palavras e volta a me beijar. Dessa vez eu não desvio, pelo contrário, retribuo com todo meu amor.

Nossos pais voltam e nos surpreendem ao não declararem que estamos de castigo por toda a eternidade, em compensação, somos obrigados a ouvir uma palestra vergonhosa sobre sexo seguro.

— Amanhã iremos à minha ginecologista — minha mãe declara. Quero me enfiar num buraco e desaparecer.

— Mãe! — choramingo, cobrindo o rosto com as mãos.

— Nada de mãe! — Agora é meu pai quem fala. — Se acham que estão prontos para irem adiante, então estão prontos para ouvir o que temos a dizer sobre isso.

Paro em frente ao espelho do banheiro, fico observando meu reflexo enquanto o flashback se esvai. Baixo meu rosto na pia e o lavo. Quando volto a olhar o espelho, me deparo com o reflexo de Ian parado atrás de mim.

— Você está bem? — pergunta, me olhando com atenção.

— Estou sim.

Ficamos nos encarando através do espelho por um tempo, tenho tanto a dizer, mas as palavras não saem. Ian parece travar a mesma batalha.

Uma necessidade absurda pelo toque dele cresce em mim. Chega a doer o tanto que eu o quero. Estou prestes a me render e pedir um abraço quando ele quebra o silêncio.

— Estamos esperando você lá embaixo. — Suas palavras são secas.

Não sei exatamente que expressão tenho neste momento, mas ele parece

arrependido da forma como falou inicialmente.

— Se demorar muito, não sobrar nada pra você. — Seu tom agora é brincalhão, mas seu rosto não mostra a mesma emoção.

Antes que eu faça qualquer réplica, ele se vira para sair. Por um breve instante percebo sua hesitação, mas ele logo sai, me deixando sozinha outra vez.

Ao fim do dia, as crianças estão exaustas e os colocamos no carro completamente apagados.

— Maggie, obrigada por esse dia maravilhoso. — Eu a abraço me despedindo.

— Volte sempre que quiser — diz, beijando meu rosto —, não esqueça os diários — ela sussurra com voz travessa, e depois me lança uma piscadela antes de ir abraçar o filho.

— Venha mais vezes — me diz Patrick, do jeito extrovertido tão típico dele —, assim ela me deixa em paz com minhas plantas por algumas horas.

Rio quando ele me abraça e escuto Maggie resmungar dizendo:

— Eu ouvi isso, Pat.

Entro no carro com Ian e pelos quarteirões seguintes o silêncio entre nós é ensurdecedor.

— O dia foi ótimo — eu digo, tentando puxar assunto.

— Sempre é na casa dos pais. — Sua afirmação é sucinta e desprovida de emoções. — Obrigado por não deixar transparecer nossos problemas a eles. Minha mãe já tem muito com o que se preocupar.

Engulo em seco diante de suas palavras e antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, já estamos na frente da nossa casa.

Ele sai do carro e pega Allie, enquanto eu carrego Kev. Troco a roupa do menino sonolento e depois de escovar seus dentes, coloco-o na cama. Ian faz o mesmo com Allie, porém, sua prática permitiu que ele terminasse antes de mim.

Quando entro no quarto meu marido está no chuveiro. Vou até a poltrona perto da janela e me sento. Respiro fundo e estremeço nervosa, pensando em algo para dizer que amenize nossa situação, que ao menos acabe com essa animosidade.

Ele sai usando apenas a calça do pijama e secando o cabelo. Minha boca

fica seca diante da perfeição que ainda é seu abdômen. Não lembro mais o que dizer e ele fica me encarando com uma sobrancelha erguida. É quando me dou conta que estou com a boca meio aberta. Que patético!

Envergonhada até a alma, eu pulo do sofá e corro para o banheiro sem dizer nada. Jogo um pouco de água fria no meu rosto afogueado antes de entrar no banho. Saio decidida a conversar com ele, mas logo vejo que isso será impossível esta noite. Ian já não está no quarto, assim como seu travesseiro.

Triste e decepcionada, deito e apago a luz do abajur. Depois de alguns minutos rolando de um lado a outro sem conseguir dormir, volto a acender a luz e sento na cama. Vejo no canto do quarto a caixa que trouxe da Maggie, e imagino que Ian deve ter trazido enquanto eu cuidava de Kev. Como ele não comentou nada a respeito, deduzo que não abriu para descobrir o que tinha dentro. Pego um dos diários. Vejo que é justamente o mesmo que vi na casa dos Railey, do ano em que começamos a namorar. Abro na primeira página.

Hoje finalmente retornamos para a escola depois da pausa para os feriados de final de ano. Não via a hora de voltar a correr na pista coberta do colégio. Tem feito tanto frio que na última vez que corri na rua, achei que minha bunda fosse congelar.

Não consigo evitar a risada por sua escolha de palavras. Avanço algumas páginas onde ele fala sobre sua entrada na equipe de atletismo e as aulas de matemática. Paro quando vejo o nome de minha *arqui-inimiga* da época de escola.

Hoje, Jess Middle veio falar comigo. Não entendi o motivo, pois ela nunca olhou pra mim, e hoje chegou tão perto que quase vomitei por causa daquele perfume enjoado que ela usa.

Me lembro desse dia como se fosse ontem. Como sempre, Jess queria me provocar, se bem que, flertar com Ian não era exatamente um sacrifício. No ano anterior, depois de perder alguns quilos, Ian começou a ganhar forma e seu rosto deixou de parecer tão infantil. Sim, ela queria me infernizar como sempre, mas se ele tivesse caído em sua teia, não teria sido nada mau pra ela. Vaca!

Chamei Sam pra jogar vídeo game à tarde e ela estava irritada com o fato de eu ter falado com Jess na hora do intervalo. Expliquei que foi Jess quem veio falar comigo e não sei por que, mas isso a deixou ainda mais furiosa. Segundo Sam, pra ela ter vindo falar comigo, é porque dei liberdade. Deus! Quem entende as mulheres? Estudo com Jess desde o jardim, e tirando o dia em que jogamos queimada na mesma equipe na aula de educação física no primário, ela jamais falou comigo. Então simplesmente não havia a menor possibilidade de que eu teria chance de lhe dar “liberdade”. Quando disse isso a ela a coisa ficou feia, ela me acusou de querer dar liberdade para a Jess e me mandou ir chamar a Jess pra jogar vídeo game. Sem entender qual era o problema, perguntei se ela estava naqueles dias. Juro que temi por minha vida. Meu pai já havia me advertido quanto a isso, mas eu não aguentava mais ouvi-la reclamar sem razão. Sam ficou tão furiosa que achei que arrancaria minha cabeça. Jogou o joystick em mim e foi embora.

Mais tarde fui até a casa dela, mas ela não quis falar comigo. Pedi à sua mãe pra me dizer que eu deveria ir conversar com a Jess Middle. Andie riu e me disse pra dar um tempo a ela pra refletir.

Caramba! Primeiro brigou comigo por falar com Jess, depois me mandou fazer exatamente isso. Falei com meu pai e ele riu tanto que fiquei irritado. Depois ele explicou que provavelmente era apenas ciúmes, e que se eu não quisesse passar pelo fogo do inferno pisando descalço nas brasas, era melhor eu evitar a Jess Middle. Não tenho certeza se compreendi sua metáfora, mas pensar que Sam sente ciúmes de mim...isso realmente me animou.

Fecho os olhos e aperto o diário contra meu peito. Ele já me amava, então.



Como sempre, meu dia começa agitado. Levanto e vou acordar as crianças, desço para preparar o café e quando volto, eles ainda estão na cama. Chamo outra vez e desço correndo, pois esqueci o leite no fogo. Resultado? Fogão sujo.

— Merda! — resmungo, e quando me viro, Allie está atrás de mim com o pote e Kev ri da minha cara. Isso virou um jogo para eles.

Gostaria de dizer que com o passar dos dias isso mudou, mas não.

Na sexta-feira, esqueço de colocar os lanches nas mochilas e tenho que ir até o colégio para levar.

No sábado, esqueço as crianças no mercado. Graças a Deus me lembro quando ainda estou no estacionamento. Volto correndo. Kev chora e Allie me lança um olhar furioso. Sorrio nervosa e digo que estava brincando com eles, mas ela não engole.

No domingo, não posso reclamar. Formamos um grande grupo com a família de Victoria e partimos para o zoológico. Porém volto cheia de arranhões e hematomas por correr atrás desses diabinhos travessos.

Segunda-feira, vou dormir quando já é terça por causa do projeto de ciências da Allie. Que por sinal, estava no aviso de seu caderno desde a semana passada, mas eu não vi.

E na terça-feira como não “dormi” perco a hora e tenho que voar, literalmente, com as crianças e uma maquete infernal até o colégio. Sou recompensada ao saber que minha filha ganhou o primeiro lugar com sua tarefa da escola.

Apesar de toda essa confusão e correria, depois de quase quinze dias sendo Samantha Railey, as coisas estão começando a se encaixar, muito lentamente para o meu gosto, mas ainda assim, se ajeitando. A única coisa que permanece ruim é meu relacionamento com Ian. Quer dizer, ruim seria se brigássemos todos os dias por motivos tolos. Na verdade, a palavra correta é desastroso. Dia após dia ele é educado, cortês, zeloso até, mas ainda dorme no sofá e evita qualquer proximidade emocional comigo.

Estou preparando o jantar quando ele chega.

— Boa tarde — ele me cumprimenta, passando em direção à sala e senta no sofá. Deixando sua bolsa no chão, começa a afrouxar a gravata parecendo exausto.

Decidi me esforçar mais para melhorar as coisas entre nós, por isso paro o que estou fazendo e levo chá gelado pra ele.

— Obrigado — ele diz, com um meio sorriso.

— Como foi seu dia? — Tento puxar assunto.

— Cansativo. E o seu?

— Até que foi tranquilo. Não queimei nada, não xinguei e sei onde estão as crianças.

Ele dá uma risada que faz meu coração dar cambalhotas. Uma pequena vitória para me dar esperanças.

— A propósito, onde eles estão? — me pergunta quando finalmente para de rir.

— Na casa de Victoria, brincando. — Ele se levanta e tento prolongar

nossa conversa. — Você quer um sanduíche?

Ian fica me observando em silêncio, como se buscasse uma resposta para minha atitude cordial. Por um breve momento vejo seus olhos brilharem com um sentimento que não sei definir, mas logo o brilho se esvai.

— Não precisa, prefiro esperar o jantar. — Ele pega a bolsa e segue em direção à escada. — Precisa de ajuda? — ele pergunta sem olhar pra trás.

— Não, obrigada — digo sem pensar, e logo me arrependo, agora não tenho uma desculpa para tê-lo por perto enquanto as crianças não estão aqui.

Depois do banho, Ian pega as crianças na casa de Victoria e fico vendo-o brincar com eles na sala. Estão fazendo um verdadeiro alvoroço e se divertindo. Um saudosismo toma conta de mim.

— Papai, eu tirei dez em matemática! — digo, pulando no colo de meu pai.

— Que notícia maravilhosa meu amor. — Ele rodopia comigo em seus braços pela sala. — Andie, nossa princesa tirou dez. Como vamos comemorar? — Papai está rindo, eu adoro a risada dele.

— Que tal com lasanha? — Minha mãe aparece na sala sorrindo. Ela parece um anjo de tão linda. — O que você acha minha princesa da matemática?

— Vivaaaaa!!! — eu grito, pulando do colo do meu pai para o dela que me abraça e depois gira comigo. Quando cansamos, nos jogamos no tapete gargalhando.

Sem conseguir suportar a dor da lembrança, vou para a cozinha respirando com dificuldade. Eu luto contra as lágrimas, mas não consigo evitar. Escuto passos na cozinha e seco rapidamente meu rosto.

— Tudo bem, mamãe? — Allie se aproxima com a testa franzida.

— Sim, querida. — Forço um sorriso. — Estava cortando cebolas, elas fazem a gente chorar.

Mesmo não parecendo muito convencida, ela pega sua garrafa d'água e sai. Respiro fundo e volto minha atenção para o jantar, que coincidentemente, é lasanha.

Não demora muito e Ian aparece na cozinha. Allie linguaruda.

— Você está bem? — Ele para ao meu lado, encostando no balcão. Mantenho o olhar baixo finalizando a salada, mas sinto-o me observar.

— Estou. Só estava picando cebola. — Um pouco mais segura de minhas emoções, ergo meu rosto e sorrio.

— E as dores de cabeça?

— Melhores — eu minto, e ele parece desconfiar.

— Não esqueça que tem consulta depois de amanhã. Chegarei na hora do almoço para te acompanhar.

— Obrigada — digo, sentindo meu coração saltar de alegria. Por um breve momento tenho a impressão de que Ian vai me tocar, mas muda de ideia no último instante. Depois sai e me deixa sozinha e confusa. Não sei mais o que esperar.

À mesa, minha família elogia a comida.

— Mamãe, você é a melhor cozinheira de todo o universo — Kev me diz sorrindo.

— Obrigada, querido — falo, limpando seu rosto que está todo lambuzado de molho.

— Está mesmo muito boa, mãe. — Até mesmo minha reservada garotinha elogia.

Agradeço a ela e me sinto um pouco decepcionada por Ian não me dizer nada. Mas quando ergo o olhar de meu prato, sou surpreendida por seu sorriso apreciativo.

— Parabéns! — ele finalmente diz. — Que minha mãe não nos ouça, mas concordo com Kev.

Ah Ian! Se você soubesse o quanto suas palavras mexem comigo. É um momento fugaz, mas ainda assim me faz ter esperanças.

Depois de colocarmos as crianças na cama, Ian segue para o sofá e eu para o nosso quarto. Como estou sem sono, decido ler mais um pouco de seu diário.

Convidá-la pra ir ao cinema, foi ideia da minha mãe. Ela me viu chateado e depois de ser atormentado, acabei confessando que estou apaixonado pela Sam. Nossa! Quis retirar as palavras assim que falei, pois minha mãe fez um alvoroço que me matou de vergonha. Mas no fim, quando ela se acalmou, a conversa foi bem produtiva.

Ao chegarmos no cinema, Sam estranhou eu ter pago as entradas, a pipoca e o refri. Ela tentou me impedir, mas eu não deixei. Durante o filme, senti crescer uma expectativa que antes não estava ali. É tão estranho perceber que ama sua melhor amiga, alguém que sempre esteve com você, mas que antes não fazia seu coração bater de forma estranha. Se bem que, sendo muito sincero, tem um bom tempo que notei a mudança de meus sentimentos por ela. Isso meio que começou depois do verão que ela viajou para a Inglaterra com os pais há dois anos. Andie queria descobrir se ainda tinha algum parente vivo e por isso passaram todo o verão por lá. Conversei com Sam quase todos os dias por telefone, mas não era a mesma coisa, sentia uma falta imensa da minha melhor amiga, e quando ela voltou eu entendi porque me sentia tão triste sem ela. Mas tudo só veio à tona quando vi o babaca do time de futebol falando dela como um objeto. Saber que ele jamais apreciaria as peculiaridades dela, me fez querer arrancar cada dente da boca daquele imbecil.

Sério mesmo. Ele jamais saberia o quão engraçado é quando ela fala dormindo, que ela gosta de misturar pasta de amendoim com geleia de morango ou que, seu nariz começa a coçar quando ela tenta mentir. Se ela estiver brava, basta lhe dar uma barra de Snickers e tudo fica bem. E, por Deus! Que Andie nunca saiba, mas ela xinga como um marinheiro quando está zangada. Porém, o melhor é a bondade em seu coração, a forma como ela sempre se dispõe a ajudar os outros, ou como ela quer salvar todos os animais perdidos. Ah! Não posso esquecer de mencionar sua covinha. Sim, uma diminuta e linda covinha que aparece no topo de sua bochecha esquerda quando ela sorri abertamente.

Por esses detalhes e muitos outros que ele JAMAIS saberia apreciar, eu não poderia permitir que ele se aproximasse dela. Mas principalmente, porque eu não suportaria vê-la sorrir para outro garoto, como ela sorri pra mim. Então, mesmo correndo o risco de ser rejeitado e estragar nossa amizade, decidi demonstrar meus sentimentos, e foi a melhor coisa que aconteceu.

Eu não lembro exatamente em que momento tomei coragem e peguei na mão dela, mas ao invés de ser repelido, como eu temia, ela correspondeu ao

meu toque e passamos o restante do filme com os dedos entrelaçados. Na verdade, voltamos pra casa assim, e inclusive fizemos o caminho mais longo, dando a volta pelo parque, só pra ficarmos mais tempo de mãos dadas. Rimos e conversamos como sempre fazemos, mas sem soltar a mão um do outro. Meu coração batia com tanta força que não sei como ela não escutou. Para minha tristeza, chegamos à sua casa. Eu estava tão nervoso que comecei a transpirar pelo corpo todo apesar do frio. Sei que a maioria dos garotos de 14 anos já beijou antes, alguns já fizeram até mais coisas, mas eu não, e não foi por falta de oportunidade ou coisa assim, a verdade é que desde sempre meu coração foi da Sam, mesmo quando eu não sabia disso.

Nos abraçamos em despedida umas três vezes, na última, acabamos falando ao mesmo tempo, e achamos engraçado. Foi nessa hora que a covinha dela apareceu. Por um momento, senti como se meu coração tivesse parado e, em seguida, acelerado de um jeito que me deixou sem ar e meio tonto. Incapaz de permanecer calando meus sentimentos, confessei minha paixão. Para minha surpresa ela disse sentir o mesmo e eu a pedi em namoro. Olhando nos olhos dela me aproximei fazendo seu riso cessar e notei que ela estava tão nervosa quanto eu. Seus olhos castanhos claros se arregalaram e eu senti uma necessidade imensa de tocar seu rosto, e quando o fiz, ela fechou os olhos e suspirou. Ali, eu soube que estava perdido. Me inclinei e nossos lábios se tocaram, foi a melhor sensação do mundo. Senti um calor aquecer meu rosto e todo o corpo. Não queria que ela percebesse que eu tremia, pois não era por causa do frio. Então, algo mágico aconteceu, começou a nevar. Tudo bem, não foi mágica, foi a meteorologia, que já tinha avisado sobre a neve, mas naquele momento, pareceu magia. Ainda abraçados, olhamos para o céu, e sorrindo inclinamos nossas cabeças para trás e colocamos a língua pra fora a fim de pegar flocos que caíam. E ali, assistindo-a sorrir, feliz com nossa brincadeira, eu fiz o que mais desejava, beijei sua covinha.

Fecho o diário e respiro fundo. Emocionada, me levanto e vou até a sala, durante um bom tempo fico observando-o dormir e pensando numa forma de consertar as coisas entre nós.

— Eu te amo tanto — sussurro, e toco suavemente seus cabelos. Congelo quando ele se mexe, porém, como não acorda eu continuo ali, olhando para o grande amor da minha vida, deixando as lembranças fluírem.

— Mãe, como você soube que amava o papai? — Minha mãe me olha com um sorriso doce, algo muito comum.

— Sente-se aqui, querida. — Deixo meu livro na mesinha e vou para o seu lado no sofá. — Sabe que conheci seu pai quando vim para os EUA fazer minha pós em economia internacional. — Eu apenas assinto, pois já ouvi umas mil vezes essa história de como meu pai se apaixonou à primeira vista por ela. E não posso culpá-lo, minha mãe tem uma beleza clássica. Parece que saiu de um dos livros de romance que leio. Linda, meiga e muito inteligente. — Bem, eu não me apaixonei à primeira vista por ele.

— Não? — Olho para ela meio chocada, pois sempre achei que esse amor à primeira vista tivesse sido mútuo.

— Não, querida. — Ela acaricia meu rosto. — Seu pai se aproximou com pretexto de amizade, e foi exatamente o que acreditei que ele era. Meu amigo. Eu nunca tinha saído da Inglaterra até então. Era tudo muito novo e eu estava deslumbrada. Como eu não conhecia ninguém, seu pai se ofereceu para me mostrar a cidade e, justamente neste dia, conheci Julian, amigo de infância de seu pai. Julian me paquerou durante todo o passeio, o que foi bem inconveniente. Ele era lindo, mas eu nunca gostei de caras tão diretos. Enfim, naquele dia, eu o ignorei completamente e seu pai pediu desculpas mil vezes pelo comportamento dele quando me deixou em casa. Eu disse a ele que não me importava, que de toda forma não gostava do jeito de Julian por mais bonito que ele fosse, e que além disso, eu estava ali para estudar e focar na minha carreira, e que apreciava muito a gentileza e a amizade dele. Depois desse dia, eu e seu pai nos tornamos inseparáveis, tanto no estudo como na diversão. Seu pai sempre foi o tipo de cara atencioso. Sabia como eu gostava do meu café, e fazia questão de levar todos os dias pra mim. Quando eu estudava na casa dele, sempre tinha chocolates, e eu sabia que era pra mim porque ele sempre foi alérgico. Quando fiquei doente, ele se enfiou no meu apartamento, lavou minha louça, fez sopa pra mim, recolheu todos os lenços de papel sujos...

“Muitas pessoas pensavam que rolava algo entre nós, mas nada disso acontecia. Pouco mais de um ano depois, Julian voltou pra cidade, dessa vez pra morar. Então, sempre que eu e Samuel saíamos, ele vinha junto. Julian não era do tipo tímido e me convidou pra um encontro. Não aceitei. Ele insistiu algumas vezes, mas me mantive firme. Mas, dias depois, no Dia dos Namorados, eu estava estudando no campus quando recebi um buquê de girassóis, minhas flores preferidas. Junto, tinha um bilhete super romântico, mas sem assinatura. Corri até seu pai toda empolgada e contei a ele, disse que suspeitava ser Julian,

então ele me incentivou a aceitar o convite dele para um encontro. Eu fui. Neste dia, diferente de todos os outros, Julian se portou como um cavalheiro. Me levou flores, puxou a cadeira para eu me sentar, abriu a porta do carro pra mim. Não tentou me beijar, mas deixou claro que desejava fazer isso. Eu estava no céu. Um cara lindo e atencioso estava interessado em mim.

“Alguns dias depois ele me enviou uma cesta linda com meus chocolates preferidos, um cartão, flores e um CD que eu estava louca pra comprar. Aquilo me deixou desconfiada, pois como ele poderia saber exatamente o que eu queria? Tive a resposta naquela mesma noite quando saímos outra vez. Quando ele me deixou em casa, depois de me beijar, perguntei como ele sabia do que eu gostava e ele me disse com toda a naturalidade que foi nosso amigo em comum quem lhe deu as dicas. Disse que estava muito interessado em mim e que, quando eu liguei aceitando sair com ele, não soube o que fazer, por isso pedi ajuda a Samuel. Descobri também que nem foi ele quem me enviou as flores. Eu fiquei furiosa, obviamente. Me senti traída por meu melhor amigo. Fui até a casa dele e depois de despejar toda a minha ira, sabe o que ele confessou?”

— O quê? — pergunto completamente fascinada com a história.

— Que tinha sido ele quem enviou as flores no Dia dos Namorados. Fiquei chocada, especialmente por que foi ele quem me incentivou a procurar Julian.

— Tá brincando! — Olho pra minha mãe sem acreditar.

— Fiz essa mesma cara, e quando o questionei, disse que me viu tão feliz achando que as flores eram de Julian, que supôs que eu estava realmente interessada nele. E que depois do primeiro encontro me viu tão radiante, que só pensava que eu merecia ser feliz. Então ele me disse que me amou desde o instante em que me viu pela primeira vez, e que desde aquele dia fez de sua função na vida, me fazer feliz. E sabe, foi exatamente o que ele fez. Em todos os momentos. Eu já tinha um carinho imenso por seu pai, mas naquele momento eu me apaixonei. Eu soube que ele era o homem da minha vida, que ninguém jamais me amaria dessa forma.

— Não sei se entendi direito — eu confesso. Sem deixar de sorrir, ela me explica:

— Eu entendi que o amava pelo amor que ele sempre demonstrou por mim. Um amor altruísta. Por mais que ele estivesse triste e sofrendo ao me ver com outra pessoa, ele só pensava na minha felicidade, e isso é algo que não tem

preço. Mas isso foi comigo querida, as pessoas sentem e vivenciam o amor de formas diferentes. Não se preocupe, não tenha pressa, pois quando for a hora, quando se sentir assim, não vai precisar de explicação. Você simplesmente vai saber.

— Que falta me fazem seus conselhos, mamãe — eu murmuro, voltando para o presente. Ainda olhando para Ian dormindo no sofá, me lembro que no momento em que ela me contou essa história, fiquei um pouco desanimada, pois o que eu tinha como exemplo de amor perfeito, era o relacionamento dos meus pais e, sinceramente, Ian podia ser tudo, menos abnegado da forma como meu pai foi.

Quer dizer, ele carregava minha mochila quando voltávamos pra casa andando, sempre tinha uma barra de chocolate para me dar quando eu estava na TPM, me ajudava a salvar animais abandonados, e quando eu chorava por vê-los sofrendo, me consolava. Porém, abrir mão de mim em prol de outro, é algo que ele jamais faria. A começar pelo fato de que foi justamente ao se sentir ameaçado por outro que o fez se declarar para mim.

Durante alguns dias, a história da minha mãe me deixou bem confusa com relação aos meus sentimentos e aos de Ian, mas a resposta que eu buscava veio alguns dias depois.

Ian passou um mês inteiro pedindo à sua mãe para ir a Nova Iorque com um amigo nosso do colégio para o jogo do Knicks. Eles e o pai desse nosso amigo iriam na tarde de sábado e retornariam domingo depois do almoço. Ele me ligou quando estava na fila do estádio e, conversávamos quando meu pai apareceu na porta do meu quarto com uma expressão triste em seu rosto. Terminei minha ligação e ele me contou que sua mãe havia falecido, a única avó que conheci.

Mesmo não sendo próximas, eu gostava muito dela e fiquei bem abalada com a notícia. Mandeí uma mensagem para Ian contando o ocorrido e comecei a separar umas peças de roupa, pois meu pai decidiu que iríamos de carro até Connecticut para o funeral. Como ele queria sair ainda de madrugada, me deitei antes das dez da noite. Tinha acabado de deitar quando ouvi a campainha de nossa casa tocar. Eu teria permanecido deitada, mas ao ouvir a voz que vinha da entrada, levantei imediatamente. Corri até as escadas e dei de cara com Ian, meu namorado que a esta hora deveria estar saindo do estádio de basquete em Nova Iorque, meu amigo que jamais me deixou sozinha em momentos difíceis. Foi

neste momento que, aos quinze anos, entendi o significado de amor altruísta, e que era assim que Ian me amava. Desci as escadas correndo, com meu coração aos pulos e o abracei com força.

— Vocês têm quinze minutos — meu pai avisa, antes de voltar para seu escritório.

— O que faz aqui? — pergunto ainda em seus braços.

— Não podia te deixar sozinha num momento como este — ele diz, e me beija com doçura.

Nos conhecemos há oito anos e namoramos há quatro meses, mas pela primeira vez eu sinto que o que existe entre nós é muito mais que um amor juvenil. Minha mãe tinha razão quando disse que quando acontecesse, eu teria certeza. E eu tenho.

— Eu te amo, Ian — eu sussurro, um pouco tímida e nervosa, pois não sei o que ele vai dizer. Sei que me ama, suas ações mostram isso, mas ele ainda não me disse isso com todas as letras.

Ian me olha um pouco surpreso e ao mesmo tempo com um brilho nos olhos que não sou capaz de definir. Então, segurando meu rosto com as duas mãos, ele me beija de uma forma diferente. Com uma intensidade e emoção que palavras não podem explicar. Meu coração bate com força e eu correspondo ao beijo envolvendo seu pescoço com meus braços. Quando nossos lábios por fim se afastam, ele me olha nos olhos e parece tão emocionado quanto eu.

— Eu também te amo, Sam. — Ele respira fundo e me dá um selinho. — E eu queria dizer isso há tanto tempo, mas tinha medo de assustar você.

Nos abraçamos e beijamos por mais alguns minutos até que meu pai volta para nos dizer que está na hora de dormir.

— Samuel, se você não se importar, eu gostaria de acompanhá-los amanhã — ele fala com meu pai antes de sair.

— Não vejo problema se seus pais concordarem.

Depois disso subo para meu quarto e meia hora depois escuto um barulho na minha janela.

— Tá fazendo o quê? — pergunto meio sorrindo, meio nervosa quando Ian entra clandestinamente em meu quarto.

— Queria saber se está realmente bem. — Ele beija minhas mãos e se empoleira na minha cama.

— Não éramos próximas, mas era a única família que tinha além dos meus pais.

Ian me abraça e beija o topo da minha cabeça.

— Você tem os Railey — ele fala —, e você sempre terá a mim.

— Eu sei. — Sorrio sentindo um frio na barriga por suas palavras.

Ele deita abraçado comigo e ficamos em silêncio, ouvindo apenas o som de nossa respiração. Ian acaricia meus cabelos e eu toco seu rosto, sentindo que a pele macia de menino está dando lugar para a aspereza de um homem pela barba que começa a engrossar.

Ainda absorta por essas lembranças, toco seu rosto e a barba por fazer arranha a palma da minha mão. Meus dedos percorrem seu queixo firme, seus lábios macios e suas sobrancelhas grossas. Sua pele morena e os cabelos tão negros fazem dele um homem muito bonito de se olhar, mas é a pessoa que ele é no íntimo que me faz amá-lo com tanta intensidade.

Sei que ele está magoado e, por isso mantém distância de mim, mas isso não me faz acreditar que ele me ame menos, pois suas ações, seus pequenos gestos, me mostram todos os dias que ainda está ali, o mesmo amor que cresceu com a gente.

Roubo um beijo de sua boca e ajeito a coberta dele antes de retornar para o quarto.

— Preciso descobrir um jeito de ter você de volta — murmuro na escuridão, antes de me render ao sono.



Acordo com o barulho de Ian saindo de nosso quarto. Seu perfume impregna o ar e me faz pensar na noite passada. Com um suspiro profundo, me levanto. Como ainda é muito cedo, decido correr um pouco antes de acordar as crianças. Já no alongamento me lembro que além de dona de casa, sou uma sedentária, o que me faz pensar que devo tornar isso um hábito. Saio e, coincidentemente, encontro Victoria correndo também.

— Finalmente! — ela diz, sorrindo. — Sempre te chamo pra correr comigo e você se esquia.

— Parece que hoje consegui acordar cedo o suficiente — justifico.

Estava acostumada a correr quilômetros, mas agora isso parece impossível. Um pouco ofegante, reduzo meu ritmo para uma caminhada e Victoria, apesar de estar acostumada com a corrida, diminui seu passo para me acompanhar. Seguimos assim por quase uma hora trocando poucas amenidades para mantermos o ritmo. Depois nos despedimos no portão dela que está antes da minha casa na volta.

— Ei, Victoria! — grito, já um pouco mais distante e vejo ela voltar para ver o que quero. — Te espero para o café.

Ela sorri e acena para mim confirmando.

Ainda com o sangue quente, chego em casa a todo vapor. Acordo as crianças e começo a fazer a massa de panquecas. Me sinto muito animada e sei que é a endorfina liberada pela caminhada que está causando isso. Subo e vejo que Allie está ajudando Kev a se vestir.

— Obrigada, querida — digo, beijando o topo de sua cabeça e ela parece se surpreender com isso, algo que me incomoda muito. Não pela primeira vez, me pergunto que tipo de mãe tenho sido para essas crianças.

Penteio Kev e depois arrumo o rabo de cavalo de Allie, que está meio torto. Descemos e eles se surpreendem ao perceberem que teremos panquecas para o café.

— Eu adoooooro panquecas, mamãe — Kev diz, sorrindo quando despejo melado nas suas.

Allie permanece calada enquanto come.

— E você, Allie? — Tento puxar assunto. — Também gosta de panquecas?

— Gosto sim. — Sua resposta é tímida, mas tenho o vislumbre de um sorriso. — Na verdade, gosto muito.

— Bom, então o que acham de termos panquecas para o café mais vezes na semana?

— Êêêê! — grita Kev, jogando os braços para cima e derrubando um pedaço de panqueca cheio de melado na irmã.

— Droga, Kev! — Ela levanta consternada e vou atrás dela.

— Espera, Allie — eu digo, segurando seus ombros.

— Eu não tive culpa — ela fala defensiva, me olhando assustada —, vou me limpar rápido, prometo.

— Está tudo bem, querida. — Não entendo sua reação exagerada, mas fico preocupada com isso. — Vamos trocar essa blusa bem rápido para que termine seu café. Ok?

Durante a troca de roupa, ela não diz nada, apenas me observa enquanto

pego uma nova blusa, a visto e ajeito seu cabelo. Seu olhar é de incredulidade e quero perguntar o motivo disso, porém atrasaria sua ida a escola.

Descemos e quando ela se senta outra vez, Kev pede desculpas muito timidamente. Ela apenas assente e o beija no rosto, tranquilizando o irmão. Agora que já conheço as mães do rodízio, Ian não precisa mais enviar as fotos. Pedirei a ele para mostrar o endereço das crianças em sua próxima folga, assim poderei retomar essa atividade e deixá-lo descansar em seus dias livres. Cumprimento brevemente a mãe de hoje e me despeço das crianças. Como sempre acontece, Kev é mais efusivo em sua demonstração de carinho, diferente de sua irmã que segue arredia e cautelosa.



Assim que as crianças saem, Victoria vem, como de costume bater um papo antes de ir para o trabalho. Acabo perguntando sobre o marido dela que nunca vi, e ela desabafa comigo toda a situação que vive. Não consigo me conter e digo minha opinião.

— Mas Victoria, você deveria se impor — falo, indignada com as coisas que ela me disse sobre o marido —, afinal de contas, você não fez as crianças sozinha.

— Quem dera fosse tão simples, Samantha. — Ela suspira pesarosa. — Luke só faz o que quer.

— Bem, então está na hora de você o colocar em seu devido lugar. — Me levanto e ponho as mãos em seus ombros. — Querida, você sustenta a casa e cuida de seus filhos sozinha. Precisa dele pra quê? E não venha dizer que pra sexo, porque você é linda, pode ter o homem que quiser. E se não, existem inúmeros adereços que cumprem bem essa função.

Ela gargalha com meu comentário e depois me abraça.

—Você é a melhor amiga de todas. — Ela beija meu rosto enquanto eu sorrio.

— É, eu sei — digo zombeteiramente.

— Preciso ir — fala, pegando a bolsa —, hoje, ficarei até mais tarde e ainda não sei com quem vou deixar as crianças.

— Comigo, obviamente — afirmo, sem me dar conta de que terei de cuidar de quatro crianças. Malditas endorfinas! Me deixam ainda mais saidinha que álcool.

— Não precisa, querida. — Ela parece perceber meu óbvio dilema. — Eu arrumarei outra pessoa.

Penso no quanto ela tem me ajudado desde que caí de paraquedas nessa vida, quando não era sua obrigação. O que vai me custar afinal umas três horas com quatro crianças? No máximo, mais moedas dentro do pote.

— Não se preocupe! — digo, indo com ela até a porta. — Ficarei com elas pra você.

Existe um ditado que diz: “Se não pode com eles, junte-se a eles.”

E é exatamente o que vou fazer. Quando o carro chega com as crianças, eu respiro fundo e me preparo como um soldado que vai para a guerra. O mais engraçado é que, não acho que será tão ruim assim. A impressão que tenho, é que pouco a pouco estou me acostumando a essa vida, à rotina, e às crianças. Obviamente, ainda é desesperador ser responsável por vidas além da minha, mas é recompensador quando antes de dormir ganho um beijo e um “eu te amo, mamãe”. Vindo de Kev, é claro. Me preocupa essa reação de Allie a mim, preciso dar atenção a isso e, com urgência.

O mais engraçado, para não dizer, estranho, é que minha outra vida, a de empresária de sucesso, me parece cada vez mais distante, as lembranças são como brumas se desvanecendo, a cada dia lembro menos, e as recordações que tenho, hoje me parecem um sonho, sim, um resumo, sem detalhes, sem profundidade. Uma outra coisa, é que minhas noites têm sido incômodas, perturbada por vozes sem rosto, e sons estranhos. Mas não quero pensar nisso agora, tenho quatro crianças para distrair.

Quando eles veem a sala sem a mesa de centro me olham confusos.

— Preparei algumas brincadeiras para passarmos a tarde — eu anuncio. Os meninos gritam e pulam empolgados, já as meninas se entreolham incrédulas.

— Venham — digo, batendo palmas —, guardem suas mochilas e lavem as mãos. Vocês farão um pequeno lanche e, em seguida começaremos as atividades.

Allie e Becca são as primeiras a retornar, mas ao verem que Kev e Ben não chegaram, vão ajudar os irmãos. Quando voltam, eu já servi a torta de maçã e o leite para cada um deles.

— Uau! Mamãe — diz Kev, com a boca cheia —, está muito boa essa torta.

— Obrigada, querido — digo sorrindo —, mas não fale de boca cheia.

Enquanto eles comem, ligo rapidamente para Victoria e aviso que está tudo bem. Assim que eles terminam, vamos para o quintal. Como estão com a barriga cheia, começaremos com uma brincadeira mais leve. Obviamente que eles ficam entediados, e se tem uma coisa que descobri nesse tempo que estou aqui é: Jamais permita que crianças fiquem entediadas.

Antes mesmo que eles pensem em aprontar, levo-os para a sala e pego o jogo de twist. Eles ficam animados quando veem o jogo, então deduzo que conhecem as regras.

— Posso liderar? — Allie me pergunta contendo a empolgação. Acredito que temendo uma resposta negativa.

— Claro! — digo sorrindo. — Mas depois será a vez da Becca.

— Tudo bem — ela concorda, e vai saltitando ocupar seu lugar.

Meia hora se passa e a situação é complicada, minha perna esquerda está atrás de Kev, a direita ao lado de Ben.

— Que nojo, Ben — Becca grita, quando o irmão emite um som característico. Ela está atrás do pestinha que não para de rir e eu tento conter minha risada também.

— Ele está fingindo, Becca — Allie diz de onde está.

— Isso não vale — Kev reclama com a irmã em defesa do amigo —, você é o juiz, não pode falar.

— O que não vale é ele fingir que soltou um pum pra fazer a Becca se mexer — ela reclama, tomando partido da amiga.

— Ei — digo, tentando acalmar a confusão —, é pra ser divertido!

Assim que digo isso o som se repete, mas dessa vez vem de Kev.

— Desculpe — ele diz, ficando vermelho.

— Oh! Kev, que nojo! — Allie reclama tapando o nariz.

Começo a rir e me desequilibro. Sou a primeira a cair e, logo, todos estão no chão rindo comigo. É um riso glorioso, daqueles que as bochechas doem e as lágrimas escorrem.

Não me lembro quando foi a última vez que ri assim. Até mesmo a sempre tão reservada Allie se rende dando gostosas gargalhadas. É quando vejo surgir no topo de sua bochecha uma covinha idêntica a minha. Estamos tão absortos que nem me dou conta de que temos companhia, é o gritinho de Allie que me chama a atenção.

— Papai! — Ela corre e pula nos braços de Ian, que a recebe carinhosamente como sempre, mas continua me olhando esparramada no chão, rindo em meio às crianças. Ele parece feliz e surpreso.

— Papai! — Agora é Kev quem grita e levanta, todo atabalhado, causando uma comoção geral de exclamações enquanto tenta alcançar o pai.

Depois que todos se acalmam, Ian entra na brincadeira, dessa vez quem comanda é Becca.

A partida segue divertida como antes, e a proximidade entre mim e Ian faz meus batimentos acelerarem. Ele está completamente indefeso em sua posição emaranhada com Allie e Kev. Depois da última movimentação, eu não estou tão presa, mas nossos narizes quase se tocam. Sinto sua respiração em meus lábios e estremeço, ele me observa com intensidade percorrendo cada traço do meu rosto, como se buscasse algo. Noto um brilho familiar em seus olhos que me faz engolir em seco.

A necessidade aguda de tocá-lo de alguma forma chega a doer em minha alma e, seu cheiro invade meus sentidos, me fazendo fraquejar. Estamos nos encarando pelo que parece uma eternidade quando a voz de Allie me traz de volta à realidade.

— Droga! Kev isso é nojento — ela reclama, se mexendo.

— Me desculpe. — Ouço Kev murmurar envergonhado. — Mamãe, minha barriguinha dói.

Ian sorri erguendo a sobrancelha esperando minha reação. Eu mordo o lábio e, tentando ficar séria, me levanto.

— Ok! Mas essa vai ser considerada empate.

Allie e Becca resmungam sobre ser injusto, mas não escuto o resto, pois estou indo com Kev para o banheiro.

Ao retornar, percebo que Ian recolheu o jogo e colocou no Discovery Kids para eles. As meninas decidem brincar com suas bonecas no quarto e eu vou para a cozinha, onde encontro meu belo marido encostado no balcão com os braços cruzados. Ele me olha como se esperasse algum tipo de explicação.

— Victoria precisou ficar até mais tarde no trabalho e não tinha com quem deixar as crianças — respondo à sua pergunta silenciosa.

— Fico feliz que tenha se voluntariado. — Seu sorriso satisfeito me abala profundamente e sinto uma vontade louca de me jogar em seus braços, mas sei que devo ser cautelosa. Ian não deu indícios de que esse simples e desinteressado ato, muda as coisas entre nós.

Vou até a geladeira e começo a pegar as verduras para a salada.

— Ela faz tanto por nós... — comento, pois realmente não fiz isso com qualquer intenção além de ajudar alguém que tem sido muito gentil e prestativa.

Ele se aproxima e começa a me ajudar a lavar os legumes. Sei que parece bobo, pois não passa de uma atividade comum, mas há algo em cozinhar com ele que torna as coisas íntimas demais. Estou tão tensa que me sobressalto quando o braço dele esbarra em mim na hora em que se estica para pegar a faca.

— Desculpa — Ian diz percebendo minha reação.

— Tudo bem, eu só estava distraída.

Trabalhamos juntos em um silêncio pacífico e confortável, muito diferente do silêncio dos últimos dias, que era desconfortável e cheio de tensão.

Victoria chega um pouco antes de servirmos o jantar. Coloco um lugar a mesa para ela e conversamos agradavelmente durante a refeição e, pela primeira vez, desde que acordei nessa nova realidade, me sinto feliz.

As crianças falam animadas sobre a tarde que tiveram e sinto uma

enorme satisfação em perceber que, como mãe, sou tão capaz quanto como empresária. Estou rindo do relato de Becca sobre o momento em que Kev acabou com a brincadeira, quando volto minha atenção para Ian. Ele está calado e, quando nossos olhares se encontram, me observa com um olhar enigmático e fico me perguntando no que está pensando.

Quando terminamos, Victoria me ajuda a tirar a mesa e a cuidar da louça.

— Pelo visto as coisas estão melhores entre vocês dois — ela comenta sorrindo.

— De onde tirou essa ideia? — Realmente não entendo como ela chegou a essa conclusão, uma vez que Ian mal falou durante o jantar.

— Ora essa, Samantha. — Jogando o pano de prato no balcão, ela se vira para me encarar. — Vi a forma como vocês se olhavam. Ou melhor, vi que não paravam de se olhar.

— Não exagere! — Fico na defensiva, não querendo criar esperanças.

— Ah, por favor! — Com as mãos nos meus ombros, ela me sacode de leve. — Quando fomos ao zoológico semanas atrás, era clara a animosidade entre vocês, mas hoje...ele parecia enfeitiçado.

— Não quero criar expectativas — confesso em um murmúrio.

— Querida, entendo como se sente, e você está certa. Pelo que me contou as coisas estão muito tensas, mas mesmo assim, se eu fosse você, hoje, dormiria com uma calcinha bem indecente.

— Victoria! — Dou um tapa no braço dela e caímos na gargalhada.

— Agora eu vou, pois não quero atrapalhar seu esquema — ela sussurra rindo. — Muito obrigada por hoje.

Eu a abraço de volta e vou chamar seus filhos. Quando entro, depois de acompanhar Victoria até a entrada, Ian já tomou banho e está cuidando das crianças. Me ofereço para ajudar.

— Não se preocupe — ele me responde —, já trabalhou bastante hoje, pode ir relaxar.

Eu sorrio acalentada pela ideia de relaxar, definitivamente estou completamente destruída.

Depois do banho, me preparo para deitar. Ian entra no quarto e fica me

olhando alongar o pescoço. Sem dizer nada, ele se aproxima de mim.

— Chega um pouco pra frente — ele diz sério, sem deixar qualquer emoção transparecer em sua voz.

Faço o que ele me pediu. Um arrepio percorre todo meu corpo quando ele se acomoda atrás de mim e começa a massagear meus ombros.

— Hmmm — um gemido involuntário escapa por minha boca.

— Você deu duro hoje — percebo que seu tom é descontraído, me fazendo relaxar ainda mais.

— Sim, mas me diverti também — confesso com sinceridade.

Alguns minutos se passam com ele deslizando, ora as mãos, ora a ponta dos dedos pelos pontos tensos em meus ombros e costas. Seu toque envia descargas elétricas pelo meu corpo, acendendo cada parte de mim. Em certo momento, saio do meu transe letárgico e percebo que a respiração de Ian parece pesada. Ele prossegue com a massagem, mas seu toque está diferente, e está tão perto de mim que sinto em minha nuca o ar que sai de seus pulmões. Sinto o desejo me aquecer por inteiro e, por mais que eu tente, não consigo ficar completamente imóvel. Quando me mexo, meu quadril esbarra nele deixando-o imóvel. Respiramos com dificuldade, mas sem nos mover.

— Ian. — Minha voz sai como um sussurro rouco e percebo que é demais para ele.

Ian levanta abruptamente, quase me derrubando no processo.

— Me desculpe — ele diz, me ajudando a recuperar o equilíbrio. Nossos olhares se encontram e sinto o fogo em seu olhar me consumir —, é melhor eu ir.

Seguro seu braço e ele parece travar uma luta interna entre a razão e a emoção.

— Sam... — sua hesitação me faz perceber que ele ainda não está pronto para me perdoar, para esquecer. Então, engolindo meu orgulho e colocando seus sentimentos na frente, escolho trilhar um novo caminho.

— Você não precisa dormir no sofá. — Minha voz é suave e gentil. — Se preocupa com minhas costas, mas não está cuidando das suas.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Mesmo sua resposta sendo simples e direta, percebo o conflito de seus desejos.

— Eu prometo me comportar — falo sorrindo, na intenção de aliviar um pouco a tensão —, se quiser, podemos colocar um travesseiro no meio.

Ele ri sem humor e, sinto meu coração afundar.

— A questão não é essa, e você sabe — ele diz, e eu mordo o interior de minha bochecha na tentativa de não me deixar levar pela mágoa que sua recusa está me causando. Que por mais que eu não me recorde, sou responsável por ele preferir esse distanciamento.

— Ian, não estou dizendo para passar uma borracha em tudo e voltar para nossa cama como se nada houvesse acontecido. — Respiro fundo. — Não se trata de um estratagema para te seduzir, só estou preocupada com seu bem estar.

Ele fica me encarando em silêncio por alguns segundos, analisando minha proposta até que de forma um pouco relutante, aceita. Por fora mantenho uma expressão tranquila, mas por dentro dou cambalhotas e grito como louca, eufórica por ter conquistado essa batalha, mesmo sabendo que uma guerra muito maior ainda existe entre nós.

Ele coloca seu travesseiro e o cobertor de volta na cama e vai até o banheiro. Eu me ajeito confortavelmente e quando ele volta para o quarto já estou pronta para dormir. Depois de apagar a luz, ele deita ao meu lado.

— Boa noite — ele sussurra, depois de se ajeitar.

— Boa noite — eu respondo, mal conseguindo conter o sorriso gigantesco em minha cara. Por sorte a penumbra do quarto impede que Ian veja.

Meu coração se enche de esperança e alegria. Definitivamente, hoje foi o melhor dia de todos.

Acordo cedo e adianto ao máximo as coisas, pois tenho uma nova consulta com o neurologista, Dr. Vaughn. Quando Ian chega em casa na hora do almoço, fazemos uma rápida refeição e vamos até o consultório.

— Sra. Railey. — Ele nos encara com tranquilidade. — Seus exames não mostram nenhuma anormalidade, então tirando esta amnésia, não há nada de errado com a senhora. Pode ser que algum dia suas memórias voltem da mesma forma como se foram, repentinamente, assim como pode ser que elas não voltem nunca. Existem coisas que a medicina não é capaz de explicar e, o cérebro humano ainda é um grande mistério.

— O que o Sr. sugere que façamos? — Ian pergunta um pouco apreensivo.

— Aproveitem essa oportunidade que a vida está lhes dando.

Seu conselho soa estranho, é como se ele soubesse de nossos problemas. Olho para Ian confusa, mas ele parece tão perdido quanto eu. Quando permanecemos em silêncio, o médico volta a falar:

— O que estou dizendo é que mesmo um acidente doméstico tão insignificante pode ser fatal. Uma pancada na cabeça que te faz ficar desacordada por mais de 24h poderia ter causado bem mais que uma amnésia.

— O senhor tem razão — concordo sorrindo, confiante de que posso fazer as coisas diferente.

— Quanto às dores de cabeça, estou receitando um novo medicamento. Não deixe de vir às consultas, quero acompanhar essas dores. É a única coisa que realmente está me incomodando no seu quadro.

Depois de me deixar em casa, Ian volta para o trabalho e para cobrir as horas que ficou fora, chega bem tarde em casa. Mesmo sonolenta escuto quando ele entra no quarto e murmura um pedido de desculpas por incomodar. Fico deitada, oscilando entre o sono e a consciência, até que ele se deita ao meu lado.

— Boa noite — murmuro sonolenta e, não sei se estou sonhando ou se de fato o que sinto são seus lábios em minha têmpora antes dele murmurar:

— Boa noite, Sam.



Levanto cedo e sigo com minha rotina: caminhada, mandar as crianças para a escola e café com a Victoria. Depois que ela sai, continuo com umas pesquisas e ligações que venho fazendo. Mais do que nunca estou determinada a corrigir meus erros, mesmo não me lembrando deles.

Ontem, depois do médico olhar os últimos exames que fiz, deixou claro que não tinha nada de errado com minha cabeça, que com o tempo minhas memórias poderiam voltar, mas que deveríamos estar preparados para que isso não acontecesse, que o melhor a fazer era aproveitar essa oportunidade, e é exatamente o que pretendo fazer.

Estou no telefone de casa, quando meu celular toca. No visor diz: “Escola das crianças”. Meu coração erra uma batida e eu praticamente desligo na cara do corretor de imóveis com quem estou falando, já atendendo a ligação. A diretora me pede para ir até o colégio e, no instante seguinte estou entrando no carro e indo até a escola.

— Boa tarde, Sra. Railey. — A diretora se levanta e me cumprimenta

educadamente.

— Boa tarde — respondo, tentando controlar minha respiração e o pavor que me consome. Sei que, caso se tratasse de uma tragédia, não estaríamos aqui conversando, mas isso não impede a minha recém descoberta consciência materna de criar mil e uma formas de que as crianças possam estar machucadas.

— Sente-se por favor. — Ela me indica uma cadeira no lado oposto ao seu, onde fica sua mesa. — Entendo que a senhora ainda está se recuperando de um acidente, mas este é um assunto muito sério. Hoje a jovem Srta. Railey passou de todos os limites.

Todos os meus sentidos entram em alerta diante das palavras e da veemência dela. Por mais arredia e temperamental que Allie tenha se mostrado desde que a conheci, jamais fui capaz de imaginá-la *ultrapassando todos os limites*.

Respiro fundo e me sento na cadeira, a tensão me deixa tão dura quanto um cabo de vassoura.

— O que aconteceu exatamente? — pergunto para a mulher baixinha, mas que devido à sua arrogante imponência, parece ter quase dois metros de altura. O nariz aquilino está enrugado como se algo cheirasse mal na sala, a boca retorcida em claro sinal de desgosto, e sua postura intimidadora me fazem temê-la; mas ao mesmo tempo, todos os meus instintos maternos me fazem antagonizá-la, o que me dá certa audácia e uma vontade de desafiá-la por se referir de forma tão dura sobre minha filha.

— Ela agrediu um colega de turma. — Observo-a cruzar as mãos apoiadas na mesa e me encarar. Eu passo de perplexa a incrédula enquanto ela prossegue. — O caso seria de expulsão, mas como sei que a senhora não é o tipo de mãe que se omite diante de uma atitude tão rebelde, confiarei em sua mão firme e incisiva para que isso não se repita. Em todo o caso, irei suspendê-la pelo resto da semana.

Pisco algumas vezes tentando processar o que ela acabou de dizer. Mais uma vez sou confrontada com o meu total desconhecimento de como trato minha filha, mas neste momento, esse não é o foco, então volto minha atenção para a mulher a minha frente.

— Me desculpe, mas creio que não entendi. — Mudo de posição no sofá me sentindo desconfortável com a postura dela.

— Sra. Railey — ela pronuncia meu nome de forma cínica. Bruxa velha! —, nesta escola não admitimos esse tipo de comportamento agressivo. Conversamos sobre isso anteriormente e acreditei que a senhora estava de acordo com nossas regras. Entre os pais dos alunos envolvidos nesse conflito de hoje, acreditei que a senhora seria a única sensata.

— Estou tentando, de verdade. — Uso de um tom impertinente que faz uma veia saltar na testa da mulher. — Mas para isso, preciso compreender os fatos como um todo. Não apenas que minha filha e outros alunos estão sendo suspensos por mal comportamento.

— Mas é claro que sim. — A mulher se levanta, me lança um olhar de puro desdém e começa a relatar o ocorrido durante o recreio.

Como Allie já havia me contado, alguns meninos em sua turma têm feito bullying com um aluno novo, mas parece que dessa vez as coisas foram longe demais e Allie deu um soco em um desses meninos. Estou chocada com o fato da minha filha ter deixado um colega com o olho roxo, e mais ainda, que tal atitude desencadeou uma briga coletiva.

— Não admito esse tipo de ocorrência em minha escola — a diretora fala de forma categórica —, por isso, todos os envolvidos estão sendo devidamente punidos. — A forma como ela enfatiza a palavra “*punidos*” me incomoda bastante, não só pela minha filha, mas pela postura com relação a todos os alunos.

— Peço que me desculpe, Sra. Richardson — falo, consertando minha postura na cadeira —, mas acredito que a punição não seja o melhor caminho.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Sra. Railey. — O rosto dela está tão vermelho que chego a pensar que ela vai explodir a qualquer momento. — Quando a senhora nasceu, eu já lecionava, por isso, quando digo que eles precisam ser punidos, sei exatamente o que estou fazendo. Ou acha que devo tolerar agressões, bullying e desrespeito em minha instituição?

— É claro que não, Sra. Richardson! — Sinto o tremor em minhas mãos, pois a mulher é realmente assustadora, mas munida de coragem falo a ela o que penso. — Acho que essas crianças precisam de correção e não punição. É diferente.

— Isso é uma questão de semântica! — ela cospe as palavras com desprezo, o que me deixa a beira da fúria. — Gostaria de saber em que curso de educação se formou, Sra. Railey? — O deboche em sua voz é a gota d’água para

mim.

— O que estou querendo lhe mostrar, Sra. Richardson, é que hoje as coisas são um pouco diferentes. — Tento controlar meu gênio, pois minha intenção não é desrespeitar a mulher. — Respeito sua trajetória até aqui e, em hipótese alguma estou dizendo que as coisas devem passar em branco. Mas, não basta suspender esses alunos, eles precisam, antes de tudo, entender o que há de errado no que aconteceu.

— E é pra isso que serve o castigo — ela retruca, mas não me deixo abalar.

— Sim, mas são crianças de seis e sete anos. Precisam entender o motivo da correção, ou então, vão apenas se rebelar e se enfurecer por acharem seu castigo injusto.

Ficamos nos encarando em silêncio por algum tempo, mas percebo pela tensão no maxilar dela que não aceita minhas palavras. Bom, paciência. Creio que se não concordo com seus padrões educacionais, o melhor é tirar minha filha dessa escola. Conversarei com Ian sobre isso. Realmente me pergunto como não fizemos nada até aqui, essa mulher é intratável!

— Se a senhora não tiver mais nada a dizer, basta assinar a suspensão na secretaria. — Sou dispensada muito grosseiramente, mas com toda a dignidade, pego minha bolsa e levanto.

— Sinto muito por tomar tanto de seu tempo — falo, com um toque de ironia —, tenha um bom dia.

Saio da sala rígida, com meu queixo tão erguido que provavelmente vai me causar um torcicolo. Digna sim, levando o desaforo para casa, jamais.

Meu coração está aos pulos, foi difícil, mas consegui me controlar. Do lado de fora, vejo Allie sentada em um banco e, a dor que me atravessa é como um punhal no peito. Ela parece ainda menor de tão encolhida e assustada que está; noto que até estremece ao me ver e sou atingida por uma nova onda de culpa e questionamentos. Assino rapidamente a suspensão pois quero levar minha filha deste lugar o quanto antes.

— Vamos! — É só o que consigo dizer sem desabar.

Ela me acompanha com passos vacilantes e meu maior desejo neste momento é abraçar minha garotinha e prometer que tudo vai ficar bem.

Estou abrindo o carro para Allie entrar quando meu telefone toca. É Ian.

— Oi — digo, checando o cinto de segurança do banco de Allie.

— Oi. — Ele parece preocupado. — Recebi um telefonema da escola.

— Estou indo pra casa com Allie. Mais tarde conversamos. Tudo bem? — tento parecer calma, mas duvido muito que Ian se deixe enganar. Fecho a porta e vou para o lado do motorista.

— Hmmm... — Ele faz uma pausa e sei que está medindo suas palavras. Já estou acomodada no banco do motorista quando ele finalmente volta a falar. — Não seja tão dura com ela, por favor.

Engulo com dificuldade e aperto o volante na tentativa de manter o controle.

—Tudo bem. — Respiro fundo. — Preciso ir agora.

Mesmo vacilante, Ian se despede e desliga. Pelo retrovisor, olho para Allie, que parece estar apavorada. Ligo o carro e, durante todo o caminho penso em como posso tirar dela esse medo. Meu Deus! Como eu preciso da minha mãe com seus incríveis conselhos.

Me lembro de quando era criança e ela tinha de corrigir alguma atitude minha. Não importava quão errada eu estivesse, ou quão dura fosse a bronca, eu nunca me senti diminuída ou menos amada.

— Sam, me explica por favor, por que você jogou sorvete no cabelo da sua colega? — Mamãe está zangada e eu detesto deixá-la assim. O pior é que estou errada, e mesmo que nada justifique minhas ações, ela está disposta a me ouvir.

— Ela estava zombando de mim com o Ian. Disse que somos namorados, cantou aquela música idiota sobre um casal sentado debaixo de uma árvore. — Mesmo chateada com o que fiz, ela parece estar segurando o riso, não sei por quê.

— Antes de qualquer coisa, Samantha. — Ah, não! Quando ela me chama de Samantha... — Não gosto que use esse tipo de palavra, sabe muito bem.

— Desculpe, mamãe. — Baixo os olhos, envergonhada.

— Entendo que não tenha gostado da brincadeira de uma colega... — ela diz, me surpreendendo.

— *Entende?*

— *Entendo, mas não aceito a maneira como você quis resolver as coisas. Não é assim que te ensinei, e fico muito triste, pois faz com que eu pense que não estou te ensinando da forma correta.*

— *Desculpe, mãe. — Eu a abraço me sentindo péssima por minha atitude bruta. — Prometo que não farei isso de novo.*

— *Fico feliz com isso. — Ela beija meu rosto e sorri como um anjo. — Mas você está de castigo mesmo assim, uma semana sem TV. — Um anjo vingador, eu penso. Bom, não posso reclamar, poderia ser pior, ela poderia me proibir de ir na casa dos Railey.*

Por mais que minha mãe soubesse exatamente o que eu tinha feito de errado, ela nunca me corrigiu sem antes escutar meus motivos para tal atitude; e, é isso que vou fazer com Allie, ouvir o que ela tem a me dizer sobre o ocorrido, entender suas motivações, para então a corrigir.

Assim que chegamos em casa, minha pequena vai direto para seu quarto. Sigo-a e quando ela senta na cama, posso jurar que está prestes a desmaiar ou vomitar. Puxo uma cadeira e fico à sua frente. Estico a mão para tocar seus cabelos e, não pela primeira vez, Allie se encolhe e recua, tremendo. Isso definitivamente parte meu coração.

— Querida, não precisa ter medo. — Minha voz sai um pouco trêmula, tamanha a vontade que tenho de chorar por vê-la tão assustada. Seus lindos olhos verdes refletem a confusão de seu espírito. — Eu só quero conversar com você — explico, para que ela possa relaxar —, tudo bem?

Mesmo sem compreender, Allie assente, mas continua me observando com os olhos arregalados.

— Quero que você me conte exatamente o que aconteceu — acaricio sua bochecha.

— Achei que a Sra. Richardson tivesse contado. — Sua voz é tão fraca que mal escuto.

— Sim, mas quero ouvir sua versão dos fatos. — Ela continua sem dizer nada e sinto a necessidade de explicar. — Quero saber de você, Allie. Por que bateu em seu colega?

Depois de pensar por alguns segundos, ela começa a falar.

— Amin e eu estávamos dividindo nosso lanche, como sempre fazemos. Ele estava me falando de como sentia falta da sua casa e dos seus primos que ficaram em sua cidade natal. Foi quando Jack e outros meninos chegaram, falando as mesmas besteiras de sempre, dizendo que ele e a família dele explodiam coisas. Levantamos e fomos até o outro lado do pátio para evitar problemas, mas Jack foi atrás de nós e continuou falando coisas feias sobre meu amigo e a família dele. Fiquei com raiva e chamei ele de idiota. — Ela para por um momento sabendo que é o tipo de palavra que não deve falar, mas eu ignoro e a incentivo a prosseguir com seu relato. — Ele ficou com raiva por eu defender e ser amiga do Amin, então começou a me ofender também. Amin ficou com raiva e empurrou ele, só que Jack é maior e quando o empurrou de volta, ele caiu. Eu fiquei tão brava que quando percebi, já tinha acertado o olho dele com a mão fechada — Allie confessa isso com uma expressão de choque, como se não pudesse acreditar no que fez —, eu juro que não queria machucar ele, só queria que parasse com aquilo.

É quando em um raro momento de abertura, Allie me deixa ver através de sua armadura e começa a chorar. Mais uma vez meu coração se parte em mil pedaços, e eu, que durante muito tempo rejeitei a ideia de ter filhos, entendo tudo que sempre ouvi sobre como a dor de um filho pode despedaçar uma mãe.

Envolvo-a em meus braços, aconchego-a em meu peito e a embalo na tentativa de lhe consolar.

— Shhh. — Acaricio seus grossos cabelos negros como a noite. — Vai ficar tudo bem, meu anjinho.

Um bom tempo se passa com ela chorando em meu colo, até finalmente se acalmar. Com meus dedos, seco suas lágrimas e respiro fundo para conter as minhas.

— Quero que entenda, Allie; não estou brava pelo que aconteceu. Sei que foi um momento de descontrole e a sua intenção era defender um amigo.

— Não está brava? — A forma como ela contrai as sobrancelhas me faz lembrar de Ian.

— Não, mas estou triste. — Ela baixa os olhos, envergonhada. — Por mais que eu compreenda a questão, você precisa entender que não pode agir assim diante de situações difíceis.

Neste momento, fica claro o quanto era difícil para minha mãe me corrigir, pois, mesmo sabendo que a intenção de seu filho não era intencionalmente má, você precisa fazê-lo ver que o que fez foi errado.

Com a ponta dos meus dedos, ergo o queixo dela e faço com que volte a olhar pra mim.

— Seus atos terão consequências.

— Vai me bater? — Ela praticamente pula amedrontada.

— Querida. — Dou um meio sorriso para ela e deslizo meus dedos por seus cachos. — Acabei de dizer que agressão não é solução. — Seu olhar é desconfiado, mas pelo menos não tão assustado. — Você está de castigo. Como não poderá voltar para a escola pelo resto da semana terá de me ajudar em casa.

Em silêncio, ela me observa como se diante de si estivesse uma pessoa desconhecida. Sei que não terei sua confiança tão facilmente, mas não vou desistir. Seguro suas mãozinhas entre as minhas.

— Você entende que bater em outra pessoa, por ela ser grosseira e preconceituosa, não resolve nada? Na verdade, só piora as coisas.

Sem dizer nada, ela apenas assente mexendo a cabeça olhando para o colchão. Volto a erguer delicadamente seu rosto.

— Isso é o mais importante. Que você entenda o que é certo e o que é errado. E o motivo para eu ter ficado triste é que sua atitude mostra que não estou sendo uma boa mãe pra você. Não estou lhe ensinando do jeito certo.

— Me desculpe, mamãe — ela diz, e neste momento penso que meu coração vai sair pela boca. Pela primeira vez, em todo esse tempo que acordei nessa vida, Allie se joga em meus braços e me abraça com força.

— Está tudo bem, meu amor — digo com a voz embargada e a visão turva pelas lágrimas —, vou me esforçar para ser melhor.

O abraço não dura muito tempo, logo Allie se afasta, voltando a mostrar um pouco de sua reserva anterior, mas dessa vez sem o tradicional antagonismo. Ela é apenas uma criança assustada e magoada. Mas isso definitivamente não vai mais me consumir, pois sei que, mais do que qualquer coisa, são minhas ações que mostrarão a ela o quanto me importo, e o quanto a amo.

— Agora. — Me levanto e a coloco de pé. — Vamos fazer cookies. — Sorrindo, ela pega a minha mão e descemos.

Duas horas depois estamos na cozinha, cobertas de farinha, esperando a primeira fornada sair e rindo tanto que não ouvimos a porta abrir, só percebemos que não estamos sozinhas, quando ele fala:

— Vocês estão fazendo cookies?

Me viro e vejo Ian já dentro da cozinha em um misto de choque e satisfação.

— Papaaaaai! — Allie pula da cadeira direto para os braços dele que a recebe com um sorriso enorme. Garota de sorte!

— Oi princesa! — ele a abraça e beija seus cabelos.

Só percebo que estou observando os dois com um sorriso bobo, quando ele me encara com um brilho diferente no olhar. Me sinto um pouco constrangida, mas é inevitável diante de uma cena assim.



Ian passa por mim com Allie acomodada em sua cintura e me beija no rosto. Isso é novidade em nossa atual situação. Meu coração dá uma pequena cambalhota.

— Como foi seu dia? — É uma pergunta simples, mas a forma como ele me olha dá a entender que deseja saber mais que isso.

— Bem agitado — eu respondo.

Assentindo ele coloca Allie no chão e fico um pouco incomodada com seu escrutínio.

— Querida, por favor, vai brincar um pouquinho no seu quarto, pois mamãe e eu precisamos conversar.

Ela assente, mas não olha para o pai, creio que sabe sobre o que vamos conversar e está preocupada. Sempre atento, Ian percebe sua atitude e se abaixa para falar com ela.

— Depois seremos eu e você, mas não precisa ficar ansiosa. Tudo bem? — ele diz erguendo o rostinho tristonho de nossa filha e esfregando seu nariz no dela. Allie sorri, mas permanece cabisbaixa quando sai da cozinha.

— Muito bem, por onde você quer começar? — Vou direto ao assunto, pois me recuso a ser intimidada por seus olhares desconcertantes.

— O que aconteceu na escola? — ele pergunta, se acomodando na banqueta da ilha. Sua postura é relaxada, mas a intensidade de seu olhar me diz outra coisa.

Conto detalhadamente minha conversa com a diretora e com Allie, e ele ouve pacientemente sem me interromper. No fim, decido expressar minha opinião.

— Sei que Allie agiu errado, mas não deixo de pensar na rigidez daquela mulher. Não quero que meus filhos sejam tolhidos daquela forma cada vez que errarem. Ian, não existe diálogo naquela escola, só punição e isso não resolve nada. Você sabe o que penso sobre isso.

— Sei? — Ian franze a testa parecendo surpreso com meu comentário.

— Ao menos deveria. — Olho para ele confusa com sua pergunta. — Sabemos que punição é diferente de correção — digo, um pouco insegura por causa da sua reação. — Nossos pais sempre frsaram isso tão bem, ou você simplesmente esqueceu tudo que ouvimos enquanto crescíamos?

— Quem esqueceu de muitas coisas aqui foi você, Sam. — Suas palavras, apesar de diretas, não são agressivas e me deixam desconcertada. — Enfim, isso não importa. Está decidido, no próximo semestre colocaremos as crianças em outra escola.

— Simples assim? — pergunto, meio desconfiada.

— Eu já tinha dito a você que na próxima vez que essa mulher tratasse assim nossa filha, eu tiraria Kev e ela daquela escola. Ao menos dessa vez não teremos o apocalipse com você discordando.

— Apocalipse?! — Do que ele está falando?

— Esquece o que falei. — Ele levanta da cadeira. — Foi um comentário infeliz, me desculpe.

— Você não acha que já esqueci coisas demais? — Sei que estou sendo cruel, mas odeio quando ele é condescendente comigo.

— Não quero brigar — ele responde secamente e meu primeiro impulso é querer revidar, mas penso melhor e apenas assinto. — Você pensou de que forma podemos corrigi-la?

— Me desculpe, mas acabei colocando-a de castigo sem te consultar — digo arrependida, pois agora vejo que o certo seria decidirmos isso juntos.

— Qual o castigo? — ele pergunta, sem parecer chateado por eu ter tomado a frente no assunto.

— Durante o período de suspensão, terá que me ajudar com as tarefas de casa.

— Acho justo — ele diz. Sua aprovação me deixa feliz. — Vou subir e conversar com a Allie. Fico feliz que finalmente estejamos de acordo com relação a educação das crianças.

Ele levanta e sai. Fico um tempo processando nossa conversa e me perguntando como eu podia discordar dele sobre as crianças estudarem num colégio com metodologias tão arcaicas e liderado por uma harpia cruel. Afasto esses pensamentos ruins, pois de nada vão adiantar, a questão agora é focar no presente, em como posso ser uma boa mãe e esposa.

O forno apita, sinalizando que os cookies estão prontos e percebo que não temos leite, então pego minha carteira e subo para avisá-los que estou saindo. Quando paro na frente do quarto de Allie ergo a mão para bater, mas a porta está entreaberta e acabo ouvindo parte da conversa.

— E você acha que ela está errada em te colocar de castigo? — o tom dele é tranquilo, uma conversa entre pai e filha que me faz lembrar das inúmeras dessas que tive com meu pai.

Estou deitada em minha cama com o rosto enterrado no travesseiro me sentindo completamente miserável quando meu pai chega e sentando na beira da cama toca em minhas costas.

— Sua mãe me disse que você quer deixar a turma de matemática avançada.

— Isso mesmo. — Minha voz sai abafada.

— Por causa de um B? — Ele toca meus cabelos e noto o sorriso em seu tom de voz. — Querida, vai mesmo deixar isso te abalar?

Eu me levanto e olho para ele ainda com lágrimas nos olhos. Meu currículo escolar pode não ser perfeito, mas um dos motivos para eu estar nessa turma é que sempre, absolutamente sempre tirei dez em matemática. Esse foi meu primeiro B e me sinto uma droga.

— Papai, eu só... — Não consigo completar a frase. Ele me abraça e me consola como sempre faz.

— Meu anjo, não queira ser perfeita. É um objetivo muito cansativo a se alcançar. Mas sempre se esforce em fazer o seu melhor.

— Mas me esforcei — choramingo em seu ombro.

— Eu sei disso, e é por esta razão que acho que não deve desistir. Não se cobre tanto, Sam...

Sinto um aperto no peito. Ultimamente eu tenho me lembrado tanto deles.

Não é minha intenção bisbilhotar, mas sou atraída pela conversa e quando mudo minha posição na entrada, posso ver o reflexo de Ian e Allie pelo espelho da pequena penteadeira de princesa. À pergunta feita pelo pai, Allie respondeu com um breve movimento negativo de sua cabeça.

— Que bom! — Ian diz colocando a mão em seu ombro. — Isso mostra que você é uma boa menina e já está virando uma mocinha.

Allie sorri para o pai, orgulhosa de si mesma.

— Mas não importa o quanto cresça, Allie, sempre será a garotinha do papai.

O sorriso dela aumenta e ela o abraça. Eles ficam em silêncio por alguns segundos até que ela ergue a cabeça e volta a olhar para o pai.

— A mamãe está diferente. — Apesar da voz dela estar baixa, consigo ouvir claramente.

— É, ela está. — Ian parece pensativo. — E o que você acha disso?

— Eu gosto. — O sorriso dela faz meu coração bater de forma estranha, enquanto sentimentos confusos atordoam minha mente.

Esqueço completamente o que devia fazer e apenas sigo para meu quarto, pensando em tudo que aconteceu desde que acordei naquele hospital. Minhas

ações e sentimentos.

As primeiras semanas foram terríveis, pois eu sequer me imaginava como mãe e do nada tinha dois filhos levados, e por mais que eu tenha perdido a paciência milhares de vezes, eu nunca sequer cogitei maltratá-los, porém, as palavras da diretora e a forma como Ian veio correndo para casa, mesmo sabendo que na escola tudo estava resolvido, me fazem entender que sim, de alguma maneira eu os maltratava.

Não de um jeito que talvez pudesse me levar para a cadeia, mas existem muitos meios de se maltratar alguém, principalmente uma criança. Penso em quantas vezes Allie se afastou do meu toque. Nesta mesma tarde ela pulou assustada quando estendi minha mão para lhe fazer carinho.

Dói. Dói demais pensar nisso, porém o pior é perceber o tipo de mãe e esposa que tenho sido dentro dessa casa. Não importa que as lembranças não venham, para mim está claro que fiz questão de descontar cada grama de frustração que tinha, na minha família. Fico paralisada remoendo isso, relembando cada momento de desconfiança deles quando tenho uma atitude “diferente” da qual estão acostumados. Sinto meus olhos arderem e só percebo que estou chorando quando uma gorda e quente lágrima molha a mão que mantenho fechada em punho sobre meu colo. Permaneço estática observando outras lágrimas caírem enquanto meu coração e espírito se deprimem. O nó em minha garganta aumenta quando tento sufocar os sons da minha dor. Quando não sou mais capaz de suportar, deixo que cada fibra de mim se entregue ao pranto descontroladamente.

Não escutei a porta do quarto se abrir, e pelo que percebo através das brumas de meu desespero, sequer ouvi Ian me chamar, pois a forma como ele segura minhas mãos e tenta falar comigo deixa claro que ele está fazendo isso há algum tempo. Vejo sua boca movendo, mas não sou capaz de entender nada, absolutamente nada. Sem pensar, eu o abraço com força, enterro meu rosto em seu pescoço e sigo chorando como se nunca fosse parar.

— Eu não devia ter ficado, eu não deveria ter cobiçado você pra mim. Ela era melhor para você, ela certamente o faria feliz — murmuro para mim mesma, pensando em como ele parecia feliz com Nancy até eu aparecer.

— Shhhhh. — Ele embala em seus braços. — Calma, Sam. Estou aqui, estou aqui. — Escuto seu sussurro de forma tão distante...

Não sei quanto tempo se passa, mas fico confusa quando abro os olhos e

percebo que ainda estou nos braços dele. Pisco algumas vezes tentando entender ou me lembrar.

— O que aconteceu? — pergunto, com a voz enrouquecida pelo choro.

— Eu também gostaria de saber. — Sua preocupação é perceptível. — Saí do quarto de Allie, ouvi seu choro, e quando entrei aqui, você estava fora de si.

Allie. No momento em que fala o nome de nossa filha, tudo volta a minha mente como uma avalanche e eu saio de seus braços.

— Ian. — Respiro fundo tomando coragem. — Por que você continua comigo?

— O quê? — Ele me encara confuso. — Do que você está falando?

— De mim, de nós! — Minha mente gira com tudo que estou pensando. — Eu venho sendo uma megera nos últimos quatro anos. Creio que você já deveria ter pego as crianças e ido para longe de mim.

O verde de seus olhos escurece, deixando-os da cor do mar durante uma tormenta, enquanto passam da confusão à inconformidade. Ele parece cansado, não apenas fisicamente.

— Me diz uma coisa Sam. — Seu olhar me atravessa como uma adaga. — Você teria me deixado? Por favor, seja honesta comigo e com você mesma.

Penso em sua pergunta e em todos os momentos que ele esteve lá para mim. Mesmo que eu não me lembre do que vivemos desde que “desisti” de Londres até o dia em que acordei no hospital como esposa dele, Ian sempre esteve ao meu lado, e sei que faria o mesmo por ele, porque o amo. Atravessei um inferno para me dar conta disso, mas agora sei, sem dúvidas, que faria qualquer coisa por ele, lutaria todas as batalhas e venceria uma maldita guerra. Então quando respondo sou totalmente sincera.

— Não, Ian. — Engulo em seco, assustada em desnudar assim minha alma. — Jamais te deixaria.

Ele assente e parece respirar aliviado. Em seguida, faz algo inesperado, pega minhas mãos e as segura de forma carinhosa enquanto me observa e reflete um pouco antes de falar.

— Sei que estamos passando por uma fase difícil, mas quatro anos é pouco se comparado a toda uma vida compartilhada. Por mais que hoje você não

consiga ver tão claramente, me dedico a cumprir cada uma das promessas que te fiz em nosso casamento, e quando você se desarma do ressentimento, ainda vejo a mesma mulher que também fez promessas pra mim.

Respiro fundo diante da intensidade de suas palavras, cada uma delas penetram no fundo do meu coração e me fazem tremer. Ele me ama, não disse com todas as letras, mas ele me mostra dia após dia. Qualquer um em seu lugar já teria chutado tudo e seguido em frente, mas ele está aqui, triste, magoado, mas me dando cada parte de si.

Nos encaramos em silêncio, deixando nossos verdadeiros sentimentos pairando entre nós. Meu desejo é pular em seus braços novamente e dizer o quanto o amo, que meu maior desejo é consertar toda essa bagunça, mas tenho medo de que sua mágoa seja maior que seu amor e ele me rejeite outra vez. Ao mesmo tempo, penso que talvez ele só precise que eu reafirme meus sentimentos de forma clara. Não sei o que fazer, me apavora a possibilidade de não ser bem recebida depois de tudo que aconteceu. Fico livre do impasse quando uma buzina do lado de fora quebra o momento e eu aproveito a deixa.

— Kev — digo, sorrindo sem graça e me levantando para receber nosso filho.

Sigo para a porta do quarto sentindo-o me seguir com o olhar e quando estou saindo tenho certeza de ouvi-lo soltar a respiração juntamente com um palavrão.

Já na entrada, nosso filho pergunta pela irmã que logo desce para se juntar a nós.

— Allie, você está com dor de barriga? — Sua pergunta nos faz rir. Em sua cabecinha, voltar cedo para casa está ligado a dor de barriga, pois foi o que aconteceu quando ele passou mal na escola. Sua preocupação com a irmã é fofa.

— Eu estou bem, Kev. — Ela o abraça e beija a bochecha suada dele.

— Então por que voltou primeiro? — Ele olha confuso dela pra mim em busca de resposta.

— Me comportei mal na escola, e agora estou de castigo.

A princípio, ele parece assustado e depois triste pela irmã.

— Você nunca mais vai pra escola? — Puro terror passa por sua carinha angelical.

— Não querido — eu me intrometo, pois do contrário ficaremos todo o dia aqui nessa ladainha —, ela vai ficar uns dias em casa, me ajudando com as tarefas e estudando dobrado — enfatizo para que ele não pense que vale a pena levar uma suspensão. — Agora vamos logo para seu banho porque temos cookies nos esperando.

— Oba! — ele grita e pula animado.

Estamos indo para a escada quando ele para e volta para abraçar a irmã.

— Sinto muito, Allie. — Depois cochicha no ouvido dela, mas sou perfeitamente capaz de ouvi-lo propondo ajudá-la quando estiver em casa. Seguro o riso e vou até eles pegando Kev no colo.

— Vamos logo rapaz! — Ele gargalha quando faço cócegas em sua barriga. Ao olhar para o segundo andar, vejo Ian nos observando com um cálido sorriso nos lábios que faz meu coração acelerar. Passo por ele no topo da escada e paro para que ele possa beijar nosso garotinho.

— Você poderia, por favor, comprar leite enquanto dou banho no Kev?

— Claro! — Ele desce as escadas. — Vamos comigo Allie?

O gritinho de contentamento dela é resposta suficiente.

Depois do pequeno lanche, saímos com as crianças para andarem de bicicleta pelo parque. Estamos perto do cemitério, então deixo-os se divertindo e aproveito para visitar o túmulo dos meus pais.

Paro diante da lápide deles e sinto um aperto no peito. Desde pequenos somos ensinados a entender que a morte faz parte do ciclo da vida, porém, quando somos sobrepujados por ela, é que entendemos seu real significado. É na morte que tudo se define; suas realizações, o tipo de pessoa que é, mas também as palavras que ficaram suspensas, as ações que não foram tomadas, e os sentimentos que ficaram guardados. Um pedido de desculpas que nunca acontecerá, um “eu te amo” que tememos dizer, tudo isso fica para trás, tanto para quem partiu, como para quem ficou.

Não tenha medo de viver, Sam. A vida é preciosa demais para temê-la.

Uma das frases preferidas de minha mãe flutua em minha mente. Sempre preocupada que eu deixasse de aproveitar cada momento por medo. Estou tão

absorta em meus pensamentos que não percebo que tenho companhia até ouvir sua voz atrás de mim.

— Eu também sinto falta deles — Ian fala, e dando mais um passo, fica parado ao meu lado, olhando para a lápide.

Andie e Samuel Devenport, casal apaixonado e pais dedicados.

— Você não precisa ser sempre tão durona. — Timidamente, ele roça sua mão na minha sem realmente segurá-la, como se aguardasse um sinal meu para de fato me tocar. — Eu estou aqui, eu sempre estarei aqui pra te segurar quando quiser desmoronar.

Respiro fundo, entendendo o que ele me diz, mas ainda é tão difícil me abrir neste assunto. Sem me virar para ele, observo seu perfil. Sua serenidade me transmite uma paz que há muito não sentia, o calor de sua mão passa por minha pele e chega ao meu coração despedaçado pela perda. Então decido que aos poucos deixarei ele entrar em minha fortaleza, mesmo que isso me apavore até a alma.

Começo entrelaçando meus dedos aos dele, apertando sua mão suavemente enquanto tento não chorar. Ian me conhece bem o suficiente para saber que isso foi um grande passo para mim e para deixar claro que entendeu, retribui meu aperto.

Nos olhamos, ele sorri docemente e, em seguida me abraça. Sou inundada por seu cheiro que evoca minhas memórias mais antigas. Ian me abraçando quando o gatinho que resgatei do lago morreu dias depois; me erguendo e girando comigo quando venci minha primeira competição de cálculo; ao voltar de férias depois de quase três meses sem nos vermos, ele quase me sufocou em um verdadeiro abraço de urso, e eu adorei; e por fim, quando meus pais morreram e ele não saía do meu lado por nada.

Inspiro profundamente absorvendo sua essência antes que esse momento termine. Depois voltamos, de mãos dadas, para onde nossos filhos estão com Victoria. Ian me conta no caminho que enquanto eu estava no cemitério, ela chegou com os filhos. Pelo visto tivemos a mesma ideia.

Quando voltamos para casa, Ian me ajuda com o jantar, depois, enquanto limpo a cozinha, ele prepara as crianças para deitar. Subo assim que termino e juntos contamos uma história para eles dormirem. Ao chegar em nosso quarto, a

harmonia continua presente, porém ainda somos cautelosos quanto a uma aproximação maior.

— Foi uma tarde incrível — digo, arrumando meu cobertor —, muito obrigada.

— Sempre que precisar... — Ele pega minha mão e a beija carinhosamente fazendo meu coração dançar de alegria.

— Ian...— ele está me dando todos os sinais, mas ainda me sinto insegura.

— Pode falar — ele diz.

— Eu só queria entender isso — falo, apontando de mim pra ele. A expressão de seu rosto muda e ele parece incerto quanto ao que dizer. Estou prestes a voltar atrás quando ele diz:

— Só...vamos com calma, tudo bem?

Não é exatamente o que eu desejava ouvir, mas pelo menos ele não está descartando completamente a possibilidade.

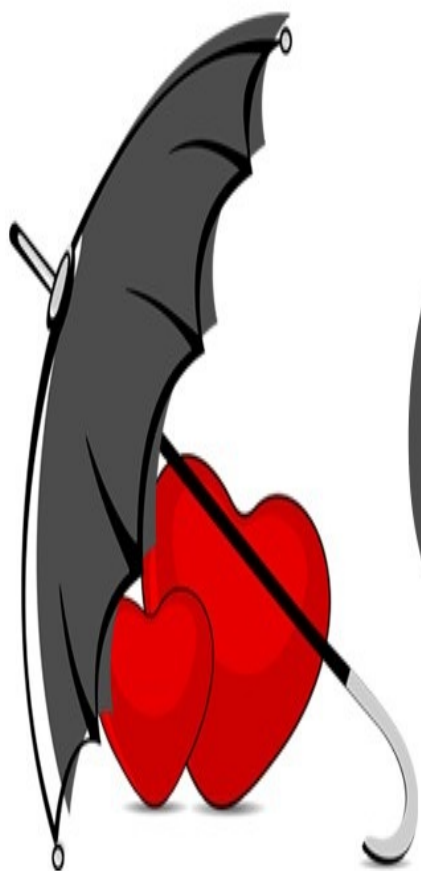
— Tudo bem — eu digo. Ele sorri e beija meu rosto.

— Boa noite — fala, antes de apagar a luz.

— Boa noite — respondo.

No escuro, fico analisando o meu dia. A confusão na escola de Allie, perceber que tenho sido uma péssima mãe, visitar o túmulo dos meus pais e receber o carinho de Ian. Minha tendência natural é querer que tudo se resolva de uma vez, mas entendo as reservas de Ian e Allie em relação a mim. Respiro fundo, organizando minhas emoções e controlando minha ansiedade.

— Vai ficar tudo bem — murmuro para mim mesma antes de pegar no sono.



Capítulo 18

Bip, bip, bip...

—Você se lembra desse dia? — Escuto uma voz no fundo da minha mente.

Ian? O que está acontecendo?

Não consigo abrir meus olhos, por mais que eu tente. Meu Deus! O que é isso? Não consigo me mexer.

— Sam, eu te amo — ele sussurra, bem perto do meu ouvido. — Não me deixe.

Nunca vou deixá-lo, meu amor. Eu tento dizer, mas as palavras não saem.

Bip, bip, bip...

— O que está acontecendo? — A voz de Ian revela certa medida de preocupação. Com quem ele está falando?

— Por favor, você precisa sair — uma outra pessoa fala, mas quem? Por que não consigo ver nada?

— Ian — eu repito, mas ele não escuta. Escuto outras vozes, mas não reconheço nenhuma delas. Todos falam freneticamente. Escuto pedaços de uma conversa tensa.

— Os batimentos estão caindo. — A voz é de mulher e seu tom transmite preocupação.

Socorro! Eu não consigo me mexer, não consigo ver nada. Me ajudem, me ajudem.

— Sam! — Escuto a voz de Ian outra vez. — Sam, acorda!

Sinto-o me sacudir, e quando abro os olhos ele expira aliviado e me abraça.

O que houve?

Meu corpo treme e meus batimentos estão acelerados. Aos poucos me lembro do pesadelo e vou me situando. Minha respiração está ofegante, parece que corri por todo o Central Park.

— Sam. — Seus olhos verdes me observam com preocupação. — Estou aqui, você está em casa meu amor, está tudo bem.

Ele me abraça e afaga minhas costas, depois beija o topo da minha cabeça, me reconfortando com palavras doces. Pouco a pouco vou me sentindo melhor e não sei exatamente em que momento pego no sono de novo, mas dessa vez, sem sonhos ou pesadelos.

Acordo com o dia amanhecendo. Sinto o braço de Ian envolvendo minha cintura e o calor de seu corpo aquecendo minhas costas. Inspiro profundamente curtindo o momento, até que me lembro do pesadelo. Meu coração dispara. Não é a primeira vez que tenho esse mesmo pesadelo, só que agora está cada vez mais constante e isso me apavora. É como um pressentimento ruim.

— Bom dia — ele sussurra em meu ouvido com a voz enrouquecida pelo sono, me causando arrepios e afastando dos meus pensamentos a inquietação por causa dos pesadelos. — Como está se sentindo? — Sua preocupação me

comove. Quero abraçá-lo, beijá-lo, e acabar com essa distância

— Estou melhor. — Timidamente toco sua mão. — Obrigada por cuidar de mim.

Ele dá um daqueles sorrisos tortos e acaricia minha bochecha com os nós dos dedos.

— Essa é minha missão na vida, Sam. — Meu coração para de bater por alguns segundos, para em seguida bater tão desesperadamente que chega a doer minhas costelas. Tenho certeza que ele está prestes a me beijar, mas parece mudar de ideia no último minuto. Droga! Repito para mim mesma: “Seja paciente, Samantha”.

— Sobre o que era seu pesadelo? — Sua pergunta me desconcerta um pouco.

— Eu não lembro exatamente. — Engulo em seco, voltando a sentir o pânico. — É sempre a mesma coisa; escuto vozes, mas não vejo nada, não consigo falar ou me mover.

— Já falou com o médico sobre eles?

— Não, mas acho que direi hoje.

— Tem consulta hoje? — Ele estranha, pois não tinha comentado com ele.

— Sim. Eu marquei de última hora — digo encolhendo os ombros como se me desculpasse. A verdade é que eu precisava de uma desculpa para ir até Manhattan, e como ainda estou preocupada com esses pesadelos e as dores de cabeça, decidi voltar naquele médico maluco.

— Hmmm — Ian murmura, e parece chateado por eu não ter dito.

— Me desculpe, querido. — Faço carinho em sua mão. — Com toda a confusão de ontem, acabei esquecendo de dizer.

— Tudo bem — diz, e dá um sorriso fraco — é só que eu gostaria de acompanhar você, mas em cima da hora não conseguirei sair mais cedo.

— Não se preocupe — eu falo, e ele inspira profundamente.

— Sinto muito que tenha passado por isso sozinha nas últimas semanas. — Sua voz transmite certa medida de culpa. Ah, meu amor! — Eu deveria ter estado aqui quando eles te assombraram desde o primeiro momento.

— Ian. — Toco seu rosto suavemente. — Você não pode impedir meus pesadelos.

— Não. Mas posso cuidar de você quando eles acontecerem. Você dormiu melhor depois que te abracei.

— Sim. — Sorrio sentindo meu peito transbordar. — E tenho certeza que de agora em diante, sempre vai estar ao meu lado.

Ele concorda e me abraça. Se levanta e depois de beijar minha testa e meu rosto, vai para o banheiro. Me sinto um pouco frustrada por ele ainda evitar me beijar nos lábios, mas me lembro do que ele disse na noite anterior: “vamos com calma”. É, posso lidar com isso, afinal, ele teve de lidar com uma mulher fria durante quatro anos e não só não desistiu como está disposto a tentar novamente. Então reforço meu mantra da paciência e penso no que venho planejando há dias.

— Hoje será perfeito! — exclamo para mim mesma e me levanto. Vestindo meu roupão, desço para preparar o café da manhã para ele.

É gratificante ver a satisfação brilhar em seus olhos quando ele chega na cozinha e vê a refeição preparada.

— Não precisava se incomodar — ele diz se sentando. — Você deveria ter continuado na cama, dormido mais. Ainda é muito cedo.

— Não foi incômodo algum e estou sem sono — Bebo um gole do meu café e sento à sua frente.

— Mesmo assim, obrigado.

Sorrio por trás da minha xícara deixando a sensação de felicidade se espalhar por meu corpo.

— Eu não mencionei, mas a consulta de hoje é com aquele médico em Manhattan.

— É mesmo? — Ian me encara sem entender, pois, sabe que não gostei dele.

— Sim, eu resolvi dar uma outra chance. Naquele dia eu não estava muito bem — justifico, mas tenho outra questão em mente —, na verdade, estava pensando se poderia te encontrar no seu trabalho para voltarmos juntos.

— Claro! — Ele se levanta e leva a louça para a pia. — Ficarei te esperando então.

— Ótimo! Vou falar com Victoria e ver se ela pode ficar com as crianças pra mim.

— Caso ela não possa, na agenda tem o nome de duas babás de confiança, Nelly e Josie.

— Okay! — digo, e ele beija meu rosto antes de sair.

Animada, me levanto e depois de lavar a louça vou para minha costureira caminhada, dessa vez, sem Victoria. Na volta, depois de uma rápida ducha, mando Kev para a escola e passo algumas tarefas escolares para Allie fazer em seu quarto. Assim que fico sozinha, começo a pôr em prática meu plano.

Depois da nossa briga, me informei melhor sobre nossa real situação financeira, por incrível que pareça, nem é tão ruim assim. Obviamente que não me lembro dos planos iniciais, mas com o que temos, agindo sabiamente e com cautela, podemos começar algo.

A empreendedora em mim ainda estava ativa afinal, e com a corda toda! Semana passada comecei a fazer algumas pesquisas de mercado e montei um plano de negócios usando como base o plano anterior, que encontrei em um dos arquivos em nosso computador. Agora tenho tudo esquematizado e hoje mostrarei a Ian. Estou apavorada. Não quero iniciar outra briga, pelo contrário, mas já dizem os antigos: “de boas intenções, o inferno tá cheio.”

Algumas horas depois, Allie aparece na porta da cozinha.

— Terminei as tarefas, mamãe. — Percebo que ela ainda está receosa comigo, mas já não parece tremer de medo.

— Muito bem, vou corrigi-las e você pode ficar um pouco no quintal. — Saltitando, vai em direção a porta com sua boneca nos braços. — Sem a boneca, Allie.

Ela murcha na hora e sinto vontade de voltar atrás, porém, me lembro que faz parte do processo de correção. Só que ao invés de simplesmente me impor, vou até ela e me ajoelho para que não se sinta intimidada.

— Allie, você está de castigo. — Pegó sua mãozinha e faço-a olhar pra mim. — Se lembra por quê?

— Bati em um colega. — Sua voz mal passa de um sussurro.

— Exatamente. — De forma carinhosa, toco em seus cabelos e dessa vez

ela não se retrai. — Você pode ir lá fora respirar ar fresco e pode brincar com o que encontrar no quintal, mas suas bonecas estão restritas. Só pode ficar com uma delas pra dormir. Tudo bem?

Ela apenas balança a cabeça concordando e fico feliz em ver que tenho uma boa menina.

Acabei de desligar o telefone quando escuto um grito vindo do quintal. Pela janela vejo Allie caída no chão segurando o braço e saio correndo.

— Allie! — Me ajoelho e tento ver seu braço enquanto ela chora. — O que aconteceu? — Tento distraí-la para observar melhor o corte que está sangrando.

— E-eeeeu ca-caí da a-a-árvore.

Deus santíssimo! Olho com atenção e fico aliviada em ver que o corte é superficial.

— Terei cabelos brancos antes dos 40 — resmungo —, querida, sente algo mais doer?

Ela nega entre soluços e percebo que foi mais o susto.

— Vamos entrar para eu limpar e colocar um band-aid.

— Na-não. — A menina começa a se agitar.

— Querida, prometo que o remédio que temos não vai arder. — Tento pegá-la no colo, mas ela se esquivava. — Allisson Railey!

— O gatinho — ela funga, e olha para a árvore no mesmo instante em que ouço um miado. Quando olho para cima, vejo um filhotinho de gato com pêlo preto e branco.

Miau!

— Foi por isso que caiu da árvore? — Sinto vontade de sacudir a criança, quase morro de susto e ela tentando tirar o gato da árvore que mal alcança.

— Ele tá com medo — diz em defesa do gato —, não tem uma mamãe pra cuidar dele. Ajuda ele, por favor.

Com todos os infernos! Ninguém nos treina para resistir a esses olhinhos de gato de botas que crianças costumam fazer. Como eu poderia negar um

pedido feito assim?!

Subo no banco que a pestinha tentou usar e pego o gato. Ganho uns arranhões no braço durante o processo, mas fico bem. O danado é esperto, assim que o coloco no chão, vai se enroscar na perna de Allie.

— Agora vamos limpar esse corte — digo revirando os olhos para o gato, me lembrando de King.

— Podemos ficar com ele? — ela pede docemente.

Ahh droga! Eu sabia, sabia que ia dar nisso.

Miauuuuuuu!

Fuzilo o gato com os olhos. Manipulador!

— Por favor, mamãe! — Ela junta as mãozinhas. — Prometo que cuido dele.

— Allie, primeiro tenho que falar com seu pai.

Mas que droga! É muito difícil negar algo quando ela está sendo tão doce.

— Vamos entrar para eu cuidar desse corte.

— Mas podemos pelo menos dar um pouco de leite pra ele?

Pego ela no colo e começo a andar em direção a casa.

— Primeiro vou cuidar de você. Se quando eu terminar ele ainda estiver aqui, cuidarei dele até falar com seu pai. — Tento parecer séria e firme, mas tudo desmorona quando ela envolve meu pescoço com seus braços e beija meu rosto.

— Obrigada, mamãe.

Creio que respiro fundo algumas vezes para não chorar, tamanha a emoção que sinto.

Depois do almoço levo Allie e o gato para a casa de Victoria. Apesar de todos os meus avisos sobre não colocar nome para não se apegar, foi batizado como Sylvester, em homenagem ao gato do Looney Tunes por causa da cor de sua pelagem. No trem, indo para Nova Iorque, revejo os planos e peço a Deus para que tudo dê certo. Mas antes de encontrar Ian, vou à consulta.

Estou sentada diante do médico que já me examinou e verificou os resultados dos últimos exames. Dessa vez me sinto um pouco mais confortável

com ele.

— Ainda não se lembra de absolutamente nada — ele afirma, me observando e anotando em minha ficha —, Sra. Railey, não quero lhe assustar, mas talvez não recupere sua memória.

— Meu outro médico disse o mesmo, e estou bem com isso — a naturalidade de minha resposta parece surpreendê-lo. Explico que estou me saindo bem mesmo sem as lembranças. Falo sobre minha rotina, os pesadelos e as dores de cabeça, que ainda são constantes, mas nem sempre tão intensas.

— Seus exames não mostram nada alarmante sobre as dores de cabeça. Pedirei outros, mas a princípio podemos tratar como enxaqueca. Vou listar alguns alimentos que deve evitar e vamos ver como seu corpo reage. Já os pesadelos, me parecem uma espécie de terror noturno — ele comenta —, o que acha de tentarmos algumas sessões com um terapeuta? Conheço um ótimo em Nova Jersey. Concordo com um movimento de cabeça e terminamos a consulta.

Como o trabalho de Ian não é muito longe do consultório, decido ir caminhando. É tão estranho. Teoricamente, eu perdi uns doze anos de memória, mas a cidade continua exatamente como era há doze anos atrás, como se o tempo não tivesse passado para Nova Iorque, assim como não passou para mim. Lojas, escolas e prédios, tudo igual.

Algumas quadras depois, estou na frente do hotel em que Ian trabalha. Entro e logo sou recepcionada por um gentil senhor que parece me conhecer. Ele me leva até a sala de Ian. Fico apreensiva pensando que darei de cara com Nancy, mas ele está sozinho. Ainda bem.

— Como foi a consulta? — ele pergunta se aproximando e beijando meu rosto.

— O mesmo de sempre — digo me sentindo inebriada com sua proximidade —, ele sugeriu terapia para os pesadelos e uma dieta pra enxaqueca.

— Que bom! — Voltando para sua mesa, ele desliga o computador e pega seu casaco. — Vamos? — Concordo e saímos de seu escritório.

Ian me guia pelo estacionamento com a mão na base da minha coluna. Estou muito nervosa e por mais que eu tenha planejado isso durante dias, não sei como farei para abordar o assunto.

— Você está bem? — Aí está o que acontece quando você conhece a pessoa por anos. Ela sabe exatamente quando as coisas não estão normais.

Respiro fundo e me viro para ele.

— Quero te levar em um lugar — digo, observando sua reação. Ele parece estranhar, mas concorda e me passa a chave do carro.

Dirijo em direção a Long Island e durante um bom tempo ficamos em silêncio, pois não sei o que dizer, na verdade tenho até medo de falar algo e ser mal interpretada.

— Então... — Ian decide puxar assunto. Ainda bem! Neste momento não sou capaz de formular uma frase coerente. — Será que posso saber o destino do meu cativeiro?

Sua brincadeira quebra o clima de tensão me fazendo rir e relaxar um pouco.

— Prometo que será um sequestro breve e prefiro falar sobre isso quando estivermos mais perto de nosso destino. — Mordo o lábio apreensiva.

— Sabe que me deixa louco quando você resolve bancar a misteriosa.

— Eu sei. — Olho de relance para ele e dou um sorriso descarado que o faz rir também.

Durante o caminho, conversamos um pouco sobre nosso dia. O dele foi bem tranquilo se comparado ao meu que vivo de susto em susto com as crianças. Faço um breve relato sobre o tombo de Allie, tranquilizando-o logo de cara para depois revelar o motivo.

— Um gato. — Balanço a cabeça exasperada. — Ela poderia ter partido a cabeça por causa de um gato. — Ian acaba rindo da minha reação um tanto exagerada.

— Ela é igualzinha a você, querida. — Seu deboche é explícito. — Me lembro de quando éramos crianças. Brigamos e você querendo me mostrar que não precisava da ajuda de “um menino inútil”, subiu sozinha na árvore para resgatar um gato e depois não conseguiu descer.

— Ora essa! — Ian gargalha quando dou um tapa em seu braço com indignação fingida. — Você estava bancando o machista arrogante.

— É, mas eu tinha razão no fim das contas.

— Só porque era mais alto.

Ficamos rindo dessa recordação por alguns minutos, o que me faz pensar

no que ele disse antes, sobre termos muitos anos de história compartilhada. Ian sempre foi meu melhor amigo e eu realmente tenho muita sorte em tê-lo na minha vida.

— Allie quer ficar com o gato — digo, e divido minha atenção entre a estrada e ele.

— Claro que ela quer — Ian parece achar graça de algo. — E o que você disse?

— Que precisava conversar com você. — O que ele achou que eu diria?

— Obrigado. — A surpresa por sua gratidão é suplantada quando ele pega minha mão carinhosamente. — E o que você acha dela ter um gato?

— Acho que seria bom. — Sorrio apreciando o calor de seu contato. — Ajuda a aprender sobre responsabilidades. Além do mais, sempre quis ter bichos em casa, mas com a alergia de meu pai, não foi possível. Aliás, nós nunca tivemos nenhum animal de estimação?

— Quando vivíamos em Nova Iorque, não tínhamos tempo, depois você não pareceu mais interessada.

— Hmmm... — Suas palavras me deixam pensativa e incomodada, mas Ian trata de afastar esses sentimentos de mim.

— Está decidido então. Ficamos com o gato! — Seu anúncio é seguido por um beijo em minha mão que me aquece por inteiro. Tenho quase certeza que corei como uma garotinha.

Já estamos chegando a Long Island, por isso decido começar a falar sobre meu plano.

— Ian. — Engulo o nó em minha garganta. — Antes de qualquer coisa, gostaria que você me escutasse até o final antes de expressar sua opinião. — Minhas palavras causam um leve arquear de suas sobrancelhas. — Peço, por favor, que tenha a mente aberta e saiba que minha intenção é a melhor possível. Não quero brigar, na verdade, o que mais desejo é consertar as coisas entre nós.

— Okay! Mas fale de uma vez. — Ele respira fundo. — Estou enlouquecendo aqui, querida. — O fato dele ainda ser carinhoso me faz sentir certa medida de confiança.

— Desde que discutimos e você expôs meus delitos e nossos planos frustrados, eu decidi tomar uma atitude, afinal de contas, reclamar e te culpar

pelo que aconteceu só serviu para complicar nossa vida. Bem, eu consultei nossa conta e descobri que temos uma quantia considerável lá. Dei uma olhada nos planos iniciais e realmente vi que é um alvo impossível neste momento, mas podemos fazer algo com o que temos em mãos, e se não formos muito ousados, ficaremos bem. Fiz uma relação de bons lugares onde poderíamos começar com uma pousada modesta, e encontrei várias nesta região. Uma em especial chamou minha atenção — digo, quando o GPS informa que estamos a poucos metros de nosso destino.

Quando viro a esquina, aparece diante de nós a casa colonial que vi por fotos e vídeos feitos pelo corretor de imóveis. Ela é simplesmente encantadora. Estaciono na entrada e fico mais tensa a cada segundo. Ian não diz nada e seu olhar é indecifrável. Ele abre a porta do carro e sai abruptamente. Penso que isso não é nada bom e, mesmo temendo o que está por vir, saio também. Ficamos parados na frente do carro nos encarando sem dizer nada pelo que me parece uma eternidade. Eu só preciso saber o que ele acha da minha ideia para mostrar ou destruir o plano que montei.

— Por quê? — Seus olhos carregam uma intensidade profunda e o medo de estar piorando as coisas me consome. — Por que, Sam?

— Porque é o que sempre desejamos. — Mordo a parte interna de minha bochecha. — Porque acredito que assim poderemos estar mais próximos dos nossos filhos, mas principalmente, porque eu te amo, e não suporto mais ficar longe de você.

Dando um passo à frente, Ian me segura pela nuca e cola seus lábios nos meus. Instintivamente eu me agarro a ele derramando toda a saudade que sinto dele, de nós. Seu beijo não é delicado. É bruto e ao mesmo tempo doce, carregado de necessidade e intensidade. Sinto um arrepio percorrer todo meu corpo enquanto um misto de alívio e ternura tomam conta de meu coração. Ele me envolve em seus braços e sinto como se nunca mais fosse me soltar, de fato, espero que nunca solte mesmo!

Aos poucos, seus beijos vão ficando mais suaves, e ele desliza suas mãos por minhas costas, acariciando meus cabelos e depois meus braços. E quando seus lábios se desprendem dos meus, ele beija meu queixo, a ponta do meu nariz e minha testa, me fazendo suspirar, exalando felicidade.

— Eu te amo tanto, Samantha — diz, olhando dentro de meus olhos, fazendo-me sentir como se estivesse derretendo e pela primeira vez em muito tempo, estou em paz.

Estamos abraçados e Ian volta a me beijar, só que de forma mais delicada, sem pressa ou desespero, apenas curtindo o momento, quando o Sr. Lewis se aproxima e pigarreja, chamando nossa atenção. Paramos de nos beijar e ficamos olhando um para o outro por alguns segundos sem o menor constrangimento. Meu coração pula enlouquecidamente no peito, especialmente quando Ian dá aquele sorriso torto antes de se virar para o corretor. Nem se eu quisesse, e francamente não quero, eu conseguiria controlar o encantamento que sinto por meu marido neste momento.

— Boa tarde, Sr. e Sra. Railey — Sr. Lewis se aproxima todo sorridente e estende a mão para nos cumprimentar.

— Boa tarde — digo, apertando sua mão — finalmente nos conhecemos.

Ian faz o mesmo e volta a me encarar com aquele olhar que me faz querer pular em seus braços. Apresento-os formalmente e Lewis nos conduz para dentro da propriedade. Ian segura minha mão firmemente, me dá um rápido beijo nos lábios assim que o homem nos dá as costas e sinto como se tivéssemos catorze anos outra vez.

O lugar é incrível, muito espaçoso, mas ao mesmo tempo conserva um ar aconchegante. O corretor é muito habilidoso em nos mostrar os pontos fortes do lugar, falando sobre a estrutura que foi construída para a ampliação do antigo hotel. Nos dá dicas sobre o que fazer de imediato e o que pode esperar um pouco mais.

Estamos na parte externa do terreno e depois de atravessarmos uma sebe que precisa ser aparada, chegamos ao local onde vamos viver com nossos filhos. A casa é um pouco menor que a de Nova Jersey, mas ainda assim é um bom lugar, muito bonita com sua fachada em um tom bem claro de amarelo, a varanda em forma de L pega a frente e a lateral da casa, já o quintal é espaçoso o suficiente para as crianças brincarem e tem algumas árvores frutíferas.

— Uau! — Ian parece maravilhado com o lugar, assim como eu fiquei quando vi as fotos na internet. — É perfeito, Sam.

Não existem palavras para descrever a felicidade que senti ao ouvi-lo dizer isso.

— Acha que as crianças vão gostar? — pergunto, e ele abre o mais brilhante dos sorrisos.

— Elas vão adorar! — em seguida me puxa e me beija como se fôssemos

apenas nós dois ali.

Depois de vermos o interior da casa, ficamos ainda mais encantados. Já imaginamos onde as crianças vão dormir, onde ficará a cama do gato e até mesmo cogitamos ter um cachorro. Estou tão absurdamente feliz que por um momento sinto medo. O mesmo medo que senti depois que meus pais morreram.

Sinto um aperto forte no peito e minha cabeça começa a latejar.

— Você está bem, querida? — Ian me observa preocupado quando estamos entrando no carro, após nos despedirmos do Sr. Lewis.

— Só estou um pouco cansada — eu digo, sem querer alarmá-lo e estragar essa tarde maravilhosa.

Ele continua me olhando desconfiado, provavelmente imaginando que estou minimizando o problema para não o preocupar, então envolvo-o em meus braços e o beijo.

— Ficarei melhor assim que puder deitar em nossa cama e descansar.

Meio a contragosto, acaba concordando e pegamos a estrada de volta para Nova Jersey.



Voltamos para casa depois de pegarmos as crianças com Victoria e assim que entramos em casa, o celular de Ian toca.

— Irmã! — Sua voz é sempre animada quando fala com Doty. — Como você está, pequena desertora? — ele brinca.

Assim que as crianças percebem que Ian fala com a tia deles, começam a se alvoroçar. Eles gritam e falam ao mesmo tempo. Ian coloca Doty no viva voz, mas é quase impossível entender o que ela diz. Por fim eu me meto pedindo silêncio e digo para que um de cada vez se despeça da tia para subirem e se arrumarem para dormir.

Estou saindo do quarto de Kev quando encontro Ian no corredor. Ele enlaça minha cintura e me beija. Suspiro, ainda sem acreditar em toda a felicidade que estou sentindo.

— Tenho algo para te dizer — ele sussurra em meu ouvido, e sua voz

enrouquecida me deixa toda arrepiada.

— Hmmm! — É o único som que sai de mim, uma vez que agora ele está deslizando os dedos por minha coluna, em um suave subir e descer.

— Doty está em Nova Jersey, e quer passar o dia com as crianças. — Estremeço quando ele mordisca a ponta da minha orelha. — Aproveitei e perguntei se ela não ficaria com eles a noite também. Ela aceitou. — Ele baixa a voz ainda mais, para um leve murmúrio, tão provocativo quanto indecente. — Teremos a noite só para nós.

Meu pulso acelera e quando voltamos a nos encarar, um sorriso malicioso surge nos lábios dele, e acredito que o meu seja exatamente igual. Estamos prestes a nos beijar quando Allie aparece na porta.

— O que vocês estão fazendo? — Ela nos observa desconfiada. — Por que estão cochichando? Mamãe, você sempre diz que é feio cochichar.

Sinto vontade de rir de seu comentário, mas essa é uma dessas situações em que não podemos dar confiança.

— E também digo que é feio se meter na conversa de adultos. — Ian a pega no colo fazendo-a dar gritinhos.

— Vamos mocinha! — Ian e Allie se olham com total adoração. — Hora de dormir. Já colocou seu gato na caixa dele?

— Sim, papai. — Ela o abraça e beija. — Muito obrigada por me deixar ficar com Sylvester. Ele não tem ninguém para cuidar e se apegou demais a mim.

— Ele se apegou a você? Sei. — Ele torce a boca com incredulidade. — Mas agradeça a sua mãe, foi ela quem me convenceu.

Allie salta dos braços do pai e corre até mim, envolvendo minha cintura com seus braços.

— Obrigada, mamãe.

Beijo o topo de sua cabeça e depois me abaixo para abraçá-la. A conversa no corredor atrai Kev que vem correndo e me abraça também. Como fui capaz de um dia ver essas crianças como um incômodo? Como fui capaz de pensar que não fazia questão de ser mãe?

Amo essas crianças a ponto de dar minha vida por elas.

Acomodamos nossos filhos em suas camas e depois de lermos uma

história, seguimos para nosso quarto. Me sinto exausta.

— O que acha de contarmos para as crianças sobre o hotel e a casa quando tivermos assinado todos os papéis? — ele me pergunta assim que saio do banheiro.

— Melhor. — Alongo meu pescoço enquanto sento em nossa cama.

— Tem certeza que está bem? — ele pergunta, parecendo preocupado.

— Só estou muito cansada — digo, e tento melhorar meu semblante ao sorrir, mas falho miseravelmente, pois a testa de Ian se enrugou.

— Vem, vou fazer uma massagem em você — ele oferece e, por mais tentador que seja, eu recuso. Ele deve estar tão cansado quanto eu e ainda vai trabalhar amanhã.

— Eu estou bem, amor. — Beijo-o nos lábios suavemente. — Só preciso dormir.

Meio a contragosto, ele acaba concordando e assim que me acomodo em seus braços, adormecemos.

Abro os olhos assustada e me deparo com a escuridão. Meu coração bate forte, minha garganta está seca e gotículas de um suor gelado cobrem minha testa. Respiro fundo tentando acalmar as batidas erráticas em meu peito e quando não funciona, decido levantar. Me mexo bem devagar para não acordar Ian e vou até a cozinha beber um pouco de água.

Outra vez o mesmo sonho maldito. A voz de Ian me chamando, implorando para que eu não o deixe. Sinto meu peito se comprimir e tento em vão me acalmar. Por mais que eu repita a mim mesma que foi só um sonho, nada tira de mim essa sensação de algo muito ruim.

Ciente de que não conseguirei dormir por agora, decido pegar um dos diários de Ian para ler. Me acomodo no sofá da sala e abro em uma página aleatória.

Seus olhos são como o sol, dourados e brilhantes. Como Ícaro, coloquei minhas asas e completamente enfeitiçado, persegui seu calor, seu brilho. Na mitologia, o calor do sol derreteu a cera das asas de Ícaro, você, com seu calor derreteu as asas do meu coração, fazendo-me despencar em queda livre rumo ao desconhecido. Temi, pois Ícaro encontrou a morte no

Egeu. Eu, porém, caí em seus braços e digo, jamais me senti tão vivo.

Sorrio ao ler o poema que ele escreveu para mim tanto tempo atrás. Ainda me lembro como se fosse ontem quando ele me deu um cartão com esse poema e uma caixa de chocolates. Ian sempre foi muito romântico e adorava alimentar meu vício. Volto minha atenção para o diário e continuo lendo.

Me sinto ridículo, nunca escrevi um poema, mas estou tão eufórico que simplesmente não posso me conter. O fato de ter perdido a virgindade tem certa influência sobre isso, mas independentemente disso, Samantha Devenport me faz querer coisas que jamais imaginei. A verdade é que eu a amo desde que ela entrou na sala de aula com suas marias-chiquinhas douradas como a plantação de trigo que vi quando viajei com meus pais para o Missouri. Seus grandes olhos quase da mesma cor que os cabelos me cativaram desde o primeiro momento. Tínhamos 7 anos, então.

Sam sempre foi minha melhor amiga, minha parceira no crime, a única capaz de me entender. Era impossível não me apaixonar por ela. Sua sagacidade, senso de humor e, o melhor, uma sensibilidade que ela não costuma deixar transparecer, mas que sempre foi visível para mim.

Há algum tempo temos testado os limites da nossa paixão. Carícias ousadas, toques furtivos, e um tesão de enlouquecer. Nunca quisemos apressar nada. Começamos a namorar muito jovens e por isso, decidimos ir com calma, curtir cada etapa do relacionamento. Bem, hoje avançamos a grande e magnífica etapa.

Desde que nos flagraram, duas vezes, nossos pais têm feito uma marcação ferrenha a cada passo que damos. Mas hoje, os pais dela precisaram ir a Nova Iorque e foi a oportunidade perfeita.

Não tinha a intenção de relatar aqui o que aconteceu, mas sinto que vou explodir ou no mínimo chegar à conclusão que foi um sonho se não externar de alguma forma.

Sáímos do colégio e fomos para a casa dos Devenport, assim que chegamos, começamos a nos beijar, afobados, na mesma ânsia que nos consome diariamente. Deitamos no sofá e ficamos nos agarrando. Minha camisa foi a primeira a sair e Sam começou a distribuir beijos suaves pelo meu

peito, logo em seguida revezou entre mordidas e lambidas. Ela sabe que me deixa completamente louco quando faz isso. Me sentei com ela montada em mim e decidi que não morreria de tesão sozinho. Segurei seu cabelo pela nuca e fiz uma trilha de beijos, mordidas e lambidas, começando em sua orelha e parando em sua clavícula. Os gemidos dela acordaram algo de selvagem em mim. Abri sua blusa e agarrei seus peitos. Ela é incrivelmente doce e nunca, nunca me pede para parar. Sussurrei no ouvido dela o quanto a amo e o quanto ela é gostosa, porque ela é mesmo. Não ligo que, como dizem os babacas da minha turma, eu não tenho com quem comparar se só estive com ela. E a verdade é que nem quero estar com outras.

Quando soltei o sutiã e abocanhei seu seio ela praticamente gritou de prazer. Sam agarrou meu cabelo e começou a mover o quadril em meu colo enquanto eu sugava. Que tortura! Passei para o outro, deslizei minha mão por baixo de sua saia e comecei a tocá-la do jeito que sei que a deixa completamente louca. Os movimentos dela ficaram cada vez mais e mais frenéticos até que ela explodiu em um glorioso orgasmo na minha mão. Ainda recuperando o fôlego, apoiou sua cabeça em mim, repetindo sem parar o quanto me ama também, beijando meu ombro e pescoço. Meu amigo estava desesperado dentro da calça, quando Sam ergueu o rosto e me olhando nos olhos disse: “Eu quero que seja hoje. Eu quero ser completamente sua.”

Eu tentei engolir, mas percebi que minha garganta estava totalmente seca. Perguntei se ela tinha certeza. Eu a amo e obviamente venho sofrendo com uma ereção eterna por causa dela, mas isso significa mais, muito mais. Não seria apenas saciar nossos corpos, mas algo muito mais intenso. Convicto de que era isso que desejava, eu a peguei no colo e subimos até seu quarto. Assim que chegamos, eu a beijei, não como um louco desesperado, mas com carinho e amor. Dei um passo pra trás e fiquei observando-a terminar de se despir. Por mais que nos últimos onze meses tenhamos visto partes do corpo um do outro, foi a primeira vez que a vi inteiramente nua. Juro que neste momento morri de medo de acabar com tudo antes de começar. Ela é tão linda. Sua pele clara e delicada, os cabelos brilhantes indo até a cintura, a barriga lisa, suas curvas perfeitas, pernas longas, eu adoro essas pernas, principalmente quando ela me envolve com elas.

Sam me olhou e percebi que estava um pouco constrangida. Eu fiquei completamente mudo, temendo abrir a boca e babar. Me aproximei e tentei, inutilmente, lutar contra o tremor de minhas mãos, enquanto tocava suavemente seu corpo. Voltei a beijar sua boca, depois seu pescoço e ombro.

Professei e reafirmei meu amor por ela, enquanto sua respiração carregada falava por si. Sam sentou na beira da cama enquanto eu tirei o resto de minhas roupas, em seguida me ajoelhei e comecei a beijar seu pé, panturrilhas e quando cheguei à parte interna da sua coxa, ela se deixou cair na cama gemendo meu nome e se contorcendo. Sua pele macia e seu sabor eram um convite ao pecado. Beije cada parte do corpo dela, assim como ela beijou o meu. Perguntei mais uma vez se estava certa de que queria ir até o fim e sua resposta foi me enlaçar com aquelas pernas deliciosas. Eu estava tão duro que cheguei a pensar que nunca mais voltaria ao normal e, Sam estava tão gloriosamente molhada que quase gozei só de olhar. Entrelacei minhas mãos às dela e pouco a pouco fui penetrando-a. A sensação foi incrível e tudo que eu queria era me mover desesperadamente até o mais profundo de seu corpo, mas a dor que ela sentia me impeliu a ir devagar. Ela se mostrou tão valente, não reclamou, apenas me pedia para parar quando estava insuportável. Por duas vezes sugeri que poderíamos tentar outro dia, mas ela não quis. Assim, segui o mais delicadamente possível. No momento em que percebemos que eu estava completamente dentro dela, nossos corações pareciam prestes a explodir. Um batendo contra o outro. Fiquei parado por um tempo para ela se acostumar com a invasão.

Sei que muitas pessoas dizem que é o homem quem está possuindo a mulher, mas a verdade é que eu me sentia possuído por ela, completamente a sua mercê. Não entreguei apenas meu corpo, mas minha alma, cada parte de mim. E ela tomou tudo na mesma medida em que se entregava. Voltei a me mexer e puta merda! Eu realmente precisava descobrir como me segurar. Cada impulso meu, ela apertava e relaxava ao meu redor, e isso era devastador, me deixava no limite. Logo, Sam começou a gemer e choramingar meu nome enquanto arranhava minhas costas. Eu estava cada vez mais perto e não queria chegar antes dela. Foi quando ela apertou minha bunda como se me quisesse ainda mais fundo jogando meu controle ao inferno. Falei coisas incoerentes no ouvido dela, sentindo o orgasmo mais incrível da minha vida. Enquanto eu me afundava com estocadas desesperadas querendo espremer até a última gota, ela gritou e eu senti seu interior me sugar. Caramba! Não há palavras em dicionário algum que eu possa usar pra descrever meus sentimentos naquele momento. Só que o que aconteceu entre nós foi muito mais que sexo, foi mais que fazer amor. Pode soar piegas, mas pra mim foi uma fusão de almas.

Eu a amo, eu a amo, eu a amo.

Meu coração infla com a recordação dessa tarde tão linda que tivemos. Suspiro profundamente e fecho meus olhos ao recostar a cabeça no sofá.

“Eu preciso de você meu sol... Volta pra mim.”

Desperto outra vez sobressaltada e tento controlar minha respiração. De novo esse sonho! Ou melhor, pesadelo. É horrível, pois escuto a voz de Ian, mas não consigo vê-lo em meio a escuridão.

Olho ao redor notando que adormeci na sala e logo vai amanhecer. Me levanto massageando a nuca e quando me viro piso em algo, olho para baixo e vejo que é o diário de Ian. Bom, ao menos não foi um sonho aleatório, é só meu subconsciente pensando no poema que ele escreveu para mim. Pego o diário e depois de guarda-lo, volto para meu quarto. Me acomodo ao lado do meu amor para dormir um pouco mais.

Meu alarme toca e quando abro os olhos, Ian já saiu, mas ao me virar vejo um bilhete na cabeceira, junto com uma flor de nosso jardim. Cheiro a flor e abro o bilhete.

Espero que tenha tido lindos sonhos comigo, mais tarde quero ouvi-los para torná-los realidade.

Te amo.

I.

Me levanto com o sorriso mais idiota do universo e vou preparar o café das crianças. Como hoje é sábado, deixo eles comerem assistindo um pouco de tv. Pego meu celular para enviar uma mensagem para Ian.

Eu: Adorei a flor, amei o bilhete. Amo você. <3

Não demora muito e recebo uma resposta.

Ian: Você merece um buquê todos os dias, embora sua beleza e seu perfume deixem qualquer flor sem graça. Também amo você.

Ah, meu Deus! Acho que vou morrer!

Ian: Estou ansioso pra nossa noite especial. Não se preocupe com nada. Tenho um plano.

Eu: Agora estou curiosa. O que está aprontando, marido? kkkk

Ian: É surpresa. ;)

Eu: Como você é malvado kkkk

Ian: Você não tem ideia! Preciso ir, amor, tenho que resolver umas coisas aqui pra sair cedo.

Eu: Tudo bem, estou levando as crianças pra casa dos seus pais. Amo você! <3

Ian: Eu amo mais! <3

Preparo a mochila das crianças e sigo com elas para a casa dos meus sogros. Toco a campainha e, é Doty quem atende.

— Tia Doty! — as crianças gritam em uníssono, e pulam para abraçar a tia.

— Oi meus amores! — Doty se abaixa para abraçar e beijar carinhosamente meus filhos enquanto me olha com receio. — Agora vão dar um abraço na vovó e no vovô. Vou logo em seguida.

Assim que ficamos sozinhas, ela se levanta parecendo desconfortável e insegura com a situação, desvia os olhos dos meus e alisa a roupa.

— Fico feliz que esteja se recuperando bem. — Doty usa um tom neutro na tentativa de ocultar sua vulnerabilidade. Olho para ela e sinto um aperto no peito, uma saudade absurda, pois mesmo sendo mais velha, Doty sempre foi uma grande amiga para mim e uma irmã incrível para Ian. Nos ajudou e nos apoiou desde o início e mesmo que eu não me lembre das circunstâncias de nossa desavença, de uma coisa eu tenho certeza, seja o que for, ela não fez por mal e já passou da hora de consertar isso. Tento segurar a emoção por estar vendo-a depois de tanto tempo, mas é bem difícil.

— Olha, não precisa se preocupar... — ela diz, e corto seu papo furado puxando-a sem a menor cerimônia para meus braços.

— Eu senti tanto a sua falta — sussurro em seu ouvido, enquanto ela fica petrificada com minha impulsividade —, me perdoe, Doty. Eu realmente sinto

muito por ter sido essa megera de merda durante todo esse tempo.

Dorothy fica em silêncio por tanto tempo que chego a pensar que minhas ações foram realmente imperdoáveis. Estou prestes a soltá-la quando sinto seu corpo estremecer acompanhado de um soluço. Em seguida, ela me abraça com força.

— S-sinto m-muito — ela me diz entre lágrimas —, e-eu nunca quis...

— Shhh. — Não lhe deixo concluir. — Está tudo bem, vamos colocar uma pedra nisso.

Depois de um bom tempo nos afastamos e nos encaramos. Damos uma leve risada ao vermos o estrago que as lágrimas fizeram em nosso rosto. Limpamos os olhos e as bochechas uma da outra e suspiramos aliviadas dando as mãos. Quando nos viramos, Maggie está na porta nos observando com os olhos úmidos e logo vem até nós. Sem dizer nada, ela simplesmente nos abraça e sorrimos em meio ao choro emocionado.

Fiquei ainda um tempo na casa dos Railey conversando um pouco com minha sogra e Doty. Pat como sempre estava no quintal com as crianças. Eu e meus filhos temos realmente muita sorte em tê-los em nossas vidas.

Apesar dos protestos de Maggie para que eu ficasse para o almoço, me despeço e vou para casa, afinal hoje será a grande noite especial. Não faço a menor ideia dos planos de Ian, por isso, não sei exatamente como me arrumar, mas uma coisa é certa; preciso pelo menos conseguir uma hora com a manicure e a depiladora.

Cerca de quinze minutos depois que chego em casa, tocam minha campainha. Vou até a porta e fico surpresa.

— Doty? — imediatamente a preocupação maternal me atinge. — O que aconteceu?

— Nada — ela responde sorridente —, só que pensei...o que acha de um dia de meninas?

— O quê?! — Fico confusa com a proposta.

— Pensei que poderíamos sair, você, Allie e eu, para uma tarde de compras e cuidados femininos. Você sabe, unhas, cabelo, uma deliciosa massagem terapêutica.

— Eu... — Quero dizer que não tenho tempo, mas vejo um brilho de

determinação nela que imediatamente desisto de negar. — Tudo bem.

Acabo rindo do gritinho empolgado que ela dá com minha resposta. Pego minha bolsa e sigo para o carro dela, onde Allie nos aguarda.

Chegamos a uma espécie de mini spa onde sou banhada, massageada e besuntada com tantos tipos diferentes de óleos que me sinto um peru sendo preparado para o dia de Ação de Graças. Minha nossa! Mas vale a pena, minha pele está macia, brilhante e perfumada. Dou um risinho muito juvenil quando penso que sim, estou pronta para seduzir meu marido.

Além de todo o tratamento corporal, fiz as unhas e o cabelo. Sou loira natural, mas René fez uma verdadeira mágica com meus fios, deixando-os ainda mais dourados e reluzentes. Tirou pelo menos cinco dedos do comprimento, o que deu leveza ao meu visual, e cortou uma franja longa com um caimento divino. Eu me sinto espetacular.

Olho para minha cunhada que está igualmente linda e minha filha sorridente por ter seu primeiro dia de princesa.

— Mamãe — ela me chama, dando pulinhos de alegria —, tem glitter nas minhas unhas. Olha!

— Sim, querida. — Acho graça que mesmo sendo tão pequena, Allie já se mostre tão vaidosa. — Você está linda.

— Podemos voltar amanhã? — ela pergunta esperançosa.

— Amanhã, não. Mas, talvez na próxima semana.

— Ebaaaaa!

— Obrigada, Doty.

— Não foi nada. — Ela me lança uma piscadela e seu sorriso me faz pensar em Ian. — Adorei passar a tarde com você e colocar os assuntos em dia.

— Você tem que aparecer mais vezes — digo, e uma alegria contagiante fica estampada em seu rosto.

— Prometo que virei.

Entramos no carro e seguimos berrando as músicas que estão na playlist de Doty. Fico impressionada em ver que, mesmo sendo músicas mais antigas, Allie as conhece bem.

— Essa mocinha tem bom gosto pra música — minha cunhada comenta

com uma notável ponta de orgulho.

Quando ela para o carro em frente à minha casa, congelo. Já anoiteceu e está tudo apagado, exceto por uma luz bem fraca ao fundo.

— Que merda! — sussurro.

— O que foi? — Doty me encara preocupada.

— Eu devo ter esquecido de pagar a conta de luz. — Baixo a cabeça no console do carro resmungando e lamuriando. — Seu irmão deve estar uma fera.

— Talvez não. — O otimismo dela não me contagia. Logo agora que as coisas estavam indo bem entre nós, ele deve estar lá dentro com uma lanterna e louco da vida.

Checo meu celular para ver se ele ligou, mas não tem nada. Nem chamada perdida, muito menos mensagem de texto.

— É melhor entrar e encarar isso — digo, depois de respirar fundo.

— Relaxa, Sam. — Ela me lança um sorriso sugestivo. — Use seu charme para amansá-lo. Duvido que ele ficará bravo quando tocar essa pele macia e brilhante.

Rimos juntas e acabo concordando com ela. Estou prestes a sair do carro quando Allie me chama.

— Não esqueça de colocar uma moeda no pote, mamãe. — Ela dá um risinho tapando a boca.

— Sua danadinha! — Viro para fazer cócegas nela, que grita e ri ao mesmo tempo que se remexe tentando escapar de mim. Saio do carro e paro ao seu lado na janela.

— Se comporte mocinha. — Beijo a ponta de seu nariz e acaricio sua bochecha. — E fica de olho no seu irmão.

— Pode deixar, mamãe. — Ela sorri com doçura.

Abraço minha cunhada que mantém um sorriso malicioso nos lábios enquanto dá a partida no carro.

Antes que eu coloque a mão na maçaneta, a porta se abre e fico diante de um homem lindo e bem vestido, com brilhantes olhos verdes e um sorriso arrebatador. Por um momento esqueço completamente quem sou, o que faço ali...

— Sam? — ele me chama de volta a realidade e percebo a escuridão.

— Oh meu Deus! Ian sinto muito — entro já me justificando —, não sei como fui esquecer de pagar a conta de luz. Juro que achei ter pago na semana passada, mas pelo visto... — Ele põe a mão em meus lábios.

— Do que você está falando? — Sua pergunta me deixa confusa.

— Estamos sem energia — digo o óbvio, me perguntando qual o problema dele.

Ele sorri daquele jeito que faz minhas pernas tremerem, dá um passo à frente ficando com o rosto à poucos milímetros do meu, mexe no interruptor e as luzes se acendem. Ainda perturbada com sua proximidade, demoro a me dar conta do que se passa.

— Mas...quer dizer, por que você estava no escuro?

Sem dizer nada, apenas pega minha mão e me conduz pela casa, é quando me dou conta que ele a decorou toda com velas. Caramba! Eu estou me derretendo completamente.

— Oh, Ian! — Sou incapaz de encontrar palavras para dizer o quanto gostei. Por isso, simplesmente me atiro em seus braços e o beijo profundamente.



Estamos no meio do beijo mais incrível de todos os tempos quando o temporizador do forno apita. Ian sorri ainda com os lábios presos aos meus e o abraço com mais força ainda. Segurando meus ombros ele se afasta e dá uma risadinha quando eu choramingo.

— Calma, amor. — Ele beija a minha testa. — Ou nosso jantar vai virar carvão.

Eu o sigo até a cozinha e sinto um cheiro maravilhoso.

— Cozinhou pra mim. — Minha afirmação é acompanhada do que só posso descrever como o sorriso mais idiota que minha boca produziu. Vou além, parece que prenderam esse sorriso com prego na minha cara, devo estar parecendo o coringa.

Depois de checar o assado, ele mexe no termostato do forno e volta para o balcão. Percebo que sua camisa está enrolada até os cotovelos enquanto ele se movimenta habilmente pelo espaço.

— Sam, nosso jantar está quase pronto e sua roupa separada no quarto da Allie.

— Hmmm. — Apoio os cotovelos no balcão fascinada pela visão dele preparando a salada. — E se eu não gostar do que você escolheu? — Ele me encara com um brilho de humor no olhar.

— Você vai gostar. — Lanço um olhar cheio de ceticismo pra ele.

— E por que estão no quarto da Allie?

— Por que não quero você em nosso quarto. — Dando a volta no balcão, segura minha mão e me puxa em direção às escadas. — Vai se vestir e rápido! — ele brinca, usando um tom mandão —, e não ouse bisbilhotar nosso quarto.

— Sim, senhor! — Bato continência zombando dele e quando me viro pra subir ele dá uma palmada no meu traseiro — Ian! — Tento mostrar indignação, mas falho ao rir.

— Anda logo, Samantha Railey! Ou vai comer comida fria.

Reviro os olhos e volto a subir as escadas. Quando chego ao segundo andar uso toda a minha força de vontade para controlar meu desejo de ver o que ele aprontou no quarto, vou direto para o de Allie e me deparo com um lindo vestido preto frente única beeeeeem sexy.

— Uau, Ian! — Toco a seda suave que desliza entre meus dedos. Olho para o lado e vejo uma lingerie igualmente preta que fazem minhas bochechas esquentarem. Definitivamente, a noite promete.

Vou até o banheiro do corredor e tomo um banho rápido, já que passei metade da tarde imersa em óleos e essências. Minha pele está maravilhosa, macia como pétalas de flores. Volto para o quarto e me visto.

Estou prestes a chamar Ian para dizer que ele esqueceu os sapatos, quando noto uma caixa que não estava ali quando fui tomar banho. Abro e minha respiração fica presa na garganta por alguns segundos, depois suspiro apaixonadamente. Esse homem é maravilhoso demais para ser de verdade.

Pronta, saio do quarto. Ao chegar na escada, vejo que ele já está me esperando no andar de baixo. Ergo um pouco meu vestido para não correr o risco de pisar na barra e desço elegantemente os degraus. Estou quase chegando ao último degrau quando ele estende a mão para mim. Eu a seguro e ele beija o torso da minha mão como um perfeito cavalheiro.

— Pra mim, você está sempre linda, mas hoje... — ele fala com aquele meio sorriso devastador —, hoje, você está espetacular. Tenho que agradecer minha irmãzinha.

— Então tudo não passou de um plano maléfico seu — digo estreitando os olhos e fazendo-o gargalhar.

— Eu só pedi que ela tirasse você de casa à tarde. — Me aproximo mais e sou envolvida por seus braços. — Mas foi Doty quem escolheu o entretenimento.

— Eu adorei — digo enlaçando seu pescoço e beijando suavemente seus lábios —, agora eu quero saber o que fiz para merecer esse belo par de Manolos? — sussurro no ouvido dele e tenho o prazer de ver os pelos de sua nuca se arrepiarem.

— Você é uma mulher incrível e merece ser mimada. — Um frio percorre minha espinha quando ele devolve a sedução.

Em seguida sou conduzida para a sala de jantar belamente decorada com velas e um cordão luminoso de led. Ian puxa a cadeira para que eu me sente e começa a servir a refeição.

— Desculpe por estarmos em casa ao invés de um belo restaurante. — Sua voz sai mais baixa mostrando uma ponta de frustração. — Mas não consegui reserva em nenhum dos seus restaurantes favoritos em cima da hora.

Toco seu rosto com carinho e faço ele olhar para mim.

— Está tudo tão perfeito, meu amor. Tenho certeza que nenhum restaurante, por mais caro e refinado que fosse me faria sentir como eu me sinto agora. — Um sorriso tímido surge em seu rosto.

— E como você se sente? — ele pergunta.

— Adorada! — Vejo ruguinhas surgirem no canto de seus olhos por conta do enorme sorriso que ele abre e tenho certeza que o mesmo acontece comigo. Ele me beija nos lábios e na testa antes de se sentar para comermos.

A comida está deliciosa e a conversa perfeita. Falamos sobre nossa infância e como as coisas são diferentes com nossos filhos. Conto a ele sobre meu dia no spa, em como eu sentia falta de conversar com Doty e ele me diz o quanto está feliz por nós estarmos nos entendendo novamente.

Depois da sobremesa, Ian me lança um olhar significativo e se levanta

estendendo a mão para mim em um convite silencioso. Aceito e ele me conduz até o meio da nossa sala, onde toca uma melodia suave.

No começo, não presto atenção à música, tudo que posso fazer é sentir. Primeiro o calor de sua mão envolvendo a minha, depois seu corpo firme se colando ao meu e logo, sua outra mão deslizando por minha coluna até parar na base das minhas costas, ação que deixa minha respiração ofegante. Ian encosta seu rosto no meu e começamos a nos mover lentamente. A sensação é incrível!

Fecho os olhos e suspiro apreciando o momento. É quando me dou conta que a música ao fundo é a *nossa música*.

Well, I found a girl, beautiful and sweet

Oh, I never knew you were

The someone waiting for me

'Cause we were just kids

When we fell in love

Not knowing what it was

I will not give you up this time

But darling, just kiss me slow

Your heart is all I own

And in your eyes you're holding mine¹

Afasto meu rosto alguns centímetros e vejo em seus olhos toda minha vida. Sim, lá está a menina que fui e a mulher apaixonada que me transformei. Tudo isso com ele e para ele, e tenho certeza que Ian enxerga o mesmo em mim.

É um sentimento forte e poderoso, apavorante e ao mesmo tempo revigorante. É como se não existisse Samantha sem Ian e nem Ian sem Samantha. Ele cola os lábios nos meus em um beijo profundo e lento, daqueles que vão incendiando pouco a pouco, deixam cada parte de seu corpo sensível e a sensação é de estar flutuando.

Deslizo minhas mãos por seu torso parando em seu peito, onde sinto seu coração bater com uma violência alucinante. Ele suspira sem tirar os lábios dos

meus e em um rápido movimento me ergue em seus braços.

Ian sobe as escadas comigo em seu colo. Ele sorri de um jeito doce e ao mesmo tempo sedutor. Quando chegamos em nosso quarto fico totalmente sem ar. Ele finalmente me coloca no chão enquanto olho em volta totalmente admirada. Pétalas de flores estão por todo o lugar, uma variedade abundante de tipo, tamanho e cor.

— Ian. — Minha voz não é mais que um sussurro.

Ele se aproxima por trás de mim e me envolve com seus braços fortes.

— A um novo recomeço. — Sua voz é baixa e rouca me fazendo estremecer.

Eu me viro e seguro seu rosto com as duas mãos.

— Eu te amo — digo com a voz embargada pela emoção —, eu te amo tanto.

— Eu também te amo, Sam. E vou te amar por toda a vida e além.

Ele volta a me beijar e é entre beijos, sussurros apaixonados e suspiros que nossas roupas vão saindo de nossos corpos lentamente até que não resta absolutamente nada entre nós.

Ian desce os lábios por meu pescoço e ombros enquanto me deita em nossa cama.

Tudo está tão perfeito que tenho medo de abrir os olhos e me dar conta que não passou de um sonho. Sinto seus lábios passearem por minha pele, o calor de seu corpo encontrando o meu. Suas palavras são doces e apaixonadas e suas expressões de puro deleite quando retribuo suas carícias. Nossos corpos se fundem e iniciam uma linda dança apaixonada. Murmúrios incoerentes e arquejos preenchem o quarto.

Ian entrelaça nossas mãos e mergulhamos um nos olhos do outro enquanto nossos corpos buscam mais. Nossas almas se unem, se reúnem e se confundem. Não somos duas pessoas apaixonadas, somos um único ser surgido do amor.

Ele tomba ao meu lado respirando pesadamente assim como eu, me puxa e nos aconchegamos um no outro, perdidos em pensamentos e sentimentos difíceis de explicar com palavras.

— Às vezes me pergunto o que fiz para merecer tamanha felicidade —

digo, uma eternidade depois, quando volto a sentir ar circulando em meus pulmões.

— Me pergunto a mesma coisa — ele comenta.

Voltamos a um silêncio confortável e ficamos observando nossas mãos entrelaçadas, ora trocando carinhos, ora apenas unidas.

— Você não se ressentia que eu tenha esquecido como foi nosso casamento, ou quais foram nossos votos?

— Claro que não. — Ele inspira com um quê de preocupação. Fico esperando ele dizer algo, mas quando isso não acontece eu me viro para encará-lo.

— O que foi? — pergunto tocando seu rosto de forma carinhosa. — Diga pra mim, o que te incomoda?

— Não estou incomodado. — Ele segura meu pulso e beija a palma da minha mão, depois a coloca novamente em seu rosto. — É só que...pra mim o mais importante é ter você aqui, Sam. Viva e saudável. — Ian volta a inspirar profundamente e começa a acariciar meu ombro nu. — Quando passei por aquela porta e vi você no chão, desacordada e com um corte na cabeça, eu só pensava que tinha perdido você. Naquele momento nada mais importava, eu só queria que você acordasse para poder voltar a ver esses olhos da cor do sol, escutar você xingando baixinho quando algo te irrita e ver esse sorriso que sempre tira meu fôlego. Foram as 24h mais longas da minha vida. Quando você finalmente despertou foi como se eu voltasse a respirar pela primeira vez depois de muito tempo.

— Sinto muito que tenha passado por isso — digo, beijando seu peito, no local onde bate seu coração.

— Não vou negar que fiquei preocupado por você não se lembrar que éramos casados. — Ele sorri, mas sem o costumeiro brilho no olhar. Seus dedos brincam com as pontas do meu cabelo. — Porém eu sempre confiei em nosso amor, e sabia que de alguma forma você voltaria para mim.

Suas palavras me fazem sorrir e me lembro de algo que Maggie me disse uma vez: “Quando o amor é verdadeiro, não importa o tempo, muito menos a distância. Nada é capaz de apagar ou mudar, e lutar contra um sentimento assim é o que traz sofrimento”

— As lembranças, podemos construir outras — ele volta a falar —, mas

a pessoa amada é insubstituível.

Puxo-o pela nuca e o beijo, recomeçando a poesia do nosso amor.

Acordo com a luz suave que entra pelas frestas da persiana. Estou envolvida pelo calor do corpo do meu marido que dorme profundamente ressonando baixinho em minha nuca. Com cuidado, me viro para admirá-lo.

O rosto relaxado me lembra o menino que foi o primeiro e único em tudo na minha vida. O cabelo negro, volumoso e desgrenhado é absurdamente belo, a sombra de uma barba que começa a crescer o deixa com um ar enlouquecedoramente sexy. Me sinto tentada a acordá-lo para fazermos amor novamente, mas sei que ele está muito cansado e por isso saio de fininho da cama, pego uma camiseta dele e visto antes de descer para preparar o café.

Pela janela vejo que está bem frio do lado de fora e fico me perguntando quando é que vai nevar. Espero que logo. Sorrio ao me lembrar que depois de nosso primeiro beijo, todos os anos ficávamos esperando a primeira neve do ano para nos beijarmos enquanto ela caía sobre nós. Sem falar que vou adorar montar bonecos no quintal com as crianças.

Em meio a uma profusão de quadros que imagino de nossa família se divertindo na neve, sinto uma pontada terrível na cabeça.

— Ai, meu Deus! — eu choramingo, me ajoelhando no chão enquanto aperto minhas têmporas com as mãos. Lágrimas começam a escorrer por meu rosto e sinto como se estivesse perdendo a consciência. Pontos escuros piscam diante de meus olhos e tenho uma espécie de visão. Ian aparece em meio a uma névoa estranha.

“Samantha, meu amor. Você pode me ouvir?”

Um clarão repentino me traz de volta ao presente. A dor desaparece tão repentinamente quanto surgiu. Meu coração bate com força enquanto tento entender o que foi que acabou de acontecer. Engulo em seco e continuo sentada no chão por alguns minutos.

Quando finalmente encontro forças, me levanto e vou até a pia para lavar meu rosto. Umedeço um pano e passo ele na nuca.

Assim que me sinto um pouco melhor, me esforço para não pensar no que acabou de acontecer e sigo com o preparo do café, me recusando a pensar no que pode ser isso que vem acontecendo comigo.



Estou pensando em servir o café na cama para Ian, quando escuto ele se aproximar.

— Bom dia — ele sussurra roucamente em meu ouvido e beija meu pescoço ao me abraçar por trás.

— Bom dia! — Eu me viro e puxo sua boca para a minha.

Ele aprofunda o beijo me agarrando pela cintura e me prendendo contra a pia. O calor se espalha imediatamente entre nós e eu agarro seus cabelos. Ian mordisca meus lábios e interrompe o beijo.

— Eu realmente quero devorar você, Sam — ele fala baixo e de um jeito que me deixa arfando —, mas você acabou comigo esta noite e se eu não tomar café, certamente desmaiarei antes mesmo de tirar essa blusa de você.

Dou uma risadinha e beijo seu queixo firme. Saio de seu cerco e dando a volta, passo de leve meus lábios em sua nuca, provocando-o.

— Sente-se — digo sorrindo ao perceber que ele está a um passo de desistir do café. — Tudo estará pronto em cinco minutos.

Volto para o fogão e sigo preparando as panquecas enquanto Ian me observa.

— Parece que finalmente sou digno de suas panquecas novamente. — Sua voz é zombeteira, mas não entendo a piada. Ele se levanta sorrindo e para ao meu lado antes de explicar.

— Sei que tem feito panquecas para as crianças, mas nunca para mim — ele diz em tom queixoso, e beija o canto da minha boca —, fiquei um pouco enciumado, uma vez que você sabe o quanto gosto de suas panquecas.

— Panqueca é tudo igual, Ian. — Reviro meus olhos pra ele.

— As suas são diferentes. Juro! — Ian mordisca meu ombro quando me viro para colocar o prato de panquecas no balcão.

— Você prefere comer na mesa? — pergunto pegando a jarra de suco na geladeira.

— Aqui está perfeito. — É a resposta dele.

Começo a organizar tudo em cima do balcão. Enquanto ando de um lado para o outro pegando copos, talheres, toalha. Ian se oferece para me ajudar.

— Só fique sentado e seja mimado. — Cheiro sua nuca e volto a me concentrar em minhas tarefas.

— Fez um verdadeiro banquete. Está inspirada! — Vejo um brilho em seus olhos quando ele observa minhas pernas nuas. — Você fica muito bem com minha roupa — a fala enrouquecida me deixa trêmula.

— Ian! — Tento repreendê-lo me sentindo um pouco boba, fazendo ele rir.

— Parece que você realmente adivinhou como eu estaria faminto — ele diz, admirando tudo que fiz —, bacon, ovos, panquecas. Só faltou aquela calda que eu adoro.

Sorrio para ele estendendo o pote que acabei de pegar na geladeira e tenho o prazer de ver aqueles olhos incrivelmente verdes se iluminarem como os de uma criança que ganha um presente.

A calda de frutas vermelhas é uma receita que está há anos na família

Devenport. Minha mãe aprendeu com minha avó paterna e como adorava doces, aprimorou a receita com algumas especiarias e me ensinou quando eu tinha a mesma idade que Allie.

Na primeira vez que Ian veio tomar café da manhã em minha casa, fiz questão de servir essa calda com panquecas. Sendo ele tão apreciador de doces como minha mãe, não sossegou enquanto ela não passou a receita para Maggie, e, embora ela seja absurdamente talentosa na cozinha, não ficou igual.

Então um dia, depois que começamos a namorar, fui até a casa dele levando um pote e fiquei chocada ao vê-lo comer a calda pura, porém, a satisfação dele apreciando algo feito por mim era indescritível. Depois ele me olhou e disse: “quando éramos crianças, pensei em roubar sua mãe pra mim, só pra ela fazer essa calda todos dias, mas agora tenho um plano muito melhor.” Achei graça das palavras dele e perguntei qual era o plano. Ian respondeu: “me casar com você”

Agora estou aqui, casada e fazendo seu doce preferido. Eu não poderia estar mais feliz e apaixonada. Então me lembro do que aconteceu mais cedo. As dores de cabeça que me apunhalam dia após dia, cada vez piores, e os médicos que nunca encontram nada em meus exames. Temo ter pouco tempo com Ian e nossos filhos, por isso estou decidida a fazer cada segundo valer a pena. Sei o tamanho da dor de se perder alguém tão amado como uma mãe e um pai, e quero que, assim como eu tenho as melhores lembranças dos meus pais, eles tenham as melhores lembranças de mim. Neste momento, meu consolo é saber que ao menos as crianças terão Ian.

— Ei! — Ele me abraça e beija meu pescoço. — Que carinha é essa?

Gostaria que meu estado de espírito não fosse tão evidente para ele, mas isso é impossível quando se conhece tão bem uma pessoa. Decido então, só mudar o rumo da conversa para algo realmente justificável.

— Que horas vamos buscar nossos hobbits? — pergunto, torcendo para que Ian engula essa. Acredito que funciona, pois ele acha graça de como chamei nossos filhos.

— Hobbits?! — Eu assinto com um movimento de cabeça. — Estava pensando de almoçarmos em família com meus pais e Doty — ele diz começando a se servir.

— Acho uma ideia excelente. — Como também, apesar de me sentir um pouco enjoada. Não quero que Ian se preocupe comigo, por isso não comento o

fato. — Estou com saudades deles. Essa casa está silenciosa demais.

— Acho que podemos dar um jeito nisso. — Suas palavras acompanham um olhar malicioso.

— Ian! — Balanço a cabeça incrédula com a gracinha. — Tome seu café. O barulho que vai fazer daqui a pouco será de toda essa louça sendo lavada.

Dando uma boa gargalhada, ele volta a saborear seu café da manhã.

Tudo é tão agradável quanto na noite anterior. Uma conversa fluída, acompanhada de nossas melhores recordações sobre a infância e a adolescência.

Depois do café, Ian se prontifica a organizar a cozinha. Eu ajudo guardando tudo que tinha colocado na bancada da ilha.

Mesmo que do lado de fora esteja frio, aqui dentro a temperatura está bem agradável por causa do aquecedor. Ian fica muito à vontade usando apenas a calça de seu pijama e completamente nu da cintura para cima. Ele realmente é uma bela visão. Ombros largos, cintura estreita e músculos, por todo o corpo, não tem nada de gordura, apenas músculos firmes e bem desenhados. Vou até ele e o abraço pelas costas.

— Adoro o fato de que casamento e filhos não fizeram você relaxar — sussurro em seu ouvido enquanto deslizo minhas mãos ousadamente por seu peitoral, descendo para o abdômen. A respiração dele começa a ficar pesada a medida que eu sigo tocando-o, explorando cada relevo de seu corpo. Secando as mãos com o pano de prato que tem no armário ao lado, vira-se para me olhar intensamente.

— Eu tenho que me cuidar, não é? — A voz baixa e rouca me deixa toda arrepiada. — Afinal sou casado com um mulherão. — Não consigo me manter séria com este comentário, ele, porém não acha graça. Sem tirar os olhos dos meus, Ian segura meu rosto. — Você é uma mulher maravilhosa, Sam. Linda e doce, mas também muito sensual. E cada vez que olho pra você, sabendo que não há absolutamente nada por baixo da blusa que está vestindo, eu tenho vontade de fazer as coisas mais perversas e ousadas contigo em cima desse balcão.

Minha garganta seca e sinto minha boca abrir um pouco diante de uma declaração tão crua. Estou surpresa com a ousadia dele e muito, mas muito excitada.

— Em cima do balcão? — pergunto de forma provocante e ele assente com um meio sorriso e os olhos verdes em chamas. — Eu quero!

Mal digo essas palavras e ele se apodera de minha boca de forma quase brutal, devorando meus lábios. Não percebi exatamente quando começamos a nos mover, mas logo Ian me pega pela cintura e me ergue para me sentar no balcão. Estremeço quando meu traseiro nu toca a superfície fria. Ian afasta a boca da minha e volta a me olhar com uma admiração lasciva.

— Adoro te ver com minhas camisas. — Um sorriso malicioso se forma em seus lábios carnudos. — Mas, adoro ainda mais te ver sem elas.

Ele desabotoa habilmente a camisa e logo estou completamente nua e em chamas. Noto quando seu olhar se desvia por um instante e estou prestes a perguntar o que houve, quando ele estica a mão para pegar algo atrás de mim.

— Acho que isso vai ficar ainda mais gostoso em você do que nas panquecas.

Parece que guardei tudo, menos o pote de calda de frutas vermelhas. Então sinto que o natal chegou mais cedo e este homem maravilhoso na minha frente é o presente que pedi, mesmo que na verdade quem tenha sido desembrulhada sou eu. Penso em desligar o aquecedor e abrir a porta para que entre um pouco de vento frio dentro dessa cozinha antes que o alarme de incêndio seja ativado.

Ian lambuza o dedo com a calda e passa na minha boca antes de me dar um beijo tão profundo que me deixa um pouco tonta.

— Como imaginei. — Escuto ele sussurrar enquanto estou perdida na nuvem de desejo em que estou flutuando. — Deliciosa!

Estou impaciente, todo meu corpo treme de expectativa. Meu Deus!

Seguro-o pelos cabelos e o puxo de volta para minha boca enquanto enlaço minhas pernas em sua cintura. A barba por fazer arranha minha pele sensível e me deixa querendo ainda mais as coisas safadas que ele me prometeu.

Ian volta a colocar o dedo no pote e passa pelo meu pescoço antes de chupar o local, depois faz o mesmo no meu ombro e clavícula, então ele para afastando os lábios de mim. Solto um grunhido frustrado, mas quando o vejo com os dedos lambuzados e o olhar fixo em meus seios, o ar fica preso em minha garganta. Ele parece respirar com dificuldade, assim como eu. Meus mamilos enrijecidos clamam por atenção.

—Você tem ideia de quão sexy é a visão que tenho neste momento? — Não respondo, pois sei que foi uma retórica, mas creio que meu corpo vai se desfazer se ele não voltar a me tocar logo.

Compreendendo a minha ansiedade e acredito que tentando controlar a sua, ele segue em sua intenção. Volta a passar os dedos cheios de calda em mim e o mero toque me faz sentir que vou desabar, mas quando abocanha meu seio de forma faminta, eu me agarro a ele buscando apoio, enquanto tento sufocar um grito de prazer puro e carnal.

Ele passa para o outro seio e já não tenho mais noção de nada ao meu redor, sou apenas nervos e sensações explosivas. Ele coloca em minha boca o dedo com resquícios do doce e eu chupo com vontade, fazendo-o gemer alto contra minha pele.

Sinto sua masculinidade dura como um bastão de ferro contra o ponto sensível de meu corpo que está enlouquecido para ser completamente possuído por ele. Começo a rebolar contra sua ereção e Ian rosna algo incoerente enquanto retira minhas pernas de sua cintura e as abre completamente.

Ele apoia meus pés nos bancos, enquanto deito no balcão, incapaz de permanecer erguida. Debruçando-se sobre mim, volta a beijar meu pescoço, desce pela clavícula, passa pelo vale entre meus seios, enquanto suas mãos vêm desde minhas panturrilhas, subindo até meus joelhos e depois sobe, agarrando minhas coxas.

Ian está acabando comigo. Choramingo de necessidade me mexendo sem parar. O homem cruel dá uma risadinha quando sua boca chega à minha barriga e estou prestes a me levantar indignada com essa tortura, quando sua língua úmida traça um círculo em meu umbigo, no mesmo instante em que uma de suas mãos chega até a minha parte pulsante.

— Oh, meu Deus! — gemo desesperada, arqueando minhas costas.

— Sam, você é tão perfeita. — Abro meus olhos e vejo como ele me observa enquanto me toca. É tão erótico que sinto que vou explodir a qualquer momento. Mas ele para e tira os dedos de mim. — Ainda não, amor — diz me deixando louca.

— Ian, por favor — começo a implorar —, não aguento mais.

— Eu sei, mas dessa vez quero senti-la em minha boca.

Então seu lindo rosto sai do meu campo de visão e ele está com a boca

novamente em mim, mas agora onde mais preciso dos seus beijos.

— Ahhhhhh!

Queria dizer que sou o tipo de mulher que perde o controle com algum tipo de classe, mas assim que seus lábios e língua tocam em mim, agarro seus cabelos e começo a mover meus quadris contra seu rosto, louca pela libertação, gemendo e gritando tão alto que temo que a associação de moradores nos expulsem do bairro. Mas neste momento pouco me importa, porque é bom demais. Ele lambe, suga e faz algo com a língua que me deixa completamente insana, culminando no mais glorioso orgasmo que já tive.

— Ahh, Ian! — exclamo, arfando enquanto ele me segura bebendo até a última gota do meu prazer.

Ele beija a parte interna da minha coxa e percebo que se levantou, mas ainda não sou capaz de me mover. Alguns minutos se passam até que finalmente consigo erguer parte do meu corpo e me apoiar nos cotovelos. Quando meus olhos encontram os de Ian, me sinto não apenas uma mulher linda, mas sortuda também, por ter este homem maravilhoso completamente apaixonado, depois de tantos anos juntos. E o melhor é que me sinto da mesma forma por ele.

Me levanto e pulo da bancada, paro de frente pra ele e segurando-o pela nuca, eu o puxo para um beijo lento e apaixonado. Ele aprofunda o beijo e, segurando meu traseiro, me aperta contra seu corpo, fazendo-me sentir a extensão de sua necessidade.

— Precisamos cuidar de você também, meu amor — sussurro contra seus lábios.

— Sim. — A voz dele é puro desejo. — Mas eu te quero de uma forma que não sei se... — ele para de falar parecendo um pouco incerto, como se temesse que suas palavras ou ações fossem me assustar. Vejo algo selvagem em seu olhar, o que me deixa absurdamente excitada e querendo-o dentro de mim. Me viro de costas pra ele, pegando suas mãos, coloco-as em meus seios. Sinto sua respiração quente e forte no meu pescoço e todo meu sangue ferve enquanto ele massageia meus seios, me fazendo gemer e encostar minhas nádegas no volume de sua calça. Ele grunhe desesperado.

— Sam, eu não quero ser delicado.

Um arrepio sobe por minha espinha e sou tomada por uma luxúria até então desconhecida.

— Então não seja! — eu digo olhando pra ele por cima do meu ombro de forma muito sugestiva.

No segundo seguinte estou sendo debruçada sobre a pedra fria da ilha, o que me faz estremecer. Ele segura meus cabelos na nuca com certa brutalidade, mas logo beija o meio das minhas costas docemente. É como se ele quisesse me dizer que, por mais que deseje algo mais forte, ainda é o homem carinhoso e apaixonado. Seus lábios seguem uma trilha por minha coluna e sua mão vai afrouxando meus cabelos. Ele beija cada lado do meu traseiro, a parte de trás de minhas coxas, lambe e toca meu sexo, enlouquecendo-me outra vez enquanto fico me contorcendo ansiosa por mais. Então ele se levanta e segurando meus quadris investe de uma só vez contra mim. Nossa! Isso foi... intenso.

Ele está rígido e pulsando dentro de mim, mas completamente imóvel, e não sei se está se controlando para não gozar tão rápido ou esperando que eu proteste. Se for, é perda de tempo, pois assim que a surpresa passa, eu só quero que ele se mexa e me mostre o quão rude pode ser. Remexo meus quadris de forma sugestiva para acabar de vez com o impasse e ele rosna baixo apertando os dedos na minha cintura, para então começar a se mover, e como dito anteriormente, sem delicadeza. E juro por tudo nessa vida, nunca me senti tão fabulosa. A cada arremetida ele ruge e aperta meu quadril ou meu traseiro, depois volta a segurar meu cabelo na altura da nuca com movimentos cada vez mais ferozes, quase dolorosos, mas de uma forma boa. Deslizando as mãos por minhas costas, ele volta a cavar os dedos em meus quadris.

Sinto que a libertação dele está próxima e isso deixa minha excitação a mil, então quando ele desliza uma das mãos até onde eu pulso de desejo e necessidade, agarro com força a borda do balcão e gozo instantaneamente, trazendo-o comigo quando meu interior se comprime envolvendo-o e apertando. Ele geme e grunhe, depois murmura coisas sem sentido enquanto impulsiona mais uma, duas e três vezes. Então para e, respirando pesadamente, apoia a cabeça em minhas costas.

Assim que o ar parece voltar a seus pulmões, ele beija minhas omoplatas e nuca antes de sussurrar em meu ouvido.

— Eu te amo demais! Vou amar por toda a vida e além.

Subimos abraçados e optamos por um banho de banheira relaxante. Ian entra primeiro e depois me sento a sua frente, apoiando minhas costas em seu peito. Ele pega uma esponja e passa por meu colo e pescoço. Somos absorvidos

pelo vapor da água e o cheiro do óleo perfumado que colocamos. Entrelaço minha mão à dele e apoio minha cabeça em seu ombro.

— Às vezes me pergunto se estou sonhando — comento de olhos fechados, sentindo seu toque.

— Se for um sonho, jamais quero acordar. — Sinto seu sorriso em minha pele quando seus lábios roçam meu rosto.

Quando a saudade de nossos filhos chega ao limite e os dedos enrugam, saímos da banheira e nos arrumamos para irmos na casa de seus pais.

Depois de um almoço soberbo e uma sobremesa maravilhosa, nos reunimos em volta da mesa da sala para jogarmos Uno. É simplesmente fabuloso e muito divertido, mas ao anoitecer decidimos ir embora, afinal amanhã as crianças têm aula, Ian trabalha e eu começarei a movimentar os trâmites para a compra do hotel.

— Querida, venha me visitar mais vezes — digo a Doty quando nos abraçamos.

— Pode ter certeza que virei.

Maggie vem sorrindo até mim e me envolve em um de seus melhores abraços.

— Vejo que as coisas estão melhores, não é?

— Sim, estão. — Beijo sua bochecha e cochicho em seu ouvido. — Muito obrigada! — Ela dá uma piscadela pra mim e vou até Patrick. Ele é carinhoso como sempre e me chama de filha.

Vou para o carro onde Ian já acomodou as crianças e me espera com a porta do passageiro aberta. Ele beija o topo da minha cabeça quando entro, depois fecha a porta e vai para o lado do motorista. Enquanto manobra o carro, uma felicidade absoluta toma conta de mim, juntamente com uma sensação de irrealidade. Ian sorri para mim e segura minha mão enquanto dirige com a outra.

As crianças tagarelam no banco de trás falando como seu final de semana foi incrível. Allie me pergunta se pode ficar suspensa por mais uma semana para ter dias tão legais de novo e Kev começa a dizer que deseja ser suspenso também. Ralho com eles e Ian acha graça. Quando ele estaciona o carro na entrada de nossa casa, saio para tirar as crianças do carro. Assim que eles chegam à calçada, sinto algo frio pousar na ponta do meu nariz.

— É neve! — Allie grita e começa a pular animada.

Kev vai correndo até ela e de mãos dadas eles giram enquanto a neve começa a cair em uma quantidade cada vez maior. Ian olha em meus olhos, sorrindo, me enlaça em seus braços e me beija, assim como ele me beijou na primeira neve do ano quando tínhamos 14 anos e como ele seguiu me beijando em todas as vezes que nevava pelos anos posteriores até os meus 18, e, embora eu não me lembre de nada dos últimos 12 anos, tenho certeza de que tem sido assim desde então. Estamos perdidos na alegria familiar quando volto a sentir uma forte pontada na cabeça.

— Sam. — Ian me encara assustado. — Você está bem meu amor?

— Apenas uma dorzinha de cabeça — respondo, na tentativa de acalmá-lo.

— Vamos entrar. — O tom dele é determinado. — Vamos entrar crianças.

Eles resmungam um pouco, mas Ian diz que eu preciso descansar, fazendo as crianças aceitarem melhor.

A dor se intensifica de forma que não consigo me manter de pé, mas antes que eu caia, Ian me segura.

— Samantha. — Vejo terror em seus olhos enquanto ele pega o telefone e liga para alguém. As crianças começam a chorar e Ian pede que eles se acalmem.

Quero ajudá-lo, dizer que logo vai passar, mas por mais que eu mova meus lábios, nenhum som sai da minha boca. Começo a hiperventilar em pânico e a dor de cabeça se intensifica.

— Calma amor, já chamei a emergência — escuto ele sussurrar —, você vai ficar bem.

Meus olhos se fecham, e em meio ao frio sinto um calor úmido em meu rosto, com muita dificuldade abro os olhos e vejo Ian chorando.

— Não me deixe, Samantha! Não me deixe! — O soluço rouco que escuto não parece vir dele. Tudo está confuso e me sinto vagando entre dois mundos. Ouço o som de sirenes em meio a toda a confusão quando uma nova onda lancinante de dor me atinge. É demais, é insuportável, quero gritar e me debater, mas nenhum som sai, até que sou completamente envolvida pela escuridão.



Estou em um lugar escuro e silencioso.

— Ian — chamo meu marido, mas não tenho resposta —, Allie, Kev. — Nada além do eco da minha voz. Me sento no chão frio, com medo. — Onde estou? — Puxo minhas pernas em direção ao meu peito e apoio minha cabeça. Tento controlar o terror que está prestes a me consumir quando escuto a voz de Ian.

“Sam, volta pra mim.”

Me levanto e tento ir em direção à sua voz, mas parece que ela está em todo lugar, e nessa escuridão, eu sequer sei para onde estou indo. Continuo ouvindo a voz de Ian mas não enxergo nada.

“Por que ela ainda não acordou?”

“Ela vai acordar quando estiver pronta, querido.”

Agora ouço a voz de Maggie. Meu Deus! O que é isso? O que está acontecendo?

Tropeço em algo e caio no chão. Sinto muita dor, mas não consigo me mexer.

— Ian — murmuro, sentindo lágrimas rolarem por meu rosto —, Ian...

Cansada, sinto que estou adormecendo.



Tento abrir meus olhos, mas parece ter chumbo em minhas pálpebras. Minha cabeça está me matando, especialmente por conta do som irritante e sequencial.

Bip, bip, bip...

Meu corpo dói em algumas partes e minha garganta está tão seca que parece que comi terra. Tento me mexer para ter certeza de que estou bem e sinto um calor envolvendo minha mão. Forço mais uma vez meus olhos a se abrirem e solto um gemido pela dor que sinto. O calor em minha mão se move e uma voz baixa e rouca murmura algo incoerente. Pisco algumas vezes tentando focalizar a visão quando o rosto de Ian surge diante de mim.

— Sam! — Mesmo com a visão um pouco turva, percebo que seus olhos estão arregalados. — Oh, meu Deus! Fica calma, eu vou chamar o médico.

Ele diz isso e começa a dar tapas na parede. Não consigo me mover para entender o que ele está fazendo, mas logo uma pessoa entra no quarto perguntando o que houve e de repente tudo começa a acontecer de uma vez. Pessoas de branco entrando no quarto me verificando, um homem enorme forçando Ian a sair, ele por sua vez começa a discutir com o grandalhão. Quero

que ele pare, quero que todos parem, mas minha cabeça dói tanto.

— Ela está tendo um pico de ansiedade. — Ouço alguém dizer.

— Ei, menina! — Um homem de cabelos brancos aproxima o rosto do meu. — Está tudo bem. Sou o Dr. Jones, estou aqui para cuidar de você. Por favor, fique calma. — Ele se vira para uma mulher ao seu lado — Jill, por favor, monitore-a por um instante.

Depois de dizer isso, ele vai até Ian e pede ao cara para soltá-lo, o grandão se afasta e o médico troca algumas palavras com ele. Os dois parecem estar tendo uma espécie de embate e Ian se mostra irritado com o que o médico diz. Lançando-me um olhar consternado, ele diz algo ao Dr. Jones, que de forma relutante concorda apenas com um aceno, em seguida Ian vem até mim.

— Preciso sair pra eles examinarem você, mas estarei no corredor esperando pra te ver.

Sua voz é doce e automaticamente me acalma, mesmo que eu esteja aterrorizada por não entender o que aconteceu. Pois quem está diante de mim não é o homem com quem me casei e tive filhos, não é sequer o Ian que apareceu em meu hotel buscando um emprego. Não. Quem está aqui, falando comigo e tocando minha mão é o jovem cujo coração eu parti quando rejeitei seu pedido de casamento, o mesmo rapaz com quem rompi bruscamente um relacionamento aos 18 anos.

Meu Deus! Onde estou agora?

Assim que Ian sai, o médico conversa comigo enquanto me examina. Ele pergunta se estou sentindo dor, e digo que minha cabeça parece prestes a explodir. Quando toco minha testa, sinto o tecido da gaze em volta da minha cabeça. O Dr. Jones me explica que eu tive uma hemorragia e tiveram de me operar às pressas, mas que está tudo bem agora. Continuo assustada, mas tento me controlar. Calmamente ele fala sobre o acidente que sofri, me pergunta do que me lembro sobre isso e não minto ao dizer que não me recordo de nada. Porém, ainda confusa sobre minha atual situação, não lhe digo também do que *realmente* me lembro. Digo que estou com muita sede e uma enfermeira gentil me dá um pouco d'água, aliviando o ressecamento em minha garganta, em seguida um medicamento é colocado em meu soro.

— Isso vai ajudar com as dores de cabeça — diz a enfermeira quando olho para ela alarmada.

— Você precisa relaxar, logo as lembranças virão — me garante o médico, mas eu não sei o que dizer sobre isso, ainda estou em choque, me sentindo perdida. Me lembro de Victoria, Allie e Kev, mas principalmente, me lembro de Ian e de nossa vida juntos, não de ser uma garota prestes a ir para a Universidade.

Seja qual for o medicamento que colocaram em mim, ele faz efeito rapidamente. Começo a me sentir sonolenta e vejo o médico dar algumas orientações às enfermeiras enquanto faz anotações em sua prancheta. Ele me pergunta se ainda estou sentindo muita dor e eu respondo que não. Meus olhos teimam em fechar por mais que eu não queira, mas logo sou vencida pela medicação e caio em um sono profundo.

Estou caminhando em meio a uma densa névoa. Sinto um arrepio percorrer minha espinha enquanto sigo sem saber em que direção estou indo até que o som caótico de sirenes chama minha atenção. Corro e levo um susto ao me deparar com um acidente. Uma pequena aglomeração se forma em torno do local onde há um táxi completamente destruído. Vejo sair de um caminhão o homem que provavelmente causou tudo isso. Parecendo desesperado, com um corte na testa e sangue escorrendo por seu rosto, tenta ajudar os outros feridos. Me aproximo um pouco mais quando a ambulância finalmente para e pede para que todos se afastem. O homem do caminhão se debate em desespero ao perceber que o motorista do táxi está morto. É quando alguém grita que tem outra vítima e dois dos paramédicos vão para o outro lado do carro há alguns metros de distância. Certamente a pessoa foi arremessada para longe na colisão e, se o motorista está morto, imagina essa pobre criatura.

— Ela está viva! — um deles grita. — Preciso de ajuda aqui!

Isso me chama a atenção e decido ir até lá para ver se é alguém conhecido.

— Fique conosco, moça! — um deles diz enquanto parece examinar a pessoa deitada no chão. — Vamos! Precisamos removê-la, estamos perdendo-a. Vamos, moça! Reaja! — ele continua falando.

Essas palavras me soam tão familiares. Olho em volta enquanto atravesso a barreira de contenção que fizeram, esperando que em algum momento me impeçam, mas é como se ninguém notasse minha presença, por isso sigo em frente.

— Tudo pronto, Mec. Vamos! — Agora é uma mulher quem dá ordens. — Já informei ao hospital e vamos com ela direto para o centro cirúrgico.

Meu coração acelera à medida que me aproximo da vítima. Não sei explicar, mas uma angústia toma conta de mim quando estou perto de onde eles erguem uma maca.

— Okay! Podemos ir — a mulher grita e eles seguem para a ambulância.

Pouco antes de colocarem a maca para dentro, eu finalmente consigo ver quem é a pessoa que eles tentam salvar. Congelo. As portas se fecham, enquanto um grito desesperado sai de mim. Eu grito sem parar, mas ninguém parece me ouvir, então corro atrás da ambulância em movimento, mas nunca consigo alcançar. Na verdade, eu sequer precisava fazer tanto esforço, já que a garota dentro da ambulância, sou eu.

Abro os olhos assustada. Minha respiração está entrecortada, meu rosto está ensopado de suor. Tento engolir, mas não consigo, meu coração bate com tanta violência que parece prestes a sair do peito. Pisco algumas vezes focalizando minha visão e me situando no tempo e espaço. Foi um sonho. Não! Foi um pesadelo. Ainda respirando com dificuldade, olho para o lado e vejo Ian dormindo em uma pequena poltrona próximo a minha cama. Sacudo minha cabeça e tento organizar minhas ideias, preciso distinguir o que é real e o que não é, mas como?

Uma enfermeira aparece na porta.

— Olá! — Ela sorri de forma contida e olha com desaprovação para Ian, que ainda dorme. — As raras vezes em que ele saiu, foi praticamente a força, depois de muita briga — me confidencia sussurrando para não o acordar —, é um jovem muito determinado — completa, observando-o com admiração.

— Sim, ele é — eu concordo sem hesitar.

— Você está bem, querida? — pergunta, voltando sua atenção para os monitores. — Seus batimentos deram um salto.

— Eu tive um pesadelo — admito —, não tenho certeza se foi apenas um sonho ou uma lembrança.

— É normal estar confusa depois do que aconteceu — diz, tentando me tranquilizar —, mas logo tudo vai se encaixar.

— Foi isso que o Dr. Jones me disse mais cedo.

— Você só precisa ter calma. — Sua voz é doce e paciente. — A propósito, sou a enfermeira Jill e estarei com você até o final do plantão, se precisar de algo, basta apertar esse botão. — Ela aponta para um botão ao lado da minha cama.

— Obrigada — digo sorrindo por sua gentileza.

Depois de ter certeza que estou bem, a enfermeira Jill diz que vai me dar mais uma dose do medicamento para dor de cabeça, mas eu peço a ela para não fazer isso agora. Essa droga me faz dormir, e é a última coisa que quero nesse momento, então minto dizendo que não estou sentindo dor de cabeça e volto a fechar os olhos como se fosse capaz de adormecer por conta própria.

O sol começa a brilhar no horizonte da mesma forma como as lembranças brilham em minha mente. No começo, um pouco confusa, mas logo entrando em foco.

Meu nome é Samantha Devenport, tenho 18 anos e perdi meus pais a menos de um ano atrás. Essa perda me devastou. Temendo não ser forte suficiente para sobreviver a futuras perdas, decidi mudar para outro continente e me afastar da única família que me restou, os Railey.

Quando Ian me pediu em casamento, fiquei apavorada, não pelo pedido, mas pela tentação de voltar atrás e fraquejar em minha decisão. A vida me mostrou que, quanto mais amamos alguém, mais dolorosa será sua perda. Por isso, diante do seu pedido, eu disse que desejava terminar e que seria melhor seguirmos nossas vidas separadamente. Obviamente, Ian não engoliu isso tão facilmente, e quando ele argumentou, eu despejei nele todo tipo de inverdade sobre meus sentimentos. Magoado ele me deu as costas e partiu.

Tentando me manter firme, segui para meu lugar na fila de embarque chorando tanto que parecia que meu coração ia despedaçar. Foi quando uma moça, atrás de mim, tocou meu ombro.

— Não o deixe ir assim — disse-me, como se nos conhecêssemos. Isso me assustou um pouco —, você se arrependerá o resto da vida se deixá-lo partir assim.

Levei meio segundo para refletir sobre as palavras dela e quando dei por mim, já estava do lado de fora do aeroporto entrando em um táxi. Assim que o motorista pegou a rodovia, um caminhão desgovernado atravessou a pista e

atingiu-nos em cheio.

Estava tão agitada quando peguei o táxi, que provavelmente não coloquei o cinto de segurança, por isso, na hora na colisão, fui arremessada para fora do carro, por sorte não estávamos em alta velocidade. O que me lembro do acidente, são breves flashes entre o impacto e a chegada do resgate, acho que o sonho que tive mais cedo, foi uma breve lembrança desse dia.

Ainda estou refletindo sobre os acontecimentos, quando sinto um toque em minha mão.

— Você está bem? — A voz de Ian me traz de volta para o presente. Seu olhar é preocupado e faz meu coração pesar dentro do peito.

— Eu estou bem. — Minha voz sai um pouco esganiçada e eu tento pegar a água que deixaram para eu beber em poucos goles, como recomendaram. Ian prontamente pega o copo e me ajuda a beber um pouco.

— Há quanto tempo estou no hospital? — falo baixo para não forçar minha garganta, mas Ian consegue entender.

— Um mês — ele diz, segurando minha mão e fazendo círculos com seu polegar sobre a minha pele. Por mais que sua atitude seja carinhosa, percebo a cautela por trás de suas ações.

— Ian, eu sinto muito. — Me sinto péssima com as últimas palavras que lhe disse no aeroporto. — Eu não quis... — Não consigo concluir quando sou dominada por minhas emoções.

— Shhh... — Ele senta na cama e com muito cuidado me abraça. — Não, Sam. Por favor, não chore assim. — Suas mãos carinhosas acariciam meu rosto ao mesmo tempo que secam minhas lágrimas. — Meu amor, eu perdi as contas de quantas vezes eu morri só de pensar que você não acordaria, por isso, tudo que desejo nesse momento é que você fique bem e tranquila.

Em seus braços, sinto o corpo dele tremer e percebo que ele também chora. Por alguns minutos ficamos ali, abraçados, entregues ao alívio de estarmos juntos outra vez. Quando por fim nos acalmamos, sinto a necessidade de explicar a Ian minhas ações.

— Me perdoa, Ian — eu consigo dizer, mas minha voz é pouco mais que um sussurro. Ele se inclina em minha direção deixando claro que não ouviu o que eu disse, por isso repito. — Me perdoa, Ian. Não quis te magoar naquele dia, eu só...

— Shhh... — Pondo o indicador sobre meus lábios, ele me corta. — Não quero que pense sobre aquele dia. Só quero que pense em sua recuperação. Agora por favor, deita e descansa.

Eu concordo, pois, estou realmente exausta por forçar minha memória e minha cabeça ainda está latejando. Ele parece prestes a levantar, mas eu o seguro impedindo que saia de perto de mim. Aquele sorriso torto que eu tanto amo finalmente surge, acompanhando o brilho suave de seus olhos, que agora parecem cansados e com olheiras.

Quero estender minha mão até seu rosto e acariciá-lo, mas não consigo esticar muito meus braços. O sono volta a me rondar. Puxo sua mão até minha bochecha e me aconchego em seu toque, ato que o faz sorrir amplamente e usar a outra mão para me fazer carinho outra vez. Fecho meus olhos e seu perfume invade meus sentidos pouco antes de sentir seus lábios em minha testa.

— Eu te amo — sussurro já adormecendo e, por alguns instantes, não tenho certeza se ele me ouviu. Mas então ouço um suspiro aliviado pouco antes dele dizer:

— Eu também te amo, Sam. Agora descanse, por favor.

Acordo e percebo que não estou mais no mesmo quarto, devo ter saído da UTI e isso significa que estou melhor. Quando viro o rosto a procura de Ian, vejo Maggie. Ela está de costas pra mim, ajeitando umas flores.

— Maggie? — falo baixo e um pouco sonolenta, mas ela se vira imediatamente e vem com os braços abertos na minha direção, mas para diante de mim, parecendo insegura quanto a como agir e seu olhar preocupado brilha com lágrimas.

— O que mais preciso nesse momento é um de seus abraços, Maggie — digo, já com a voz embargada, e quando ela finalmente me envolve com seus braços, qualquer tentativa de conter os sentimentos é vã.

Choramos, rimos e principalmente, nos abraçamos muito. Quando finalmente somos capazes de controlar um pouco mais nossas emoções, Maggie se ajeita na beira da cama, seca minhas lágrimas e depois as suas.

— Fiquei louca de preocupação com você, minha querida — diz, segurando minhas mãos.

— Sinto muito, Maggie. — Suspiro, me sentindo culpada por lhe causar

aflição. Maggie sempre foi uma segunda mãe pra mim.

— Você não teve culpa. — Sua mão quentinha toca minha bochecha e sinto uma paz imensa por tê-la comigo e me lembro dos motivos que me fizeram querer partir. Um dia Maggie não estará aqui. Assim como com meus pais, eu ficarei devastada outra vez se não for capaz de endurecer esse sentimento. Me afasto um pouco de seu toque e Maggie me observa sem entender.

— O que foi? O que a incomoda? — ela me pergunta e não sei o que dizer.

— Não é nada. — Tento disfarçar, mas assim como minha mãe, ela é capaz de me ler como a um livro.

— Do que exatamente está com medo, Sam?

— De nada, não sei do que você está falando — respondo, defensiva.

Ela levanta da cama e puxa uma cadeira. Voltando a segurar minhas mãos, inspira profundamente antes de falar.

— Sei o quanto este ano foi difícil pra você. Não pense que não sei como se sente, pois eu também perdi minha mãe quando ainda era uma criança. Para mim, o pior foi viver da casa de um parente para outro, ser vista como um estorvo na vida de todos e sentir que jamais pertenceria a lugar algum. Até que, quando eu tinha doze anos, meu pai soube da minha situação e decidiu me levar para viver com ele e sua nova esposa. No começo, a relação era difícil, pois presumi que meu pai jamais se importou comigo, uma vez que nunca mais o vi desde que ele deixou minha mãe. Eu mal me lembrava dele. Na época eu não sabia, mas entre ele e minha mãe existiam feridas que uma criança não era capaz de entender. Meu pai e sua esposa eram bons para mim, mas eu não confiava neles, achava que no momento em que se cansassem de brincar de casinha comigo, me deixariam, assim como ele deixou minha mãe. Foi bem difícil, Sam. Eles foram pacientes e com o tempo fui me abrindo. Lamento muito por não ter aproveitado mais os momentos que tivemos juntos, pois quando eu tinha 16 anos eles faleceram, assim como seus pais. O tempo é precioso, Sam. Nosso medo não vai mudar a forma como ele passa, muito menos impedir que os imprevistos sobrevenham. — Ela fica em silêncio alguns segundos com o olhar um pouco perdido. — Veja aquele quadro — diz apontando para o único objeto decorativo no quarto de hospital. É a pintura de uma ampulheta. Na imagem a areia está caindo de uma parte do cilindro para o outro. Fico observando o quadro enquanto ela fala. — Não sei se já viu uma ampulheta de verdade, mas acredito

que sim. A questão é: não importa seu tamanho ou a quantidade de areia que tem dentro dela, pois essa areia sempre cairá de forma ordenada, nem mais, nem menos, mas na medida certa, cronometrando o tempo. Assim é a nossa vida, o medo não mudará a forma como o tempo passa, nem os acontecimentos que fazem parte dela, mas nossas ações, nossas escolhas, essas sim dirão se fizemos bom ou mau uso desse tempo.

Eu sequer percebo que voltei a chorar, até que Maggie se aproxima e limpa meu rosto com um lenço.

— Não desperdice seu tempo com medo, não tome decisões baseada em algo que não pode mensurar. Querida, o que seus pais queriam era que você vivesse uma vida plena e feliz, realizando seus sonhos. Então faça isso e honre a memória deles.

— Oh, Maggie! — Eu me atiro nos braços dela e choro até sentir minha alma lavada. Quando finalmente paro, estou exausta. Carinhosamente ela me acomoda na cama e beija o topo de minha cabeça.

— Descanse meu anjo, ficarei aqui velando seu sono.

— Onde está Ian? — pergunto, já com os olhos fechados.

— Obriguei ele a ir pra casa descansar um pouco. — Escuto ela estalar a língua mostrando impaciência e abro os olhos achando graça. — Aposto como daqui a pouco aquele desesperado vai estar aqui dizendo que descansou o suficiente. Há um mês que eu, o pai dele, o médico do hospital e até mesmo Doty, temos que obrigá-lo a ir pra casa de vez em quando. As férias estão acabando e se não fosse por mim, ele teria perdido a bolsa de estudos na Cornell. — Isso chama minha atenção.

— Do que você está falando, Maggie?

— Nada que você deva se preocupar. Agora deite e descanse. — Ela usa seu tom maternal para me fazer obedecer. Funciona, mas principalmente porque estou exausta.

Uma semana depois já estou bem melhor. Mesmo com a perna quebrada e a cabeça enfaixada, já não sinto tantas dores e consigo me mover em cima da cama. Também comecei a fazer terapia e isso tem me ajudado não só a enfrentar meus medos, como a lidar com a perda de meus pais. Obviamente ainda tenho um longo caminho a percorrer neste sentido, mas aos poucos minha mente

começa a se abrir e sinto que entendo melhor a mim mesma.

Acabei de passar por uma sessão quando Ian chega. Ele me beija e senta ao meu lado, sendo como sempre, muito carinhoso. Conversamos sobre meu período adormecida, como ele gosta de dizer, e algumas coisas começam a fazer sentido pra mim.

— Sabe, eu li meus diários pra você. — Ele parece constrangido com sua confissão. — Uma enfermeira me disse que era bom falarmos contigo, então achei que relatar como você sempre fez eu me sentir, ajudaria.

— E de fato ajudou. Isso também explica por que você era tão presente em meus sonhos — digo sorrindo e seguro sua mão, entrelaçando nossos dedos. Depois ele deita a cabeça em meu colo e eu acaricio seus cabelos. Sempre amei o cabelo volumoso e cacheado dele.

Tem uma semana que as palavras de Maggie ficam dando voltas em minha cabeça, por isso sinto que devemos ter uma conversa definitiva sobre a questão da Universidade.

— Durante anos vivemos nosso amor dentro de uma bolha. — Ele se vira ainda com a cabeça em meu colo e sou completamente absorvida por seus límpidos olhos verdes. — Acho que está na hora de darmos asas a ele — Ian me observa ainda sem entender. — Lembra daquela frase que minha mãe sempre nos dizia quando ficávamos brigando por ciúmes?

— Deixo livre as coisas que amo, se elas voltarem é porque as conquistei. Se não voltarem é porque nunca as tive. — Um sorriso triste se forma em seus lábios e não sei se é pela lembrança ou por ele entender o rumo dessa conversa. Sinto um aperto no peito com saudades da minha mãe. Ian volta a se sentar de frente pra mim e nos olhamos com tanta intensidade que sinto o sangue em minhas veias disparar. Ele aproxima o rosto do meu e nossos lábios se tocam. No começo com suavidade em uma doce carícia, mas logo se transforma em um beijo profundo no qual despejamos nossas dores, nossas angústias, mas também todo nosso amor.

Depois de um tempo nos afastamos.

— Não podemos abrir mão dos sonhos por causa um do outro. — Respiro fundo tomando coragem para dizer tudo que preciso. — Acabaremos ressentidos, infelizes, e isso vai sufocar o nosso amor. Não quero isso, Ian. — Ele não diz nada, mas vejo em sua expressão que sofre. — Você se lembra da primeira vez que falei que queria estudar em Londres? — Ele apenas assente

com um movimento de cabeça. — Aquelas férias na Inglaterra com meus pais é uma das lembranças mais doces que tenho. Minha mãe nasceu e cresceu lá, se formou na Universidade de Londres, e ela era uma mulher tão maravilhosa... — Faço uma pausa quando um soluço doloroso escapa por meus lábios. Mesmo abalado, Ian estende os braços pra mim, mas não me permito ser consolada porque preciso falar tudo antes que meu coração exploda. Respiro fundo e continuo. — Não que eu pense que a Universidade me transformará na minha mãe, mas esse era um sonho nosso, meu e dos meus pais. Um sonho que estava abrindo mão porque você não foi aceito lá, mas não é justo, Ian. Não é justo que eu jogue essa responsabilidade em você.

— Sam... — ele quer argumentar, mas ergo minha mão, pedindo sem palavras que ele me deixe concluir.

— Sei que antes eu estava partindo pelo motivo errado, eu queria fugir, me isolar. Mas agora não. Agora eu só quero viver algo que idealizei com meus pais, mesmo que eles não tenham me pedido isso diretamente, sei que era o desejo deles, e não vou negar, é o meu também. Eu irei estudar em Londres.

Mesmo sofrendo, sinto um alívio imenso em colocar tudo pra fora. Ian chora e eu o abraço. Odeio estar causando tanta dor nele outra vez, só que não posso mais viver com medo e em negação.

— Entendo você, Sam .— Ele engole em seco tentando lidar com isso da melhor forma. — Eu te amo, mas acho que isso significa o fim.

Epílogo

DOZE ANOS DEPOIS...

Parada em meio ao alvoroço do evento mais importante em meu hotel, sorrio, mesmo que com minhas pernas tremendo.

Dentro de uma hora, ninguém menos que o prefeito vai se casar aqui.

— Sam, o que acha de colocarmos esse vaso daquele lado do salão? — Andrea, minha assistente, pergunta apenas por mera formalidade, pois ela é como uma extensão de mim, sabe exatamente o que quero e como quero, antes mesmo que eu pense.

— Acho ótimo, querida — digo a ela.

— Por que não se senta e toma um chá? Caso um incêndio comece, sei o

número dos bombeiros. — Seu tom é zombeteiro e apenas ela tem essa liberdade para brincar assim comigo.

— Engraçadinha. — Tento rir, mas não consigo.

— Falando sério, está mais nervosa que a noiva. Pedirei o chá — fala de forma decisiva. Mal completa a frase e já está dizendo a alguém em seu rádio para providenciarem a bebida.

Relaxo um pouco diante de mais uma prova de sua eficiência, de como ela consegue liderar tudo sem se abalar. Lembra a mim mesma no início de minha carreira. Respiro fundo, o perfume das flores me faz pensar no caminho que percorri até aqui. Não foi fácil, nem pura alegria, mas consegui. E devo tudo a ele, Ian Railey...

Depois daquela conversa tão dolorosa no hospital, seguimos nossos sonhos e planos. Ele iniciou na Cornell naquele outono e eu tive de esperar um ano mais por causa da minha recuperação. Não foi fácil, mas fizemos o certo...

— Sam. — A voz de minha assistente me afasta das lembranças. — Os convidados começaram a chegar. Disse a Tracy para acomodá-los no local da cerimônia.

— Ótimo! Vou dar uma conferida na noiva.

Caminho apressada com meus Manolos ressoando pelo chão com seu clap, clap, clap em direção à ala reservada, onde a noiva está se arrumando. Paro pouco antes de chegar ao local e vejo um homem brincando com sua filhinha. Uma linda garotinha loira. Não consigo evitar que um sorriso brote em meu rosto e suspiro sonhadoramente. Depois do coma no hospital, durante muito tempo, ainda me pegava pensando em Allie e Kev. Eles foram um sonho, aquela vida foi um sonho, mas agora eu desfruto a realidade.

Ao me ver, a linda garotinha loira vem correndo sorridente em minha direção.

— Mamãe! Mamãe! — Ela pula em meus braços e eu a abraço me sentindo a mulher mais realizada do mundo.

— Meu anjinho, você vai amassar sua roupa desse jeito — digo isso esfregando meu nariz no dela e sorrindo.

— Você é péssima dando broncas, amor. — Suspiro fechando os olhos ao som grave de sua voz, mesmo depois desses anos, ele ainda me faz sentir borboletas no estômago.

— Um de nós precisa ser o bonzinho — digo em tom de provocação, e ele me dá um beijo rápido nos lábios, pegando nossa filha de meus braços.

— Como você está? — ele pergunta, tocando meu ventre protuberante. Sei que sua pergunta é sobre o casamento que está prestes a acontecer, pois sabe que o bebê em minha barriga está muito bem. Adoro o fato dele ser tão atencioso quanto às minhas necessidades e medos, mas nunca esperei menos e não é à toa que me casei com ele. Instantaneamente me lembro de como foi difícil chegar até aqui...

— *Ian, não quero que seja o fim. Não mais.*

— *Não?! — Ele me encara incrédulo.*

— *Não — digo com lágrimas nos olhos ao ver a felicidade voltando a brilhar em seus olhos. — Acha que conseguiremos?*

— *Eu nunca duvidei, Sam. — Ele me beija com todo seu amor, até ficarmos ofegantes. — Não será fácil, mas não desistirei. Eu te amo — ele diz, beijando meu queixo —, eu te amo —repete, beijando meu nariz —, EU.TE.AMO — conclui, beijando minha testa.*

Como Ian disse, realmente não foi fácil, mas Maggie e minha mãe sempre tiveram razão. O amor verdadeiro supera tudo. Foram quatro anos de relacionamento a distância, e sim, houveram momentos em que pensamos em desistir, mas esse sentimento intenso que sempre fez parte de quem somos, nunca nos permitiu ir muito longe com esse pensamento. Ian se formou um ano antes de mim e se mudou para Londres, onde começou a trabalhar em um Hotel muito renomado. Nesta época eu já estagiava em outro Hotel, não tão grandioso quanto o que ele estava, mas ainda assim, muito procurado.

Alugamos um apartamento que ficava perto de nossos respectivos empregos e da Universidade. Voltamos para os Estados Unidos alguns meses depois da minha formatura com cartas de recomendação que nos garantiram cargos de chefia em um dos Hotéis mais importantes de Nova Iorque e quando a primeira neve caiu na cidade, Ian me pediu em casamento.

— Bom, tecnicamente é o segundo casamento em nosso hotel — ele diz rindo.

— O primeiro foi o nosso, não conta. — Meu sorriso acompanha o seu

quando recordo de como iniciamos nosso negócio. Estávamos procurando um lugar bonito e simples para nosso casamento...

— Eu desisto — digo a Ian tirando dos meus pés o par de sapatos que estão me matando —, vamos casar no quintal dos seus pais e pronto.

— Não vamos, não. — Ele está tão determinado que não sei o que dizer. Sentamos em um parque arborizado e mexemos em nosso Ipad buscando outros locais, quando um anúncio aparece na tela: Um belo vinhedo à venda em Long Island.

— É um sinal, Sam. — Meu lado racional se recusa a acreditar nisso. — Veja só esse valor! — Ian se empolga.

— Deve estar errado — digo, me recusando a ser tão crédula.

— Só tem um jeito de sabermos...

O preço não estava errado e nos casamos naquele pitoresco vinhedo alguns meses depois. Ao longo dos anos trabalhamos duro, juntos, até ter nosso Hotel erguido e funcionando.

— Mas agora é o prefeito da cidade quem vai se casar aqui — faço questão de frisar.

— Com sua adorada cunhada — ele me lembra.

— Quero ver a tia Doty! — reclama nossa pequena e impaciente, Allie. Com três anos ela é uma versão inquieta de mim.

— Okay! — Ian a coloca no chão. — Vamos lá buscar a noiva.

— Você está pronto para entregar a sua irmã? — Não digo isso no sentido de que ele poderia ter algo contra o casamento, mas sim pelo fato de que hoje ele está substituindo alguém muito importante...

Uma coisa que esses anos me mostraram, é que não importa o quanto você queira lutar contra o tempo e sua imprevisibilidade, nada vai impedi-lo de agir, por isso aproveitar cada minuto é essencial. Correr atrás dos sonhos, se arriscar pelo que vale a pena e amar. Amar infinitamente e sem reservas, farão com que no fim, ao analisar sua vida como um todo, você pense: “Não foi perfeita, mas eu fui feliz.”

Agradecimentos

Meus primeiros agradecimentos sempre irão para as Ladies do Panelaço Literário. Queridas Fabiana Martino, Gabriela Ferracini, Nana Valenttine, Caroline Biasini, Rejane Silva, Layná Cardoso e Nathália Queiroz, obrigada por acreditarem em mim quando nem eu acreditava, por apoiarem desde o início essa mente dramática e apaixonada que tenho. Cada uma, à sua maneira, é responsável por eu finalmente conseguir chegar até aqui. Muito, muito obrigada! Amo vocês.

Josi Ramos, minha musa fofa da cultura estadunidense, e Vanessa Lessa, minha parceira dos almoços criativos, vocês foram minhas primeiras incentivadoras nessa história e sou muito grata por toda a paciência que tiveram quando eu surtava dizendo que estava tudo uma droga. Vocês, juntamente com Lay e Fabi são minha quadrilha do amor. Betas do meu coração.

Laísa Pedroso e todas as pessoas que sempre me mandaram mensagens perguntando como estava a história, ansiosas pelo lançamento, saibam que nos dias difíceis, foram essas mensagens que me motivaram a não descansar até achar que estava bom.

Tainá Araujo, você é um anjo! Obrigada por se prontificar em fazer esta revisão.

E como não agradecer à família Meu Querido Epílogo (a página que é o lar dos apaixonados por livros)?! Afinal, eu desapareci sem conseguir dar conta de mais nada além do livro.

Pra você que está me conhecendo agora, obrigada pela oportunidade, espero que goste deste pedacinho do meu coração.

Abraços,

Luna.

Biografia

Luna Moura, carioca da gema, apaixonada por livros desde que aprendeu a ler, sempre teve uma imaginação fértil e uma paixão incontrolável por artes.

Ainda na adolescência gostava de criar histórias em sua mente e fazer desenhos baseados nessas histórias, mas quando perdeu sua mãe, perdeu também sua inspiração para os desenhos, ficando assim sem ter no que extravasar sua imaginação. Então, depois de ler seu primeiro romance de época e ficar perdidamente apaixonada pelo mocinho, pela história e pela autora Judith McNaught, ela começou a escrever. Primeiro em folhas de fichário, depois em seu caderno de receitas. Mas em 2015, incentivada pelas amigas, começou a publicar no wattpad e a sonhar que poderia ir além.

Notas

[[←1](#)]

Trecho da música *Perfect* de Ed Sheeran

Table of Contents

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Epílogo</u>
<u>Agradecimientos</u>
<u>Biografía</u>